

O “PRECONCEITO DE MARCA” E A AMBIGUIDADE DO “RACISMO À
BRASILEIRA” NO FUTEBOL

Por

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Tese Apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Física da
Universidade Gama Filho Como Requisito
Parcial à Obtenção do Título de Doutor em
Educação Física

Novembro, 2010.

O “PRECONCEITO DE MARCA” E A AMBIGUIDADE DO “RACISMO À
BRASILEIRA” NO FUTEBOL

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Apresenta a tese

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares
- Orientador -

Profa. Dr. Marcos Chor Maio

Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo

Prof. Dr. Marco Antonio Santoro Salvador

Novembro, 2010.

“AGRADECER É RECONHECER QUE NINGUÉM E NADA CRESCE SOZINHO”

(Autor desconhecido)

“os personagens se revelam
atores no aplauso final
e para cada interpretação
o que lhe for proporcional”
(Lulu Santos – Tudo Igual)

Passados 6 anos e quase 11 meses, desde o meu ingresso no mestrado da Universidade Gama Filho em 2004, chegou o momento de colocar o ponto final em mais uma tarefa acadêmica e agradecer a pessoas e instituições que consciente ou inconscientemente contribuíram para a conclusão de mais esta etapa.

Inicialmente agradeço ao prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares pelo crédito de confiança concedido na ocasião da minha aprovação no mestrado. A partir desse crédito e da bolsa de estudos do CNPq foi possível concluir o mestrado. Ao novo amigo Toni, minha eterna gratidão. Em tempo, agradeço também à Denise e Luiza Mafra pelo convívio durante as orientações;

Aos professores Marcos Chor Maio, Victor Melo, Marco Santoro e Édison Gastaldo pelo rigor e seriedade com o que realizaram o exame de qualificação da tese de doutorado. Agradeço também ao professor Ronaldo George Helal por ter aceitado o convite para a avaliação final desta tese.

À Carla Helal, pela revisão cuidadosa, dedicada e competente do texto;

Aos diversos professores com os quais tive a oportunidade de conversar sobre a tese em encontros e congressos que contribuíram com sugestões, opiniões e/ou indicações de literatura. Especialmente aos professores Luiz Carlos Rigo, Arlei Damo Euclides Couto, Hélder Isayama, José Jairo Vieira, José Geraldo do Carmo Salles, Próspero Paoli, Fábio Franzini, Sérgio Giglio, meus agradecimentos;

Aos membros do Grupo de Estudo sobre Futebol e Torcida (GEFUT/ UFMG) pelas agradáveis discussões acadêmicas em torno dos problemas de pesquisa relacionados ao futebol. Aos professores Silvio Ricardo da Silva, Luiz Gustavo Nicácio, Marcos de Abreu Melo, Priscila Augusta, José Alfredo, Andrezão, Thio Phil, Melzinho... meus agradecimentos;

Ao Centro de Estudos sobre Memória da Educação Física e Esportes (CEMEF/UFGM) pela recepção e pelas importantes contribuições para a finalização desta tese. Às (aos) professoras (res) Andrea Moreno, Meily, Cris Rosa, Rodrigo Caldeira, Tarcísio Vago, Carolina... meus sinceros agradecimentos;

À Faculdade Santa Rita (FaSar) e a Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) pela oportunidade de trabalho em tempos de portas fechadas. A todos os professores e professoras com os quais convivi nessas instituições. Em especial agradeço: Josemara Lima, Rodrigo Ribas, Flávio Nasser, Ivana, Luciana Franco, Priscilla Kelly.

Ao Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, instituição em que leciono atualmente, que nunca colocou nenhuma objeção às diversas viagens com vistas aos trabalhos de campo ou orientações que tive que realizar;

Aos professores do curso de Educação Física do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix pelo companheirismo, colaboração, honestidade e transparência que fazem daquela instituição um excelente lugar para trabalhar: André Schetino, Raquel Borges, Kássio Vinícius, Ciro Brito, Fernando Carvalho, Aílton Jr., Tarcila Bretas, Marcus Pinheiro, Flávia Temponi, Allan Gonçalves e Kátia Cupertino, meus agradecimentos por comporem uma equipe de trabalho da qual me orgulha e alegra participar.

Aos alunos para os quais lecionei e continuo lecionando nessas instituições;

Aos participantes do “Preto X Branco” de São João Clímaco que, desde a minha primeira visita naquele “pedaço” em agosto de 2009, e nas minhas outras duas visitas com vistas à participação do jogo foram sempre muitos receptivos, simpáticos, hospitaleiros e solícitos não só em conceder as entrevistas, como disponibilizar as diversas matérias e reportagens sobre o “Preto X Branco”. Vou me resguardar o direito de não citar nomes para não cometer injustiças, mas sou muito grato a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para essa tese;

Aos funcionários da Biblioteca Nacional que foram muito atenciosos durante a minha visita naquela instituição me disponibilizando não apenas os microfilmes para a pesquisa, além de me orientar como proceder para a gravação do CD com as fotografias e imagens sobre os jogos do início do Século XX;

Aos funcionários do Museu do Futebol, da Federação Paulista de Futebol e Afro-Brasil que foram extremamente gentis em permitir que eu pudesse fotografar as fotos, imagens ou objetos necessários para a confecção da tese;

Ao Pedro Araújo, da Revista Placar, e ao Márcio, da Rede Bandeirantes de Televisão, pela gentileza em disponibilizar parte do material para pesquisa.

À “Filhos de Bimba – Escola de Capoeira” e a “Turma de Bimba” pela receptividade e pelo acolhimento. Em especial, Mestre Nenel, Nalvinha, Mestra Preguiça, Mestre Boinha, Mestre Kafuné, Pulinho, Ligeirinho, Chapéu Vermelho.

Aos amigos e amigas que conheci na capoeira que, “nas voltas que o mundo dá”, me ajudaram a compreender um dos sentidos da minha vida. Em especial, Bete, Camila Jorge, Quero-quero, Irerê, Claudione, Bira, Berimbau, Dentinho, Ministro, Canguru... meu axé!

Ao Bocão Baiano, meu mestre, que me proporciona com sua competência e dedicação o privilégio de aprender a “arte da Regioná”. Agradeço também à sua Esposa, Stella, e à pequena Leonida, pelo carinho e amizade;

À Adriana Mancini pela sincera amizade e pela gentileza para a confecção das traduções dos textos; agradeço também ao Paulinho por tornar as feijoadas de sexta-feira mais agradáveis.

Aos (às) amigos (as) Juliana Pereira, André “Alicate”, Marcelo, Ronald, André “Judeu”, Mariangela, Juliana Candian, Sonia Trotte, Álvaro, Ademar, Clésia, André Drumond, Samuel, Lorena (e a pequena Lis), Fred “Fubá”, Heloiza, Mirandinha, Gustavo “Tatinha”, Alisson “Mirandinha” pelas boas vibrações...

Ao Bruno e à Thereza, ao Alessandro e à Paulinha pela alegria do convívio;

À Juliana “Vida” Linhares, minha companheira, que me ensinou a “tradução do que é o amor”. Pela atenção, compreensão, dedicação, paciência, amor, carinho... meu muito obrigado, com “todo amor que houver nessa vida”;

Amplio também meus agradecimentos à família Linhares Brant Reis e agregados: Thiago, Fabiana, Bruno, Patrícia, Júlia, Pedro, Deyse, Ana, Paulinho agradeço o acolhimento e receptividade;

Ao Tio Manoel, à tia Zélia e aos primos Zuleica, Cleibe, Cauã, Karina, Cristiano e Luciana pela constante presença;

Ao meu pai Jacob Abrahão Neto, pelo investimento a parte que lhe coube de ter me proporcionado a vida;

À minha mãe Adélia de Lacerda Lemos pelo cuidado, dedicação, carinho e conselhos;

Ao Luiz Henrique de Lacerda Abrahão, pelo irmão que é;

Aos motoristas das empresas Útil e Cometa que, durante esse período, guiaram com segurança os ônibus pela BR- 040 para os seus destinos, seja Belo Horizonte ou Rio de Janeiro e ao acaso que me protegeu enquanto andei distraído;

Aos deuses que acompanharam e protegeram meus passos durante as andanças da vida;

Por fim, agradeço a todos aqueles que não atrapalhando já ajudaram demais...

ABRAHÃO. B. O. L. *O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2010.

Orientador: Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

RESUMO

Boa parte dos textos acadêmicos que se ocuparam de compreender as relações raciais no futebol brasileiro não objetivaram reconstruir uma narrativa sobre o racismo a partir de fontes da época em que o futebol foi implantado no país. Ao invés de buscar entender os mecanismos de sua construção ou a lógica interna como operou – e ainda opera – a forma específica de discriminação racial no espaço do futebol, a preocupação daqueles autores, com raras exceções, limitou-se em buscar indícios de racismo, segregação ou em denunciar os preconceitos explicitados. Embora haja uma ampla consciência da existência do racismo entre os brasileiros, pouco se sabe como ele foi – e ainda é – vivenciado no futebol. Esforços significativos ainda não foram investidos para interpretar como a singularidade do racismo que se desenvolveu no Brasil opera no futebol local. Diante disso, a tese aqui apresentada objetiva analisar o “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol. Minha hipótese é a de que o futebol brasileiro desenvolveu moralidades próprias que não deixaram de dialogar com a especificidade do preconceito existente no Brasil. Esta tese está organizada em duas partes. Na primeira delas, realizei uma leitura do “racismo à brasileira” partindo de um artigo publicado por um jornal da imprensa negra que, sem citar nomes ou provas, denunciava o fato de que jogadores de cor escura eram excluídos dos “matches representativos” do estado de São Paulo. Compreender essa tensão é o objetivo do 1º capítulo. Utilizando os escritos da imprensa negra sobre o esporte, no 2º capítulo observei as estratégias utilizadas pelas pessoas de cor da cidade de São Paulo para praticarem futebol e atletismo. Na segunda parte da tese foi analisado um ritual esportivo em particular: os jogos “Preto X Branco”, em dois períodos separados. Entre 1927 e 1939, os jogos eram realizados em São Paulo a cada 13 de Maio. Depois de alguns anos sem ser realizado, o “Preto X Branco” foi retomado e ocorre há 37 anos na periferia de São Paulo. Esses jogos simbolizam a ambivalência do racismo no Brasil. Concluo que a tensão sobre a popularização do futebol em São Paulo refletia o tipo de discriminação que se desenvolveu no Brasil, o “racismo à brasileira”. Ao denunciar que os pretos eram preteridos de participar de alguns esportes, os escritos da imprensa negra revelam uma posição frontalmente contra o “preconceito à brasileira”. A primeira versão do ritual do “Preto X Branco” foi idealizada justamente para contestar esse preconceito. Se o Brasil opera com a lógica do “diferente, mas junto”, como ensinou DaMatta (1990), o “Preto X Branco”, em cada um dos seus contextos, reproduz essa máxima, além de marcar as diferenças pensadas sobre pretos e brancos na cultura brasileira.

Palavras-chave: preconceito de marca; “racismo à brasileira”; futebol.

ABRAHÃO. B. O. L. The "*prejudice of brand*" and the *ambiguity* of the "Brazilian racism" in soccer. Ph.D. Dissertation, Graduate Program in Physical Education, Universidade Gama Filho, 2010.

Advisor: Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

Much of the academic texts that have dealt with the understanding of race relations in Brazilian football are not aimed to reconstruct a narrative about racism from sources of the time when football was established in the country. Instead of seeking to understand the mechanisms of its construction or the internal of how it worked - and still does - the particular form of racial discrimination within football, the concern of those authors, with rare exceptions, limited to seeking evidence of racism, or segregation in denouncing the explicit prejudices. Although there is broad awareness of the existence of racism among Brazilians, little is known about how it was - and still is - experienced in football. Significant efforts have not been invested to interpret how the singularity of racism that developed in Brazil operates in local football. Given this, the thesis presented here aims to analyze the "prejudice of brand" and the ambiguity of the "Brazilian racism" in football. My hypothesis is that Brazilian football has developed its own moralities which have continued to dialogue with the specificity of the prejudice that exists in Brazil. This thesis is organized into two parts. At first, I did a reading of "Brazilian racism" from a newspaper article published by one of the black press that, not mentioning names or evidence, denounced the fact that African American players were excluded from the "representative matches" of the state of São Paulo. Understanding this tension is the goal of the 1st chapter. Using the writings of the black press about the sport, in chapter 2 I observed the strategies used by African American people in the city of São Paulo to play and practice football and athletics. In the second part of this thesis a sport ritual in particular was considered: the game "Black versus White", in two different periods. Between 1927 and 1939, the games were held in Sao Paulo every May 13. After several years without being held, the "Black versus White" was held and still is, for 37 years now, on poor suburbs around Sao Paulo. These games symbolize the ambivalence of racism in Brazil. I conclude that the stress on the popularity of soccer in São Paulo reflected the type of discrimination that has developed in Brazil, the "Brazilian racism." By reporting that African Americans were unsuccessful to participate in some sports, the writings of the black press reveal a frontal position against the "Brazilian prejudice." The first version of the ritual of "Black versus White" was designed precisely to challenge this prejudice. If Brazil operates with the logic of "different but together", as taught in DaMatta (1990), the "Black versus White " in each of their contexts, reproduces this maxim, besides marking the differences thought about African Americans and whites in Brazilian culture.

Key Words: "prejudice of brand"; "Brazilian racism"; soccer.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.	1
A interpretação do “preconceito à brasileira”	10
Antecedentes: a construção do “outro”	10
As teorias racistas no Brasil	14
Uma análise histórica do “preconceito à brasileira”.	20
Oracy Nogueira e a tese do “preconceito de marca”: o caráter ambíguo do “racismo à brasileira”	23
Os estereótipos raciais no futebol.	29
A ritualização do drama racial brasileiro através do futebol: os jogos “Preto X Branco”	38
METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS	47
CAPÍTULO 1 - O “RACISMO À BRASILEIRA” E AS TENSÕES NO FUTEBOL PAULISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XX	56
A imprensa negra e a discussão sobre o racismo no país da “democracia racial”	56
O preconceito à brasileira e as tensões no futebol de São Paulo	65
Considerações finais	89
CAPÍTULO 2 - A IMPRENSA NEGRA E O FUTEBOL EM SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX	92
A imprensa negra e os procedimentos metodológicos	93
O surgimento da Associação Atlética São Geraldo: a imprensa negra e o negro no esporte	98
CAPÍTULO 3: O FUTEBOL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: A IMPRENSA E OS JOGOS “PRETOS X BRANCOS”	127
Os significados do “Preto X Branco”	133
O tema “violência X civilidade” através dos jogos “Preto X Branco”	168
O elogio ao desempenho dos negros no “Preto X Branco”	174
Friedenreich e a personificação da ambiguidade da identificação racial no Brasil	184
Considerações finais	200

CAPÍTULO 4 - OS JOGOS “PRETO X BRANCO” E A AMBIGUIDADE DO “RACISMO À BRASILEIRA” NO FUTEBOL	206
Introdução	206
As fontes sobre o jogo “Preto X Branco”	218
A memória sobre o “Preto X Branco”	222
A discussão atual sobre o tema racial na cultura brasileira a partir da idealização do jogo “Preto X Branco”	229
Apresentando o “Preto x Branco”	237
A tradição e a rivalidade do “Preto X Branco”.	271
Uma leitura do critério de identificação racial brasileiro através do “Preto x Branco”	282
A discussão sobre o racismo através do jogo “Preto x Branco”	306
O mito identitário da democracia racial no “Preto X Branco.	320
Os estereótipos raciais através do “preto x branco”	325
As essencializações sobre as raças através do “Preto x Branco”.	341
O significado do “Preto x Branco” para seus protagonistas	348
Considerações finais	359
CONCLUSÃO	361
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	382
ANEXOS	390

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva reacender a discussão acerca do racismo no futebol brasileiro. Soares, em 1998, ao defender a tese de doutorado *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*, criou um mal-estar no campo acadêmico que ainda se estruturava¹ para estudar o futebol brasileiro a partir das lentes das Ciências Sociais². A tese de Soares apontava alguns problemas presentes em textos escritos por acadêmicos³ sobre o futebol brasileiro, que, em geral, tomavam como fonte a segunda edição do livro do jornalista esportivo Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, publicado em 1964, e desprivilegiavam a primeira edição, publicada em 1947.

Segundo Carlos Leonardo Bahiense da Silva, no seu artigo “Sobre o negro no futebol brasileiro, de Mário Filho”, o livro do jornalista “tornou-se uma referência basilar para qualquer cientista social que queira compreender a trajetória do futebol nacional ou a cultura futebolística que nos é constitutiva” (SILVA, 2001, p. 288). Por se preocupar em compreender as tensões sobre o negro no período pós-abolição, que começava a ocupar um espaço idealizado pelas classes sociais mais abastadas, o livro de Mário Filho passou a receber a atenção de acadêmicos que intencionavam entender as relações raciais na cultura brasileira através do futebol.

O livro de Mário Filho não se tornou objeto de análise pela academia apenas no presente. Mesmo não sendo um objeto de estudo privilegiado no passado, o futebol teve sua importância reconhecida pelo eminente sociólogo Luiz Aguiar Costa Pinto, que

¹ A partir de agora utilizaremos a sigla NFB para nos referirmos ao livro *O negro no futebol brasileiro*.

² Soares acredita que o mal-estar foi criado mais pela forma como a crítica foi operada, nomeando textos e autores, do que pela crítica em si.

³ Sociólogos, antropólogos e historiadores foram chamados por Soares (1998) de “novos narradores”. Para maiores informações, recorrer a Soares (*op cit*).

dedicou atenção à primeira edição do NFB, concluindo, em uma resenha intitulada “Onegro no futebol brasileiro”, que “o último livro de Mário Filho é um vasto repositório de dados, observações e informações valiosíssimas para a antropologia e a sociologia no Brasil” (COSTA PINTO, 1947, p. 181).

Nessa resenha, publicada na revista *Sociologia*, conceituado periódico científico da Escola Livre de Sociologia e Política (SP), Costa Pinto elucidou sua perspectiva sociológica no que tange às relações raciais na cultura brasileira. O horizonte de observação de Mário Filho sobre a historiografia do futebol brasileiro era a transição do amadorismo para o profissionalismo. Regido pelos códigos do último, as tensões vividas pelo futebol deflagravam os conflitos vividos pelos negros durante a implementação do capitalismo no Brasil. (MAIO, 1998).

Mário Filho possuía um profundo conhecimento da história do futebol brasileiro, que era oriundo das suas experiências pessoais advindas da sua participação na institucionalização daquela forma de lazer coletivo. Em função disso, embora o autor não fosse “um ‘scholar’ no sentido acadêmico do termo” (COSTA PINTO, 1947, p. 181), destacou um conjunto de fatos sobre o futebol e “compôs um ensaio de sabor sociológico que passará a ser um depoimento curiosíssimo sobre aspectos pouco conhecido da *luta de classes* e do *preconceito racial no Brasil*” (*idem* – o itálico é nosso).

Costa Pinto enaltece a obra de Mário Filho por indicar com

acuidade as transformações que vinham ocorrendo no esporte com o advento do processo de assalariamento, gerando uma série de conflitos de interesses entre “cartolas” e jogadores indicando assim a superação de relações que eram até então regidas pelo paternalismo (MAIO, 1998, p. 29).

O sociólogo Costa Pinto não desautorizava o jornalista esportivo Mário Filho a falar sobre as relações raciais no Brasil pelo fato de ele não possuir uma formação em

Ciências Sociais. O NFB foi concebido “a partir de documentos públicos e privados, além de relatos orais de homens que estiveram diretamente envolvidos com o esporte: técnicos, jogadores, dirigentes, etc” (SILVA, 2001, p. 288). Foram os relatos desses atores que “possibilitaram a Mário Filho recuperar experiências e eventos que estavam fadados a permanecer no baú da história” (*idem*). Mário Filho trazia uma contribuição ímpar sobre a experiência do racismo nos meandros do futebol e tais vivências poderiam se transformar em fontes que nos ajudariam a esclarecer melhor os aspectos pouco conhecidos sobre o preconceito racial no futebol brasileiro.

Na nota ao leitor da edição de 1947, o próprio Mário Filho afirmou ter feito várias entrevistas com dirigentes, jogadores e torcedores, além de ter consultado documentos que lhe foram de fundamental importância, como o álbum de recortes de jornais de Marcos Mendonça, famoso goleiro do Fluminense e da seleção brasileira das primeiras duas décadas do século XX, de modo que o “NFB foi fruto de uma significativa investigação” (SILVA, 2001, p. 295).

No prefácio à quarta edição, Luis Fernandes reforça essa opção metodológica e aponta que Mário Filho empreendeu uma ampla pesquisa em jornais da época e documentos oficiais de associações esportivas e que sua principal fonte foram “as centenas de entrevistas realizadas com os principais atores diretamente envolvidos na prática e consolidação do novo esporte: jogadores, dirigentes, associados e torcedores” (FERNANDES, 2003, p.10). É possível que Mário Filho tenha realizado centenas de entrevistas, mas isso documentalmente não está explícito no texto do autor.

Essa opção metodológica do jornalista Mário Filho faz do NFB uma obra precursora do “recurso sistemático à História Oral como fonte da História Escrita” (*idem*). Essa opção metodológica permitiu a Mário Filho reconstituir uma “tradição oral que, nas suas próprias palavras, era ‘muito mais rica, muito mais viva do que a escrito

dos documentos oficiais, graves, circunspectos’ ou dos jornais que ‘diziam quase nada’” (*ibidem*).

Naquele contexto, Mário Filho era, ao lado do paulista Thomaz Mazzoni, um dos principais atores do incipiente campo do jornalismo esportivo do Brasil. Adiciona-se o fato de que a primeira edição de *O negro no futebol brasileiro* (1947) foi prefaciada por Gilberto Freyre, um dos mais importantes intérpretes da cultura brasileira. Desse modo, o livro do pernambucano radicado na então Capital Federal ganhava legitimidade acadêmica através do reconhecimento de uma das referências indispensáveis para aqueles que quisessem compreender as relações raciais no futebol brasileiro.

Tendo como horizonte de observação a experiência do futebol carioca, Mário Filho conta-nos

como um tipo de recreação e lazer – no caso o futebol – passou da condição de divertimento privado, íntimo, de amigos, vizinhos suburbanos para a condição de instituição, contratual, de massa. A história da instituição e de sua passagem de um estado de *folk* para um estado de civilização não é feita, porém, no seu conjunto, mas é vista através do status do negro e dos papéis por ele ocupados durante a transformação – da grade ao gramado, do gramado à glória (COSTA PINTO, 1947, p. 181).

Mário Filho, segundo Costa Pinto, teria preferido enfatizar o aspecto racial e forneceu

inúmeras e luminosas provas, que se somam às preexistentes, que demonstram a tendência da linha de cor se identificar com a linha de classe, e como esta última predomina como fator de discriminação quando, em casos individuais, os dois fatores de diferenciação social deixam de ser identificados (COSTA PINTO, 1947, p. 182).

De acordo com Maio (1998), em 1947, Costa Pinto já indicava alguns elementos que abordaria em pesquisas posteriores, como, por exemplo, as relações raciais

subsumidas à luta de classes e a crítica à ideologia da democracia racial. Costa Pinto resgata exemplos que se multiplicam ao longo das páginas daquele ensaio que

o autor [Mário Filho] apresenta com uma clareza notável, numa prosa agradabilíssima, embora prejudicada aqui e ali, pelo estilo gaguejado que o modernismo difundiu em nosso meio e Gilberto Freyre quase oficializou nos seus trabalhos sociológicos (COSTA PINTO, 1947, p. 182).

Sem desmerecer a importância dos conflitos culturais vivenciados pelo negro no futebol, o livro de Mário Filho deixa evidente que tais conflitos não seriam compreendidos sem que a atenção estivesse voltada para “no fundo, uma luta de classes, sem ninguém dar nada por isso, é claro” (RODRIGUES FILHO, 1947, p. 33).

A densa descrição de Mário Filho forneceu elementos sobre como se processavam as relações raciais no espaço do futebol brasileiro. Outro aspecto que Costa Pinto ressalta sobre o livro de Mário Filho é que ele prova “sem a menor sombra de dúvida, o quanto é insubsistente apontar-se a existência de ídolos esportivos de cor negra como prova de nossa ‘democracia racial’” (COSTA PINTO, 1947, p. 182). Mário Filho dialogava com uma corrente do pensamento social brasileiro que apontava a existência do preconceito de cor no Brasil e que o futebol seria um espaço que contribuiria para a superação da especificidade desse tipo de preconceito. A existência de ídolos negros no futebol ilustraria a mudança dessa perspectiva.

A profissionalização do futebol foi um marco da apropriação popular de um espaço destinado às classes mais abastadas, trazendo a possibilidade de ampliação do sucesso do negro à medida que as relações mediadas naquele espaço passavam a ser regidas por contratos: “o jogador profissional, branco, mulato ou preto, era um empregado do clube. O clube pagava, toma lá, dá cá. O jogador ficava no seu lugar, mais no seu lugar do que nunca” (RODRIGUES FILHO, 1947, p. 183). Os ressentimentos e tensões daí resultantes dariam margem para “que se destacasse o

caráter de ascensão e promoção individual que resulta do profissionalismo; ele traduz antes de mais nada que relações contratuais substituíam relações de tipo patriarcal” (COSTA PINTO, 1947, p. 183).

Por essas e outras razões, segundo Costa Pinto,

o livro de Mário Filho é um documento de raro valor para os aspectos contemporâneos da luta de classes na sociedade brasileira que há de merecer, por certo, a atenção dos estudiosos. É um trabalho da verdadeira “observação participante”, sem pretensões acadêmicas mas que vai ensinando, mesmo aos acadêmicos, muita verdade pura que põe em cheque a demagogia grosseira que não raro se insinua nos estudos sobre o assunto.

A bibliografia sociológica e antropológica do Brasil enriquece-se, com este ensaio, de um depoimento valioso que lhe indica um campo virgem para pesquisas fundamentais sobre nossa situação racial e social. (COSTA PINTO, 1947, p. 183-184).

Voltemos ao início da discussão para salientar que uma das críticas realizadas por Soares (1998) não foi a utilização do livro de Mário Filho como fonte de acesso ao racismo no futebol brasileiro, mas sim o fato de ele ter sido uma das únicas fontes consultadas. Além disso, não foi cruzado com outras fontes que, se somadas ao livro, permitiriam esclarecer melhor o fenômeno social do racismo no espaço do futebol no Brasil⁴. Boa parte dos textos sobre futebol que se remetiam ao passado não tinham a finalidade de reconstruir uma narrativa sobre o racismo ou o preconceito de cor a partir de novas fontes daquela época. Ao invés de buscar entender os mecanismos de sua construção ou a lógica interna que operou – e ainda opera – a forma específica de discriminação no espaço do futebol, a preocupação dos autores, com raras exceções, limitou-se a buscar indícios de racismo, segregação ou denunciar os preconceitos explicitados. Um fenômeno que nem Mário Filho, nem os autores que o utilizaram, nem Soares explicam, tampouco aprofundam, é a relação do “racismo à brasileira” com o futebol.

⁴ Soares aponta outros problemas metodológicos como a ausência do pensamento de Gilberto Freyre e a falta de consulta à primeira edição do NFB, publicada em 1947.

Veremos adiante que a sociedade brasileira desenvolveu uma forma ambígua de racismo: o “racismo à brasileira”. Esta forma específica de racismo, que nasce do “preconceito de marca”, foi interpretado pelo sociólogo Oracy Nogueira em *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga* ([1953] 1988), livro que se tornou um dos clássicos acerca do pensamento racial brasileiro⁵. Embora haja uma larga consciência da existência do racismo entre os brasileiros, pouco se sabe como ele foi – e ainda é – vivenciado no futebol. Esforços significativos ainda não foram investidos para interpretar como a singularidade do racismo que se desenvolveu no Brasil opera no futebol local.

Diante disso, a tese aqui apresentada objetiva analisar o “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol. Minha hipótese é que o futebol brasileiro desenvolveu moralidades próprias mas não deixou de dialogar com a especificidade do preconceito que opera no Brasil. A questão que se coloca não é discutir se há ou não racismo no futebol, mas sim analisar como a especificidade do racismo que se desenvolveu no Brasil vem dialogando com o desenvolvimento do futebol local. Isso é algo que não sabemos.

Responder a esta questão nos ajudaria a compreender melhor as sutilezas das práticas discriminatórias que estiveram, e podem ainda estar presentes, contra aqueles que eram, e são, reconhecidos como pretos em nossa cultura. Acreditamos que uma investigação pontual sobre o racismo, a partir do futebol, iluminaria questões raciais profundas que ainda persistem na dinâmica da cultura brasileira, e que emergem de forma única, *sui generis*, por meio do esporte⁶.

⁵ “Diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos, não foi um grande centro urbano mas pequenas localidades interioranas que por aqui constituíram o principal objeto das pesquisas sob a influência da escola de Chicago” (MAGNANI, 1996, p. 5). Uma dessas cidades foi a de Itapetininga.

⁶ Nesta direção, Santos (1984, p. 41) ensina que “o preconceito racial, zelosamente guardado, vem à tona, quase sempre, em um momento de competição”.

A escolha do futebol se justifica por acreditarmos que, ao longo dos anos, tal modalidade vem assumindo um papel ambíguo no que diz respeito às relações raciais na cultura brasileira. Se, por um lado, parece consenso que no Brasil o futebol se configurou um espaço progressista no que diz respeito à absorção da população de pretos, mestiços e brancos pobres durante as primeiras décadas da República e do incipiente capitalismo brasileiro, por outro lado, esse mesmo espaço ainda se ressentem ou guarda resíduos dos preconceitos enraizados na cultura brasileira sobre a “raça negra”.

No limite, o futebol brasileiro poderia ser pensado como um espaço que reproduz a ambivalência das representações socialmente construídas sobre a “raça negra” e a ambiguidade do racismo no Brasil. Ora elogiada, ora preterida, podemos arriscar que a presença do negro no “campo de futebol” dramatiza a paradoxal tensão do “racismo à brasileira” (TELLES, 2003, p. 19), qual seja: “como é que a inclusão pode coexistir com exclusão?”.

As identidades construídas sobre os atores não estão separadas da espacialidade das quais elas se imaginam ou efetivam, estando, portanto, claramente ligadas às modalidades de organização das representações coletivas e das relações de poder (D’ADESKY, 2005). Desse modo, podemos ter o espaço do futebol como um *lócus* privilegiado de investigação da ambiguidade das representações socialmente construídas sobre a raça negra e sobre o caráter ambivalente do racismo na cultura brasileira. O futebol se configura como um espaço que permite analisar algumas das formas recorrentes pelas quais a “raça negra” foi e tem sido representada no universo simbólico da cultura brasileira, bem como um palco que pode auxiliar a compreender os dramas sobre o racismo no Brasil.

A intenção é seguir a trajetória desse esporte elitista que se converteu no mais popular do Brasil por meio de uma série de atores, episódios e processos que se desenrolaram com o desenvolvimento industrial e urbano, envolvendo a classe operária, e que representou – e tem representado –, com destaque para a população negra, importante meio de ascensão social e afirmação de competência (BRUNI, 1994).

O futebol ainda estava se estruturando no Brasil quando, em 1933, aquela atividade amadora oficialmente se converteu em profissão. Naquele contexto, o Brasil vivia a consolidação do trabalho livre oriundo da consolidação do capitalismo pós-escravidão⁷. A implantação dessa nova ordem gerou uma concorrência entre os cidadãos brasileiros. Vivendo o período pós-abolição e a Nova República os cidadãos brasileiros passaram a respirar os ares da igualdade. A partir daquele momento, passaram a ser reconhecidos como iguais perante a lei. Isso demandou uma nova organização das relações de poder. O futebol parecia ter se apresentado ao negro, diante das mudanças estruturais, como um palco de visibilidade e contestação dos estereótipos impregnados na cultura, um meio de expressão positiva de identidade e um espaço que contribuiria para a mobilidade econômica e social em tempos de preconceito mais explícito.

A fim de compreendermos como o preconceito racial opera no espaço do esporte, optamos por estudá-lo à luz de Oracy Nogueira, sociólogo que revelou a contradição do racismo à brasileira, que sustentou a tese de que, no Brasil, a discriminação ocorre através do primado das características culturais e dos marcadores sociais sobre os caracteres biológicos. Nesta tese vamos nos ocupar das marcas que foram e têm sido elegidas para construir a diferenciação entre brancos e negros com a finalidade de preterir ou facilitar o acesso dos últimos no campo de futebol. Nos subitens à frente analisaremos a constituição histórica do preconceito à brasileira e nos

⁷O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão.

aprofundaremos na tese do “preconceito de marca”, proposta por Oracy Nogueira, a fim de compreendermos como o futebol dramatiza o racismo no Brasil.

A interpretação do “preconceito à brasileira”

Antecedentes: a construção do “outro”

Presente desde a Antiguidade, o cativo humano foi recriado no período moderno junto com o capitalismo comercial e o movimento de expansão colonial, tendo sido o Brasil um local privilegiado. A proximidade geográfica com a África, que facilitava as navegações no Atlântico, fez com que os colonizadores portugueses, em meados do século XVI, instituíssem um sistema de escravidão que utilizava os africanos como mão de obra. Assim, o Brasil foi regido como uma feitoria escravista, exoticamente tropical, habitada pelos índios nativos e negros importados da África (RIBEIRO, 1995). Com efeito, entre a segunda metade do século XVI e o ano de 1850, data oficial da abolição do tráfico negreiro, o número estimado de africanos importados foi de 3,6 milhões de pessoas. Quase um terço da população africana deixava seu continente de origem rumo às Américas (SCHWARCZ, 2001).

As representações negativas sobre o africano e seus descendentes têm raízes antigas. Em meados do século XIV a Igreja era a grande agenciadora dos valores e das práticas humanas. Com o olhar remetido à África, a Igreja adjetivou os africanos como seres de menor valor, justificando, dessa forma, a escravidão e a colonização (FERREIRA, 2000). Durante as conquistas do século XVI, a palavra “negra” passou a ser utilizada originalmente para se referir à cor da pele escura de alguns povos, geralmente aqueles de maior contato com os africanos, como, por exemplo, os

mediterrâneos. Os relatos dos europeus indicam que a cor negra dos africanos subsaarianos foi o que mais chamou a atenção dos conquistadores e aventureiros. Surgiu daí a primeira fonte de sentimento negativo⁸, ou preconceito, pois no simbolismo das cores do Ocidente cristão “negro” significava derrota, morte, pecado, enquanto “branco” significava sucesso, pureza e sabedoria (GUIMARÃES, 2008).

O imperialismo europeu e o consequente encontro com os africanos permitiram que os portugueses depreciassem os últimos a partir de representações estereotipadas. Por exemplo, os viajantes portugueses Luís de Cadamosto e Pedro de Sintra, em 1507, ao se depararem com as subjetividades – hábitos, costumes, ambientes, clima, geografia, vestimentas e religião – das culturas africanas transformaram-nas em traços diacríticos das identidades do *colonizador* e *colonizado* (CADAMOSTO; SINTRA, [1507] 1988). Os colonizadores constatavam que os colonizados não possuíam aquelas categorias elegidas pelos europeus para hierarquizar o mundo, a saber: “rei”, “lei” e “fé”. A ausência dessas categorias no “outro” fez com que os colonizados parecessem “bárbaros”, “selvagens”, “primitivos”, “inferiores”.

O processo de invenção do Brasil se iniciou quando o europeu aportou nos trópicos trazendo na memória as representações da proximidade dos colonizados ao seu estado natural. Consagrado pelo Dicionário da Academia, na edição de 1798, o termo “cultura⁹” opunha-se conceitualmente à “natureza”, revelando como essa oposição era fundamental para os pensadores do Iluminismo. A “Cultura” era pensada como a soma dos saberes acumulados por determinados povos, configurando-se um caráter distintivo da espécie humana. Logo, a leitura sobre o grau de evolução da cultura de um povo

⁸ Bastilde (1996) ensina que herdamos dos gregos e do cristianismo a polaridade branco-negro como expressão da pureza e do demoníaco. A partir de então prevaleceu, por parte dos europeus, a repulsa pelos povos de cor, que se afastavam dos padrões estéticos e dos valores de sua civilização.

⁹ Pensada ao modo francês.

poderia ser expressa pelos mecanismos desenvolvidos racionalmente pelo homem para controlar a natureza (CUCHE, 2002).

Tomando a dualidade “natureza – cultura” e a relação de poder estabelecida entre esses termos, a dominação da segunda sobre a primeira ilustrava que se os colonizados foram aqueles que sucumbiram ao domínio europeu é porque eles estariam mais próximos ao seu estado *natural* e, por isso, deveriam ser escravizados para serem civilizados, isto é, internalizarem a *cultura* daqueles que os dominaram. No caso brasileiro, foi preciso formular novas significações para aquela natureza tropical e seus habitantes. O “mesmo” e o “outro” ganhavam novas (de)marcações no Novo Mundo. O resultado foi a edenização da natureza e a inferiorização dos negros e dos “bons selvagens”. Detratados, estava justificada a escravidão. A partir dessa mentalidade que associava os negros e os índios à natureza formou-se o alicerce que o Velho Mundo construiu para representar o Brasil: a colônia seria o lugar da natureza edênica, habitada por uma humanidade selvagem (ARRUDA, 1998).

A África era o “continente dos negros”. O comportamento dos seus habitantes refletia a “inferioridade” e a “barbárie¹⁰” daquela civilização. A explicação que colocava o negro na escala inferior das raças fundava-se, dentre outras, na crença de que o atraso do continente africano seria herdado e assimilado pelos afrodescendentes como características inatas. As representações sobre a África opunham-se às europeias, que, por sua vez, representavam a “civilização”, o “progresso” e a “paz”. Ou seja, as interpretações intelectuais sobre a África eram temas importantes e recorrentes no Brasil, sobretudo porque a partir delas poderiam ser aludidos comportamentos sobre os negros que residiam no Brasil. O negro era a metonímia da África em solo brasileiro.

¹⁰O termo “barbárie” origina-se de Berberia, o nome de uma civilização africana.

Era um estrangeiro indesejável porque sua presença, dizia parte dos intelectuais daquele período, traria consigo danos maléficos à nação (SCHWARCZ, 2001).

A escravidão, na qualidade de um regime que supunha a posse de um homem por outro, legitimava a hierarquia social e negava qualquer discussão sobre cidadania. O fim da escravidão e o advento da República trouxeram consigo a igualdade jurídica para todos os cidadãos brasileiros, marcando o início de uma ordem em que o negro deixava de ser mão de obra escrava e se transformava em trabalhador livre. Esse contexto se afinava com o período de estruturação e consolidação dos Estados nacionais que, por sua vez, apoiavam-se no conceito de “raça” para vislumbrar a questão do progresso das nações. O debate sobre a condição dos negros se tornava, assim, um tema central para a elite intelectual daquela “Jovem República” (SCHWARCZ, 2001).

Uma análise sincrônica da mentalidade dominante do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX mostra que os intelectuais daquele período que arquitetavam a construção da nação brasileira tinham uma demanda: construir a *identidade brasileira*. Mas como fazê-lo com o passado escravocrata tão próximo? Como construir uma narrativa positiva sobre uma nação constrangida por uma mentalidade que apontava um futuro pessimista para o “povo brasileiro” justamente pela presença do “sangue negro” correndo nas suas “veias” (REIS, 2000)?

Acompanhando a transição do Império para uma Nova República que reordenava seus valores e significados, era necessário que o passado negro fosse esquecido para viabilizar a construção da memória da “nação mestiça”. Diante desses dilemas se torna necessário revisitarmos a chegada das teorias raciais no Brasil e a maneira pela qual elas foram apropriadas pela intelectualidade brasileira.

As teorias racistas no Brasil

Branco e negro entraram em contato no Novo Mundo dentro de um contexto no qual os últimos começaram a existir historicamente como propriedade privada dos primeiros. As distâncias sociais entre ambos multiplicavam-se ao sabor das diferenças culturais e físicas que acentuavam e objetivavam a demarcação da identidade de “brancos” e “negros”. Isso permitiu aos primeiros – na qualidade de um grupo *estabelecido* – olhar para “o outro” como o “exótico” que se “civilizava” na medida em que internalizava padrões dominantes.

O termo “raça” surgiu durante o século XVI no bojo da descoberta de que os homens eram diferentes entre si. Apostando no valor heurístico da “raça”, no século XVIII foram criadas teorias para dar inteligibilidade e sustentação à dominação entre as “raças”, bem como definir a moralidade e o devir dos povos (SCHWARCZ, 2003). Com o desenvolvimento da ciência moderna, nos séculos XVIII e XIX, a causa das diferenças físicas entre os seres humanos ganhou uma explicação realmente hermética e criou um *status* inescapável para os negros e outros “homens de cor”. Tratava-se das teorias raciais, ou racistas, que supunham a existência de raças humanas e procuravam explicar biologicamente as suas origens, as suas capacidades e habilidades – religião, psicologia, moral, inteligência e sociabilidade (GUIMARÃES, 2008).

Orientados pelo paradigma do século XVIII, “raça” era pensada como as características imaginadas para distinguir os diferentes grupos humanos. Seu ponto de partida – e de finalização – seria a aparência física elevada à condição de elemento determinante na distinção da cultura e da civilização dos povos (SEYFERTH, 2002). Com efeito, “raça” foi um dos conceitos que serviram para analisar, diferenciar e hierarquizar os grupos dentro de um Estado-nação (MALIK, 1982).

“Raça” foi um dos primeiros conceitos elaborados para estabelecer a desigualdade biológica entre grupos, assim como o de civilização (ELIAS, 1993). O crescente interesse pelo conceito de raça, no século XIX, foi oriundo do constrangimento do igualitarismo e da necessidade de explicar a desigualdade presente no interior dos Estados-nações. Segundo Malik (1996), não seria a “negação da igualdade, mas os constrangimentos sociais colocados no âmbito da igualdade que [levariam] à categorização racial da humanidade” (p. 39). “Raça”, ao final do século XIX, teria passado a descrever comportamentos, habilidades, deficiências e atitudes dos povos de pele escura, principalmente os negros (STOCKING JR., 1982).

As construções sobre a “raça negra” antecedem ao racismo na medida em que se valem da intencionalidade de construir a superioridade de “uns” em detrimento de “outros”. Em outros termos, foi a vontade da diferenciação que levou à necessidade de construção da “raça”. O racismo, por sua vez, entendido como representações hegemônicas construídas sobre a “raça negra”, surgiu a partir desse movimento. Com efeito, as noções de “raça” têm sido diferentemente usadas para classificar e ordenar hierarquicamente indivíduos e grupos socialmente desqualificados à luz das relações de poder engendradas historicamente.

As teorias raciais desembarcaram no Brasil em meados do século XIX, momento em que a abolição da escravatura tornava-se irreversível. Receberam, no entanto, uma entusiasta acolhida, sobretudo dos estabelecimentos científicos de ensino e de pesquisa, que, na época, constituíam-se em centros de congregação da reduzida elite pensante nacional. Logo, a “identidade negra” foi construída pelas interpretações raciais¹¹ de

¹¹ No século XIX, o termo “raça” foi introduzido na literatura por Georges Cuvier (SCHWARCZ, 2001). Ele teria inaugurado a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos. O termo “raça” passou a ser entendido como objeto de conhecimento cujo significado foi renegociado nesse contexto histórico que se investiu de modelos biológicos de análise (SCHWARCZ, 2002).

teóricos vindos de fora do país¹². Os brasileiros liam tais teorias com as lentes do seu tempo e ficavam profundamente apreensivos com a correspondência entre suas ideias¹³ e a observação da sociedade brasileira¹⁴.

Apesar de não se ocupar da realidade brasileira, a interpretação do norte-americano Stephen Jay Gould é útil para compreendermos o primado da ciência para a construção de hierarquias assentadas em critérios raciais. De acordo com Gould (1992, p. 213), “não foi a ciência que influenciou as atitudes racistas”. Pelo contrário, foi uma crença, *a priori*, na inferioridade negra que determinou a seleção preconceituosa de “provas”. De um rico corpo de dados que poderiam apoiar qualquer conclusão, cientistas selecionaram aqueles que corroborariam com as suas teorias prediletas que estavam em voga no momento (GOULD, 1992).

Em outras palavras, Gould (1999) diz que:

o argumento científico foi uma arma de ataque de primeira linha por mais de um século. Ao discutir a primeira teoria biológica baseada em amplos dados quantitativos – a craniometria do início do século XIX – devo começar por propor uma questão de causalidade: a introdução da ciência indutiva acrescentou dados legítimos capazes de modificar ou fortalecer um argumento nascente a favor da hierarquização racial? Ou a opção *a priori* em favor dessa hierarquização determinou questões “científicas” então formuladas e até mesmo os dados reunidos para sustentar uma conclusão preestabelecida? (GOULD, 1999, p. 18)

¹² Quando o diplomático Gobineau se deparava com a realidade do Brasil, rememorava aos brasileiros as tristes implicações das teorias raciais europeias quando aplicadas ao contexto local: “a inviabilidade de uma nação composta por raças mestiças” (SCHWARCZ, 2002, p. 36). De acordo com Skidmore (1976), Gobineau julgava o Brasil culturalmente estagnado, desprezava os brasileiros, porque os julgava manchados pela miscigenação. Diante de uma realidade física de mulatos, cafuzos e mamelucos, Gobineau expressou seu pessimismo quanto ao futuro do país, já que, pelas teorias, o branco estaria perdendo suas qualidades para os índios e negros (DAMATTA, 1981). Seu senso estético ofendia-se com o espetáculo de uma “população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia”. Malgrado o clima e os recursos naturais favoráveis, ele acreditava que a população nativa estava fadada a desaparecer, devido à sua “degenerescência genética”. À população remanescente, cabia fortalecer-se com os valores mais altos das raças europeias.

¹³ Nina Rodrigues, um dos principais teóricos do debate racial brasileiro da época, explicava que a inferioridade do africano poderia ser estabelecida, a despeito de qualquer dúvida científica. Em 1894, desprezou a noção de que um “representante das raças inferiores” pudesse atingir, através da inteligência, “o elevado grau a que chegaram as raças superiores” (*apud* SKIDMORE, 1976, p.75).

¹⁴ Naquela época, de acordo com Skidmore (1976), o Brasil era a maior colônia do Novo Mundo e a única cuja proporção de pretos, na população, era superior a 50%.

As teorias raciais não são de ordem biológica. Preocupadas em explicar a variação dos costumes, das culturas e das formas de sociabilidade entre os povos, supunham que as raças humanas tinham diferentes capacidades e habilidades em termos morais, psicológicos e cognitivos e de que essa diferenciação explicaria o variado grau de desenvolvimento nas nações e civilizações na Terra. Ou seja, passava-se da explicação pela geografia e pelo clima para a explicação pela constituição biológica dos povos e/ou indivíduos. Ora, aqui residem dois equívocos: o primeiro encontra-se na premissa de que a variação das capacidades e habilidades humanas é de ordem coletiva e não individual¹⁵. O segundo e principal equívoco era justamente derivar da biologia a explicação das sociedades e das culturas humanas, assim como das disposições psicológicas individuais (GUIMARÃES, 2008).

Os critérios de identificação racial somente se sustentam quando são dotados de significados simbólicos e ancorados em um objetivo de manutenção das relações de poder internalizadas na cultura. O que as teorias raciais fizeram foi reproduzir preconceitos vulgares ou refiná-los, buscando uma justificativa pseudocientífica para a dominação política, a exploração econômica e os sentimentos etnocêntricos. Para Woodward (2001), basear a diferença entre grupos raciais em alguma suposta inferioridade não é simplesmente um erro científico, “mas a demonstração da imposição de uma eloqüente grade cultural sobre a natureza que, em si mesma, é – culturalmente falando – silenciosa” (*idem*, p. 86). Tais interpretações biológicas são, antes de biológicas, interpretações, ou seja, “elas não são mais do que a imposição de uma matriz de significação sobre uma matéria que, sem elas, não tem qualquer significado” (*ibidem*).

¹⁵ Sabe-se que a inteligência, por exemplo, distribui-se como uma curva normal em todas as nações humanas, independentemente dos povos.

De acordo com Schwarcz (2002), os intelectuais do período adotaram modelos que já eram bastante desacreditados no contexto europeu para refletir sobre a realidade brasileira. As teorias “evolucionista” e “monogenista” apareciam ao lado dos pressupostos darwinistas sociais e poligenistas, como se modelos originalmente excludentes pudessem ser mesclados. Das conclusões evolucionistas, justificava-se o predomínio branco e a hierarquia social rígida, sublinhando a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento”, obliterando-se a ideia de que a humanidade era una; do darwinismo social, adotou-se a suposição da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, já que a humanidade estaria dividida em espécies para sempre marcadas pela “diferença” e em raças cujo potencial seria ontologicamente diverso (SCHWARCZ, 2002).

Essas teorias diferiam enormemente e, ainda que fossem formalmente excludentes, foram apropriadas pela intelectualidade brasileira como teorias de sucesso. Não havia interesse em recordar o debate original, nem a lógica primeira dessas teorias, tampouco o contexto de sua produção,

mas, antes, adaptar-se o que ‘combinava’ – da justificação de uma espécie de hierarquia natural à comprovação da inferioridade de largos setores da população – e descartar o que de alguma maneira soava estranho, principalmente quando essas mesmas teorias tomavam como tema os ‘infortúnios da miscigenação’ (SCHWARCZ, 2002, p. 41).

Ainda para Schwarcz (2003), as teorias não foram apenas introduzidas e traduzidas no país; aqui ocorreu uma releitura particular:

ocorreu um casamento entre os modelos evolucionistas (que acreditavam que a humanidade passava por etapas diferentes de desenvolvimento) e darwinismo social (que negava qualquer futuro na miscigenação racial) – arranjo esse que, em outros contextos, acabaria em separação litigiosa –, no Brasil as teorias ajudaram a explicar a desigualdade como inferioridade, mas também apostaram em uma miscigenação positiva, contanto que o resultado fosse cada vez mais branco. (SCHWARCZ, 2003, p. 186)

Há um consenso na literatura sobre relações raciais no Brasil de que a integração dos afro-brasileiros deu-se principalmente pela via do “embranquecimento” ou por aquilo que Carl Degler (1991) chamou de “válvula de escape do mulato”. O “embranquecimento”, neste caso, poderia ser entendido como um processo pelo qual indivíduos negros seriam assimilados e absorvidos pelas elites nacionais brasileiras.

Com um projeto de construir a imagem de uma “nação branca”, acadêmicos brasileiros propuseram como solução o “ideal do branqueamento”. Através da mescla de brancos e não brancos, o branqueamento da população era uma utopia a ser alcançada (ORTIZ, 2003). Da alta taxa de fecundidade dos brancos e da crença de que os “genes brancos” – já que “superiores” – predominariam durante a miscigenação, conclui-se que a mistura das raças eliminaria a população negra e conduziria, gradualmente, a uma população brasileira completamente branca, através da seleção natural. Expressa nos fóruns científicos daquela época¹⁶, a conclusão otimista dessa análise repousava na afirmação de que a miscigenação não produziria inevitavelmente “degenerados”¹⁷, mas sim uma população mestiça sadia, capaz de se tornar mais branca, tanto cultural quanto fisicamente (SKIDMORE, 1976, p. 81).

Essa breve genealogia do pensamento racista mostra como as teorias científicas discutiam sobre a superioridade de algumas raças em relação às outras. Apoiando-se em supostas características biológicas e interpretadas pela limitadora e emergente

¹⁶ No I Congresso Internacional das Raças, João Batista Lacerda apresentou uma tese cuja mensagem era clara: “é lógico supor que, na entrada do novo século, os mestiços terão desaparecido do Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós”. O antropólogo Roquete Pinto, como presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia, que aconteceu em 1929, previa um país cada vez mais branco, chegando ao ponto de prever que, em 2012, o Brasil teria uma população composta de 80% de brancos e 20% de mestiços; nenhum negro, nenhum índio (SCHWARCZ, 2003).

¹⁷ Essa era a tese de João Batista Lacerda, que pensava que os mestiços seriam física e intelectualmente muito acima do nível dos pretos (SCHWARCZ, 2002). Ainda para Schwarcz (2002), Lacerda acreditava que não era necessária a excessiva preocupação com a questão racial. Sua esperança apoiava-se na crença de que, com a abolição, os negros tenderiam a se dispersar. A miscigenação, com o consequente predomínio do sangue branco sobrepondo-se aos “inferiores”, e os dados da elevada taxa de mortalidade das pessoas de cor, também contribuíram para o otimismo de Lacerda. Também para Lacerda, em mais ou menos um século esta raça tenderia a desaparecer (SCHWARCZ, 2002).

scienciado período, os teóricos da época construíram uma imagem negativa do homem de cor cujas representações favoreciam a construção de preconceitos sobre as “raças”.

Uma análise histórica do “preconceito à brasileira”.

O preconceito de cor tem uma longa história entre nós¹⁸, tendo sido negado, mas também, em contradição gritante, objeto de lei que buscava coibi-lo. “Raça” e “cor” foram palavras que fizeram parte de um percurso histórico de reversão de sentido. Inicialmente usada pelos europeus para designar pessoas e povos de cor mais escura, a palavra “negro” tornou-se designação de pessoas e povos de *status* social ou constituição biológica vistos como supostamente inferiores¹⁹, de escravos ou povos em condição de submissão forçada; num terceiro momento, serviu de autodesignação desses mesmos povos em seus movimentos de libertação colonial e de recuperação de autoestima (GUIMARÃES, 2008).

As características fenotípicas da “raça negra” passaram a ser objeto de classificação, gerando novas formas de representação da diferença. Servindo como mecanismos de produção de desigualdade e hierarquização, os sistemas classificatórios imprimem significados e marcam distinções na esfera social. Isso significa que as distinções não estão contidas na natureza das coisas ou dos seres. Na natureza, tomam-se diferenças para construir, através de oposições binárias, distinções sociais fundamentais. Desse modo, cada sociedade pode ser entendida como resultado ou marca

¹⁸ No Brasil colônia, os portugueses usavam o termo negro não apenas para se referir aos de pele mais escura, como acontecia na Europa, mas para se referir aos escravos. Os índios, por exemplo, eram chamados de “negros da terra” para diferenciá-los dos negros da África. Na segunda metade do século XIX, entretanto, o termo “preto” passa a abarcar igualmente africanos e descendentes de africanos. “Negro” deixa de designar a “cor” e passa, paulatinamente, a ter um significado mais racial e pejorativo, ao contrário de “preto” que adquire um significado mais “neutro” (GUIMARÃES, 2008, p.22).

¹⁹ Para Cunha (1985) havia três dimensões que intervinham para classificar a população de libertos: a cor, a nacionalidade e a condição legal. A cor era negra ou parda. Quanto à nacionalidade, era-se africano ou crioulo, isto é, aquele nascido no Brasil. Quanto à condição legal era-se forro, isto é, liberto – ou ingênuo – isto é, nascido livre.

das suas escolhas classificatórias. Todo sistema classificatório tem sua lógica interna e cada sociedade é, ao mesmo tempo, escrava e senhora do sistema classificatório que preside sua existência. A classificação não é uma essência e o social é sempre um processo de construção. Desvendar as maneiras e os significados dados às categorias de classificação de cada grupo ou sociedade é o ponto de partida para a compreensão do sistema como um todo, onde cada parte tem relação com outras partes e com o todo.

Guimarães (2008) sugere que, no Brasil, o termo “raça” é usado num sentido biológico, enquanto “classe” ou “homens de cor” o são num sentido social. A evolução terminológica ocorrida no Brasil no modo de autodesignação dos negros é, em parte, resultado da revolução identitária operada pelos negros em nível mundial, que se estendeu do final do século XIX a meados do século XX. As bases ideológicas dessa revolução foram plantadas pela (re)apropriação de dois termos científicos: “raça”, conceito de biologia do século XIX, foi ressignificado para designar uma comunidade histórica e espiritual transnacional, enquanto “cultura” foi apropriado como um quase sinônimo do primeiro termo para designar o conjunto das manifestações artísticas e materiais desse povo transnacional.

O que constituem os grupos raciais? O que faz a raça? Segundo Blummer (1958), é o próprio preconceito que constitui o grupo racial, pois este não teria existência independente de nossa percepção, sem estar relacionado ao nosso sistema de valores. O que ele chamava de “sentimento de posição do grupo” é a própria definição de um grupo racial em relação a outro, a sua constituição, as fronteiras que o preconceito expressa, delimita e sanciona. Blummer (1958) lista as seguintes características para definir o que é “sentimento de grupo”: 1) é o tipo de orientação (da ação) geral; 2) é um sentimento, mas não é redutível a sentimentos específicos, como ódio, hostilidade ou antipatia.

Logo, talvez sejam essas características que alimentam o preconceito no Brasil ou as fronteiras que ele produz. Partindo da tradição sociológica de Chicago, Robert Park e Donald Pierson (1971) negaram a existência do preconceito racial ou de grupos raciais no Brasil. Franklin Frazier (1942) referiu-se ao preconceito de cor no Brasil, não muito diferente do preconceito ainda existente no interior dos grupos negros dos Estados Unidos da sua época. Pierson teorizou que esses grupos seriam classes e não castas, grupos abertos à mobilidade e, portanto, não propriamente “raças”.

Donald Pierson (1971), um dos pioneiros dos estudos de relações raciais no Brasil, atribui à mobilidade social dos mestiços a inexistência do preconceito de raça, que, facultando a miscigenação, explicaria a ascensão social dos mestiços. Restava entender aquilo que ele chamou de preconceito de classe. Pierson sistematizou assim tal proposta:

a classificação [de cor] pode-se derivar, em parte, da aparência física; mas também é derivada da posse de um ou mais critérios de posição social; por exemplo realizações pessoais, ocupacionais ou educacionais, ou a acumulação de recursos econômicos (PIERSON, 1971, p. 35).

Marvin Harris (1956) acrescentou que esses grupos não se constituíam em grupos de descendência como as “raças” americanas e não tinham nem mesmo as mesmas regras claras de pertencimento e de transmissão de *status*. A ambiguidade seria a principal característica desse tipo de preconceito fundado sobre marcadores fenotípicos (cor dos olhos, formato do nariz e lábios, textura dos cabelos) e sociais (domínio de linguagem e etiquetas). A posição de Marvin Harris a respeito da ambiguidade do sistema de classificação racial no Brasil é a de que a classe do sujeito e a sua aparência física são apenas dois componentes, e podem variar de indivíduo para indivíduo, de tempo a tempo, experimento a experimento, observador a observador.

Harris analisou que, no Brasil, a classificação de “cor” era determinada pela aparência física, as marcas fisionômicas e socioculturais, e não a origem e a ascendência.

Desse modo, inspirada em Blumer, Pierson, Wagley e Harris, formou-se uma corrente de pensamento que negava a existência do preconceito racial no Brasil. Para essa corrente de pensamento, o preconceito observado seria caracterizado como de “cor”, baseado num etnocentrismo europeu da simbologia das cores, ainda que modificado pela caracterização racista do século XIX, ou de “classe”, fortemente influenciado pelo status sociocultural.

Oracy Nogueira e a tese do “preconceito de marca”: o caráter ambíguo do “racismo à brasileira”

Esta tese segue na mesma direção dos estudos sobre as teorias da etnicidade na medida em que vai se ocupar do processo de construção das diferenças étnicas e das formas de interação pelas quais os indivíduos agem como membros de grupos étnicos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). A questão “não é mais estudar a maneira pela qual os traços culturais estão distribuídos, mas a maneira como a diversidade étnica é articulada e mantida” (*idem*, p. 62).

Aqui a etnicidade será vista como um elemento de definição de situação manipulado pelos atores no decorrer de suas interações, oferecendo-lhes “um meio de construção, de manipulação e de modificação da realidade. Ela é um elemento de negociações explícitas ou implícitas de identidade sempre implicadas nas relações sociais cujo estudo consiste em

inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência dessas identidades nas diversas situações de contato. A análise situacional da etnicidade liga-se ao

estudo da produção e da utilização das marcas, por meio das quais os membros das sociedades pluriétnicas identificam-se e diferenciam-se, e a estudo das escolhas táticas e dos estratagemas que acionam para se safarem do jogo das relações étnicas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 117).

Para discutirmos o preconceito racial no Brasil devemos recorrer a um importante estudo sobre as relações raciais do professor Oracy Nogueira²⁰, que trouxe uma contribuição fundamental para a compreensão da forma como a discriminação opera no Brasil. Tendo como referência as manifestações de preconceito e de discriminação racial existentes no Brasil e nos Estados Unidos em relação a indivíduos considerados negros, o estudo de Nogueira nos revela o modo histórico e concreto como se formou e se exerce o preconceito racial contra os negros no Brasil. O ponto central da sua reflexão é a permanência, o desenvolvimento e a especificidade do preconceito racial no Brasil, que ele chama de “preconceito de cor” ou “preconceito de marca”, e seu objeto teorizado é a complexa constelação de preconceitos baseados em marcas, afastados de origens geográficas ou culturais, resguardados por ideologias assimilacionistas, que dificultam o cultivo de diferenças identitárias pelos discriminados (GUIMARÃES, 1999).

Itapetininga, o município estudado por Oracy Nogueira, representaria toda a gama de condições e posições sociais que se poderia encontrar no Brasil²¹. A obra foi apresentada pela professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Segundo ela, Itapetininga é o *locus* de um estudo de caso exaustivo sobre uma realidade muito mais

²⁰ Oracy Nogueira nasceu em 1917, Cunha (SP), e faleceu na mesma cidade em fevereiro de 1996. Aos 23 anos ingressou no bacharelado em Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política e o concluiu em 1941 com a publicação da pesquisa escrita em 1942: “Atitude Desfavorável de Alguns Anunciantes de São Paulo em relação aos Empregados de Cor”. Em 1945, ele concluiu o mestrado com a dissertação “Vozes de Campos de Jordão. Experiências Sociais e psíquicas do tuberculoso Pulmonar do Estado de São Paulo. Entre 1945 e 1947, Nogueira obteve uma bolsa do *Institute of International Education* e seguiu para a realização do doutoramento naquela universidade. Naquele período o interesse pelas relações raciais ampliou-se cujo livro em questão é resultado (Cavalcanti, 1998).

²¹ Ou seja: “famílias abastadas e tradicionais e elementos intermediários até a grande massa dos menos favorecidos; brancos, mulatos e pretos, imigrantes e seus descendentes; profissionais liberais, professores, funcionários burocráticos das repartições federais, estaduais e municipais, a massa dos pequenos trabalhadores urbanos e a proporção ainda maior dos trabalhadores rurais” (NOGUEIRA, 1998, p. 31).

ampla. Do decisivo confronto de ideias com os fatos, desvenda-se “um padrão de discriminação racial – o preconceito racial de marca – que vale para o país” (CAVALCANTI, 1998, p. 9). Na sua opinião, as formulações propostas por Oracy Nogueira eram profundamente inovadoras.

O preconceito racial de marca é uma forma de discriminação – tão nociva quanto outra qualquer –, que

opera antes pela preterição que pela exclusão. É ambivalente, pois ao fenótipo se misturam outros princípios classificatórios, tais como pertencimento de classe e a distância social, porém diferentemente do preconceito de origem, não gera antagonismos ou ódio racial profundo (CAVALCANTI, 1998, p. 17).

Oracy Nogueira relacionou a lógica e o funcionamento do preconceito racial com critérios distintos de classificação social. Nos Estados Unidos, com a descendência; no Brasil, com a cor da pele e assimilação de marcas de uma classe dominante. Esses fatores dependeriam do *ethos* de cada sistema cultural considerado. O autor percebeu com muita clareza, antecipando-se à perspectiva antropológica contemporânea, que “as relações raciais são uma construção plenamente social. O preconceito racial é um assunto de significação, que integra, como tal, sistemas de classificação social. É, portanto, culturalmente variável e universalmente comparável” (CAVALCANTI, 1998, p. 18).

Oracy Nogueira indicou que o “preconceito de marca” seria o preconceito predominante na cultura brasileira, onde as nuances cromáticas da pele contribuiriam para um futuro mais ou menos promissor nos moldes de um sistema econômico competitivo e excludente. Esta prática discriminatória ocorre através de um jogo narrativo em que a linguagem ocupa um lugar decisivo, uma vez que é por meio dela que os recenseamentos e suas categorias ordenadoras são percebidos como integrantes

de um sistema cultural mais amplo. Classificação e discriminação caminham juntas; a primeira é o sistema da forma peculiar e brasileira de racismo que o autor desvenda: o “preconceito racial de marca” (CAVALCANTI, 1998, p. 22).

Nogueira hesita em atribuir o termo “preconceito racial”, atitude verificada nos Estados Unidos, à realidade brasileira, pois os fatos considerados não eram da mesma natureza do que os autores norte-americanos reuniram sob a rubrica de preconceito de raça. Nos Estados Unidos e na África do Sul (na época, União Sul-Africana), o preconceito subsistiria, mesmo quando o indivíduo não apresentasse, exteriormente, qualquer característica da raça considerada inferior. No Brasil, não. Haveria a vigência de um preconceito que, diferente do de “raça” e irreduzível ao de “classe”, atingiria mesmo pessoas negras e pardas das camadas superiores. Este tipo de preconceito varia de intensidade conforme a nuance da cor negra: quanto mais escura é a cor da pele do indivíduo, mais ele sofre as consequências do preconceito de cor. Aqui, diz Nogueira, “o preconceito tende, antes, a situar os indivíduos, uns em relação aos outros, ao longo de um *continuum* que vai de extremamente ‘negróide’, de um lado, ao complementarmente ‘caucasóide’, de outro” (NOGUEIRA, 1998, p.199).

Em outras palavras,

os indivíduos são classificados e se classificam a si próprios como brancos, pardos ou mulatos claros, pardos ou mulatos escuros e pretos – variando, até certo ponto, os “tipos” reconhecidos e as respectivas designações de uma para outra região do país – levando-se em consideração, em cada caso, a ausência ou a concentração de traços negróides (densidade da pigmentação, textura e cor dos cabelos, formato do nariz e dos lábios etc.), ou seja, a aparência resultante da combinação ou fusão de traços europeus e africanos (*idem*)

Na vida social os caracteres negróides “implicam preterição de seu portador quando em competição, em igualdade de condições, com indivíduos brancos ou de aparência menos negróide” (NOGUEIRA, 1998, p. 200). Consequentemente, o *status* ou

o sucesso do indivíduo negroide depende, em grande parte, da compensação e da neutralização de seus traços – ou de seu agravamento – “pela associação com outras condições, inatas ou adquiridas, socialmente tidas como de valor positivo ou negativo – grau de instrução, ocupação, aspecto estético, trato pessoal, dom artístico, traços de caráter etc” (*idem*).

Um ponto importante a ser ressaltado é a defesa da especificidade de um preconceito de cor diante de sua possível redução a um preconceito de classe. Para Maio (2007), Oracy Nogueira revela um modo particular de entendimento das relações sociais em que o preconceito de raça não se reduz ao preconceito de classe. Referindo-se à análise sobre a natureza do preconceito racial contra os negros em São Paulo,

Oracy Nogueira mostra que o preconceito no Brasil não se limitaria ao “preconceito de raça”, a exemplo dos Estados Unidos ou África do Sul, nem com o preconceito de classe, que atingiram aos pretos de modo indireto, por pertencerem, geralmente, às chamadas “classes inferiores”. Oracy aponta uma terceira via: o preconceito de cor, que seria “um tipo de preconceito intermediário”, não se confundindo com o de estrato social, próprio ao modelo norte-americano, no qual a ascendência negra, mesmo que longínqua, definiria a identidade racial do indivíduo, tampouco o preconceito de classe, na medida em que negros e pardos localizados em posições sociais mais elevadas na estrutura social não estariam imunes a atributos negativos preconcebidos derivados na cor. Aqui se encontra o ponto de partida de Oracy Nogueira, adensado nos anos 50 com a definição do preconceito racial de marca (MAIO, 2007, p. 2)

Para Marcos Maio (2007), a ideologia do branqueamento dificulta a definição de identidades fixas na América Latina e especialmente no Brasil, lugares onde a cor por si só não define a posição social do indivíduo na América Latina. Ciente disso, Oracy operava com a distinção entre origens raciais e marcas fenotípicas associadas a diversos atributos sociais que tenderiam a relativizar os caracteres físicos. A análise do preconceito racial no Brasil não concebe a cor subsumida à classe. Assim, ele conclui que a cor tem um peso relativo como indicador de *status* social. Nas palavras de Oracy: “a cor branca facilita a ascensão social, porém, não a garante, por si mesma; de outro

lado, a cor escura implica antes numa preterição social que numa exclusão incondicional de seu portador” (ORACY NOGUEIRA, 1998, *apud* MAIO, 2007, p. 4.)

O preconceito racial, como parte integrante do sistema ideológico construído pelo grupo branco e internalizado na cultura, contribui para a manutenção do *status quo*, nas relações entre elementos brancos e de cor da população, pela sua dupla atuação: 1) sobre o conceito e a atitude dos primeiros em relação aos últimos; 2) sobre a autoconcepção e o nível de aspiração destes últimos.

Para Maio (2007) a ideologia brasileira das relações sociais se caracteriza por uma contradição:

por um lado, é “miscigenacionista e igualitária”, por outro lado, estimula o branqueamento e a seletividade das pessoas com base no fenótipo, “um tipo sutil e sub-reptício de preconceito”. Oracy ressalta o fato de que o status do indivíduo não é dado apenas pela cor. Embora os caracteres físicos identificados como pardos e negros compitam em situação de desigualdade com os brancos, ou seja, são, de forma recorrente, preteridos, há uma série de atributos psicológicos, sociais e culturais que, associados à cor, podem superar a barreira do preconceito, como: grau de instrução, ocupação, aspecto estético, trato pessoal, dom artístico, traços de caráter, etc. Ademais a posição social de brancos e não-brancos interfere no tipo de interação que é estabelecido entre os indivíduos. Quanto mais próximo do topo da estrutura social estiver o branco, menor disponibilidade terá para interagir com indivíduos de cor. Entre os segmentos sociais subalternos encontra-se maior confraternização e menor resistência ao intercasamento ou à união permanente entre pessoas de traços raciais contrastantes (MAIO, 2007, p. 9).

No plano simbólico, a manifestação e intensidade dessa ideologia estão condicionadas à visibilidade dos traços negroides, e, portanto, às aparências raciais ou fenotípicas do indivíduo. O preconceito racial de marca, diferente do preconceito racial de origem, agiria no sentido da preterição, e não da exclusão. Mesmo revelando a sua perversidade, o preconceito de marca estabelece uma série de combinações classificatórias (classe, instrução, hábitos) que tendem a relativizar a importância da cor, dificultando assim a ocorrência de situações de conflito insolúveis ou atitudes de impasse devido a tensões raciais intransponíveis.

Como esse tipo de preconceito que se desenvolveu na cultura brasileira passou a operar especificamente no futebol local é algo que não sabemos. Atividade que surgiu no Brasil no final do século XIX comprometida com os valores das classes mais abastadas economicamente, o futebol sucumbiu à participação dos populares e esse processo ocorreu embebido de tensões, onde o debate em torno do preconceito à brasileira e dos estereótipos presentes sobre o negro naquele espaço merecem especial atenção.

Os estereótipos raciais no futebol.

Helal (1990) salienta que a situação inicial de qualquer competição esportiva é sempre de simetria, de total igualdade, com os competidores se encontrando no mesmo plano, classificados horizontalmente, sem distinção hierárquica; ao final das disputas, que ocorrem a partir de regras que são as mesmas para todos (o que faz com que todos tenham as mesmas oportunidades), teríamos uma disjunção, em que os competidores, não mais horizontalizados, seriam verticalizados e hierarquicamente desigualados. Essa distinção é realizada dentro de um critério meritocrático que se justifica plenamente, uma vez que todos tiveram os mesmos direitos e oportunidades, a despeito das distinções de classe, raça, sexo ou religião.

Diferentemente das vicissitudes do período escravocrata, o esporte proporcionaria um duelo marcadamente democrático e liberal na medida em que ele inicia e termina em condições de total igualdade entre os competidores. Se o “campo esportivo” permite celebrar o ideário da igualdade em função da isonomia das regras que são iguais para todos aqueles participantes que estão opostos em virtude do conflito, as manifestações de preconceito nesse espaço “igualitário” ilustram as representações

sobre a “raça negra” – tomada enquanto uma categoria antropológica de análise – na sociedade brasileira. Enquanto em outros espaços as manifestações dessas representações seriam racionalmente censuradas por represálias legais ou morais, no plano esportivo, orientado pela ordem da emoção, as formas de imaginação da “raça negra” emergem com uma maior naturalidade e com menor pudor, deflagrando, com efeito, os preconceitos enraizados na cultura brasileira.

Engendrado por regras universais, o futebol se anunciava como um espaço onde os melhores teriam a oportunidade da vitória e que o sucesso seria possível para aqueles que se destacassem em determinada atividade. Apesar disso, não devemos tê-lo somente como um espaço progressista, como uma linguagem ritual que resolveria os conflitos do dia a dia, mas também como um universo integralizador e denunciador das nossas diferenças, “nos fazendo revelar os anseios, os temores e as contradições mais profundas da nossa cultura” (HELAL, 1990, p. 72).

O futebol é uma modalidade coletiva cuja disjunção ocorre através do desempenho individual dos jogadores que dela participam. Sua profissionalização fez com que ele se convertesse, em tempos de discriminação mais explícita e mobilidade mais restrita, em um dos poucos meios de mobilidade econômica e social para alguns membros das camadas inferiores da população.

Costa Pinto (1998) analisou o último censo antes do fim da escravidão, realizado no Rio de Janeiro em 1872 (quando era a Capital Federal), e o comparou com o censo de 1940. Ele percebeu que os empregadores eram predominantemente da cor branca, enquanto os negros estavam fortemente concentrados na condição de empregados. Daí surgiu a conclusão de que de “escravo a proletário consistiu o máximo alcance da mobilidade social das massas de cor no Rio de Janeiro” (COSTA PINTO, 1998, p. 114).

A análise dos conflitos étnicos não deve perder de vista que eles não se desenvolvem somente no nível das instâncias econômicas e políticas, mas passam também pela estrutura simbólico-ideológica das culturas nas quais eles estão inseridos. Esse plano é importante porque é nele que os indivíduos formam suas ideias e cristalizam os estereótipos e preconceitos em relação ao “outro” (D’ADESKY, 2005). Assim, acompanhando a perspectiva de que as identidades radicadas na memória coletiva são constructos responsáveis por processos de exclusão sobre o corpo (SANTOS, 2003), objetivamos discutir os significados que os estereótipos – como uma imagem ou uma ideia geralmente expressa de forma verbal –, que os membros de um grupo aceitam em relação aos componentes de outro ou em relação a si próprios, assumem contra os negros no futebol.

Guimarães (2008) versa que a discriminação e o preconceito não se mantiveram intactos após a abolição. Ao contrário, adquiriram novos significados e novas funções dentro de uma estrutura liberal. As práticas racistas do grupo dominante branco que perpetuam a subordinação dos pretos estão funcionalmente relacionadas aos benefícios materiais e simbólicos que os primeiros obtêm da desqualificação competitiva dos últimos. Oracy, por sua vez, não julgava que o desenvolvimento de uma sociedade capitalista poderia por si só enfrentar as mazelas sociais. Modernidade e racismo não seriam contraditórios, poderiam coexistir.

Esta é a mesma linha de reflexão do sociólogo Luiz Costa Pinto, cujo pensamento aponta que a abolição possibilitaria no processo de modernização capitalista a ascensão social de uma elite negra que levaria, por sua vez, ao surgimento de um cenário de tensões raciais com o branco. As tensões raciais se constituiriam, dessa forma, num aspecto da crise da transição para a sociedade moderna e, portanto, não poderiam ser explicadas apenas como herança do passado escravista (MAIO, 2007).

“Novos cidadãos” foi o termo pelo qual passaram a ser designados os últimos escravos que foram entregues à própria sorte e obrigados a competir ombro a ombro com o restante da população, inclusive com os imigrantes e seus descendentes, cuja presença se fazia sentir de um modo cada vez mais vigoroso a partir do final do século XIX. A estrutura social que se fixara no século XVIII manter-se-ia, em linhas gerais, até o final da escravatura. A coincidência entre camadas sociais e nuances de cor da pele é tal que quase não há margem para equívoco (NOGUEIRA, 1998).

O fim da escravidão e o advento da República trouxeram o surgimento de atitudes reativas, com base no preconceito, por parte dos setores sociais dominantes, ameaçados de perder suas posições sociais. O desenvolvimento capitalista teria gerado um cenário de crescentes tensões sociais e levado, segundo Costa Pinto, à criação de barreiras raciais, advindas da mobilidade social da população de cor, gerando situações de competição e mobilidade social entre os cidadãos brasileiros. Desse modo, a fonte explicativa das práticas discriminatórias contra os pretos não deveria ser buscada no passado escravocrata e, sim, no momento em que tal sistema foi substituído por outra ordem econômica e política. Nessa perspectiva, teria passado a existir um descompasso “entre a ideologia racial tradicional e a nova situação racial” (COSTA PINTO, 1998, p. 30).

A abolição geral determinou uma reorganização que foi consolidada na República, cujos resultados foram sentidos ao longo das três primeiras décadas do século XX. O preconceito e a discriminação atuavam fundamentalmente no sentido de reconduzir o negro a um lugar que historicamente ele ocupou no sistema de relações sociais. Logo, depreendem-se desse quadro os critérios, valores e julgamentos estereotipados cuja função seria conservá-lo no *seu lugar*, qual seja: um lugar inferior –

periférico – que historicamente tem ocupado na sociedade. Surgem daí os estereótipos correntes sobre a sua personalidade e o seu comportamento²².

Ao analisar as racionalizações das atitudes raciais a partir dos estereótipos existentes na sociedade brasileira sobre a “raça negra”, Costa Pinto (1998) observou que as opiniões correntes que temos sobre as coisas são, em regra, parcialmente verdadeiras e resultantes de experiências concretas; a outra parte, não demonstrada, não lógica, é representada pelo estereótipo que temos em mente a respeito do que imaginamos que as coisas são. Segundo Costa Pinto (1998), a expressão *pictures in our head*, usada por Lippmann, quer indicar precisamente essas ideias e imagens que temos em mente e constituem a parte subinteligente de nossas opiniões e julgamentos sobre pessoas ou coisas.

Desse modo, quando aqui falamos de estereótipos queremos nos referir a essas imagens, explicações, ideias ou sistemas de ideias que, generalizando o resultado de experiências parciais e limitadas, caracterizam o conteúdo alógico de nossos pensamentos, julgamentos e ações, imagens e explicações que tendem a se fixar e permanecer, resistindo à revisão crítica e racional. Os estereótipos são integrados ao sistema de valores do grupo e às pautas de conduta individuais de seus membros diante de situações de conflito social, antagonismos ou tensões intergrupais, e refletem “principalmente diferenças de classe, relações de raças e conflitos religiosos e internacionais” (COSTA PINTO, 1998, p. 186).

A gama variável de estereótipos, que é sempre socialmente engendrada, só pode ser compreendida se nos atentarmos às relações concretas que existem entre cada

²²“o verbalismo abundante, o pernosticismo característico, o artificialismo estudado, o exagero dos gestos, da voz, do traje, da gargalhada, o dinamismo nervoso e ruidoso da conduta – que muitas vezes chega realmente a atingir o nível do talento criador e outras não consegue ultrapassar o da simples simulação, parecem ser, do ponto de vista da psicologia social, quando servem de fundamento à formação de estereótipos, reações ao ressentimento, à melancolia e mesmo à angústia que lastreia, nas condições da tensão racial, a mentalidade dos homens de cor que por qualquer via ascendem do nível da massa e nem por isso se integram, automaticamente, por causa do característico étnico, na esfera socialmente superior e etnicamente branca” (COSTA PINTO, 1998, p. 204).

situação e as demais situações com as quais ela se relaciona. O que importa assinalar, entretanto, é que uma vez formados e consolidados, os estereótipos se interpõem entre a percepção e a realidade, fazendo o indivíduo ver, em parte, ao invés de cada *tipo*, o estereótipo correspondente. Em relação ao negro, poder-se-ia dizer que o preconceito racial consiste, em certo sentido, num característico sistema de reações estereotipadas, mais ou menos integradas, que são adquiridas, por diversos modos, na vida social – *não no contato com o negro, mas através da assimilação das opiniões existentes sobre os negros.*

A inferiorização circular do negro na sociedade brasileira tem sido um fecundo filão para a imersão de estereótipos raciais. Os estereótipos, que são criações do grupo e não do indivíduo, tendem a estabelecer e consolidar um determinado grupo dentro de uma estrutura maior, na qual os grupos se afastam ou entram em competição; por outro lado, na medida em que os estereótipos existem e se propagam, e um maior número de pessoas passa a adotá-los, eles se tornam mais consolidados, integrados e, conseqüentemente, mais difíceis de serem modificados, uma vez que em torno deles tendem a se formar correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais. Além disso, é de fundamental importância compreender que “um estereótipo nunca é neutro”, como diz Lippmann (*apud* COSTA PINTO, 1998, p. 187); ele é forjado e está sempre refletindo situações de conflito social, recorda Kimball Young (*idem*). Somente encarando-o dentro dessa perspectiva é possível compreender a *função* que os estereótipos assumem na dinâmica social.

De acordo com Oracy Nogueira,

em todos os países de colonização européia, onde contingentes demográficos de outras origens – quer profundamente alterados pela miscigenação, quer conservando sua aparência original – vivem lado a lado com a população branca, seja em relações simbióticas com esta, seja integrados num mesmo sistema cultural e social, o preconceito racial é parte constitutiva do sistema ideológico desenvolvido pelo grupo e tem por função a preservação de sua

supremacia social ante os demais elementos da população (NOGUEIRA, 1998, p. 195).

Ainda no intuito de esclarecer os termos utilizados, mais uma vez recorremos a Oracy Nogueira (1988) para aclarar o termo *sistema ideológico*:

por “sistema ideológico”, entende-se o conjunto de preconceitos resultantes da “estreiteza de consciência” produzida pela participação, na vida social, de uma dada posição, ou o “sistema de idéias peculiar a determinado grupo e condicionado, em última análise, pelos interesses desse grupo” (NOGUEIRA, 1998, p. 205).

Uma das estratégias da naturalização das diferenças entre os grupos é a fixação de marcas estereotipadas, que são decalcadas em um grupo por outro. Fica a interrogação: o que são os estereótipos? Mais uma vez nos valem de Oracy Nogueira, para quem

o estereótipo é a representação coletiva de um grupo por si mesmo ou por outro; a representação coletiva pode referir-se a outros aspectos da realidade além dos grupos sociais; e a ideologia ou sistema ideológico, além dos estereótipos e representações coletivas, implica argumentos e racionalizações que os tornem conscientemente defensáveis por aqueles que o aceitam. (NOGUEIRA, 1998, p. 206)

O preconceito racial é parte integrante do sistema ideológico que, numa sociedade multirracial, defende o *status quo* ou os privilégios do grupo dominante. Está, portanto, associado às representações coletivas, aos estereótipos, aos argumentos e racionalizações que convergem para a manutenção da ordem.

Os significados sobre a “raça negra” foram simbolicamente construídos e se internalizaram na memória coletiva da cultura brasileira. Desde então, as características fenotípicas da “raça negra” passaram a ser empiricamente compartilhadas, vivenciadas nas relações cotidianas dos brasileiros e se tornaram objetos de classificação que geraram novas formas de representar a diferença.

Nesse sentido, a memória só pode ser entendida enquanto parte de determinações sociais, presa à cadeia dos significados apropriados pela cultura da nação. Vivenciada nas práticas hodiernas e nas subjetividades dos atores sociais, a “raça negra”, entendida como uma série de valores construídos e internalizados no plano simbólico da cultura, preexiste ao “negro”.

Oracy Nogueira (1998) chamou a atenção para o fato de que, já nos primeiros anos de vida, tanto as crianças brancas como as de cor aprendem a valorizar a cor clara e os demais traços caucasoides e a menosprezar a cor escura e os demais traços negroides. Além disso, brincadeiras tradicionais, provérbios e ditos populares, elogios e sátiras levam as crianças a interiorizarem conceitos e atitudes desfavoráveis em relação aos portadores de caracteres negroides, mesmo quando não seja essa a intenção do autor da manifestação, mas, simplesmente, como acontece na maior parte das vezes, esteja repetindo, de modo mecânico ou quase mecânico, o comportamento tradicional e habitual – verbal ou motor – sugerido pela situação. Desde cedo, tanto as crianças brancas como as de cor aprendem a associar os traços negroides às ocupações mais humildes e posições sociais inferiores.

Esta é a tese de Ianni (2004): o preconceito racial é uma técnica de dominação pela qual são subordinados amplos setores da sociedade. Ao preconceito racial mesclam-se intolerâncias de outros tipos, manifestadas em várias linguagens. Raça, assim, passa a ser construída pelas relações sociais e segue presente nas piadas, nas fofocas, nas ironias que fazem parte do cotidiano da cultura brasileira, isto é, toda essa disseminação que ocorre na esfera da vida privada.

Apesar do discurso da assimilação racial, o prestígio e o poder permanecem próximos dos valores dominantes herdados do passado e encarcerados pela ordem branca por meio da utilização dos estereótipos (ARRUDA, 1998). As representações

construídas sobre o corpo negro refletem os dramas da hierarquização social após o dia 13 de maio de 1888, data que inaugura um momento da vida brasileira em que seus cidadãos se tornaram equiparados no plano jurídico e social. Depreende-se daí que a reprodução dos estereótipos contra os negros é uma das estratégias utilizadas para a reprodução “informal” dos preconceitos, uma das características principais do estilo do “racismo à brasileira”.

Tomando a “raça” como “um signo de diferenciação utilizado de maneira puramente situacional, não mais eficaz e, certamente, menos provável que qualquer outro traço cultural” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 94), o caminho que nos propomos a seguir é analisá-la no âmbito do futebol, e como, em cada um dos contextos, os atores se valem dessas representações. Analisar esse processo de utilização de caracteres étnicos pelos atores – usados tanto para incluir, quanto para excluir sob a forma de preterição – é o que nos propomos a estudar examinando “as modalidades das quais uma visão de mundo étnica é tomada pertinente para os autores” (*idem*, p. 17).

Creio que devemos fazer um esforço no sentido de rever nossas fontes e a historiografia que toma o tema da raça articulado com o futebol no Brasil, a partir de lentes que fujam da simples denúncia de preconceito ou racismo, para entender a complexidade com a qual as peculiaridades desses temas vêm se manifestando no futebol. Nessa direção, proponho nos enveredarmos pelos caminhos do ritual esportivo. Escolhi um, em especial: partidas de futebol que eram e continuam sendo disputadas por um time composto de jogadores que se autodeclaram negros, contra outros que se autodeclaram brancos. Essas partidas recebem o nome “Preto X Branco”

A ritualização do drama racial brasileiro através do futebol: os jogos “Preto X Branco”

A maioria das sociedades são marcadas por ritos comemorativos de algum evento especial, realizado por um grupo ou classe social bem definida, que é – por acordo geral ou pela força do poder – colocado acima de todas as diferenciações que tipificam tais sistemas, podendo representar toda a coletividade. Esses rituais que ajudam a construir, vivenciar e perceber um universo social frequentemente fragmentado por contradições internas, como uma totalidade (DAMATTA, 1990).

Ao longo das leituras e me ocupando do tema racial relacionado ao futebol, tomei conhecimento de duas espécies de rituais que ocorriam como festivais de futebol que, embora desconectados no tempo, guardam semelhanças entre si, possuindo, inclusive, o mesmo nome: são os jogos do “Preto X Branco”.

Descobri os primeiros jogos no livro de Fábio Franzini (2003), quando o autor, ao analisar a história do futebol paulista no início do século XX, fez menção a eles. Mais tarde, obtive mais informações sobre esses jogos no livro do historiador norte-americano George Andrews (1998), *Negros e brancos em São Paulo (1888 - 1998)*. Ambos me levaram aos microfilmes da Biblioteca Nacional, a fim de captar o drama racial colocado naquele contexto através das páginas dos principais jornais de São Paulo.

Com relação aos jogos mais recentes, tomei conhecimento deles quando assisti ao documentário intitulado *Preto X Branco*. Essa produção cinematográfica retrata a história desse jogo, que ocorre desde 1971, em São João Clímaco, na mesma capital paulista em que ocorriam os jogos no começo século XX. Fui à busca de fontes que

pudessem me fornecer informações sobre o jogo, inclusive participando como jogador no ano de 2009.

Em contato com essas fontes, que me permitiram conhecer a idealização e os objetivos de ambos os eventos, pude enquadrá-los naquilo que DaMatta (1990) entende como um *ritual* que pode ser interpretado através das teorias das dramatizações e da ideologia. Diante do interesse em entender o dilema brasileiro em torno da raça, os rituais esportivos do “Preto X Branco” proporcionam importantes contribuições para entender as razões “que coloca[m] a sociedade às voltas consigo própria” (DAMATTA, 1990, p.14) e ajudam na discussão dos “caminhos que tornam a sociedade brasileira diferente e única, muito embora esteja, como outros sistemas, igualmente submetida a certos fatores sociais, políticos e econômicos comuns” (idem, p. 15).

DaMatta entende que o futebol brasileiro tem características de eventos dramáticos, onde o jogo é não só a roupagem que o encobre como também “adorna uma complexa trama de significados” (DAMO, 2003, p. 130). Os embates entre equipes que representam nações ou clubes dramatizariam os sentimentos de identidade e de pertencimento não apenas daqueles que estão em campo,

mas sobretudo dos que participam do drama desde as arquibancadas. [...] Nos rituais dramáticos, caracterizados por um estado de ânimo alterado e, portanto, diverso do cotidiano, seriam expressos determinados sentimentos que não poderiam ser conveniente e convincentemente manifestos em outras esferas da vida social(DAMO, 2003, p. 130).

Em relação ao jogo, poderíamos dizer que os times dramatizavam as maneiras como as raças eram representadas na cultura brasileira e os sentimentos de identificação e diferenciação. Podemos interpretar esses dramas através do ritual do “Preto X Branco”. Acompanho as elaborações de DaMatta (1990) sobre o significado do ritual do carnaval para a sociedade brasileira para interpretar o jogo. Para ele,

é ali que nós, brasileiros, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva, e ensaiamos a viver com mais liberdade e individualidade. Essa é, para mim, a dramatização que permite englobar numa só teoria, não só os conflitos de classes (que são compensados e abrandados no carnaval), como também a invenção de um momento especial que guarda com o cotidiano brasileiro uma relação altamente significativa e politicamente carregada (DAMATTA, 1990, p. 34).

Enxergo pela mesma perspectiva os significados do “Preto X Branco”. Minha hipótese é que o ritual do “Preto X Branco” condensa as relações raciais na cultura brasileira reproduzindo-as e colocando-as em destaque através do futebol.

Preferi, inspirado em DaMatta, tomar o caminho da “comparação por meio de contrastes e contradições, procurando não o semelhante, mas o contrário e o diferente” (DAMATTA, 1990, p. 17). Diante disso, foi necessário relativizar o que uma sociedade pode acreditar ser o seu motor ou força dominante, abrangente.

E nós sabemos, graças aos achados da antropologia social, que a posição de certas instituições e ideologias variam de sistema para sistema, havendo possibilidades de combinações e dominâncias diferentes de certas ideologias e domínios. Cabe a uma sociologia crítica desvendar essas várias combinações explicando por que essas diferenças ocorrem desse modo (DAMATTA, 1990, p. 18).

De fato, “diferenciado” é um adjetivo bastante adequado para o “Preto X Branco”, em qualquer uma das suas edições. Afinal, faz parte da “regra do jogo” dividir os 22 jogadores oriundos de uma sociedade altamente miscigenada como a brasileira entre brancos ou negros. O reconhecimento de que o “Preto X Branco” é “diferente”, “interessante”, “curioso”, ou outros cognatos, é recorrente em todas as fontes que se ocuparam dos eventos.

Proponho inicialmente interpretar o “Preto X Branco” como produto da “inegável ‘vocalização democrática’” (DAMATTA, 1990, p. 14) da sociedade brasileira.

Interpretar os significados desses jogos ajuda a compreender, com base nos escritos de DaMatta, os fenômenos sociais que fazem do Brasil, Brasil²³.

ver o Brasil em sua especificidade é também procurar interpretá-lo pelo eixo de seus modelos de ação, paradigmas pelos quais podemos pautar nosso comportamento e marcar nossa identidade como brasileiros. É buscar entender nossas irmandades e associações populares, sempre voltadas para o alto e para fora do sistema, onde, com certeza, encontram seu lugar ao sol. É, enfim, descobrir que, ao contrário dos Estados Unidos, nunca dizemos ‘iguais, mas separados’, porém ‘diferentes, mas juntos’, regra de ouro de um universo hierarquizante como o nosso (DAMATTA, 1990, p. 16).

O “Preto X Branco” é uma alegoria dessa regra na medida em que os *diferentes* jogadores são diferentemente reconhecidos como pretos ou brancos, por isso estão em times diferentes, mas *juntos*, disputando uma partida de futebol. Se o Brasil opera com a lógica do “diferente, mas junto”, o “Preto X Branco” marca a especificidade das relações raciais na cultura brasileira.

Esta tese destaca a importância dos rituais esportivos para a interpretação da cultura da qual eles são oriundos. Sobre os rituais, DaMatta sugere tomá-los como

manifestações para verificar seu significado social e sua posição ao longo de uma ideologia que tende a negar o tempo. Em outros termos, o domínio dos ritos e das fórmulas paradigmáticas que inventam e sustentam personagens culturais é a esfera daquilo que gostaríamos que estivesse situado ao longo ou mesmo fora do tempo. Daí por que os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover identidade e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. Porque é o ritual que permite tomar consciências de certas cristalizações mais profundas que a própria sociedade deseja situar como seus ‘eternos’ (DAMATTA, 1990, p. 24).

Se o ritual se constitui como esse domínio privilegiado de manifestação daquilo que se deseja “eterno” numa sociedade, “ele surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma dada formação social” (DAMATTA, 1990, p.

²³ *O que faz o Brasil, Brasil?* é o título de um dos livros de Roberto DaMatta (1986).

25). O ritual, diz o autor, é, entre outras coisas, um instrumento privilegiado para expressar coisas e relações já sabidas.

Como estudar os ritos e do que são feitos os rituais? Segundo DaMatta (1990), há dois modos de se estudar os rituais. Um deles é tomá-lo como uma resposta a fatores concretos, numa relação direta com eles, ou seja, no seu momento de chegada. A finalidade do ritual não deve ser a única opção de análise, mas sim o “conjunto de dramatizações que tornam o rito atraente e interessante, mais do que todo aparato necessário para sua realização” (*idem*, p. 33).

DaMatta ainda nos diz que o rito é um elemento privilegiado de tomar consciência do mundo e um veículo básico na transformação de algo natural em algo social. Isso porque, para que essa transformação do natural em algo social possa ocorrer, uma forma qualquer de dramatização é necessária. É pela dramatização que tomamos consciência das coisas e passamos a vê-las como tendo um sentido, vale dizer, como sendo sociais:

é pela dramatização que o grupo individualiza algum fenômeno, podendo, assim, transformá-lo em instrumento capaz de individualizar a coletividade como um todo, dando-lhe identidade e singularidade (DAMATTA, 1990, p. 31).

O modo básico de realizar tal coisa, essa elevação de um dado infraestrutural a coisa social é o que chamamos de ritual, cerimonial, festividade etc. O momento extraordinário que permite pôr em foco um aspecto da realidade e por meio disso mudar seu significado cotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado. Tudo que é “elevado” e colocado em foco pela dramatização é deslocado, e assim pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e criatividade. O ritual tem, então, como traço distintivo a dramatização, isto é, “a condensação de algum aspecto, elemento ou relação, colocando-o em foco, em destaque” (*idem*).

Enquanto criações sociais, os rituais são e refletem os problemas e dilemas básicos da formação social que os engendra²⁴. Os rituais, desse modo, seriam “maneiras cruciais de chamar atenção para certos aspectos da realidade social, facetas que, normalmente, estão submersas pelas rotinas, interesse e complicações do cotidiano”. (DAMATTA, 1990, p. 35).

Podemos conceituar o mundo ritual como totalmente relativo ao que acontece no cotidiano. Uma ação que no mundo diário é trivial pode adquirir um alto significado (e assim “virar” rito) quando destacada num certo ambiente, por meio de uma sequência. Não é preciso repetir para que se crie o extraordinário. Basta que se coloque um ato numa posição especial.

Esta tese vai se ocupar, em parte, de interpretar os significados desse ritual que focaliza as relações raciais na cultura brasileira através do futebol e compreender essa passagem das características fenotípicas (biológicas) dos indivíduos para a idealização de eventos embebidos de significados sociais.

DaMatta entende que, no Brasil, há uma classificação dos eventos sociais segundo sua ocorrência: os eventos que fazem parte da rotina do cotidiano, chamado no Brasil de “dia a dia” ou simplesmente “vida”, e os eventos que são realizados fora desse “dia a dia” repetitivo e rotineiro, ou seja,

as ‘festas’, os ‘cerimoniais’ (ou cerimônias), as ‘solenidades’, os ‘bailes’, ‘congressos’, ‘reuniões’, ‘encontros’, ‘conferências’ etc., onde se chama a atenção para o seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso acontecimentos que escapam da rotina da vida diária. (DAMATTA, 1990, p. 39)

²⁴ Ao ritualizar algo do universo brasileiro, a chamada “realidade brasileira se desdobra diante dela mesma, mira-se no seu próprio espelho social e, projetando múltiplas imagens de si própria, engendra-se como uma medusa, na sua luta e dilema entre o permanecer e o mudar. [...] fundados na possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes da nossa sociedade”. (DAMATTA, 1990, p. 37)

Esses jogos são previstos, ou seja, são marcados com antecipação. Eles se constituem no que pode ser chamado de “extraordinário construído pela e para a sociedade” (*idem*).

Os jogos “Preto X Branco” são rituais esportivos que podem ser tomados pelas duas perspectivas, uma vez que ambas não são excludentes. Num primeiro momento eles são uma resposta a fatores concretos, como preconceito de cor, discriminação racial e/ou racismo, mas se configuram como uma arena privilegiada de dramatização dos significados raciais na cultura brasileira. Talvez a soma desses dois fatores tenha contribuído para a reedição desses jogos, inicialmente idealizados para celebrar ritualisticamente o dia comemorativo da abolição, e, talvez, dar significado social ou lembrar que aqueles com a cor da pele escura possuem também o estatuto de cidadãos nessa nova ordem.

Nos anos finais da década de 1920 até 1931, o “Preto X Branco” era sempre agendado no dia 13 de maio. Encontramos também informações sobre a realização dos jogos em 1938 e 1939. Quase 40 anos depois, sem que houvesse nenhuma relação com os primeiros jogos, surgiu, em outro contexto e com outras demandas, mais um “Preto X Branco” na maior cidade do país. Há 37 anos, este jogo ocorre no Flor de São João Clímaco, time de várzea da periferia da capital paulista, em um dos domingos que antecede o Natal.

A partir da década de 1970 passamos a ter uma nova ritualização da diferença entre brancos e negros na capital paulista. Talvez o fato de o tema racial – substância do jogo – ser um tema caro à sociedade brasileira faça com que o jogo seja tão interessante quanto as expectativas e elaborações criadas sobre ele. Basta lembrarmos algumas das adjetivações que os jogos receberam.

DaMatta ensina ainda que o rito²⁵, entre outras coisas, pode marcar aquele instante privilegiado onde buscamos transformar o particular no universal, o regional no nacional, o individual no coletivo ou, ao inverso, quando diante de um dado problema universal mostramos como o resolvemos de modo particular, nos apropriamos dele por um certo ângulo e o marcamos como um dado estilo.

É, parece-me, nesse jogo de transformação que uma sociedade se revela enquanto coletividade diferenciada; enquanto um grupo que se pode reconhecer como único e diferente dos outros. Daí porque, penso, o ritual é um dos elementos mais importantes para transmissão reprodução de valores (DAMATTA, 1990, p. 26).

O ritual tende a criar o momento coletivo, fazendo sucumbir o individual e o regional no coletivo e no nacional. Uma das formas dessa ritualização coletiva seria através do esporte.

Daí as comemorações e, sobretudo, os ritos esportivos, onde a dialética da competição esportiva acaba por formar uma totalidade englobando por quem sai vitorioso e assim ‘come’, ‘papa’, ‘engole’ o adversário e toda a disputa. Isto é, engloba na vitória os outros indivíduos, passando a expressar o campeonato” (DAMATTA, 1990, p. 28).

O ritual do “Preto X Branco”, que servia – e de alguma maneira ainda serve – para lembrar o primado da hierarquia das raças no futebol, era e ainda é uma festa que ocorre em um momento em que os valores que regem a vida cotidiana estão suspensos:

zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada, onde os problemas são esquecidos ou enfrentados; pois aqui – suspensos entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo – tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano. É nessas regiões

²⁵ “O rito não se define somente pela repetição, que é um dado de toda a vida social, nem por uma fórmula rígida, pois existem rituais que abrem o mundo, pulverizando todas as regras. O rito também não é marcado por qualquer substância especial, que o transforma em algo individualizado e reificado. Ao contrário, tudo pode ser posto em ritualização porque tudo que faz parte do mundo pode ser personificado, e reificado. Menos que um problema de substância, o rito nos coloca um problema de contrastes; daí a necessidade absoluta de estudar o mundo social tomando como ponto de partida as relações entre seus momentos mais importantes: o mundo cotidiano e as festas; a rotina e o ritual; a vida e o sonho; a personagem real e a paradigmática” (DAMATTA, 1990, p. 31).

que renasce o poder do sistema, mas é aqui que se pode forjar a esperança de ver o mundo de cabeça para baixo (DAMATTA, 1990, p.15-16).

Embora DaMatta não pretenda classificar os eventos sociais brasileiros, a discussão permite deduzir alguns princípios reveladores. O primeiro é a separação nítida que há entre um domínio do mundo cotidiano e outro: o universo dos acontecimentos extraordinários. A passagem de um domínio para outro é marcada por modificações no comportamento e tais mudanças criam as condições para que eles sejam percebidos como especiais. Este é o subuniverso das festas e solenidades:

as festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o cotidiano ser designado pela expressão *dia-a-dia* ou, mais significativamente, *vida* ou *dura realidade da vida*. Em outras palavras, sofre-se na *vida*, na rotina impiedosa e automática do cotidiano, onde o mundo é reprimido. [...] discutindo assim sobre o papel e os significados do ritual no contexto de uma sociedade complexa a fim de discutir o papel de cada grupo ou categoria social que patrocina tais eventos, como também o significado dessas possibilidades de esclarecer desses materiais oriundos da sociedade brasileira (DAMATTA, 1990, p. 42).

Fomos às fontes, a fim de buscar pistas para interpretar o racismo à brasileira através do futebol, e nos deparamos com a existência desses jogos, que possibilitam pensar sobre os valores em torno desses rituais realizados no início do século XX e nos dias atuais. As primeiras impressões sinalizam que eles surgiram como manifestações angustiadas diante da discriminação e da vontade de mudar ordens que estavam colocadas em cada um dos contextos históricos em que eles ocorriam. Se durante o cotidiano o preconceito de cor, o racismo e a discriminação podem ser dissimulados ou silenciados, esse jogo inverte essa ordem, na medida em que expõe e reforça a diferenciação pela cor da pele. Além disso, nesse ritual os indivíduos discriminados no dia a dia têm a possibilidade de participar de uma disputa em igualdade de condições, pois no campo esportivo as regras e oportunidades valem para todos.

Antes de nos aprofundarmos nas interpretações sobre os jogos, é necessário compreendermos os antecedentes que demandaram a idealização do “Preto X Branco”, retrocedendo ao início da história do futebol em São Paulo, momento em que existiam denúncias de que os negros eram preteridos pelos clubes esportivos de São Paulo. É momento de apresentar quais foram os caminhos escolhidos para responder à pergunta e mostrar como esta tese está organizada para essa finalidade.

METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Este estudo está situado na área de concentração “Educação Física e Cultura”, que dialoga com o referencial teórico e metodológico das Ciências Humanas, como a História e a Antropologia. O objeto de estudo aqui delineado ocupa-se das relações interétnicas que atravessam o esporte. O campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade é aquele

do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores *identificam-se e são identificados pelos outros* na base de dicotomizações Nós/Eles, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma origem comum e realçados nas interações raciais. Ela permite que se identifiquem os problemas chave que, qualquer que seja o tipo de abordagem utilizado, encontram-se de modo recorrente nas problemáticas da etnicidade (LAPIERRE, 1988, p. 11, o itálico é do próprio autor).

Nessa perspectiva adotamos uma concepção dinâmica da identidade étnica proposta por Barth (1988), que mostra que a identidade, assim como qualquer outra identidade coletiva, é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites para tais grupos, definindo os que os integram ou não. Então, o que importa é procurar saber em que consistem tais processos de organização social através dos quais se mantêm de forma duradoura as distinções entre “nós” e “os outros”, mesmo quando mudam as diferenças que, para nós,

assim como para “os outros”, justificam e legitimam tais distinções. Pois em tais processos, escreve Barth,

as características que são levadas em consideração não são a soma das características objetivas, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. [...] alguns traços culturais são utilizados pelos atores como sinais e emblemas de diferenças, outros são ignorados, e, em alguns relacionamentos, diferenças radicais são minimizadas e negadas (BARTH, 1988, p. 194).

Isso leva o pesquisador a se questionar “como, por meio das mudanças sociais, políticas e culturais de sua história, os grupos étnicos conseguem manter os limites que os distinguem dos outros” (LAPIERRE, 1988, p. 11-12) e saber o que é especificamente “étnico” na oposição entre “nós” e “eles” e nos critérios de pertença que fundam esta oposição (*idem*, p. 12).

Barth (1998) assinala que os “traços culturais diferenciadores” riscam a linha de demarcação entre os grupos étnicos e podem variar no decorrer do tempo e ao sabor das interações com outros grupos. Esses “traços culturais diferenciadores” não são uma coisa qualquer,

eles se formaram no curso de uma história comum que a memória coletiva do grupo nunca deixou de transmitir de modo seletivo e interpretar, transformando determinados fatos e determinados personagens lendários, por meio de um trabalho do imaginário social, em símbolos significativos de identidade étnica (LAPIERRE, 1988, p. 12).

Esta tese dialoga com as representações socialmente construídas sobre o negro no “campo de futebol” e deseja iluminar o processo de disputa construído em torno dessa representação. No nosso caso, vamos nos ocupar dos *traços culturais diferenciadores* que vêm sendo utilizados por brancos e pretos no campo de futebol e observar como o preconceito de marca atua naquele espaço com traços diferenciadores.

Ao operar com o conceito de representação, esta tese se vale da perspectiva metodológica da História Cultural (CHARTIER, 1990), que objetiva identificar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (p.17).

O mundo, para Chartier, seria resultado das representações que o instituem como tal. Este mundo que Chartier vislumbra é, na verdade, uma arena de representações que estão em concorrência e competição. A História, nesse sentido, seria o estudo dos processos pelos quais se constrói um sentido, na medida em que ela se dirige para as práticas discursivas, produtoras de ordenamentos, afirmação de distâncias, divisões que dão significado ao mundo e objetiva “compreender as práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação” (CHARTIER, 1990, p. 28).

Para Chartier (1990), a História Cultural deve ser pensada “como a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço” (p. 27). Seriam essas demarcações e esquemas que constituem o objeto de uma História Cultural.

Chartier (1990) nos ajuda a compreender o processo de disputa em torno da construção das representações sobre o negro no futebol quando nos diz que as representações não são neutras²⁶; ao contrário, são determinadas pelos interesses e pela afirmação de valores dos grupos dominantes ou dos que as forjam: “Daí, para cada caso,

²⁶ Chartier (1990) explica ainda que as percepções do real não são discursos neutros: “produzem estratégias e práticas que tendem impor uma autoridade à custo de outros por ela menosprezados, a legitimar uma projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (p. 17).

o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”
(p. 17).

as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-nos dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social, ao contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto imediatamente materiais (*idem*).

Em particular nos preocupamos em analisar os pontos de afrontamento e de disputa simbólica em torno da construção da identidade negra. Para tanto, deve-se considerar

os esquemas geradores de classificação e das percepções, próprios de cada grupo ou meio, como verdadeiras instituições sociais, incorporando sobre a forma de categorias mentais e representações coletivas as demarcações da própria organização social (CHARTIER, 1990, p. 18).

Isso nos leva a considerar as representações como “as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua” (*idem*). Isso leva a crer que as práticas discursivas são produtoras de ordenamento e de formas diferenciadas de interpretação. O foco passa a ser as condições e o processo que determinam as operações de construção de sentido. Para tanto, o conceito de apropriação é outro igualmente importante²⁷ já que ela objetiva uma “história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1990, p. 27).

²⁷ “A noção de apropriação pode ser, desde logo, reformulada e colocada no centro de uma abordagem de história cultural que se prende com práticas diferenciadas, como utilizações contrastadas” (CHARTIER, 1990, p. 26).

Para esta tese, elegemos alguns marcos e *lócus* que se dividem em duas partes. Na primeira, analisamos o preconceito de marca na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. Partimos de um artigo publicado por um jornal da imprensa negra que, sem citar nomes ou provas, denunciava o fato de que jogadores de cor escura eram excluídos dos “matches representativos” de São Paulo. Utilizamos como fontes matérias jornalísticas dessa imprensa, além do livro que se intitula a principal referência do surgimento do futebol em um dos principais centros econômicos do Brasil: *História do futebol no Brasil, 1894 – 1950*, publicado pelo jornalista paulista Tomaz Mazzoni, em 1950.

Além dessa obra clássica da historiografia do futebol brasileiro, acompanhamos o drama da apropriação popular de um espaço elitista através da história do Campeonato Paulista de Futebol, cujos 95 anos foram reunidos em um livro publicado pelos jornalistas Valmir Storti e André Fontenelle (1997). Os autores objetivavam dar conta de uma tarefa que até então não havia sido feita: reunir os 95 anos de história do Campeonato Paulista.

Utilizando esse referencial oriundo da imprensa e da historiografia acumulada sobre o futebol brasileiro, realizamos uma leitura sobre as tensões que se formaram naquele espaço à luz do “racismo à brasileira”. Esse é o objetivo do 1º capítulo, intitulado “O ‘racismo à brasileira’ e as tensões no futebol paulista no início do século XX”.

Uma resposta a essa tensão foi o surgimento da Imprensa Negra, uma associação apoiada pelo corporativismo negro que tinha, dentre outras funções, a de promover o futebol e o atletismo entre seus pares através da criação de clubes como o Clube Atlético São Geraldo, destinados aos pretos da capital paulista. Partindo do princípio de que cada época possui formas compartilhadas de ler um texto, as quais dão sentido às

ações individuais, e que esses processos produzem historicamente um sentido e diferenciadamente um significado, nos apropriamos dos escritos da Imprensa Negra sobre o tema esporte.

Tomei como fonte os jornais daquele contexto microfilmados na Biblioteca Nacional. Na direção de Schwarcz (2001), também tomo os jornais como “pedaços de significação” capazes de reconstituir as várias visões da condição negra: “neste sentido os jornais são aqui entendidos, primeiramente, como ‘produto social’, isto é, como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas” (p. 15). As notícias, os fatos selecionados devem ser interpretados como

situações plenas de significação, sendo nesse sentido mais relevante apreender como se produziram, difundiram e repercutiram às vezes diversas interpretações de um mesmo fato do que buscar uma concepção única, onde se operaria uma síntese empobrecedora das diferentes visões (*idem*).

Os jornais foram utilizados visando uma interpretação que buscasse captar os sinais subentendidos, e que nos apontasse para a polaridade e contraste existente entre brancos e negros, servindo à interpretação da (re)produção da cultura daquele momento através dos jogos rituais. Li seus enunciados não como meros relatos jornalísticos, mas, antes, tentei captar a “sobrecarga de sentido” (SCHWARCZ, 2001, p. 15), tentando apreender “uma das maneiras como segmentos relevantes da sociedade produziam, refletiam e representavam percepções e valores da época” (*idem*).

Dentre os jornais microfilmados há uma significativa produção acumulada sobre a imprensa negra. Os jornais pesquisados foram aqueles disponibilizados pela Biblioteca Nacional: *A Voz da Raça*, de circulação nacional, referente a março de 1933; *Clarim da Alvorada*, referente a janeiro de 1924; *O Kosmos*, referente a agosto de 1922; *Alviverde*, de abril de 1928; *O Progresso*, também de circulação nacional, de junho de

1928; *O Baluarte*, de janeiro de 1904; *O Meneli*, de outubro de 1915; *A Rua*, de fevereiro de 1916; *O Xanter*, de maio de 1916; *O Alfinete*, de setembro de 1918; *A Liberdade*, de julho de 1919; *A Sentinela*, de outubro de 1920; *Getulino*, de agosto de 1923; *A Elite*, de janeiro de 1924; e, finalmente, *O Patrocínio*, referente a abril de 1928.

No capítulo 2, “A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX”, observamos uma das estratégias utilizadas pelos pretos contra o preconceito de marca: a idealização dos clubes esportivos destinados aos negros da cidade de São Paulo que objetivavam oferecer a prática do futebol e do atletismo aos seus associados naquele contexto.

Um dos pontos altos dessa estratégia foi a idealização e a promoção, ao lado da Liga de Amadores de Futebol, de jogos de futebol intitulados “Preto X Branco”. Essas partidas não oficiais traziam consigo um significado especial na medida em que propiciavam uma leitura dos dramas da integração dos populares – simbolizada pelos “pretos” – num espaço idealizado por uma elite branca. Uma equipe de jogadores pretos jogando uma partida amistosa de futebol contra outra equipe composta por jogadores brancos dramatizava os dilemas identitários presentes naquele período sobre a presença de pretos e brancos numa ordem republicana pós-escravocrata.

Nessa direção, o objetivo do capítulo 3, intitulado “O futebol na construção da identidade nacional: imprensa e os jogos “Preto X Branco”, será analisar os significados dos jogos “Preto X Branco” que eram realizados em São Paulo a cada “13 de maio” das primeiras décadas do século XX, a fim de entendermos as reminiscências das representações construídas sobre a “raça negra” no espaço do futebol.

Além dos jornais da imprensa negra, adicionei para análise nesse capítulo os jornais da imprensa convencional de São Paulo microfilmados e disponibilizados pela Biblioteca Nacional, na tentativa de apreender os significados desses jogos. Os jornais

consultados foram: *O Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã*, durante os anos de 1927 até 1931, 1938 e 1939. Realizei leitura dos microfilmes entre os dias 10 e 14 de maio de cada um desses anos, a fim de apreender a divulgação, a promoção e a repercussão do jogo. Não me limitei às textualidades escritas, mas também à iconografia, que permitiu uma maior aproximação com aquele período.

Inspirado em DaMatta (1990), tomei o caminho de estudar o ritual como uma dramatização de certos elementos, valores, ideologias e relações de uma sociedade. E aplico essa perspectiva a alguns rituais básicos da sociedade brasileira. No livro *Carnaval, malandros e heróis*, DaMatta (1990) toma o carnaval como um desses rituais. O ritual que escolhi foram os jogos do “Preto X Branco”. Tais significados foram captados por diversas fontes: tanto pelas páginas da imprensa quanto pelas oralidades e pelas diversas mídias que se ocuparam de determinadas partidas de futebol que foram realizadas no início do século XX.

Na cidade de São Paulo, mais especificamente no bairro de São João Clímaco, ocorre há 37 anos, em um dos domingos que antecedem ao Natal, jogos de futebol de equipes compostas por jogadores que se autodeclaram “brancos” contra outras de jogadores que se autodeclaram “pretos”. Esse “encontro entre amigos Preto X Branco”, que contém todos os ingredientes do “futebol de várzea”, oferece um cenário privilegiado de observação dos preconceitos enraizados, mas muitas vezes não explicitados, sobre os pretos, revelando os dramas relativos ao racismo. Entender como o preconceito de marca e a ambiguidade do “racismo à brasileira” se manifestam através desses jogos é o objetivo do capítulo 4, intitulado “Os jogos ‘Preto X Branco’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol”.

CAPÍTULO 1

O “RACISMO À BRASILEIRA” E AS TENSÕES NO FUTEBOL PAULISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

O objetivo deste capítulo é interpretar as tensões presentes na implantação do futebol em São Paulo à luz da discussão sobre o “racismo à brasileira”.

Nos primórdios do futebol paulista ocorreu uma cisão: em 1913, o Clube Paulistano, incomodado com a participação de jogadores de classes sociais mais baixas e de cor negra que passaram a frequentar o espaço elitista do futebol, rompeu com a Liga Paulista e fundou a Associação Paulista de Esportes Atléticos – APEA. Um artigo publicado por um jornal da imprensa negra denunciou, sem citar nomes ou provas, o fato de que jogadores de cor escura eram excluídos dos “matches representativos” de São Paulo.

Para compreendermos essa trama, nos enveredamos pelas páginas do livro *a História do futebol no Brasil, 1894 – 1950*. Publicado pelo jornalista paulista Tomaz Mazzoni, em 1950, esse livro, que se intitula a principal referência sobre o surgimento do futebol em um dos principais centros econômicos do Brasil, dedicou parte da sua atenção para as tensões que estavam colocadas em torno da incorporação dos “homens de cor” pelo futebol paulista durante as primeiras décadas do século XX. Além dessa obra, que pode ser considerada um clássico da historiografia do futebol brasileiro, acompanhamos o drama da apropriação popular de um espaço elitista através da história do Campeonato Paulista de Futebol, cujos 95 anos foram reunidos em um livro publicado pelos jornalistas Valmir Storti e André Fontenelle (1997).

Na introdução de seu livro, Tomaz Mazzoni (1950) diz:

a história do futebol brasileiro, que iremos ler, foi possível tão somente a 30 anos de arquivo por nós organizado, onde reunimos todos os documentos possíveis e necessários. [...] não se trata, pois, de nenhuma história pelo método “ouvimos dizer”, ou “nos contaram assim assado”. [...] Nossa preocupação foi a de reunir, nessa obra, antes de mais nada, *os maiores dados possíveis acerca dos fatos principais, de importância estritamente nacional. Fatos e episódios de maior vulto, como interesse geral.* [...] Por história devemos ter presente, em primeiro lugar, a participação do Brasil nos campeonatos internacionais, os jogos de clubes estrangeiros, etc.; a implantação do futebol nos principais Estados, a fundação dos clubes de maior projeção nacional, *os episódios e ocorrências que tiveram repercussão, interesse e movimento na vida do futebol no país.* Foi esse o critério que escolhemos, para escrever a história, não prejudicando, antes de mais nada, os maiores detalhes e feitos, os de maior interesse nacional, quase sempre por obra do futebol de São Paulo e Rio (MAZZONI, 1950, p. 13 – o itálico é nosso).

A aproximação com essas fontes nos mostrou que o debate sobre a entrada das camadas populares, especialmente dos “homens de cor”, em um espaço idealizado para e pela elite se configurou um dos episódios mais significativos nos primórdios do futebol em São Paulo. Essa tensão está presente nas páginas do livro de Tomaz Mazzoni (1950) e de outro que, muitas vezes tomando o próprio Mazzoni como fonte, rememora esse imbróglio na história daquele que é “o mais tradicional torneio de futebol do país” (STORTI; FONTENELE, 1997, s/p).

O próximo item se ocupará de analisar a tensão em torno da denúncia dessa exclusão que operava contra jogadores negros, relacionando-a ao debate sobre o racismo no Brasil, tendo como ponto de partida um artigo produzido pela imprensa negra.

A imprensa negra e a discussão sobre o racismo no país da “democracia racial”

Durante a primeira metade do século XX o Brasil cultivou com muito sucesso uma imagem sobre si mesmo na qual ele se via como a primeira “democracia racial” do

mundo, uma terra em que negros e brancos conviviam harmonicamente sob condições de quase completa igualdade (ANDREWS, 1998).

Tendo como efeito a elaboração do mito identitário da democracia racial, a ênfase na apologia da miscigenação é um indicador a favor da tolerância racial que supostamente teria reinado no Brasil, como lembrou Hasenbalg (1996): “parece possível afirmar que nenhum outro país latino-americano construiu um dogma tão elaborado como o da democracia racial brasileira” (p. 237). Reside aí uma dissonância entre esse discurso distintivo sobre a nação brasileira e as idiossincrasias internamente construídas sobre as formas de representar a “raça negra” na cultura brasileira.

Guimarães (2004) salienta que “a internalização e regionalização do campo são importantes para se entender como um só objeto – as relações raciais – foi construído e interpretado a partir de valores, interesses e pontos de vista bastante díspares” (p. 19). Nessa direção, podemos acompanhar Schwarcz (2003) e dizer que a discussão intelectual sobre a questão racial no Brasil oscilou entre dois pólos: as interpretações de Gilberto Freyre e as de Florestan Fernandes.

O primeiro substituiu a noção biológica de raça pela noção de cultura, enquanto expressão material e simbólica do *ethos* de um povo, promovendo uma verdadeira revolução ideológica no Brasil moderno ao encontrar na alma nacional a velha, colonial e mestiça “cultura luso-brasileira” nordestina²⁸. Esse *ethos* logo ganhou, em seus escritos políticos, a partir de 1937, o nome de “democracia social e étnica”, em oposição à democracia política da América do Norte e dos ingleses. Freyre fincou os pilares da identidade do Brasil com a “argamassa” da “democracia racial”. No limite, tal ideologia

²⁸ Gilberto Freyre respondia também ao desafio regional brasileiro. É que, no começo dos anos 1920, a revolução modernista inventara o primitivo brasileiro, o popular, sob a influência das emoções trazidas pelos novíssimos espetáculos de massa europeus e de seu gosto pelo exótico. O modernismo artístico desembarcou no Brasil pelo porto de Santos e fora gulosa e rapidamente consumido pelas vanguardas intelectuais paulistas, em busca, a um só tempo, de autenticidade e de sintonia com a Europa.

mantinha a opinião de que a raça e a cor da pele não eram limitadoras das relações sociais no Brasil (SCHWARCZ, 2003).

Se a democracia racial teve uma grande eficácia simbólica no passado e, em certa medida, ainda sobrevive no presente, não podemos pensar que no plano cultural e intelectual tal ideologia foi consenso absoluto. A construção dessa imagem positiva do país, em termos étnicos, fez com que as pesquisas financiadas pela Unesco sobre relações raciais no Brasil viessem carregadas de expectativas de revelação do “segredo” do convívio harmonioso na sociedade brasileira. Contrariando as expectativas iniciais, estudiosos²⁹ da Universidade de São Paulo (USP) nomearam de forma contundente as falácias desse mito: “ao invés da democracia, destacavam-se as marcas da discriminação” (SCHWARCZ, 2001, p. 33).

Florestan Fernandes promoveu uma virada argumentativa sobre a interpretação das relações raciais e do racismo no Brasil quando, juntamente com outros estudiosos, questionou as bases da democracia racial e descobriu que o adjetivo sob o qual repousa a identidade nacional é, de fato, uma falácia, e que as desigualdades de classe entre negros e brancos se perpetuavam graças ao preconceito que mantinha os primeiros numa posição inferior dentro da estrutura de classes. Haveria um descompasso entre os valores da ordem escravocrata e as relações sociais da ordem competitiva em formação. Fernandes e sua geração acreditavam que o preconceito não só existia no Brasil, como, de certo modo, impedia que a nova ordem competitiva se desenvolvesse em sua plenitude.

No Brasil, diziam os estudiosos, existe racismo, sim, e essa prática seria, inclusive, generalizada na sociedade brasileira, embora atribuíssem à escravidão e a seus efeitos sociais a dificuldade dos negros competirem com os brancos: “o racismo

²⁹ Florestan Fernandes, C. Wagley, Thales de Azevedo, René Ribeiro, Costa Pinto, Roger Bastide, Oracy Nogueira.

adquirira um novo sentido desde a abolição e continuaria a servir aos interesses materiais e simbólicos dos grupos dominantes brancos que desqualificavam os concorrentes não-brancos” (TELLES, 2003, p. 76). Tais estudos revelaram que o racismo no Brasil constitui um modo de exclusão estruturado sobre as relações de desigualdade, cujas causas advêm de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, distribuídos em nível local, regional e nacional. É um fenômeno objetivo que reflete a dominação social de uns sobre outros expressando os dramas da hierarquização numa ordem liberal.

É importante dizer que essa interpretação de racismo só foi feita em meados do século XX por esses estudiosos. Todavia, para tal finalidade era necessário que o racismo se manifestasse de alguma forma e em algum determinado momento. Nosso olhar está remetido aos primeiros anos do século XX e vê a denúncia desse tipo de preconceito que se desenvolveu na cultura brasileira e algumas das bases do mito da democracia racial nas páginas de um jornal da imprensa negra de São Paulo.

Em um texto publicado em 1924, em sincronia com o discurso nacionalista embebido de conteúdo simbólico que colocava a mestiçagem como traço distintivo da cultura e sociedade brasileira, os significados sobre a mestiçagem no Brasil e as denúncias desse tipo específico de preconceito ecoaram nas páginas da imprensa negra. Abílio Rodrigues, presidente do jornal *O Kosmos*, redigiu um artigo intitulado “Preto e Branco” e o publicou no jornal, que era um instrumento de divulgação de um clube social da elite negra. Adjetivando como “um delírio” (ANDREWS, 1998, p. 215) as interpretações de Robert S. Abott, editor do jornal afro-americano *The Chicago Defender* e líder negro de Chicago, Rodrigues se preocupou em resgatar e apresentar um texto do jornal carioca *A Pátria*, de autoria de José do Patrocínio Filho, filho de José Carlos do Patrocínio – um mulato que se tornou uma das figuras mais destacadas do

movimento abolicionista e republicano daquele contexto. O texto de José do Patrocínio Filho contestava uma das conferências de Robert S. Abott sobre as relações raciais na cultura brasileira.

Abott proferiu uma série de conferências no Rio e em São Paulo nas quais comparou as situações raciais nos Estados Unidos e no Brasil. Em uma delas, em janeiro de 1923, realizada no Teatro Trianon, no Rio de Janeiro, suscitou muitos debates ao declarar a ausência de preconceito racial no Brasil com a experiência da democracia racial vigente na nação. Vários de seus ouvintes divergiram da sua opinião. “Affirmar que não existe preconceito no Brasil é como negar a derrota da Alemanha... Isso do Dr. Abbot vir nos falar da situação do negro no Brasil foi o mesmo que ensinar o Padre-nosso ao Vigário!” (ANDREWS, 1998, p. 215).

Sobre elas posicionou-se José do Patrocínio Filho:

foi infinitamente lisonjeira a intenção do Dr. Abbot, estabelecendo um favorável confronto entre a sua e a nossa pátria.

Mas as palavras que deviam ser ouvidas pelos pretos do Brasil, não aquelas tão eloquentemente proferidas pelo “leader”, deviam ser outras mais verdadeiras. Essa igualdade existente entre os pretos daqui eh— phantastica — puramente phantastica.

Nota-se se em toda carreira da vida, que o preto carece de um esforço triplo para chegar conseguir uma posição melhor. Não se lhe tolera a mediocridade e o seu valor é alegado a cada passo e na vontade de extingui-lo, foi o desamparo que lhe coube em partilha, desde que há trinta e quatro anos, deu-se-lhe, por misericórdia, a liberdade!

O Dr. Abbot acredita “nos princípios estabelecidos pela igualdade humana”, certamente pela illusão que teve ao deparar a primeira vista, com o contacto entre o preto e o branco em todos os actos sociaes, mas só na apparencia, porque particularmente o preto daqui, não passa do que deve ser e chegar a ser. Os dados colhidos pelo Dr. Abbot produzirá aos pretos de Norte America, um signal de evidente alegria, mas para os do Brasil, será a verdadeira decepção da tristeza; conservando-os n’essa illusão de igualdade, em que perdura o desprezo e todos os feitos apontados como inuteis e tolerados. [...]

A raça negra, que fôra sob o azorrague, a fonte mais fecunda de grandeza e da propriedade deste país, tornou-se inútil, se não nociva ao Brasil.

Resignada ao desprezo piedoso do branco, que lhe faz crer que a luta de raça não existe entre nós, nunca mais produziu um Visconde de Jequitinhonha, nem um Rebouças, nem um Cotejipe, nem um Tobias Barreto.

Infelizmente há quem esconda a sua origem negra como approbio. Por que?

Há corporações em que se impede que o negro suba aos postos de destaque e de comando. Por que? Se alguém allude ao caldeamento de sangue, que é a característica ethnica do Brasil, e à mestiçagem com que ingressamos na civilização, ergue-se logo um clamor contra esse ultraje. Por que? O snr. Eloy de Souza é uma excepção singular no Congresso Nacional. Por que? Ao snr. Juliano Moreira, e ao snr. Evaristo de Moraes, as portas da sociedade só se abrem a contra posto, constrangido pelo seu insuperável valor mental. Por que?

Foi excluído da fundação da Academia de Letras, Cruz e Souza, chefe da escola que renovava a poesia brasileira. **Atualmente na liga Metropolitana de Foot-Ball, os jogadores de cor escura são excluídos dos matches representativos.**

A cada passo deparamos com o preconceito que exclue, que humilha, que esmaga o homem de cor.

E nós continuamos minados pela illusão de que “a verdadeira democracia é a brasileira, porque ella repousa sobre os princípios estabelecidos pela egualdade humana” (*O Kosmos*, 18/04/1923, ano I, n. 1, p. 1 – grifo nosso).

Citando evidências de discriminação sistemática contra negros que procuravam emprego no Brasil, Abílio Rodrigues declarou que o líder americano ficou iludido com a presença de alguns pretos e pardos nos escalões mais altos da vida nacional e disse que afro-brasileiros de talentos mais modestos eram consistentemente marginalizados e discriminados, como aconteceu com o próprio Abbot quando chegou a São Paulo. Rodrigues relatou que o editor havia reservado um quarto no Palace Hotel, mas quando chegou foi informado de que o quarto já estava ocupado. Abbot teria experimentado o gosto desse racismo dissimulado e do tratamento padrão dispensado aos negros nos hotéis da cidade (ANDREWS, 1998).

Abílio Rodrigues finaliza o seu artigo questionando o mito da democracia racial brasileira:

Eis, em resumo, o artigo de José do Patrocínio Filho, que graças a benevolencia de um amigo pude ler porque em outra circunstancia passaria despercebido, como certamente passou a maior parte dos pretos do Brasil.

O que lamento deveras, depois do ilustre conferencista ter chegado a nossa Paulicéia e tomar aposentos num dos nossos hotéis, o “Palace Hotel”, de volta de um passeio, foi convidado pelo proprietário não mais continuar como hospede, porque o quarto já tinha sido tomado por outro. Por que? Devido achar-se hospedado no mesmo hotel, alguns norte americanos brancos, que impuseram ao dono despedir o hospede preto.

Até aqui, em terra estranha, querem fazer valer o velho preconceito existente em Norte America. Porém, qual foi a atitude do proprietário do hotel como brasileiro? Foi em atender o pedido feito pelos hospedes norte americanos. É essa a igualdade apontada como padrão da verdadeira democracia brasileira?... (*O Kosmos*, 18/04/1923, ano I, n. 1, p. 1)

Abílio Rodrigues resgatou esse artigo do jornal *A Pátria*, de autoria do filho de um dos personagens que mais expunha as feridas do racismo no Brasil. A reprodução desse artigo – contestando o líder norte-americano que acreditava na premissa de que “a verdadeira democracia era a brasileira porque ela repousava sobre os princípios estabelecidos pela igualdade humana” – em um jornal da imprensa negra de São Paulo era uma forma de denunciar o modo e os espaços em que o racismo era vivenciado no Brasil.

Abott elogiou a experiência da democracia brasileira comparando-a com a negativa experiência racial norte-americana, onde a abolição foi consequência de uma sangrenta guerra civil que deixou como legado a convivência conflituosa entre negros e brancos, formalmente segregados pela lei Jim Crow. A experiência do racismo praticado nos Estados Unidos servia de comparação para que os intelectuais brasileiros refletissem sobre a realidade racial brasileira e concluíssem que o seu país nunca havia vivido a experiência da segregação formalizada (SKIDMORE, 1994).

Construída em comparação à experiência racial norte-americana, a democracia racial brasileira é positivada com base na representação de uma escravidão benigna, extinta de forma “harmoniosa”. Na comparação entre os dois países, surge o discurso de que a nação brasileira seria civilizada perante os Estados Unidos. Diferentemente de lá,

aqui a convivência entre negros e brancos teria criado uma “unidade de opostos”, nas vozes de Gilberto Freyre (TELLES, 2003).

Enquanto outras nações adotaram estratégias jurídicas para que a discriminação fosse amparada pela lei, no Brasil, desde a abolição da escravidão, em 1888, até a Proclamação da República, em 1889, afirmou-se a universalidade dos direitos entre os cidadãos brasileiros. Com apenas dois artigos³⁰, sem uma preocupação legal em realocar o contingente excessivo de mão de obra, após 350 anos de escravidão no Brasil, o negro se viu livre e equiparado com o branco em termos de igualdade civil³¹. Se, por um lado, podemos dizer que a abolição da escravidão no Brasil não foi acompanhada de políticas de reparação de desigualdades que historicamente distanciavam brancos e pretos na cultura brasileira, por outro, a ausência de leis objetivas que reprimissem a dominação racial incentivou a permissibilidade das relações entre os diferentes cidadãos que coabitavam na sociedade brasileira.

Com efeito, um dos traços distintivos da identidade brasileira foi a maneira como o discurso da ausência de segregação racial foi internalizado no plano dos significados dessa cultura. Esse discurso, que afirmava que o legado da civilização brasileira para o mundo seria a mestiçagem e uma cultura desprovida de preconceito racial, foi duramente criticado por um jornalista da causa negra. O texto de Patrocínio Filho, resgatado por Abílio Rodrigues, trouxe à tona a experiência local daquilo que o estrangeiro vê como o valoroso e o diferencial do Brasil perante os outros países que viveram a escravidão. Abott via o Brasil com as lentes da experiência norte-americana e, por não viver a experiência local, exceto na situação em que foi preterido no hotel,

³⁰ Lein.º 3.353, de 13 de maio de 1888, declara extinta a escravidão no Brasil. A Princesa Imperial Regente, em nome de sua Majestade o Imperador, senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou em lei:

Art 1º - é declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art 2º - revogam-se as disposições ao contrário (*apud* NEVES, 2001, p. 131).

³¹ A transição brasileira da escravidão para o trabalho livre fez muito pouco (ou nada) para mudar as relações entre brancos e negros. Recém-libertos, os últimos foram virtualmente excluídos da economia formal, restando-lhes os trabalhos precários.

não conseguia enxergar que aqui, assim como lá, também há racismo, ainda que muito diferente da forma segregacionista praticada nos Estados Unidos.

Se durante a ordem escravista a elite brasileira poderia justificar a hierarquia a partir do próprio sistema, após a abolição a hierarquização entre os diferentes cidadãos que compunham a sociedade brasileira passou a ser amparada por outros valores. No seu artigo, Patrocínio Filho denunciava essa forma de hierarquização construída após o “13 de maio”, quando passou a se desenvolver um tipo específico de preconceito.

Além disso, Patrocínio Filho também não concordava com a igualdade que o americano dizia enxergar no Brasil e denunciava, além do “racismo à brasileira”, a forma como a “verdadeira democracia racial” era praticada. Podemos dizer que o líder negro estava expondo as feridas da realidade sob a qual viviam os pretos locais. O brasileiro denunciava a crença de que no Brasil não há racismo; o racismo operava de fato – como até hoje –, de uma forma específica, invisível, silenciosa, dissimulada, mantendo os cidadãos brasileiros reconhecidos como pretos distantes dos postos de maior prestígio e de espaços considerados privilegiados. Patrocínio Filho desconfiava da suposta “democracia racial” que, segundo o discurso oficial, seria um traço distintivo da nação brasileira perante as demais. Para ele, seria justamente por acreditar na ilusão dessa democracia que o negro não se mobilizava, não contestava o racismo e, ao não fazê-lo, acabava por perpetuá-lo.

Por fim, podemos entrever que o texto de Abílio Rodrigues não se limitou a expor o racismo à brasileira. O texto denunciava o fato de os pretos serem excluídos de alguns espaços das artes, da literatura e dos esportes. Compreender como a forma de exclusão operava nesse último é do que nos ocuparemos daqui para frente.

O preconceito à brasileira e as tensões no futebol de São Paulo

A questão é que essa atividade que surgiu no Brasil a partir de um espaço idealizado e destinado ao lazer das classes mais abastadas começava a ser frequentada pelos populares. Era necessário reorganizar o “campo” e estabelecer as fronteiras da ocupação desse espaço que deixaria de ser amador e elitista para se tornar profissionalizado e popular, e que começava a constituir um atraente mercado laboral para as camadas populares, beneficiadas com a concorrência entre os clubes e a debandada dos jovens bem nascidos (DAMO, 2007).

Damo salienta ainda, acompanhando os trabalhos de Dunning e Sheard, que a resistência à remuneração no esporte decorria menos de uma questão moral, própria de um *ethos* amador, e mais de uma estratégia para manter os membros das classes trabalhadoras afastados de certos circuitos de sociabilidade. Essa resistência era uma espécie de fronteira simbólica que os trabalhadores que estivessem interessados em aderir a determinado esporte deveriam transpor. Os clubes eram espaços frequentados por pessoas de *status* equiparados e onde ocorria parte importante da sociabilidade das classes altas, ou seja, “era um lugar de sociabilidade entre iguais” (*idem*, p. 74).

Silva (2008) diz que ainda que o futebol fosse um esporte popular nas primeiras décadas do século XX, vigorava nele uma distinção em termos de classe e cor, no momento da participação mais ativa dos negros neste esporte. Os *sportmen*, geralmente bem nascidos, eram aqueles que defendiam os clubes e a seleção brasileira em confrontos com times estrangeiros, e eram considerados amadores.

Certos times, oriundos do interior dos clubes, surgiram com a finalidade de representá-los contra outras instituições do gênero e tornaram-se objeto de admiração, despertando o interesse de um público diferente daquele que originalmente frequentava

aquele espaço. Isso incomodava aos associados, que passaram a ver aquele espaço de sociabilidade frequentado por pessoas estranhas. Nesse caso, não havia solução amena: “ou limitava-se os esportes mais populares, caso do futebol, sobretudo, ou mudava-se de clube” (DAMO, 2007, p. 74).

A popularização do futebol no Brasil ocorreu num contexto muito próximo da abolição da escravidão, quando se formalizou a igualdade jurídica entre os cidadãos brasileiros, a implantação do capitalismo tardio no Brasil e a República. Lembremos que o esporte reatualiza valores capitalistas e liberais clássicos, como o “individualismo” e o “igualitarismo”, e que numa sociedade supostamente meritocrática, individualizada e democrática, cada homem deveria ser tratado de acordo com seus méritos individuais. Esses valores, caros ao liberalismo moderno, podiam ser vivenciados através do futebol, como lembra Leite Lopes (1982):

o futebol aparece como um universo idealizado de justiça social em que vencem os mais corajosos e os mais talentosos, uma meritocracia cujos critérios de justiça são implicitamente generalizados ao conjunto da sociedade. O futebol que pode servir num primeiro momento de linguagem de mobilização pode servir numa segunda acepção de linguagem de negociação entre as classes (LEITE LOPES, 1982, p. 78).

Com o advento da modernidade, as elites brasileiras passaram a reforçar o controle em eventos sociais que objetivavam manter as marcas sociais elitistas sólidas e intransponíveis. Algumas práticas de lazer, como o futebol, assumiam uma postura ambígua: ao mesmo tempo em que aproximavam as camadas populares, que passavam a ter brechas e possibilidades através do esporte, contribuía para a manutenção dos vínculos da elite. Naquele Brasil republicano, as identidades passaram a ser reconfiguradas devido à presença maciça dos negros nas camadas populares:

o sentido de liberdade proposto pela abolição acabou gerando vários significados e, conseqüentemente, várias formas de inscrição social que

tinham como critérios cor, raça e classe. Naquele contexto tais critérios acabaram produzindo novas formas, simbólicas e formais, de acesso à cidadania. O futebol é, neste caso, um bom exemplo de acesso a tais valores (SANTOS, 2008, p. 137).

De acordo com Sevcenko (1982), um dos aspectos mais prodigiosos da história do futebol foi a extraordinária rapidez com a qual ele se expandiu entre as massas, especialmente no contexto das cidades industriais. Trazido por trabalhadores e funcionários ingleses, o futebol se difundiu na capital paulista por dois caminhos. Um deles foi o dos trabalhadores das estradas de ferro, que deu origem aos times de várzea. Alagáveis e de pouco valor econômico nas margens dos rios urbanos e suburbanos, os campos de várzea se concentravam, em geral, nos bairros operários, tornando-se áreas propícias à proliferação dos campos e times improvisados com amadores nos fins de semana. Nesses espaços, treinavam intensamente os jovens obstinados que sonhavam com a carreira, a consagração e a glória.

Apropriado pelas camadas médias e subalternas, o futebol alastrava-se pelos subúrbios e tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais e proletários (FRANCO JR., 2007). Observemos o que diz um jornal da época:

o futebol é o único esporte no Brasil que conseguiu uma verdadeira legião de cadetes. Envadiu todas as classes: pobres, ricos, pretos e brancos têm verdadeira paixão pelo 'association'. Não há quem ainda não desse o seu chute (mesmo porque a vida é uma bola... (*O Clarim da Alvorada*, jan/1932, p. 3).

Mazzoni (1950) traz considerações sobre o futebol varzeano naquele livro que se pretende uma das principais versões sobre a história oficial do futebol brasileiro:

O pequeno futebol, os clubes dos bairros nasceram, pode-se dizer, quase que ao mesmo tempo do chamado futebol da Chácara dos Ingleses, do

Velódromo e do Parque Antarctica, onde começaram a tomar impulso os clubes principais.

A semente da popularidade do futebol brotou logo prodigiosamente. O exemplo dos estudantes e dos moços ricos do Mackenzie, Paulistano, etc., não deixou indiferente os rapazes operários dos bairros e daí surgiram pequenos clubes em pouco tempo.

Assim, se consultarmos, por jornais de 1903, leremos em duas ou três linhas que ‘estão combinados para hoje alguns matches de football’ [...]. Isso em 1903! Há 47 anos!

Eis, pois, como um documento insofismável que o pequeno futebol é tão velho quanto o “outro”. Mas, os seus primeiros tempos foram destruídos pela poeira do esquecimento. Pequenina, aliás, foi essa árvore até mais ou menos 1908. Foi então que se impôs a várzea. Sim, a verdadeira história do nosso futebol dos bairros nasceu quando os clubes acabaram se agrupando na Várzea do Carmo, dando uma feição de campeonato aos seus encontros domingueiros. Várzea, então, passou a ser o... prefixo do futebol modesto, pequeno. Eis a origem da Várzea. É que os pequenos clubes, que naquela época já eram numerosos, começaram a incentivar suas atividades nos vários campos da Várzea do Carmo, como era chamado aquele terreno inculto, onde hoje surge formoso Parque D. Pedro II. Várzea, depois, foi chamado todo e qualquer campo onde surgisse um pequeno clube.

O nome de Várzea, pois, teve sua origem no agrupamento dos clubes naquele... mato que era a vasta zona do Carmo, lá para 1909-1910. O sinônimo “varzeano” ficou para sempre. Aos domingos, nos vários campos improvisados, era um suceder-se interminável de partidas (MAZZONI, 1950, p. 77).

O texto de Mazzoni relata o desenvolvimento de uma das vias do futebol em São Paulo – o futebol de Várzea – ou o “pequeno futebol”. O “outro” futebol teria se desenvolvido pela via dos clubes. Intimamente relacionado com o processo de modernização das cidades e essencialmente ligado aos valores da sociedade em geral, o futebol se radicou no Brasil na esteira de transformações sociais e políticas – fim da escravidão e a inserção de novos modelos socioculturais europeus – que estavam em vigor na passagem do século XIX para o XX.

Naquele contexto, o papel dos clubes sociais/esportivos foi de fundamental importância porque, diretamente relacionados ao lazer dos jovens da elite brasileira, eles surgiam no Brasil com o objetivo de promover diversas práticas esportivas, as quais configuravam uma forma de distinção e sociabilidade naquela sociedade recentemente

republicana. A tensão começou a ocorrer quando as vias do desenvolvimento do futebol – no proletariado e na elite – começaram a convergir.

Era o momento da criação dos grandes clubes paulistanos na virada do século XIX para o XX. Em 1902, representantes do C. A. Paulistano, Internacional, Germânia, Mackenzie e São Paulo Athlétic foram os pioneiros a organizar a Liga Paulista de Football e a tomar as medidas relativas à idealização do primeiro Campeonato Paulista de Futebol. Essas ligas, para Franco Jr. (2007), agregavam os clubes de elite e obedeciam à lógica daqueles que se identificavam como legítimos herdeiros do futebol inglês.

O primeiro Campeonato Paulista considerado por Storti e Fontenelle (1997) data do ano de 1902. Esse primeiro campeonato foi disputado de maio a outubro, para evitar os meses de mais calor. Os jogos eram disputados em três locais: no Parque Antártica, onde o Germania arrendara o campo, na chácara Dulley e no Velódromo, estádio da rua Consolação onde na época eram disputadas provas de ciclismo (STORTI; FONTENELLE, 1997).

Mazzoni (1950) entende que a fase de infância do futebol brasileiro se encerrou em 1912. Em 1913 começaria a fase da juventude: “Tudo crescia, tudo se desenvolvia, o ‘association’ nacional já era moço. O ano de 1913 iria ser movimentadíssimo, cheio de iniciativas, novos craques revelavam a nova geração, [...] e, ademais, o futebol brasileiro tinha em São Paulo a sua primeira grande cisão, surgindo a APEA” (MAZZONI, 1950, p. 85). O acontecimento referido em 1913 teria sido a fundação da Associação Paulista de Esportes Atléticos – APEA – que cindiu com a Liga Paulista, que começava a ser frequentada pelo proletariado.

Franco Jr. (2007) entende que a entrada de clubes e jogadores de origem popular nas ligas amadoras significou a participação de setores subalternos num espaço

reservado às elites brasileiras. De certo modo, “pode-se pensar que o futebol tornou-se um dos primeiros e mais significativos exemplos de incorporação desses setores numa sociedade caracterizada pela cidadania restritiva e por marcantes diferenças sociais” (FRANCO JR. 2007, p. 66).

Eis como Mazonni (1950) relata a origem do dissídio:

[...E]sse e outros incidentes deploráveis, que se tornaram comuns, originaram a formação de dois partidos no seio da liga: um, era favorável à seleção rigorosa, quer dizer, exigia que os quadros fossem constituídos de rapazes delicados e distintos; outros achavam que semelhante exclusivismo não era esportivo, porque tanto o rico como o pobre tinham direito de jogar.

Com quem estava a razão? Verdade, com nenhum dos dois partidos. A seleção rigorosa, tal como a preconizavam, era um absurdo, porque um operário, desde que tenha educação, sabe se portar tão bem como um rapaz de elite. Por outro lado, a corrente contrária igualmente exagerava, porque dar, como desejava, ampla liberdade a todos, representava perigo: os maus elementos, que há em todas as classes, é certo, mas que são mais numerosos entre o proletariado, se confundiriam com os demais e dessa confusão, evidentemente, o futebol nada teria a lucrar. Os partidários da porta franca a gregos e troianos argumentam ainda que, na Grã-Bretanha, fazem parte das ligas de primeira ordem entidades compostas de operários. Esse argumento não podia ter valor algum, pois, nesse país, os operários recebem instrução desde a mais tenra idade, o que não acontece entre nós.

Os homens, entretanto, nunca chegaram a acordo satisfatório. Sendo assim, a cisão no seio da Liga Paulista de Futebol era fatal. Faltava um pretexto (MAZZONI, 1950, p. 85).

O pretexto anunciado por Mazzoni nada tem a ver com questões raciais, e sim com um imbróglio em função de “uma desinteligência entre a Liga Paulista e o Paulistano em função do campo” (*idem*). O pretexto que deflagrou essa tensão que é parte da historiografia do Campeonato Paulista foi explicitado por Storti e Fontenelle (1997) no capítulo “Popularização divide o futebol”. O ano de 1913 foi descrito da seguinte maneira pelos autores:

O ano foi marcado pela primeira cisão do futebol paulista, com a fundação da Associação Paulista de Esportes Atléticos. O pretexto para a criação da nova liga foi banal, mas sua razão verdadeira era mais profunda.

Com a popularização do futebol, os clubes de elite começaram a se queixar da queda do nível dos jogadores e dos torcedores. Essa era, afirmavam, a origem dos freqüentes tumultos que ocorriam durante os jogos.

A entrada de dois times “populares” no campeonato, o Ypiranga, em 1910, e, três anos depois, o Corinthians, em nada contribuíram para agradar essa elite.

“Achamos muito justo que os operários, os humildes, participem das refregas, mas os operários e os humildes que compreendam os seus deveres de ‘sportmen’”, escrevia, ainda em 1918, o cronista Antonio Figueiredo, de “O Estado de S. Paulo”.

O estopim da cisão foi uma controvérsia quanto ao estádio que abrigaria os jogos do campeonato. Até então, o Paulistano cobrava 200 mil réis pelo jogo pelo aluguel do Velódromo. O Germânia ofereceu à Liga alugar o Parque Antártica por 200 mil réis mensais. A Liga aceitou.

Assim, o campeonato iniciou com a vitória do Ypiranga sobre o Internacional por 4 a 1.

No domingo seguinte, chegou a vez de Paulistano e Americano se enfrentarem. O Paulistano insistia que o jogo estava marcado para o Velódromo e não compareceu ao Parque Antártica. O Americano ganhou os pontos.

O Paulistano anunciou que se retirava da Liga e não demorou a cooptar o Mackenzie e o Palmeiras. Este se retirara da Liga em 1911. Em 22 de abril, representantes dos clubes fundaram a Apea.

O primeiro campeonato da liga ‘de elite’ teve apenas esses três clubes.

Sem adversários, o Americano se impôs facilmente no campeonato da LPF, enquanto o Paulistano conquistava o título da Apea e a Taça Jockey Club. Embora com apenas três clubes, o campeonato da Apea, mais elitista, teve maior cobertura da imprensa paulistana. A Apea começava a vencer a batalha, mas perderia a guerra da elitização do futebol (STORTI; FONTENELLE, 1997, s/p).

Contudo, a despeito desse pretexto, Mazzoni denuncia que a causa da cisão teria sido um recrudescimento das práticas de distinção cujo pano de fundo era a disputa de classes, e por meio da qual podemos entrever a especificidade do preconceito que existe entre nós: um “preconceito de classe”, ou de “marca”, cuja principal característica seria a ambiguidade fundada pela coexistência tanto de marcadores fenotípicos (cor dos olhos, formato do nariz e lábios, textura dos cabelos) quanto sociais (domínio de linguagem, etiquetas, comportamento e educação).

Temendo arranhar o prestígio desses clubes que passariam a ser frequentados por pessoas de uma condição social diferente daquela dos seus idealizadores, a leitura

que podemos fazer da dissidência da APEA em relação à Liga é que ela foi uma estratégia para manter os valores e a prática do futebol restritos a aqueles que a idealizaram. Por outro lado, um outro grupo, seduzido pelo desempenho dos populares nos campos de futebol, propunha que a Liga fosse permeável à participação dos menos favorecidos economicamente. Contudo, haveria, por assim dizer, uma condição: era necessário que eles respeitassem os códigos estabelecidos pelos valores de uma classe dominante.

Mazzoni (1950) teria captado, com suas descrições em prosa, o drama das relações raciais na cultura brasileira, e se antecipou às conclusões dos trabalhos da escola americana. Estes trabalhos anunciariam, em meados do século XX, que, diferentemente da sociedade norte-americana, onde vigorava um preconceito baseado na ascendência, no Brasil vivia-se a experiência de um preconceito de classe, de cor ou de marca, reconhecido pelo acúmulo de caracteres físicos, sociais e financeiros de um indivíduo. Sua descrição forneceu elementos sobre o modo como se processavam as relações raciais no espaço do futebol brasileiro, iluminando as características desse racismo de dupla face ao revelar as proximidades entre cor, raça e classe social, com ênfase no fato de que, no Brasil, a raça é muito afetada pela estrutura de classe (SILVA, 2001, p. 297).

Boa parte da literatura sobre raça no Brasil aponta para o fato de que a sociedade brasileira desenvolveu uma forma específica de preconceito. Autores da tradição sociológica da Escola de Chicago negavam o conflito étnico no Brasil baseado na linha divisória entre as raças. Segundo essa perspectiva, o preconceito observado no Brasil seria bem mais caracterizado como de “cor” ou de “classe”³², fortemente influenciado

³² “A classe é um grupo de indivíduos que compartilham interesses e destino comuns em razão de sua posição no sistema de posição e da estrutura política”, onde os “interesses em jogo são de ordem político-econômica e são objeto de cálculos racionais por parte dos autores” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 95).

pelas marcas socioculturais de *status*. Tais marcadores serviriam como critérios de diferenciação/ identificação nas diversas relações entre os cidadãos brasileiros: “onde o preconceito é de marca a probabilidade de ascensão social está na razão inversa da intensidade das marcas de que o indivíduo é portador, ficando o preconceito de raça disfarçado com o de classe, com o qual tende a coincidir” (PRAXEDES, 2003, p. 2).

Dialogando com códigos de comportamento que identificam as “classes”, Mazzoni (1950) adjetiva a decisão da APEA em manter o futebol impermeável às camadas populares como “deplorável”, mas salienta que os “populares” deveriam internalizar os códigos de um comportamento “educado” e “civilizado”. Através desses códigos menos observados entre o proletariado podemos ter um bom exemplo daquilo que Oracy Nogueira (1998) chamou de “preconceito de marca”. O acesso aos “populares” seria permitido desde que fosse observada a assimilação de determinadas “regras”, traduzidas como “marcas” de um comportamento ordeiro.

Tomando essas formas de distinção como indício de um racismo silencioso e dissimulado, compreende-se porque, em nenhum momento, a justificativa do dissídio não foi ancorada no “preconceito racial” e sim no “preconceito de classe”. Essa hipótese também foi reforçada por Rosenfeld (1993) quando sugeriu que o rompimento do Clube Paulistano com a associação existente – a Liga Paulista – e a fundação de uma nova liga – a APEA – foram orientados pelo objetivo de fazer uma “seleção rigorosa” que exigia que as equipes fossem compostas por “jovens delicados e finos”. Isso foi interpretado pelo autor como um indicador do tenaz conflito de classes. Enquanto em São Paulo a historiografia do futebol paulista foi descrita pelo jornalista Tomaz Mazzoni, no Rio de Janeiro as tensões presentes no desenvolvimento do futebol foram descritas por um outro jornalista: Mário Filho. Embora tivesse como horizonte o futebol carioca, Mário Filho narra as possibilidades de Joaquim Prado, um jogador negro que atuava em um

clube elitista da capital paulista – o Paulistano –, ser aceito no Fluminense, clube representativo da elite carioca. Conta-nos Mário Filho que, nas primeiras décadas do século XX,

para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família. Se não, ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros. [...]

Não se tratava de só querer branco legítimo. Ninguém no Fluminense pensava em termos de cor, raça. Se Joaquim Prado, *winger-left* do Paulistano, quer dizer, extrema-esquerda, preto, do ramo preto da família Prado, se transferisse para o Rio, seria recebido de braços abertos no Fluminense. Joaquim Prado era preto, mas era de família ilustre, rico, vivia nas melhores rodas.

Era uma espécie de cônsul carioca em São Paulo. Anunciava-se lá uma temporada de um clube daqui, Joaquim Prado, sem ninguém falar nada com ele, tomava as providências. Não esquecia um detalhe, pensava em tudo.

O trabalho do clube daqui era ir, chegar. Consignado a Joaquim Prado. Saltava-se do trem, a primeira visão de São Paulo, boa e amiga, braços estendidos para o abraço, Joaquim Prado. Lá fora, carros esperando. E quartos reservados no hotel. E almoço, e jantares, e passeios. Por isso, quem ia a São Paulo jogar um *match* de futebol, voltava encantado com Joaquim Prado, sem reparar até que ele era preto.

E se reparasse era para gostar mais dele. Um verdadeiro *lord*. Vestia-se bem, admiravelmente bem. Nada de cores berrantes, nem mesmo o contraste do branco com o preto, tão do agrado do homem de cor. O cinza, o preto, o azul-marinho. De noite sempre de preto, de *smocking*. Só jantava, só ia a teatro assim de *smocking*.

Mesmo quem não tivesse levado o *smocking* ficava à vontade junto de Joaquim Prado. Ele fazia tudo como se não tivesse fazendo nada. Também tinha nascido naquele meio, vivia nele. Era o meio do Paulistano. Do Paulistano em São Paulo, do Fluminense no Rio. Porque morava em São Paulo, Joaquim Prado jogava no Paulistano. Se morasse no Rio, jogaria no Fluminense. Escolheria o Fluminense naturalmente. Não só porque era um clube de gente fina, como ele, mas, também, porque era um clube de homens feitos, como ele. De responsabilidade. Joaquim Prado só ficaria bem no Fluminense. (RODRIGUES FILHO, [1964], 2003, p. 36-37).

Mário Filho destaca Joaquim Prado como um dos jogadores pretos que pertenciam à elite e o descreve como um lorde pela educação, pelo bom gosto com o qual se vestia, como se comportava à mesa, pelas posses. A soma desses atributos, que podem ser interpretados como marcas que aproximam o indivíduo de uma classe dominante, o credenciava a fazer parte de um outro clube elitista: o Fluminense.

Esse clube do Rio de Janeiro está presente no Museu do Futebol, em São Paulo, como um modelo de clube elitista. Em julho de 2010, enquanto finalizava o trabalho de campo, tive a oportunidade de visitá-lo.



Arquivo pessoal. Julho/2010

No prospecto do museu (em anexo) pode-se ler que há uma parte destinada às origens do futebol no Brasil, com um vídeo e 410 fotos, logo depois da abolição da escravidão até a profissionalização do futebol e a introdução dos jogadores negros, em 1927.

Uma das fotos (abaixo) colocadas na sala das origens traz a seguinte legenda: “esporte da elite nos seus primórdios, o futebol era para brancos. Por isso, a foto retrata uma cena exótica para a época: dois torcedores negros, de chapéu, paletó e gravata como os demais, assistindo ao Campeonato Sul-Americano de 1919, no campo do Fluminense, Rio”.



Arquivo pessoal. Museu do Futebol. Julho/2010

Podemos observar na foto que, de fato, os dois torcedores negros que assistiam ao jogo no centro do alambrado são minoria em relação aos demais. Tal foto nos aproxima daquilo que seria um padrão de vestimenta da época. Enquanto hoje os torcedores vão assistir às partidas com a camisa de seu time ou da seleção brasileira, em 1919, assistir a uma partida da seleção ou de qualquer clube requeria a utilização de um traje de distinção que era considerado adequado àquele local e àquela ocasião. Vestidos como os demais, a presença dos dois negros naquele campo mostra que a participação do negro nos primórdios do futebol deveria passar pela assimilação simbólica e econômica das marcas de uma classe dominante.

O exotismo descrito pelo museu talvez indique a surpresa dos organizadores com essa peça do passado que não se encaixa nas narrativas históricas sobre o futebol no Brasil, que apontavam que aquele espaço social, no início do século XX, era impermeável à participação das pessoas de cor. Isso se deu porque tal história não considerou o complexo e segmentado jogo de identificações e distinções sociais que

passam da cor da pele a outras marcas de inclusão e embranquecimento, salientados por Oracy Nogueira (1998).

Embora generalista em alguns pontos, Aquino (2003) reforça algumas das impressões acerca do futebol do começo do Século XX:

O futebol era somente para brancos

Em seus primeiros tempos no Brasil o futebol era uma prática esportiva extremamente elitista e racista, sendo praticado exclusivamente por brancos, fossem eles ingleses ou brasileiros. Uns e outros, no entanto, não admitiam a participação de negros, mestiços e brancos pobres (...) Nas arquibancadas, os torcedores homens apresentavam-se vestidos de ternos, coletes, chapéus e, às vezes, bengalas. (p. 37).

A presença dos torcedores negros naquela foto serve para relativizar esse argumento e revela que, embora fossem poucos, negros e mulatos participavam do futebol daquele início de Século XX na condição de assistentes, que era o termo utilizado para designar os torcedores daquela época. Todavia, para participar daquele campo que identificava as classes sociais mais abastadas era necessário que os últimos internalizassem seus códigos e valores. Prova disso era que os negros da foto, assim como os demais, estavam elegantemente vestidos. Usar *smoking*, ou algo próximo daquele traje distintivo, significava que o indivíduo teria assimilado, simbólica e economicamente, uma das marcas de embranquecimento.

Mário Filho salienta que esse era um traje obrigatório para os jogadores do Fluminense e do Paulistano, clubes que identificavam a elite daquele início de Século:

quando havia temporada lírica Ramiro Pedrosa fazia questão que os jogadores do Fluminense vestissem o seu *smoking*. Moura Costa, de muito boa família, mas pobre, não tinha *smoking*. Disfarçava, dava uma desculpa, precisava ver a noiva, não ia. (...)

A primeira coisa que os jogadores do Fluminense arrumavam na mala era o seu *smoking*, o *smoking* sendo tão importante quanto a chuteira, o calção, a camisa. O Fluminense se encarregava de levar o material esportivo, os jogadores só precisavam se preocupar com as roupas de passeio e de festa. Moura Costa arrumou na mala um pijama, duas camisas, três cuecas e três pares de meias. Nada de *smoking*.

Ramiro Pedrosa não perdeu tempo, levou Moura Costa a um bom alfaiate. O alfaiate tinha de arranjar um smoking imediatamente para Moura Costa, custasse o que custasse, Ramiro Pedrosa não discutia preço. E Moura Costa pôde aparecer de smoking no banquete do Paulistano ao Fluminense (Rodrigues Filho, [1964], 2003, p. 136)

Naquele início de século XX o futebol tornara-se um novo item da modernidade europeia, que não podia faltar aos anseios de atualização da elite brasileira, e, por isso, “deveria ser praticado por pessoas de igual condição social e racial” (FRANCO JR., 2007, p. 63). O autor ainda apresenta um trecho do *Jornal dos Sports*, do dia 6 de agosto de 1915, no qual se lê que o futebol somente poderia ser praticado por pessoas de mesma educação e cultivo, e que o fato de um membro da elite jogar com operário tornaria a prática do futebol suplicante e sacrificante, mas nunca prazerosa.

O fato é que houve a cisão e, com efeito, em 1913 houve a disputa de dois campeonatos: um da Liga Paulista de Futebol e outro da APEA.

acresce ainda que a começar desse ano as portas do campeonato paulista deixaram de estar rigorosamente fechadas para novos clubes, pois até 1912 não era fácil se admitir um novo clube já porque não queria se aumentar a série de concorrentes, já porque vingava política de “distinção social”, o futebol segundo a mentalidade dos primeiros tempos tinha que ser para rapazes distintos e o ambiente familiar. Assim julgava que iriam ser sempre os pioneiros. Mas, não se davam conta da crescente popularidade do esporte bretão e, portanto, sua democratização, atraindo cada vez mais jogadores, clubes e adeptos das classes populares.

O Ipiranga, em 1910, já havia rompido a cortina do preconceito, admitido como foi na qualidade de “clube de rapazes do comércio”. Já muita coisa iria ficando para trás, não estava mais limitado o futebol a moços estudantes, acadêmicos e filho de gente rica. Contudo, a fundação da A. P. E. A. tinha por objetivo renovar o ambiente tido como invadido por esportistas de nível social inferior, ambiente disciplinarmente em declínio. Nada adiantou. Era o futebol que estava em evolução, estava conquistando as massas, estava saindo do seu ambiente de elite dos primeiros anos. O progresso técnico acompanhava também rigorosamente a popularização. [...]

O certame da Liga Paulista teve concurso do Americano, Ipiranga, Germânia, Internacional e Corinthians Paulista. Pela primeira vez era admitido no campeonato de São Paulo um clube tipicamente de rapazes operários. Foi este o marco inicial da democratização do futebol paulista, tornando o esporte do povo e para o povo.

Novos rumos surgiam. O Corinthians começou a reunir logo uma legião das classes trabalhadoras.

Ademais, seu clube trouxe “para cima”, para o futebol oficial rapazes dos chamados pequenos clubes de bairros, ou seja, de Várzea, trazendo um novo estilo, mais arrojo, mais malícia e outro espírito de combatividade. Até então, embora existente, não tomara qualquer vulto, quer no Rio, quer em São Paulo. (MAZZONI, 1950, p. 81).

De acordo com Levine (1982), a história do futebol no Brasil pode ser dividida em quatro períodos amplos, sendo que os dois primeiros são os que nos interessam neste trabalho. No primeiro deles, entre 1894 e 1904, o futebol se manteve restrito aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros e à elite local. No segundo, de 1905 até 1933, caracteriza-se a fase amadora do futebol até a data da oficialização do profissionalismo. Esse período foi marcado por grandes passos na divulgação e pela pressão crescente para se melhorar o nível do jogo através de subsídios para jogadores, ao mesmo tempo em que coexistia um futebol promovido pela elite e ainda preso aos valores do amadorismo.³³

O amadorismo, como uma ideologia elitista, produtor e promotor do *fair play*, seria esgarçado com a disseminação e popularização dos esportes. Os bairros populares vislumbravam a possibilidade de os clubes de futebol se converterem em uma forma de sociabilidade e de pertencimento, além de aproximação entre iguais e de um centro estratégico para a manutenção de vínculos sociais. Com isso, passaria a vigorar, no plano das ideologias, dois modelos distintos de adesão à esportivização. “De um lado, as classes altas, preocupadas com o exclusivismo, o refinamento e a distinção. De outro as classes operárias urbanas, ávidas por eventos de massa, permeados de emoções à flor da pele, não raro com conflitos estridentes” (DAMO, 2007, p. 72).

Alguns clubes de elite, percebendo os riscos desse enfrentamento aberto com o qual só tinham a perder, negaram-se a participar das disputas impelidos por uma “ética da distinção” (DAMO, 2007, p. 71), que, por sua vez, ilustra as restrições à

³³ As outras fases seriam: de 1933 a 1950, período do início do profissionalismo, e após 1950, quando ocorreu o reconhecimento internacional, acompanhado pela comercialização sofisticada.

sociabilidade aberta que eram praticadas diante do medo desses clubes de arranharem seu prestígio com a presença de proletários em suas equipes. Atualizando seus valores e absorvendo os jogadores e clubes oriundos do “pequeno futebol”, ou do futebol de várzea, os quadros dos clubes que não acompanharam a dissidência da APEA revelam uma etapa transitória do futebol que se afastava do amadorismo, caracterizado por certa exclusividade dos jovens ricos e bem nascidos na prática do esporte (SILVA, 2008), e caminhava rumo à popularização e profissionalização.

nos primeiros tempos não eram aceitos rapazes que não fossem de boas famílias. Assim, um moço pobre, proletário, não tinha ingresso no futebol, esporte da elite! A democratização do “association” começara em 1914 de modo claro e positivo, mas ainda não para os jogadores de cor. E foi muita pena, porque justamente de 1912 a 1917, tivemos o apogeu do futebol “colored”. Extraordinários valores se perderam na Várzea, nos subúrbios, nos terrenos baldios onde crescia assustadoramente o pequeno futebol. [...]

Em São Paulo, deveria de haver uma demora de vários anos para que tal sucedesse. Em 1914, o Corinthians não havia incluído em seu quadro extraordinário centro-médio David, por ser um “colored”. Não teve essa iniciativa o Corinthians por receios de ser contrariado. Seria...

Somente lá para 1917 tivemos as primeiras tímidas iniciativas. Um ou outro moreno apenas... Mas, a situação não poderia perdurar por muito mais tempo. Pena é que os extraordinários elementos de cor que abarrotavam os campos de terras vermelhas, já estavam em declínio... os anos iam passando... Em 1918 a bomba rebentou nos jornais.

Afinal de contas em que pé estamos? Jogadores de cor podem ou não podem jogar nos campos oficiais?, perguntavam os cronistas.

Um clube paulista quis até ganhar os pontos de um jogo, que havia perdido, porque seu adversário incluía um elemento *colored* em suas fileiras. Poderia a entidade conceder inscrição ao mesmo?” (Mazzoni, 1950, p. 119/120).

Profissionalizado, o jogador de futebol passaria a ter um duplo estatuto, de pessoa e mercadoria, o que contribuiria para afastar os membros das classes mais abastadas daquele universo:

uma coisa era mudar de clube por interesses pessoais. Outra, bem diferente, era vir a ser cotizado, podendo valer menos do que um reles operário de subúrbio e, o que seria pior, de um negro. Isso não era, definitivamente, coisa pra gente de sobrenome pomposo. Dizendo de outro modo, a mercadorização dos futebolistas teve um nítido recorte de classe e raça (DAMO, 2007, p. 81).

Silva (2008) salienta que, mais do que mera diversão, o futebol se mostrava um negócio lucrativo que produzia um aumento significativo das receitas dos clubes. Era preciso investir em bons jogadores e aumentar as chances de se formar uma equipe competitiva para o campeonato, a fim de que ele se tornasse mais atraente e mais assistido:

por isto, as buscas aos talentos não podiam ficar restritas aos meios sociais mais abastados. Era necessário procurá-los por toda cidade. Até a institucionalização do futebol como profissão, o conflito entre aqueles que defendiam o amadorismo e aqueles que queriam o profissionalismo perdurou por um bom tempo (SILVA, 2008, p. 134).

De acordo com Pereira (2002), havia uma “rixa” entre os partidários do profissionalismo e aqueles que desejavam a continuidade do amadorismo como elemento de distinção entre cores e classes sociais. O futebol não podia mais prescindir do talento do jogador negro. Para que pudessem ter maior possibilidade de êxito nas contendas futebolísticas era prudente que os clubes que até então não aceitavam jogadores das camadas sociais menos favorecidas passassem a contar com eles em seus quadros.

Todavia, contrariando esse imperativo, o futebol resistia à atualização dos seus valores. Há indícios de que teriam surgido questionamentos de um clube paulista³⁴, que requereu os pontos de uma partida disputada pela APEA porque seu adversário teria escalado jogadores afro-brasileiros ou “*coloreds*” (MAZZONI, 1950, p. 120). De acordo com essa narrativa, o objetivo do requerente era penalizar o clube infrator por estar contrariando uma suposta ideologia de “segregação racial”.

³⁴ Mazzoni não diz qual seria esse clube.

Ou seja, segundo o clube paulista mencionado, o regulamento da APEA teria criado condições para possibilitar esta sanção, já que teria estabelecido que jogadores negros não poderiam ter acesso aos clubes, e, por contrariar essa norma, determinado clube seria penalizado. No entanto, Mazzoni (1950) esclarece que não havia um artigo no regulamento que confirmasse essa proibição. Uma matéria publicada originalmente na revista *Vida Esportiva* sobre o assunto, reproduzida por Mazzoni (1950) e aproveitada por nós, é esclarecedora sobre o assunto:

OS JOGADORES DE COR

Em somente lendo o título bem sabemos que vamos tratar de um assunto talvez o mais repisado que temos tido e que, no entanto, ainda não obteve solução final.

Já há tempos, pelas colunas da “A Gazeta” de São Paulo, foi estabelecida uma polêmica cujo assunto é o que aqui tratamos e que apesar de durar quase um mês os debates nesta tão encrocada questão, nada de positivo se obteve.

Para ver se encontrávamos solução ao caso recorremos aos estatutos da A. P. S. A., onde infelizmente **não encontramos um artigo sequer que se relacionasse à questão**. Quer isto quer dizer que, se estávamos na escuridão, na escuridão ficamos.

Já não se falava mais em jogadores de cor, quando aparece um clube paulista muito cotado, a requerer da A. P. S. A. um inquérito a fim de conseguir exclusão de um jogador de cor, que participara em diversos jogos de um clube, também pertencente à divisão em que se achava o clube requerente. Acham isto louvável? Creio que não; porque os homens de cor, pela legislação brasileira, têm tantos direitos como os brancos.

De cor eram José do Patrocínio, Henrique Dias e muitos outros, que souberam com galhardia, defender esta nossa pátria. Somente isso bastava para fazer crer que os homens de cor são tão dignos de participar das diversões e outros atos como qualquer de nós brancos.

O clube paulista fez muito mal em dar esse passo, porque afinal de contas, a reclamação não foi unânime, mas sim, somente sua.

A campanha a favor dos elementos de cor foi vitoriosa, a APEA teve que reconhecer que nada existia que impedisse a inscrição de futebolistas “coloreds”.

Por ironia da sorte, o Mackenzie, que nos primeiros anos fora um clube “chic”, de estudantes, tendo entrado em completa decadência, não teve outro remédio senão recorrer aos futebolistas de cor, dos mais famosos da Várzea. Quase que constituiu seu quadro de elementos de cor. Desde aí acabou-se com a prevenção que existia contra rapazes “coloreds” embora vários clubes não só em São Paulo, como no Rio, Porto Alegre e mesmo na Bahia, tivessem recusado elementos de cor durante muitos anos a seguir. Mas, o preconceito estava derrubado para sempre, no futebol, quer no que dizia

respeito à raça, como no terreno social, etc.” (MAZZONI, 1950, p. 120, grifo nosso).

Cabe lembrar que a APEA surgiu a partir de uma dissidência com a Liga Paulista por não aceitar o fato de a última, na ocasião, contrariar um valor preconizado no momento da sua idealização, qual seja: manter a prática do futebol restrita a pessoas de igual condição social e racial, no caso, as classes mais abastadas. Ainda que a APEA tenha surgido com a finalidade de manter os valores do futebol presos às classes sociais mais favorecidas, seu regulamento silenciava com relação ao tema racial.

Além disso, a matéria revela a inexistência de qualquer documento formal que deliberasse sobre o fato de jogadores “de cor” não poderem atuar em equipes “de brancos”. Pelo contrário, quando o texto utiliza o termo “legislação brasileira” é para afirmar que a Constituição Brasileira delibera sobre a igualdade de direito entre todos os brasileiros, incluindo aí os brancos e os negros. Como pôde ser observado pelo otimismo explicitado na matéria, é possível apreender uma consonância entre o discurso jornalístico e a “democracia racial” do “Brasil mestiço”. A superação do preconceito “de cor” e a denúncia dos preconceituosos corroboravam para a construção da civilização brasileira no que diz respeito às questões raciais.

Uma versão diferente foi denunciada pela revista *Evolução – a Revista dos Homens Pretos de São Paulo*, publicada em 1933:

O negro e o esporte

Felizmente o Brasil e mormente São Paulo já se está fazendo outro conceito de raça negra em se tratando de esporte, onde vemos elementos de cor.

No futebol, bola ao cesto e atletismo, já alcançamos victoria completa. Nestes últimos dez annos conseguiram verdadeiro “*tour de force*”.

Se levarmos em consideração a campanha sórdida movida pelos puritanos brasileiros contra nós, só devemos nos jubilar com a alta subida de nossa gente na última década.

Antigamente, difícil se tornava o ingresso do negro em clubes que já não diremos aristocratas, mas de certa posição social mesmo quando foi da fundação da APEA, os seus estatutos não permitiam a entrada de negros!

E só com as continuas lições recebidas dos cariocas é que medrosamente alguns de nossos grêmios começaram a aceitar em suas fileiras os pretos.

Mas não obstante o sucesso que proficuamente vemos obtendo é necessário recrudecer a campanha.

Não devemos dormir sobre louros.

Mesmo porque ainda existe nesta querida terra de F. Dias Paes Leme clubes que vedam a admissão de negros.

Aceitam tudo; pouco importa do passado dos seus associados, contanto que o mesmo não seja preto! (*Evolução – Revista dos Homens Pretos do Brasil*, ano 33, n. 6, 13/05/1933, s/p).

A matéria continua falando sobre os feitos exitosos dos negros no atletismo e finaliza: “que isso sirva de exemplo a esses determinados paredros de clubes paulistanos que ainda sonham com navios negreiros – e trazem na retina ainda os restos da escravidão”(idem, p. 29).

Silva (2008) diz que o trecho desse jornal explicita algumas questões daquele contexto, sobretudo no que diz respeito à inserção do negro na prática esportiva: “nesse período encontrava-se nos clubes uma grande quantidade de atletas negros, mesmo assim existiam conflitos em relação à sua inserção no esporte” (SILVA, 2008, p. 141). Há outros pontos a serem ressaltados, como a lição que os cariocas estariam dando aos paulistas pelo fato de terem colocado negros nos times de futebol e a necessidade de intensificar a campanha por uma maior representabilidade dos negros nos esportes.

A questão que mais nos chamou atenção nesse trecho foi a denúncia de que os estatutos da APEA não permitiam a entrada de negros. Estaríamos diante de mais uma das inúmeras denúncias sem provas de racismo? Relembremos que uma matéria da *Vida Esportiva* já havia denunciado essa forma de exclusão, apesar de não ter sido encontrado nada em regulamentos da competição que explicitasse essa prática excludente.

Era necessário que tivéssemos o documento em mãos para consultá-lo com relação à presença ou não de alguma prática discriminatória da APEA contra negros. Para encontrá-lo, entrei em contato com a Federação Paulista de Futebol. Fui recebido por um funcionário que me disse que toda a documentação das ligas que organizavam o futebol paulista antes de 1940 tinha sido incinerada em dois incêndios que ocorreram na Federação Paulista de Futebol, quando era sediada na rua Brigadeiro Luiz Antônio. “Para se ter ideia”, disse-me o funcionário, “não há nenhum documento sobre Pelé”.

Tendo como horizonte aquele período, foi a transformação do clube de recreação em clube comercializado, através da entrada em competições internacionais, que permitiu a ascensão do homem de cor.

mas o que lhe dão de um lado [aos negros] recusam-lhe do outro, pela distinção entre duas espécies de membros, os esportistas e os associados. Os primeiros jogam, os segundos dançam. Se esta última discriminação ainda se pode justificar por uma diferença de classe, sendo o esportista preto originário das classes inferiores da sociedade a cor desempenha sem dúvida o papel principal no caso da natação e da proibição das piscinas. (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p. 166)

Relembremos que a imprensa negra denunciava a forma de exclusão que acometia os negros quando eles pleiteavam fazer parte do quadro social de determinados clubes. Bastide e Fernandes (2008) interpretaram essa forma de exclusão da seguinte forma: os cidadãos negros eram preteridos de pertencer ao quadro social desses clubes ou, quando aceitos, eram reconhecidos apenas como atletas e não como sócios. Para os autores, essa distinção entre a vida profissional e a vida social se manifestaria ainda mais claramente no terreno do esporte, onde o negro começava a ocupar um lugar de destaque.

Mesmo sem apresentar as provas para sustentar tal argumento, como regulamentos, atas ou documentos que formalizassem, por exemplo, a proibição de

negros nas áreas sociais desses clubes ou nas suas piscinas, Bastide e Fernandes (2008) denunciaram uma postura segregacionista de determinados clubes em seus espaços e eventos sociais.

escreveu-se muito no Brasil sobre a ascensão do negro através do atletismo e do futebol. Os clubes brancos disputam os negros, o público tem seus favoritos de cor, os jornais estão cheios de suas biografias e de suas proezas. E, apesar de tudo, apesar da auréola das vitórias, do dinheiro e das honras, ainda existem clubes, como o Palmeiras, que não aceitam negros em seus quadros; outros, como o São Paulo e o Tietê, que durante muito tempo mantiveram bailes separados e ainda os mantêm, para brancos e para pretos. Outros ainda, como o Corinthians, não aceitavam negros em suas piscinas, sendo uma das barreiras mais difíceis de transpor (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p. 170).

Nessa mesma direção Mazzoni (1950) denunciava, mesmo sem citar nomes, o fato de que os dois maiores centros do país – São Paulo e Rio de Janeiro, especialmente o primeiro – alimentavam o preconceito ao não admitir elementos de cor em seus clubes, mui particularmente na divisão principal. Tal preconceito, segundo Mazzoni (1950), “vinha desde o passado, não tanto por questão de raça e sim de condições sociais” (p. 119). Andrews (1998) também reverbera o fato de pretos e pardos serem excluídos dos clubes atléticos de São Paulo no início do século XX, mas não aponta os motivos.

Como resposta, os afro-brasileiros teriam criado clubes apenas para negros, cuja qualidade dos times rendeu-lhes um renome considerável, como será visto no próximo capítulo. Foi somente a partir do início dos anos 1930 que os melhores jogadores dos clubes dos negros começaram a se transferir para os “clubes dos brancos”. Todavia, havia uma ressalva em relação à participação dos negros, mulatos e brancos pobres: ainda era negada a possibilidade de se tornarem sócios dos clubes. Esses atletas eram admitidos como empregados pagos, sem nenhum direito à vida social dos clubes.

Em 1917, segundo Mazzoni (1950), o futebol atingia a sua maioria sendo

praticado “em todos os Estados, em todas as cidades, em todos os cantos do Brasil e sua popularidade crescia cada vez mais” (p. 112). Motivada pela presença das camadas populares que começavam a frequentar o espaço do futebol, a fase do “falso amadorismo” entrou em franco desenvolvimento a partir desse período.

havia apenas casos esporádicos. A invasão de elementos de todas as camadas sociais motivou essa evolução. A época do futebol para gente fina, a época da proibição das entidades receberem clubes de jogadores que não fossem de boas condições sociais, já havia ficado para trás. Em São Paulo e no Rio, e toda parte do futebol tornara-se o esporte do povo. Os jogadores começaram a subir dos chamados clubes e clubecos varzeanos e suburbanos, era aquela a época em que o futebol dos bairros estava no apogeu, produzia futebolistas de classe aos magotes. Havia superprodução de “cracks” (MAZZONI, 1950, p. 115).

O “falso amadorismo” foi uma das etapas pela qual o futebol passou na sua caminhada rumo à profissionalização. Para esse intento, como foi dito, não era prudente que os clubes prescindissem do talento dos jogadores de origem popular que, a partir de então, passaram a converter o esporte em profissão e a potencializar a possibilidade de vitória das equipes que os contratavam. A participação de jogadores populares nesse espaço elitista era inevitável. Isso não quer dizer que os clubes elitistas se conformassem com a popularização do futebol. Essas lutas entre o amadorismo e o profissionalismo escamoteavam o mote principal: “os conflitos entre os discursos raciais vigentes. O futebol era visto como um elemento de distinção para os *sportmen*, e a profissionalização ameaçava essa posição (SILVA, 2008, p. 163).

Em 1916, o Velódromo, um daqueles estádios idealizados para a disputa do Campeonato Paulista, foi vendido e suas arquibancadas levadas para a Chácara da Floresta. Naquele ano a LPF viveu seu último campeonato. De tão organizado, o certame nem chegou ao fim. Foi interrompido com a unificação entre as duas ligas (STORTI; FONTENELLE, 1997). No começo do ano seguinte, ocorreu a “reunificação

do futebol paulista” (*idem*, s/p). Os autores interpretam que, na prática, “a Liga se rendeu e foi absolvida pela Apea”.

Em 1925, em busca de “depuração e renovação” (MAZZONI, 1950, p. 197), o Paulistano rompeu novamente com a APEA. O estopim foi um gol supostamente irregular do adversário São Bento que, na partida final, garantiu a vitória deste clube no Campeonato de 1925 (STORTI; FONTENELLE, 1997). Em protesto, o Paulistano rompeu com a APEA e propôs a fundação da Liga de Amadores de Futebol, a LAF, colocando-se claramente contra os caminhos da profissionalização que o futebol tomava.

Storti e Fontenelle (1997) se posicionaram sobre essa fundação:

1926: PAULISTANO VENCE SUA PRÓPRIA LIGA

Brigada com a Apea, a diretoria do Paulistano resolveu fazer o que sabia bem: criar uma nova Liga de futebol.

Em 11/01/26, a entidade, denominada Liga de Amadores de Futebol (LAF), anunciava nos jornais que estava aceitando inscrições de clubes interessados em integrá-la.

A LAF surgia com sete “divisões”: primeira, segunda, terceira, universitária, corporações de classe, municipal e do interior.

Oito equipes, todas respeitáveis, se inscreveram, trazendo a credibilidade necessária para a entidade: Paulistano, AA das Palmeiras, Germânia, Antártica, Britânia, Independência, Paulista de Jundiaí e Atlético Santista (STORTI; FONTENELLE, 1997, s/p).

No entanto, a ordem do momento era a profissionalização. Em função disso, essa Liga não teve fôlego e não prosperou. Em 1929, os clubes da LAF, à exceção do Paulistano, forçaram sua adesão à APEA. Com esse gesto, a LAF desapareceu, assim como o Paulistano, fiel aos princípios do amadorismo. A extinção da LAF pôs fim à cisão do futebol em São Paulo. O ano de 1929 foi sintetizado da seguinte maneira: “São Paulo consegue a unificação” (STORTI; FONTENELLE, 1997, s/p).

Considerações finais

Para encerrar este capítulo assumo a posição de Pereira (2002) a respeito do conflito entre os partidários do amadorismo e do profissionalismo e da regulamentação do futebol. No que diz respeito à participação de negros e mestiços para representarem os times em campeonatos e na seleção brasileira, o autor afirma que não havia proibições legais contra o fato de brancos pobres, mestiços ou pretos atuarem nos times de futebol. Todavia, os conflitos em relação à manutenção ou não do amadorismo encobria o debate racial.

O fato de o racismo no Brasil nunca ter sido sustentado por documentos formais não impediu que ele fosse transferido para a esfera privada, incidindo sobre o fenótipo, além de marcadores sociais. Esse silencioso “racismo à brasileira” se manifestava naqueles clubes naquele início de século XX, quando a participação dos jogadores de origem popular era restrita ao campo de futebol, distante da sede social. Em função disso, talvez não seja errado dizer que os jogadores negros eram tolerados nos gramados, mas preteridos da vida social de determinados clubes. Podemos depreender que a causa desse conflito foi a discussão sobre a incorporação ou não dos “populares” em um espaço idealizado pela e para a elite.

A especificidade do racismo brasileiro é o seu caráter pouco oficializado. Enquanto outras nações adotaram estratégias jurídicas para sustentar a discriminação racial no corpo da lei, no Brasil, desde a abolição da escravidão e a proclamação da República, afirmou-se a universalidade dos direitos entre todos os cidadãos brasileiros. Talvez por isso seja mais prudente interpretarmos a tensão sobre a popularização do futebol em São Paulo à luz do “racismo à brasileira”.

Fomos às fontes com o objetivo de investigar uma forma de exclusão que se caracterizava pela preterição dos negros que pleiteavam participar do campo esportivo, e nos deparamos com o tipo de racismo que se desenvolveu no Brasil. Após pesquisar as fontes sobre o assunto, podemos dizer que há muito silêncio sobre aquele processo. Denúncias feitas contra clubes sem que seus nomes fossem revelados, além de documentos e atas não apresentados, revelam os indícios de um racismo dissimulado, à moda brasileira, em que pese o fato de os documentos que poderiam comprovar qualquer prática segregacionista terem sido perdidos nos incêndios nos prédios onde se situava a sede da Federação Paulista de Futebol.

O “racismo à brasileira” reside nesses obstáculos que eram impostos contra aqueles que começavam a vislumbrar o acesso ao campo de futebol e a ascensão social. Num país em que a raça tem equivalência na classe, o racismo é velado em detrimento dos valores que identificam pretos e brancos às classes sociais. A partir disso começamos a compreender as resistências que o proletariado – classe social em que os negros, mestiços e brancos pobres eram maioria – encontrava para ter acesso a um espaço ocupado por membros de uma classe social mais elevada.

Pessoas e instituições no Brasil censuram as manifestações explícitas de preconceito constrangidas pelo fato de que o racismo contraria os valores da cultura nacional de “país mestiço”. No entanto, o fato de não terem sido explicitadas não quer dizer que tais manifestações nunca existiram ou tampouco tiveram eficácia. Assinalando a lógica desigualitária do país da “democracia racial”, a presença desse racismo silencioso e travestido por marcadores sociais revela os debates sobre a integração e a afirmação de uma nação liberal e republicana construída com as reminiscências dos valores oriundos de uma ordem escravocrata e que se perpetuavam nas primeiras décadas do século XX.

Contra esse racismo surgiram movimentos explicitamente a favor dos negros, que organizavam clubes direcionados à promoção dos esportes, especialmente o futebol, entre os negros. Veremos isso no próximo capítulo.

Capítulo 2

A IMPRENSA NEGRA E O FUTEBOL EM SÃO PAULO

NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Em São Paulo, na primeira metade do século XX, havia associações destinadas à promoção de práticas culturais e esportivas para os negros³⁵. Tais centros surgiram diante da necessidade de denunciar as práticas discriminatórias que acometiam os negros e promover a sociabilidade étnica através da prática de modalidades esportivas como o atletismo, o boxe, e, sobretudo, o futebol.

Esses espaços de convivência se configuraram meios de afirmação étnica e locais de discussão sobre os embates sociais, políticos e culturais a respeito da participação do negro na sociedade pós-escravocrata e republicana brasileira. A partir de então, outro modo de integração passava a existir e a ganhar importância: a atitude passiva fora substituída por uma mobilização política e pelo cultivo da identidade racial (GIACOMINI, 2006).

A autora analisou a criação do Renascença Clube. Fundado pela elite negra na cidade do Rio de Janeiro em 1951, a análise sócio-histórica desse clube indica que ele foi fundado como uma resposta de um grupo de negros, pertencentes à classe média e à pequena burguesia carioca, contra a discriminação. A pergunta que se coloca neste capítulo é a seguinte: haveria similaridades entre o surgimento desse clube no Rio do

³⁵ Os membros desses centros chamavam a si mesmos de “homens de cor” ou “homens pretos” e ao seu coletivo de “classe”.

Janeiro com aqueles da mesma natureza – como o Clube Atlético São Geraldo – que surgiram em São Paulo nas décadas iniciais do século XX?

Como as pertencas étnicas foram acionadas para favorecer a inserção dos seus pares no emergente campo do futebol? Tendo essa pergunta em mente, esse capítulo objetiva analisar como a crescente participação do negro no espaço do futebol foi noticiada. Utilizando como fonte os escritos da “imprensa negra”, nossa preocupação será compreender as estratégias desses periódicos de ressignificação e posituação dos estereótipos construídos sobre os negros, tomando prioritariamente o campo de futebol como objeto de análise. Tentaremos captar, através das matérias publicadas nas primeiras décadas do século XX, a continuidade e a regularidade do discurso, os pontos de afrontamento e de disputa simbólica em torno da negociação da construção identitária da “raça negra” no esporte.

Clubes como o São Geraldo tinham seu desempenho noticiado pela “imprensa negra”. Antes de analisar as matérias, cabe dedicar alguns parágrafos para apresentá-la, especificando também quais foram os jornais pesquisados neste capítulo.

A imprensa negra e os procedimentos metodológicos

Ao analisar os aspectos dos movimentos negros em São Paulo no período de 1915 a 1935, Pires (2006) observou que a imprensa negra foi um movimento que apresentou várias facetas ideológicas e esteve relacionada com os contextos econômicos, políticos, culturais e sociais daquele período, especialmente aqueles

ligados à questão racial. Esse espaço de aglutinação representava não só o engajamento político dos negros, mas também a participação desse grupo étnico nos assuntos relacionados ao poder e aos modelos de organização social em debate na sociedade, revelando, com efeito, aspectos relativos à questão do negro no Brasil.

Ainda que os jornais representassem mais as ideias da classe média negra, como professores, advogados e jornalistas, do que as do grande contingente de negros, Bastide (1973) argumenta que esses negros de classe média teriam fortes relações com as classes mais baixas e representariam as posturas ideológicas de alguns grupos de negros. Por isso, podemos tomar as vozes da imprensa negra como “eco de toda uma classe de cor” (Bastide, 1973, p. 131), sobretudo no que diz respeito aos protestos antirracistas e reivindicações materiais e de cidadania.

Era por meio daquelas “associações de homens de cor” (PIRES, 2006, p. 7) que os negros paulistas participavam ativamente das discussões naquele período acerca dos embates ideológicos que transcorriam no âmbito nacional a respeito do negro. Refletindo uma tendência nacional, os defensores de uma democracia racial para além do mito tornaram-se hegemônicos no interior daquele campo. A documentação da imprensa negra sugere que diversos intelectuais e dirigentes das associações de homens de cor defendiam a ideologia da democracia racial não sob o ponto de vista dos diversos grupos de pessoas brancas – ou seja, baseada na mestiçagem biológica e cultural – mas como um projeto social erguido em bases sólidas. Nessa perspectiva, o Brasil poderia se tornar um paraíso racial (PIRES, 2006).

Andrews (1998) argumenta que os jornais da imprensa negra revelam não somente a base econômica da elite negra de São Paulo, “mas também os interesses e preocupações daquela elite”, e que por isso constituíam “um registro rico das

preocupações coletivas daquela elite negra” (p. 201-202). Uma dessas preocupações convergia para “um debate mais amplo sobre as fundações ideológicas básicas da vida brasileira do século XX: o conceito de democracia racial” (p. 203).

Ao analisar as publicações anteriores a 1940, Andrews (1998) se deparou com uma abundante documentação, ou seja, mais de 20 jornais semanais e mensais “produzidos por e para aquela elite negra”³⁶ (*idem*). Parte dela encontra-se microfilmada na Biblioteca Nacional. Fui até lá e analisei o conteúdo das matérias dos jornais da imprensa negra de São Paulo. Os jornais pesquisados foram aqueles disponibilizados nos microfilmes da Biblioteca Nacional: *A Voz da Raça*, de circulação nacional, referente a março de 1933; *O Clarim da Alvorada*, referente a janeiro de 1924; *O Kosmos*, referente a agosto de 1922; *O Alviverde*, de abril de 1928; *O Progresso*, também de circulação nacional, de junho de 1928; *O Baluarte*, de janeiro de 1904; *O Menelik*, de outubro de 1915; *A Rua*, de fevereiro de 1916; *O Xanter*, de maio de 1916; *O Alfinete*, de setembro de 1918; *A Liberdade*, de julho de 1919; *A Sentinela*, de outubro de 1920; *Getulino*, de agosto de 1923; *A Elite*, de janeiro de 1924; e, finalmente, *O Patrocínio*, referente a abril de 1928.

Basicamente, as matérias selecionadas foram de dois jornais: *O Progresso*, até o dia 15 de novembro de 1931, quando, ao que indica, saiu de circulação; e *A Voz da Raça*, um semanário que teve sua primeira publicação em 18 de março de 1933 e trazia uma frase de Isaltino Veiga, reproduzida em todas as edições: “o preconceito de cor no Brasil só os negros podem sentir...”. Esses jornais tinham periodicidade quinzenal ou mensal, não tiveram uma vida longa e nem todos tratavam do esporte. Selecionamos aquelas matérias dos jornais da imprensa negra que se ocuparam do esporte.

³⁶ A respeito das especificidades de cada um dos jornais, ver Andrews (1998).

As páginas da imprensa negra traduziam as escolhas de identificação daquele grupo étnico em meio à proliferação de estereótipos positivos e negativos a respeito dos negros. Quais deles ela assumia? Quais ela rejeitava e contestava? Por isso, tomaremos as páginas da imprensa negra não apenas como um meio de contestação daqueles estereótipos negativos, mas também como um espaço de agenciamento dos estereótipos positivos que formavam capital futebolístico desse grupo étnico numa sociedade na qual esse esporte ganhava crescente importância.

Rer ler os escritos da imprensa negra sobre o futebol naquele contexto à luz da “História Cultural” nos permite apreender uma série de discursos em torno da construção da representação da raça negra no “campo de futebol”. Essas mensagens podem ser lidas como produtoras de ordenamentos e revelam as estratégias de distinção utilizadas pelos grupos. Esse é o objetivo fundamental da História Cultural.

Chartier (1990) auxilia-nos a compreender esse processo quando propõe que a construção das representações sobre determinado grupo é determinada pelos interesses dos grupos que a forjam: “Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (p. 17). Em função disso, foi necessário nos aproximarmos de uma das perspectivas teóricas da etnicidade chamada de “Grupo de Interesse”, que postula que as

identidades e as ideologias étnicas são mantidas e enfatizadas para exercer uma influência nas políticas sociais e econômicas. A etnicidade é vista como uma solidariedade do grupo emergente em situações conflituais entre indivíduos que possuem interesses materiais em comum (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 96).

Essa teoria tem como foco o processo de competição em torno da construção das representações: “esta abordagem compreende, contudo, muitas variantes nas quais a ênfase é colocada ora nos fins e nas estratégias individuais, ora nas lutas de poder coletivas” (*idem*). Diante disso, a questão fundamental seria

compreender as condições nas quais os indivíduos que podem reclamar uma pertença étnica são levados a desenvolver uma solidariedade com outros indivíduos pertencentes à mesma categoria para conseguir vantagens políticas ou econômicas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 96).

Nesse sentido, a etnicidade (entendida aqui como uma forma de organização social numa base étnica) propicia uma alternativa coletiva que permite que se desenvolvam estratégias de sucesso econômico e promoção do grupo. Nesse caso temos que encarar o realce de uma identidade étnica como uma construção dos múltiplos estereótipos pelos quais determinados membros de uma sociedade pluralista definem pessoas e situações. Nela os indivíduos conhecem a existência e o conteúdo dos estereótipos construídos pelos “estabelecidos” (ELIAS; SCOTSON, 1990).

A noção de campo, definida na obra de Bourdieu (1989), serve como guia de leitura, uma vez que ela atribui importância à dimensão simbólica ou cultural na reprodução das estruturas de dominação social, definindo-se em função do modo como se distribuem, em dada sociedade, diferentes formas de poder, ou seja, “diferentes tipos de capital”. Um desses tipos seria o *Capital Futebolístico* (DAMO, 2007).

O conceito de capital futebolístico, como modalidade específica de capital exigida daqueles que pretendem fazer parte do “campo do futebol”, foi concebido a partir da influência de Bourdieu “como uma constelação de atributos que permitem a

alguém inserir-se legitimamente num dado campo social” (DAMO, 2007, p.112). Em sentido restrito, referindo-se aos atributos propriamente corporais de um indivíduo,

os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola – malabarismos, floreios, etc. (DAMO, 2007, p.112).

Essa estratégia, em última instância, favoreceria o acesso do negro num espaço em que era até então preterido, como veremos à frente. As mensagens emitidas por esses órgãos da imprensa podem ser lidas como produtoras de ordenamentos que revelam as estratégias de distinção utilizadas pelos grupos em torno da construção das representações negativas ou positivas sobre o negro no emergente campo do futebol.

O surgimento da Associação Atlética São Geraldo: a imprensa negra e o negro no esporte

Esses jornais se mostravam inclinados com a questão do negro no Brasil e se constituíam veículos de afirmação da identidade negra naquele início de século, como revelam os conteúdos dos jornais *O Menelik* e *O Progresso*, respectivamente:

Há em São Paulo uma sociedade de foot-ball intitulada Sul-Africano.

Este club é formado por homens de cor e tem alcançado inúmeros sucessos.

Como este jornal herdou seu nome do rei da África, ele vem cumprimentar o Sul-Africano Foot Ball Club e colocar-se na sua vanguarda para aplaudir-lhe as vitórias futuras (*O Menelik*, 17/10/1915, nº1, p. 2)

“O progresso’ caminhará por invias rotas até à perfeição”

Infatigável mater é a velha imprensa. Os seus rebentos numa deliciosa rota de promissões crescem, desenvolvem-se, e muitas vezes, tornam-se independentes, patronos aceitáveis e necessários, aos interesses de uma classe, nas villas, nas cidades, nas metrópoles.

O periódico de hoje não representa mais que um dos rebentos que aludimos, o qual atravessar a fase de sua oblactação, por impérvios caminhos ao encalço do fim collimado: - exaltar o Brasil glorificando a raça hontem vilipendiada, cuja escravidão é u’a mancha na historia da nossa civilização.

Seu escopo é propugnar pelos opprimidos tendo como directriz unica elevar o nome dessa mesma raça, semeando germens civis do trigo moral para a sagrada crestagem do pão progresso. Esperamos que o ‘Progresso’ seja acolhido sem a indiferença que mata latentes esperanças (*O Progresso*, 23/06/28, ano I, n. 1, p.1).

De acordo com Andrews (1998), a abolição não conseguiu satisfazer às necessidades culturais, religiosas e humanas dos negros. Isso abriu possibilidades para que eles se organizassem sob condições diferentes daquelas da escravidão. Reagindo às novas necessidades, os negros tiveram que experimentar diferentes possibilidades de organização. O futebol foi uma delas, na medida em que exprimia as expressões culturais valorizadas pelos afro-brasileiros e era promovido pelas “associações dos homens de cor”, que chegaram inclusive a organizar partidas entre times de brancos e negros³⁷. O desempenho dos times de pretos, que com frequência se sobrepunham aos brancos nesses jogos, reverberava nas páginas dos jornais da imprensa negra e servia para fortalecer as identidades negras (PIRES, 2006).

³⁷ Ver Abrahão (2006).

Um dos debates naquele contexto era a participação dos negros na transição do amadorismo para o profissionalismo³⁸ do futebol. Atividade do âmbito do lazer anteriormente idealizada pela e para a elite, o futebol nas primeiras décadas do século XX começava a apresentar indícios de profissionalização³⁹, e o desempenho positivo do jogador negro começava a ser reconhecido nos campos de várzea ou nos bairros populares. Tal desempenho poderia ser convertido a favor das equipes de clubes elitistas, mas muitos desses jogadores não eram incorporados por elas. Estaríamos diante do preconceito à brasileira que dificultava o acesso dos populares aos espaços reservados às elites?

Este era um dos temas em discussão daquele período em que o futebol deixava de ser visto como *lazer* e passava a ser encarado como *trabalho*. Tomaz Mazzoni (1950), por exemplo, aponta que, em 1918, esta discussão apareceu nos jornais da época: “Afinal de contas em que pé estamos? Jogadores de cor podem ou não podem jogar nos campos oficiais?” (p. 120), era o que perguntavam os cronistas esportivos da época. O futebol caminhava rumo à profissionalização e nele o negro estava encontrando um dos poucos meios que oferecia espaço para a expressão positiva de identidade em tempos de mobilidade mais restrita.

Respirando os ares da profissionalização, o futebol começava a se configurar um meio de oportunidades e de mobilidade econômica e social. Isso fazia com que os capitais futebolísticos identificados nos negros pudessem se converter a favor daqueles que vislumbassem no futebol um espaço e um meio de mobilidade, como salienta

³⁸ No Brasil, a história do futebol divide-se em quatro períodos amplos: 1894-1904, quando o futebol se manteve restrito aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros; 1905-1933, fase amadora, marcada por grandes passos de divulgação e pressão crescente para melhorar o nível do jogo, através de subsídios para os jogadores; 1933-1950, período inicial da profissionalização; e a fase após 1950, de reconhecimento internacional, acompanhado pela comercialização sofisticada e pela maturidade como recurso nacional incontestável (LEVINE, 1982).

³⁹ A profissionalização do futebol foi oficializada em 1933.

Rosenfeld (1993):

Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, quanto maior sua popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Estas tornaram-se as vitrinas dos clubes, que, como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores. Levar em consideração a “classe” dos jogadores – mesmo que fosse num sentido meramente esportivo – tornou-se afinal um empreendimento quixotesco. Evidenciou-se que nas camadas inferiores, entre negros, mulatos e brancos pobres, havia um grande número de jogadores de primeira classe, seja porque os ajudava um talento natural, seja porque na “sucção da subida” e o remoinho das chances do futebol os envolvia e canalizava, seja porque eles, que não eram estudantes de medicina ou direito e frequentemente não tinham profissão, podiam lançar toda a sua paixão no jogo; em suma, porque levavam o jogo a sério e “não tinham nada a perder”. Muitos homens de cor, de antemão desencorajados pela dificuldade de ascensão, tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida, viram a sua hora chegar. Daí a seriedade com que jogavam, com que punham tudo em jogo. [...] Apenas poucas décadas atrás havia sido abolida a escravidão. Ainda aderiam uma mancha a qualquer trabalho manual. Dar pontapés era um ato de emancipação. De repente o próprio jogo tornou-se um trabalho, e pôde igualmente relacionar-se com a emancipação dos escravos – num país que nunca teve o equilíbrio de uma ética puritana do trabalho – o fato de, por outro lado, muitas vezes também o trabalho foi realizado com se fosse jogo (ROSENFELD, 1993, p. 84).

O futebol possibilitava ao “elemento de cor um futuro garantido, que, sem o futebol, lhes teria permanecido inatingível” (ROSENFELD, 1993, p. 92). Além disso, “as possibilidades econômicas não se restringiam naturalmente só aos vencimentos e adicionais; referem-se, em algo grau, também ao prestígio pessoal que o jogador adquire em amplos círculos e que lhes assegura em numerosos casos rendimentos do tipo mais ou boas colocações” (*idem*, p. 94). O futebol se apresentava como um espaço de mobilidade social, bem como um meio de ampliação de capital de relações.

Andrews (1988) cita os clubes mais conhecidos: a Associação Atlética São Geraldo, criada em torno de 1910, e o Clube Cravos Vermelhos, fundado em 1916, que mais tarde transformou-se em Clube Atlético Brasil. Ocuparemos do primeiro. Sua nova sede foi recebida com congratulações pelo jornal *A Elite*:

“Movimento Esportivo”

A Associação Athletica São Geraldo está de parabéns com a instalação da nova sede social à rua Barra Funda, 36.

Assim é que no dia 14 do corrente, sita à rua Barra Funda n°36, presente grande numero de sociais e convidados, a diretoria, depois de uma brilhante sessão solene deu por instalada oficialmente a nova sede, que, alias está bem situada (*A Elite*, 02/03/1924, p. 4).

O texto a seguir sugere outras demandas relacionadas ao surgimento desse clube destinado à promoção do futebol para os pretos:

“A. A. S. Geraldo”

Após conquistar diversos campeonatos municipais e o brilhante titulo de campeão negro, em torneio promovido por esta folha, a A.P.E.A por bem houve em promover este pujante clube para a 2ª divisão, coroando assim o esforço de um núcleo de esportistas lutadores em prol da perfeição física e moral da nossa sociedade.

Urge, agora, que todos os negros, quer esportistas ou não, compreendam o ideal que objetivou essa agremiação em busca dessa ascensão coadjuvem com suas parcelas, moraes ou materiais para que possamos fazer jus ao grande ideal que almejávamos: ter um clube forte na divisão principal. Ao S. Geraldo, nossos parabéns (*O Clarim da Alvorada*, 13/05/1932, p.4).

O São Geraldo era um dos clubes mais comentados pela imprensa negra, que noticiava em suas páginas as vitórias desse clube nos campos de futebol. Seus feitos exitosos vinham acompanhados de adjetivos que positivavam a participação do negro no esporte, especialmente o futebol. Passamos a conhecer o São Geraldo pelo fato de as

fontes noticiarem, com recorrência, seus feitos exitosos nas partidas e campeonatos de que participava. Sua caracterização, fundação, idealização e localização foram rememoradas pelo jornal *A Voz da Raça*:

“Gentes e fatos de outras épocas – Associação Atlética São Geraldo”

A A. A. S. Geraldo – sociedade de homens negros – foi fundada em 1º de Novembro de 1917, em S. Paulo, com os fins da pratica do futebol e o atletismo. O seu primeiro campo, foi no fim na rua Tupi, desaparecido com a passagem da luta, Avenida Pacaembu, majestosamente construída pela Cia City. É campeão municipal do Centenário da Independência do Brasil (*A Voz da Raça*, 25/03/33, p. 2).

No próximo trecho começamos a observar as demandas relativas ao surgimento do São Geraldo:

O São Geraldo é um clube que honra a coletividade negra no futebol paulista.

Por tal fez jus o prosseguimento desta campanha em prol da valorosa equipe Barrafundiana, para representar oficialmente, o esporte da raça [...]. Contudo, damos o pensamento do sr. Alcides Hortencio, futebolista da A. A. Palmares, que falou-nos em entrevista:

– é de necessidade que haja nessa capital, como em outros estados do paiz, entidades de esportistas negros, onde os seus associados, atletas e futebolistas, possam aperfeiçoar suas culturas físicas sem receiar preconceitos como há em muitas agremiações esportivas, que não os aceitam como socios, mas só como atletas, isto é, quando são bons elementos que possam elevar o clube.

E assim numa associação de esportistas negros, podemos nos desenvolver no futebol e no atletismo, mesmo fazer carreira sem medir dificuldades.

Mas para isso urge se fazer uma entidade digna da confiança de todos os deveres de cooperação para manter o seu clube.

Dahi então estará realizada em nossa capital, uma das aspirações da raça negra, e muitos outros patrícios de outros lugares hão de imitar. (*O Clarim da Alvorada*, 26/07/1931, p. 3).

“Aperfeiçoar suas culturas físicas”: essa era uma das demandas daquela entidade de negros. O texto da matéria revela que o São Geraldo era uma instituição que objetivava “oficialmente” divulgar a imagem da raça negra através do esporte. Treinando, futebol ou atletismo poderiam ser convertidos em profissão. Suas instalações permitiam aos negros, em tempos de preconceitos mais explícitos, sentir-se à vontade e exercitar-se para o “aprimoramento” da raça. Através do futebol e do atletismo, os negros encontrariam no São Geraldo um bom espaço para emancipação econômica e pessoal. Por isso, a iniciativa desse clube deveria servir de inspiração para o surgimento de novos clubes com esse perfil, a fim de combater a discriminação contra os pretos no campo do futebol.

No próximo texto, assinado por Adalberto Pires Freitas, aparece uma denúncia desse tipo de discriminação racial que operava contra o negro no espaço do esporte naquele início de século XX. Eis um ingrediente a mais para ser adicionado ao surgimento deste clube destinado aos pretos da capital paulista: um espaço de combate à discriminação contra os pretos.

“Para orgulho dos pretos”

Agora, que o *Progresso* largou a idéia, em via de conclusão, de se homenagear Luis Gama, trazemos á apreciação dos interessados uma sugestão que na realidade é de grande interesse.

Trata-se da *Confederação Esportiva dos Homens Pretos do Brasil*.

Nela teria ingresso essa infinidade de esportistas que andam vegetando nos diversos clubes; nos quais aparecem somente durante as provas esportivas; mas são alijados das festas comemorativas da victoria, do qual muitas vêzes foram elles os fatores primordiaes.

Nos clubes do remo a preterição do negro é acentuada.

Negam-lhe tudo.

Vedam- lhe todos os direitos.

– Por que negro remador, ou nadador?

Contente-se em ser a semente da riqueza e do sofrimento do Brasil.

É o bastante.

Por essas e outras, é que aventamos a idéia da confederação para termos nossa praça de esportes onde mostraremos com galhardia o valor do pulso negro, que humildemente, no passado, cingiu-se de algemas, hoje, ufano, conduzirá á victoria qualquer esquadra esportiva, dentro da ordem para o progresso do Brasil.

Elementos valiosos não nos faltam, felizmente. Uma fusão inteligente dos gloriosos conjuctos pretos A. A. S. Geraldo, Clube A. Brasil, Athletas: Matheus, Marcondes, Alfredo Gomes e tantos outros; há forçosamente de dar em resultado uma seria barreira, que no esporte, elevará o moral do negro brasileiro.

Pretos paulistanos, sentido! Dêem forma a nossa idéia, que dentro de pouco tempo teremos mais um padrão de glorias para nos orgulhar.

Tem a palavra os grandes esportistas Benedito dos Santos, Silvério Pereira, Benedito Prestes e Norberto Rocha.

Somos todos ouvidos (*O Progresso*, 15/02/1930, p.5).

A Confederação Esportiva dos Homens Pretos do Brasil surgiu diante da necessidade de um jornal inclinado à causa negra, que denunciasse os obstáculos que os negros estavam enfrentando para ascender no campo esportivo. A interpretação do jornal negro é concomitante à elaboração da tese do *preconceito de marca*, de Oracy Nogueira, cuja interpretação sugere a especificidade do “racismo à brasileira”. O preconceito à brasileira, diz Nogueira, ocorreria por preterição, traço discriminatório que fora denunciado pelo jornal negro, que incidia sobre os negros que pleiteavam participar de esportes elitistas, a saber: o remo e a natação.

Nesse sentido, os dramas vividos pelos negros que pleiteavam ascender no campo esportivo se afinam com as conclusões de Nogueira (1988), que sugere que o verbo adequado para a compreensão das relações raciais na cultura brasileira seria “preterir”. É ele que nos auxilia a compreender as estratégias de resistência elaboradas pelas elites contra a popularização daquelas atividades esportivas que os identificavam. Observe que a literatura denuncia uma forma de exclusão contra os negros no Brasil, mas não explica a maneira como ela operava. Apenas diz que o preconceito incide sobre caracteres sociais.

A literatura denuncia o preconceito à brasileira como um dos obstáculos encontrados pelos negros nos clubes. Não há indícios de discriminação explícita, mas sim uma discriminação silenciosa, travestida por marcadores sociais. Divulgar essa

forma de discriminação era uma outra demanda da imprensa negra. Ela não se limitava apenas a denunciar o “racismo à brasileira”, mas também divulgava os feitos dos negros. Seu desempenho nos campos de futebol acarretava a conquista de vários simpatizantes:

O “S. Geraldo”, conhecido campeão do Centenário, continua na vanguarda dos clubes de sua categoria.

Em cada luta em que se empenha aquella associação, numerosa é a assistência, que vae levar-lhe o apoio de sua *torcida*.

Foram fundadores do “S. Geraldo”, agremiação que teve resplendor no “Pacaembu”, os srs: Silvério Pereira, Rufino dos Santos, Felisbino Barbosa, Horácio da Cunha e Benedito Prestes (*O Progresso*, 23/06/1928, ano I, n. 1, p.5, Esportes).

A conquista da Copa do Centenário da Independência do Brasil rendeu-lhe um notável respeito na cidade. Há uma abundância de referências ao título de “Campeão do Centenário”. A conquista desse título, idealizado para comemorar o centenário da independência do Brasil, foi motivo de orgulho por parte daqueles que simpatizavam com o clube, e isso o tornava distintivo para aquele grupo étnico.

Em 1922 a LAF deliberou que o campeonato daquele ano seria destinado à comemoração do centenário da independência do Brasil. Apesar do excessivo número de menções a esse título, não encontramos maiores informações que pudessem nos esclarecer sobre essa celebração, à exceção do livro de Storti e Fontenelle (1997), que diz sobre o ano de 1922:

Corinthians

Campeão do Centenário

Todos os participantes sabiam que aquela seria uma conquista diferente, já que o país estava mobilizado para comemorar o primeiro centenário da Independência, e o campeão ficaria marcado (STORTI; FONTENELLE, 1997, s/p)

Ainda que o texto se refira ao Corinthians, campeão da divisão principal, e o S. Geraldo tenha vencido a divisão intermediária, podemos entrever os significados dessa competição prestigiosa e, segundo os autores, “diferente”. Vencê-la seria uma forma de ser lembrado.

“Campeão do Centenário”

A Associação Athletica São Geraldo, é no violento esporte bretão, uma das agremiações mais respeitadas de São Paulo.

Não só seus quadros principaes como secundários, têm se empenhado jogos de valor, cuja victoria lhes seria difícil, si os *onze* que possuem na sua vanguarda a agilidade técnica de *Dictinho* não fossem mestres na sua posição.

De há muito que o “S. Geraldo” se impõe nos meios esportivos de Piratininga. Os seus embates, em tempos no Pacaembu (fim da rua Tupy), marcaram tardes que acordam recordações que os annos não conseguiram fazer esquecer.

Dali pra cá, os annaes esportivos vivem cheios, não só da disciplina, com a qual se caracteriza a associação da rua Victoriano Carmillo, como com as derrotas que o S. Geraldo, infligem nos seus denodados antagonistas.

Na história das festas, com que se comemorou, esportivamente, os 100 anos de vossa emancipação política, o clube que bem representa os pretos da capital e do estado de S. Paulo, occupa capitulo a parte. De um modo que os honra sobremaneira, o S. Geraldo conquistou a disputa do titulo de Campeão do Centenário.

Deus, parece que escolheu a camiseta alvi-negra, para dar-lhes essa honrosa designação, evidenciando deste modo o quanto os pretos do Brasil devem a sua Independência.

Agora o “S. Geraldo”, ocupa a vanguarda do Campeonato da Primeira Intermediaria da LAF (*O Progresso*, 28/07/1929, p. 5, “Esporte”).

De luta em luta, o São Geraldo, é uma das agremiações de homens pretos, que, no esporte, tem sabido, não só na capital como, em todo Estado, honrar sobremaneira o nome do negro. Não é de hoje que o “11” da barra funda compreendeu seu papel no mundo esportivo.

De longa data vem o “S. Geraldo” apurando a sua *performance*.

Já muito antes de nossa emancipação política o clube do José Alves já era temido.

Em 1922, honrosa e merecidamente levantou o título de Campeão do Centenário, denominação essa que os camisas alvi-negras souberam guardar com usura. Prova essa asserção o bello feito actual que veio collocar mais uma vês o S. Geraldo na dianteira de seus congêneres. (*O Progresso*, 26/09/1929, p. 7).

O sucesso do clube era tamanho que os jornais passaram a reivindicar o acesso do clube à APEA, instituição que dirigia o futebol paulista naquele início da década de 1930, como se vê no trecho abaixo:

“Ao São Geraldo”

O campeão do centenário que conquistou agora o título de “Campeão Municipal”, deveria facilitar a volta ao campeonato secundário da APEA. Depois da realização das partidas de sua série, em que com relativa facilidade a A. A. S. Geraldo conseguiu desfazer-se de todos os quadros que com elle competiram, classificou-se com o antigo grêmio da 2ª divisão lafeana, para as finais, cujo último jogo foi disputado no dia 31 de Maio último.

Três eram os que se degladiavam. Vasco da Gama, Parque da Moóca e São Geraldo, vencedores das diversas séries em que a APEA dividiu os inscriptos para o torneio. Realizaram-se, então, alguns jogos de bastante interesse, finalmente depois de ter sobrepujado o Vasco da Gama, puderam os rapazes do São Geraldo, em bello jogo, conquistar o título de campeão, derrotando a valenta esquadra da Moóca

Estão pois de parabéns os defensores do velho clube. Tendo ingressado nas fileiras apeanas a alguns annos, depois de ter sido disputado vários campeonatos, della se retirou militando ao lado dos grêmios que fundaram a liga de amadores. Com o desaparecimento desta o São Geraldo voltou as fileiras apeanas, ma sem fazer questão de logar ou posição.

Filiou-se como outro conjunto qualquer, e apenas disputou o campeonato municipal que acaba de vencer brilhantemente. Trabalharam como se vê para a reabilitação do nome esportivo do clube. Justo seria portanto que alguma coisa por elles se fizesse, facilitando-lhes a volta ao campeonato da vossa entidade máxima. Seria o maior premio que lhes poderiam conferir (*O Progresso*, 23/06/1931, s/p).

Ano após ano, a partida final e a conquista daquele torneio eram rememoradas pelo jornal *A Voz da Raça*. Ao aproximar-me das fontes, constatei que a seção “Gentes e fatos de outras épocas” era uma das partes do jornal destinada à divulgação de feitos gloriosos de instituições ou pessoas próximas aos jornais. O dia da final desse torneio distintivo foi rememorado pelo jornal.

“Gentes e fatos de outras épocas – S. Geraldo Vs. Flor de Belém”

O Flor de Belém F.C foi o campeão municipal de 1923, cujo titulo no ano de 1922, dividiu-lhe a fé, pois a valorosa equipe da A. A. S. Geraldo ousou lograr-lhe, levando para a sua tenda o ambicionado título de campeão.

Com que saudades me lembro daquele bem fadado dia, em que dois contendores disputavam um título de honra...

O S. Geraldo, clube constituído, somente, de elementos de cor, contra a Flôr, formado por brancos.

Eram nove horas do dia de domingo de Ressurreição de 1923, – dia da revisão do campeonato de futebol do Centenário – quando me encontrei com alguns dos elementos sãogeraldenses que demandavam as suas casas, a fim de descansarem, pois, na véspera, sábado de aleluia tinham passado a noite em claro. Eu, naquele tempo, era um dos membros da diretoria daquele clube; irritei-me, fiz-lhes ver a grande responsabilidade que iriam assumir dali a algumas horas.

Em cada rosto, em cada fisionomia, notava-se um ar de esperança, pois, o desanimo, não tinha sequer um sorriso da parte dos componentes do quadro que ia ganhar o campeonato.

E assim foi que no jogo, os jovens pretos, cansados, em consequência da noite perdida, anteriormente, produziam pouco, ou quase nada, no primeiro tempo. O adversário entrava com dois pontos e os seus torcedores já o aclamavam campeão, mas como diz o provérbio: ri melhor quem rir por ultimo... Pois assim, no segundo tempo, diante da formidável pressão dos negros, o Flôr, tivera de ceder, indiscutivelmente, os pontos conquistados e mais um.

Oh!... Meu Deus! Que alegria, quando descrevo estas linhas!... sinto, em mim tamanha emoção... parece-me que estou ouvindo os gritos de entra!... centra...! não durma...! é sua!... e depois aquela vozeria que se elevava, demoradamente nos ares: goooool! Gooool! E em triunfo, “os onze” saírem carregados do campo, levando para o S. Geraldo o ceptro de Campeão Municipal de Centenário (*A Voz da Raça*, 28/04/1934, s/p).

O trecho acima rememora, com uma boa dose de emoção, a vitória do São Geraldo sobre o Flor, que lhe rendeu o distintivo título de Campeão do Centenário. Mas quais significados assumem a rememoração por parte da imprensa negra de uma competição idealizada para festejar o centenário da independência de uma nação cuja

história estava marcada pela condição subserviente dos negros e que ainda há pouco vivia o fim da escravidão?

O destaque dado à vitória do São Geraldo objetivava ilustrar a potencialidade daqueles que 50 anos antes eram considerados “párias” da sociedade brasileira. Em um jogo comemorativo do centenário da emancipação política de uma nação que os relegou a uma condição subserviente, a vitória do time dos pretos foi sentida como uma resposta dos afro-brasileiros aos outros membros daquela sociedade pós-escravocrata. As adversidades da partida foram dotadas de sentido simbólico para ilustrar, em resposta àquela sociedade liberal e preconceituosa, todo o valor da “raça negra”.

A mensagem simbólica da vitória é que os negros souberam superar as adversidades do jogo, assim como souberam superar as adversidades que a história impôs àquele grupo étnico. A vitória dos negros do São Geraldo foi sentida como afirmação dos valores identitários de um grupo que reivindicava reconhecimento e aceitação. Este era o alcance objetivado pelo discurso da imprensa negra, na qualidade de um movimento que tinha por missão enaltecer e reivindicar reconhecimento e integração daquele grupo étnico.

Dos predicados que poderiam ser elencados pela imprensa negra para favorecer o acesso do negro ao futebol, quais, em que situação e em qual contexto foram utilizados por ela para se referir aos negros? Esse processo de adjetivação e construção de representações positivas pela imprensa negra transpassa a trajetória do São Geraldo, ganhando mais fôlego após o seu distintivo título.

São Geraldo x Colombo

Conforme noticiamos, iniciou-se domingo o campeonato lafeano, sendo contendores da primeira divisão série intermediária, a A. A. Colombo e a A. A. São Geraldo.

O Colombo não deu pra saída, pois a negrada sapecou-o só por 5 a 0. (*O Auriverde*, 15/04/1928, p. 5).

O jornal, repleto de termos nativos, traduz parte dessa positividade. “Não dar para a saída” é uma expressão que denota um desequilíbrio de forças entre os oponentes; “negrada”, acionado naquele contexto e por seus “próximos”, se reveste de um sentido carinhoso; “sapecar” é o mesmo que “surrar”; e, por fim, “só por 5 a 0”, é um sarcasmo que serve para expressar a superioridade dos pretos que atuavam no São Geraldo em detrimento dos demais jogadores de quaisquer etnias.

São Geraldo X Brasil

Em continuação do Campeonato Lafeano, primeira divisão série intermediário, encontraram-se domingo passado na Floresta, os primeiros e segundos quadros dos clubes acima, ambos formados por elementos de cor. Como se vê, dois bicudos.

- Primeiro quadro

São Geraldo, 3, Brasil, 0.

- Segundo quadro

São Geraldo 3, Brasil 1.

Assistencia numerosa, correcta, disciplinada, notando-se presente um bom número do sexo bello (*O Auriverde*, 29/04/1928, p. 3).

O São Geraldo e o C. A. Brasil podem ser considerados os dois principais clubes de elementos de cor, uma vez que, segundo o jornal, seriam dois “bicudos”. O desempenho desses clubes possibilitou transformá-los em modelos para clubes emergentes, mas com o mesmo perfil.

Clube A. Brasil

O C. Atlético Brasil, que vem tomando papel saliente nas pugnas esportivas de S. Paulo, no presente campeonato da LAF, está fazendo sucesso.

No mesmo jornal foi divulgado o surgimento do ‘Esporte Clube Onze Gallos Pretos’.

Dado ao valor dos componentes do nosso clube, como o esforço da comissão fundadora, prevê desde a firmeactuação dos gallos, que certamente tomarão por modelo, seus irmãos S. Geraldo e C. A. Brasil, formando assim nos meios esportivos uma tríade de respeito.

O Progresso, que foi proclamado órgão oficial do clube, deseja muitas victorias ao Gallo Preto (*O Progresso*, 28/07/1929, p. 3).

É reincidente na imprensa negra um discurso que objetiva mostrar a positividade do negro no espaço do futebol, como podemos confirmar abaixo:

“A . A . S . Geraldo”

Este veterano dos filiados á extinta L.A.F. fechou o campeonato de 1929, de um modo brilhante e digno de todos os encontros.

Terminando o campeonato da 1ª divisão intermediária, o São Geraldo suspendeu brilhantemente, o título de campeão de 1929, e foi um dos mais fortes concorrentes desse torneio; sustentando com galhardia o decorrer do anno, sem uma derrota para o seu quadro; os jogadores não soffreram a menor pena ou censura, em se tratando de disciplina. E isto para nós, é motivo de jubilo, pois, o S. Geraldo, é uma associação essencialmente de nossa classe; entre todos os jogos, apenas uma meta vazou o goal S. Geraldense; no mais, tudo foi levado de vencida, portanto, esse campeonato foi um anno de orgulho para os esportistas negros desta capital, e, a diretoria que conduziu o invicto S. Geraldo, no anno findo, está de parabéns, pela conquista deste alto troféu que irá enriquecer a sede deste nosso acatado grêmio esportivo. (*O Clarim da Alvorada*, 25/01/1930, p.2).

“a taça Clarim d’Alvorada foi brilhantemente disputada no dia 24”

Consoante ao que foi anunciado, realizou-se domingo último, no campo da A. A. Democrata, o esperado torneio eliminatório, promovido por esta folha para a disputa do campeão de 1932 entre as agremiações esportivas da raça negra, que militam em nossa capital. Os nossos companheiros empregavam todos os esforços e não mediram sacrifícios, para que a tarde esportiva se revestisse de brilho que era da expectativa reinante, dado a finalidade e o seu objetivo, que como preliminar, será uma das primeiras pedras lançadas, para a fundação da nossa futura associação; mas, o mau tempo do dia, embora não tenha quebrado o entusiasmo dos jovens jogadores negros, que a despeito do forte temporal, e a péssima condição do campo, com lyndas jogadas de estilo o título por todos cobiçado, foi brilhantemente defendido. Por parte da assistência, o nosso torneio, foi muito prejudicado, pois, é certo que algumas centenas de negros deixaram de assistir o nosso festival (...)

Os clubes que tomaram parte nesse nosso festival, foram os mais evidenciados, como agremiações genuinamente negras – tanto é facto que, o único incidente verificado, teve por elemento, a questão em torno de um jogador branco que o Cravos Vermelhos incluiu no seu quadro, dando motivo para que esse conhecido clube se retirasse, sustentando que esse seu jogador era mestiço, muito embora a comissão não se conformasse com esse argumento.

Foram estes os quadros que tomaram parte no torneio: Estrella d’Alva F. C.; Crisântemo F. C.; Extra São Geraldo; C. A. Piracicabanos; A. A. Palmares; E. C. Flor da Penha; C. A. Palmares e C. Cravos Vermelhos.

A parte esportiva decorreu na maior camaradagem entre os jogadores que dentro de todos os encontros portaram-se na altura do invulgar entusiasmo reinante na regular torcida que afluíu ao campo, onde o sexo feminino predominava, sabendo corresponder a nossa finalidade (...) (*O Clarim da Alvorada*, jan/1932, p. 3).

Disciplina e capacidade técnica são os traços distintivos utilizados por esse jornal para diferenciar um dos times que representavam os pretos da cidade de São Paulo. Estas representações foram utilizadas em um outro artigo jornalístico, assinado por Africano:

“Tudo Preto”

Na várzea, quando surge em campo qualquer jogador preto, a torcida brada logo

- Ahi, bichão!

O ser preto é índice seguro de “altas qualidades” no manejo da bola de couro. Nos arrabaldes, pelo menos, o futebolista negro é olhado sempre com respeito e sympathia.

Tivemos no “soccer” varzeano esplendidos jogadores negros. Até 1917, por exemplo, passaram pelo Jaceguay, Bello Horizonte, Rio Branco, Argentino, Onze de Agosto, Caramuru e Heróe das Chammass, os celebrados pébolistas pretos:

Antenor (guardião), David, Dica, Deodato, Alibabá, Affonsinho, Bugre, irmãos Aguiar, Zé Campos, Zezinho, Leite, Bingo, Pinheiro, Paulino, Euclides, Felipe, Africano, Tatu, Congo, Francisquinho, Arlindo, Zé Caetano, Isaias e Pedro.

Dos primeiros clubes de preto aparecidos em S. Paulo (1809 a 1912), deixaram recordações o Diamantino F.C., Perdizes F.C., S. Paulo F.C e Aliança F.C. Nesta época existia uma liga varzeana.

Na atualidade, o melhor núcleo negro é o do S. Geraldo. Atualmente está bastante desfalcado.

Conjunto “pesado”: Turma do Norte F. C. (Braz), 28 de Setembro F. C., Cravos Vermelhos, Palmares F.C., Auri Verde F.C. encontra – se misturado, isto é: café-com-leite.

Há pouco “fez barulho” o E.C. Piracicabanos, da rua Consolação. É constituído exclusivamente de piracicabanos pretos, residentes nesta capital. Quase todos vieram do 28 de Setembro F.C., de Piracicaba. Cores do uniforme: calção negro, camisa branca com distintivo. Quadro principal: Sebastião Mathias, Zé Elias e Trau – Zequinha, Campos e Catroino Andrade II, Antonio, Pedrinho, Andrade I e Juca.

O característico das agremiações negras é a disciplina. Haja vista os conjuntos que jogam por aí a fora. Entusiasmo transbordante sob uma alma ternamente compassiva, incapaz de quebrar pernas ou de “dar trabalho á policia” (*O Progresso*, fev/1931, p.4).

Naquele período o “ser negro”, construído pelo branco, incluía estereótipos de tipos desordeiros e violentos (SCHWARCZ, 2001). A matéria contesta esses estereótipos e exalta valores como a disciplina, a contenção da violência física, o respeito e a ordem. A abundância de elogios ao desempenho dos pretos durante as partidas de futebol sugere interpretarmos que as partidas dos times dos pretos transcorriam dentro da ordem e da disciplina, em uma palavra, *civilizadas*.

Isso servia tanto para contestar os estereótipos presentes naquela sociedade sobre as pessoas “de cor” quanto para reforçar outro estereótipo aparentemente positivo, qual seja: a vocação quase inata do negro para o futebol. Nesse caso, a imprensa negra se posicionava na contramão dos estereótipos, mas mantinha uma relação ambígua com eles. Isto é, buscava contestar e contrapor aqueles que comprometiam a identidade

negra, mas reforçava os estereótipos positivos sobre os negros, já que eles, segundo a matéria, seriam detentores de “altas qualidades” no manejo com a bola.

A disciplina parecia ser um valor que a imprensa negra queria afirmar para seus pares, senão vejamos a matéria em que divulga o jogo do clube Frentenegrino, um clube negro. Na seção de esportes do jornal *A Voz da Raça* lê-se:

a peleja esteve deveras movimentada e o jogo deveras equilibrado e interessante; ambos os quadros são dignos de uma menção; pois que os seus jogadores demonstraram no desenvolver do jogo, onde notamos disciplina, prediado que mais necessita um jogador (*A Voz da Raça*, 19/04/1933, p. 4).

Outra questão que era levantada pela imprensa negra era a divulgação do esporte como um meio de aperfeiçoamento da raça. Lembremos que as teorias raciais, que há pouco haviam sido contestadas, apontavam os negros como seres degenerados física e moralmente (SCHWARCZ, 2002). Em tese, podemos arriscar que essas conclusões científicas contaminavam os valores daquela sociedade pós-escravocrata. O esporte, por sua vez, poderia ser um meio de contestação daquelas representações estereotipadas e de adequar os negros à ordem daquele contexto, qual seja: uma nação higienizada e disciplinada através do futebol, em conformidade com a ordem higienista daquele contexto.

Página Esportiva

Praticar o esporte em todas as suas modalidades é um meio de se aperfeiçoar fisicamente a Raça. Atualmente, em todos os países, o esporte é encarado

com carinho pelos jovens, interessados na maior robustês e energia de seus povos.

No Brasil, segundo os atos que já vão bem encaminhados, os jovens vão intervir na unificação e oficialização dos esportes, o que é uma necessidade premente, dado o dissídio que lava no mundo esportivo brasileiro.

Também os clubes arrabaldinos ou varzeanos, devem ser filiados a uma entidade que os unifique e auxilie, dando-lhes mais vida, mais futebol, formado e composto por mais pujança, mais desenvolvimento.

É grande o numero de clubes de elementos negros, e que vivem, pululam e brilham por esta paulicéa afóra.

Clube Negro de Cultura, A. Atlética S. Geraldo, Brasil, Marujos Paulistas, Vitoria Paulista, C. E Flor da Penha e tantos outros são clubes futebolísticos, possuidores de verdadeiros atletas e malabaristas do esporte que consagrou Friedenreich.

Através da justa fama que já gosa, chegou ao nosso conhecimento a existência de uma exemplar agremiação esportiva, composta de rapazes negros ordeiros e disciplinados, verdadeiros cavalheiros, tanto no campo, como fóra dele.

E esse núcleo valoroso que apenas com 6 meses de existencia, já possui uma bela quantidade de taças conquistadas em renhidas pejeas, é o S. Clube União das Onze Rio-Pardenses, com sede á rua Tamandaré, 440.

“Voz da Raça”, jornal que aborda na sua totalidade assuntos doutrinários, não é indiferente á essa modalidade de educação física dos negros, que é o futebol. E como é de nossa cogitação organizarmos brevemente uma Pagina Esportiva, avisaremos em tempo oportuno os seus secretários de clubes negros que as nossas colunas estarão ás ordens para assuntos e noticias esportivas, o que publicaremos gratuitamente (*A Voz da Raça*, abr/1937, p, 2).

A positivação do negro pela imprensa negra não ocorreu apenas nas páginas dos jornais, mas também nas revistas que começavam a surgir em meados do século XX. Tal positivação foi expressa em termos quantitativos quando, por exemplo, a revista *Senzala* apresentou um “censo” da constituição étnica dos jogadores brasileiros que se preparavam para disputar a Copa de 1950, no Brasil.

uma das causas que vem derrubar o velho tabu da inferioridade do negro em face a seu irmão branco, reside, indubitavelmente, no panorama desportivo da atualidade. O negro é detentor, nos deportes de sua preferência, de todos os postos máximos do conhecido atlético universal.

Contudo, não é nossa intenção focalizar, no momento, as formidáveis atuações do “sprinter” Owen no atletismo e dos boxers Jonhson e Joe Lewis. Não. Queremos, tão somente, analisar, de um modo ligeiro, as “performances” do negro brasileiro no futebol. São pequenas notas, simples, concisas, claras, que abordarão apenas os futebolistas atuais, deixando para outra oportunidade, as figuras impressionantes de um Fried, um Fausto e um Patronilho.

Para não nos alongarmos muito, usamos, por exemplo, o atual selecionado nacional disputante do sul americano Extra, em Buenos Aires. [...]

Portanto, de acordo com os quadros grifados, temos oito negros no quadro titular, 3 no quadro reserva e quatro entre os dispensados. Em resumo, dos 31 “players” dispensados por Flávio Costa, catorze são negros, o que nos dá u’a média de quase cinquenta por cento, isso sem falar do “onze titular” formado por sete negros e 4 brancos, fato esse que confere aos nossos, a formidável vantagem de setenta e cinco por cento.

Lembremos agora outras “estrelas” de primeira grandesa que actuam destacadamente nos grandes clubes de São Paulo e Rio [cita vários jogadores] e teremos uma conclusão que, se o negro destacou-se, sobremaneira no futebol, (o atletismo, na modalidade de corridas de fundo, e o Box, já vêm sendo tomados de assalto pelos nossos, que apresentam sempre atuações impressionantes) é devido, não só ao espírito democrático que campeia nos esportes atléticos em geral, como pela indiscutível fibra de lutadores filhos de Zumbi, o que desmentir ‘in totum’, a balela da passividade e a tolerância dos homens escravos que precederam o 13 de Maio (*Senzala*, ano I, n. 1, São Paulo, jan/1946, p. 29).

Além de apresentar esse levantamento da raça/cor dos jogadores, a matéria reverbera o valor democrático do esporte que, de alguma maneira, equiparava as raças. Nesse cenário igualitário os negros se sobressaíam, sendo reconhecidos como um grupo étnico especialmente dotado para as atividades atlético-esportivas. Cabe lembrar que se, por um lado, valorizar a suposta superioridade do negro em relação ao branco no futebol era uma das preocupações da imprensa negra, por outro lado, quatro anos após a publicação dessa matéria, com a derrota do Brasil para o Uruguai na Copa de 1950, uma das justificativas da derrota, segundo indica a historiografia sobre o futebol brasileiro (SOUTO, 2002), recaiu justamente sobre a constituição étnica dos jogadores negros, sobretudo Barbosa, o goleiro daquela seleção que teria falhado no segundo gol do Uruguai⁴⁰.

A imprensa negra não se ocupava apenas de discursar sobre o negro no futebol, mas também em outros esportes, como veremos abaixo. As matérias reverberavam o discurso do primado desse grupo étnico para as questões relativas às atividades físico-esportivas.

“Pretos contra brancos”

No dia 28 de Julho o “Madson Square foi teatro de uma interessante noitada pugilística, inédita no nosso meio: seis pugilistas cariocas, todos pretos, enfrentando 6 pugilistas brancos!

⁴⁰ Essa derrota, segundo Mário Filho: “em vez de glorificar um novo ídolo do futebol brasileiro, que segundo todas as probabilidades, seria outro mulato ou preto, à imagem e semelhança de Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva, o que fez foi reavivar um racismo ainda não de todo extinto” (Rodrigues Filho, [1964], 2003, p. 280).

Podíamos dizer luta de raças se o pendão nacional não irmanasse todas as cores e todos os credos. Em todo o coro a torcida esteve nitidamente separada, mas, torcendo para os ebanicos atletas, outros para os homens de... marfim...

A luta final entre Ítalo Hugo e Waldemar Januário foi dura. Dura, porque Januário é o pugilista que nasceu para um adversário devido a guarda canhota e o defeito de vista que dá a impressão que esteja olhando para um lugar diverso, quando, em verdade, está calculando a distância do seu soco e o queixo do adversário.

Forte, como o são todos da raça negra, possuidor de uma esquerda respeitável e que muitos adversários já o conhecem, Januário dificilmente foi batido por pontos (*O Progresso*, 31/08/1929, p. 5).

Januário, o pugilista, personificava a positivação das representações que indicavam a “raça negra” como um grupo étnico forte corporalmente, ou “forte, como o são todos da raça negra”, segundo as páginas do jornal. Através de uma ritualização da diferença entre brancos e negros em uma noite de boxe, a imprensa negra teve voz para positivar os capitais corporais, caros à prática esportiva, dos negros.

A matéria anterior chama atenção para um evento esportivo que polariza brancos e negros. No próximo capítulo nos aprofundaremos em um evento dessa natureza, o jogo “Preto X Branco”, cuja principal atração era opor pretos e brancos. Em linguagem antropológica, diria Roberto DaMatta, o exotismo que garante a atratividade do evento é a dramatização das representações socialmente construídas sobre as raças através dos diferentes esportes. Por hora, interessa dizer que havia outros dessa natureza ocorrendo em São Paulo, como a nota que segue abaixo:

“C. A. Brasil”

Interessante será, dados os preparativos, o festival que aquelle club organisou para o dia 20 no gramado do A. A. Palmeiras na Ponte Grande.

A principal nota da festa será um encontro de futebol entre um selecionado branco e preto local, com outro do Rio. O quadro bicolor paulista está assim organizado: Waldemar, Gaby, Ferreira, Barros, Bisoca, Mono, Petronilho, Fried, Cardoso e Pedrinho (*O Progresso*, 13/01/1929, p. 7)

Matérias jornalísticas apresentam indícios da existência de jogos dessa natureza para além da capital paulista, como este da cidade de Campinas:

“Vida Esportiva – Futebol”

Graças a iniciativa da liga municipal, temos tido tardes alegres para os que amam o esporte bretão, porque digamos mesmo de passagem, o futebol em Campinas já estava em decadência.

Organizada a liga, feita a sua direcção que obedece aos 7 clubs disputantes, todos trabalham para que o esporte nesta terra volte a sua antiga animação. Basta que corramos um pouco os nossos olhares sobre a resenha dos diários locais para se avaliar o esforço com que a Liga está possuída e da boa vontade dos clubs que a ela se filiaram.

O que é preciso é que os nossos amigos e os nossos irmãos de cor vão compreendendo que é necessário o esforço de todos para o levantamento dos nossos sentimentos. Não, a vossa vontade é o bastante para que a organização de nossa cor sempre tenha elementos ao seu lado.

Senhorinhas, vós que emprestaes belleza a tudo, ide ao Hyppodromo, apreciar as pugnas esportivas principalmente quando se ferir com o S. C. José do Patrocínio, formado de elementos de cor.

Ali a vossa presença é indispensável porque traz o encanto, a sedução e encoraja os nossos companheiros.

Ide senhorinhas, sem distincção, porque ali a vossa entrada é franca, bastando somente a vossa beleza para attrair áquele logradouro admiradores seus e dos teams em disputa.

Ide senhorinhas, dae valor aos seus irmãos de cor que elles vos agradecerão (Lux Junior, *Getulino*, 21/10/1923, p.5).

Um jornal da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, versa sobre a presença de jogos dessa mesma natureza também por aquelas bandas:

“13 de Maio”

Para comemorar a data da liberação dos homens de cor, a Sociedade Beneficente 13 de Maio está trabalhando desde já para que aquela data seja comemorada com um cunho todo especial dos anteriores.

Nesse sentido a sua diretoria está organizando uma partida de futebol, dos elementos pretos contra os brancos, que será disputada, provavelmente, no campo do XV de Novembro.

Na sede social estão sendo ensaiadas diversas peças para serem representadas durante as festividades, além do Hymno Nacional que será cantado por um grupo de moças e rapazes de cor (*O Patrocínio*, 07/04/1928, p.3).

O atletismo foi um desses esportes incentivados pela imprensa negra através dos clubes:

“Precioso incentivo”

O C. A. Atlas está organizando para o próximo dia 13 de Maio uma grande competição atlética que consta de uma corrida de 800 metros, a ser disputada nos terrenos do Pacaembú.

Em homenagem à data a diretoria do Atlas oferece a Taça “América Pessina” para ser entregue ao Club que colocar em melhores condições os três primeiros atletas de cor, e, individualmente, duas medalhas para o 1º e 2º colocado entre os elementos pretos. (*O Progresso*, 28/04/1929, p. 5)

Que sentidos assumem a diversidade de jogos dessa natureza que surgem ao longo da década de 1920? No que diz respeito ao plano dos significados da nossa cultura, o surgimento de competições esportivas cujo principal atrativo seria opor brancos e pretos sugere que esse é um tema caro para a sociedade brasileira. Tanto é que será dedicado um capítulo inteiro a partidas dessa natureza. No que diz respeito à

postura da imprensa negra diante do futebol, podemos observar que elapassou a assumir uma postura ambivalente ao noticiar as vitórias dos negros no esporte.

Depreendemos, com base naqueles periódicos inclinados com a causa negra, denúncias de preconceito e debates sobre a mestiçagem, a democracia racial e a penetração do negro no espaço elitista do esporte. Naquele período, o Brasil vivia a construção da brasilidade, tendo como pano de fundo a ideologia nacional que pregava a relação positiva entre pretos e brancos na cultura brasileira, reproduzida no futebol. A partir desse cenário, podemos observar que o sentimento da consciência racial, a necessidade de se integrar à nação e o desejo de ascensão social eram os motivos que mantinham unidos os negros através daquelas associações que promoviam o esporte, basicamente o futebol.

O futebol, que estava sendo investido de poder simbólico para representar o Brasil, estava também sendo apropriado pela imprensa negra para promovê-lo junto aos seus pares, porque ela reconhecia que aquele era um campo no qual seus pares se destacavam. Em congruência com essa demanda nacional, a imprensa negra passou a dar visibilidade às representações sobre o “corpo negro” na medida em que eram utilizadas para construção da identidade nacional e como um meio de ascensão social, conforme se profissionalizava.

A imprensa negra procurou construir uma representação identitária do negro que privilegiasse o capital futebolístico, sem se esquecer dos predicados morais como a disciplina, a higiene e a ordem. O bom desempenho no futebol, não só técnica, mas também disciplinarmente, seriam os capitais acionados pela imprensa negra para facilitar o acesso dos negros ao campo do futebol. Consciente de que esses valores são *marcas* necessárias para a ascensão social de um negro no Brasil, a imprensa encontrou

no futebol uma ferramenta que servia para denunciar e combater o preconceito que ainda resistia contra o negro no campo do esporte.

A estratégia de divulgação dos feitos de sucesso dos negros no campo esportivo promovia uma identidade positiva do negro no futebol, em conformidade com as demandas daquele contexto: uma nação higienizada e disciplinada na esteira de projeto nacional que via no futebol um meio de expressão positiva da brasilidade. Esse ideário era ritualizado naquele contexto por meio de um jogo festivo de futebol: o “Preto X Branco”. É o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

O FUTEBOL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: A IMPrensa E OS JOGOS “PRETOS X BRANCOS”

Se os esportes não são independentes em relação à sociedade na qual eles se desenvolveram e seus valores são atualizados em conformidade com a estrutura social em que estão inseridos, pergunta-se: que significados possuem as partidas de futebol entre jogadores autodeclarados pretos e brancos que ocorreram em São Paulo, 39 anos após a formalização do fim da escravidão, na comemoração do dia “13 de Maio” entre os anos de 1927 e 1939? Este capítulo vai buscar compreender os significados desse jogo conhecido como “preto x branco”.

Realizados com toda pompa que merecem os grandes cerimoniais nacionais, esses eventos singulares idealizados para celebrar a emancipação política dos ex-escravos refletem as demandas daquele contexto histórico. Pensadas paralelamente às interpretações nacionalistas sobre a mestiçagem, no contexto pós-abolição, na fase da implantação da República e do trabalho liberal no Brasil, tais partidas apresentam uma rica gama de significados sobre o debate racial na sociedade brasileira e as representações sobre as “raças” em uma sociedade que passava a ser constrangida pelos códigos de uma ordem liberal.

Compreender as demandas que colocaram em oposição pretos e brancos ajuda-nos a entender a democratização do futebol no Brasil e a participação do negro nesse processo. Naquele contexto que ainda se ressentia dos valores herdados de um *ethos* escravocrata, esses jogos refletiam as tensões de uma cultura que passava a ser constrangida por uma ordem liberal e davam visibilidade a um grupo cujo desempenho

era positivado. Logo, estavam sendo positivados e reforçados os capitais do negro para o futebol.

Uma partida festiva de futebol disputada entre uma equipe de jogadores pretos e outra equipe composta por jogadores brancos dramatizava os dilemas identitários acerca das raças naquela ordem pós-escravocrata, momento em que o Brasil republicano buscava a afirmação de sentidos e símbolos de coesão social que constituíam imagens sobre o ser brasileiro. Por isso, acreditamos que as representações oriundas dessas partidas amistosas realizadas nas primeiras décadas do século XX podem auxiliar a entender o debate sobre o “racismo à brasileira”, bem como as tensões e consensos sobre a constituição da brasilidade.

No capítulo 1 abordamos as tensões da popularização do futebol em São Paulo e os preconceitos que emergiram contra os negros naquele momento em que o futebol começava a se difundir no Brasil em todos os segmentos sociais e passava a sintetizar importantes contradições daquela sociedade. Uma delas era o fato de que os negros começavam a ter visibilidade no esporte e nas artes, mas tinham sua participação circunscrita a determinados espaços de atuação, sendo preteridos nas redes sociais dos principais clubes esportivos da capital paulistana.

Vivendo sob o *ethos* amador, a divisão social de futebol ainda perdurava naquela cidade. Os principais jogadores negros e brancos ainda estavam confinados em times separados, sem oportunidades de jogar uns com os outros, exceto em disputas informais. Num esforço de abalar essa divisão e fazer com que os primeiros fossem mais vistos, “em 1927 vários líderes negros tiveram a idéia de realizar um jogo anual entre negros e brancos, a ser disputado no dia da abolição” (ANDREWS, 1998, p. 333).

Andrews (1998) salienta ainda que após a Proclamação da República houve um desencorajamento das comemorações do dia 13 de Maio. Apesar disso, a comemoração

dessa data nunca desapareceu totalmente, tendo sido preservada como um feriado cívico pelas organizações sociais dos negros. Nesse sentido, todos os anos eram realizados eventos patrocinados pelos clubes sociais dos negros, que, em geral, compunham-se de atividades “civilizadas” como música, poesia, bailes, partidas e eventos esportivos, entre os quais partidas daquela natureza, que tiveram início no final da década de 1920 e avançaram até os anos 1930. Posteriormente, em contato com os principais jornais daquele período, descobri que o “Preto X Branco” foi uma iniciativa da Liga de Amadores de Futebol, a LAF, criada em 1926, e não uma idealização das organizações negras. Essas últimas passaram a cooperar na organização do evento a partir de 1931, quando a LAF encerrou suas atividades. Veremos isso à frente.

A LAF surgiu em 1926, oriunda de uma dissidência do Paulistano, que, visando uma renovação de seus hábitos e costumes, resolveu se desligar da APEA, instituição que naquela ocasião deliberava sobre os rumos do futebol paulista. Ainda preso ao amadorismo e à elitização do esporte, o Paulistano propôs a criação da LAF com o objetivo de renovar os ares da política esportiva, pois, segundo a visão desse clube, imperava nos clubes filiados à APEA a indisciplina, a “politicagem” e o falso amadorismo. O “falso amadorismo”, marco da “transição” do amadorismo para o profissionalismo, foi a justificativa para que o Paulistano propusesse, em 1926, a fundação da LAF. Eis como Mazzoni (1950) narrou essa cisão:

foi trágico para o futebol paulista o dia em que o Paulistano resolveu deixar a APEA. O ambiente já estava envenenado, pode-se dizer, desde o ano anterior. [...]. O Paulistano visava um movimento de... depuração e renovação. Imperava a indisciplina, a politicalha rasteira dos clubes, e o falso amadorismo não tinha mais controle. A fundação de uma nova entidade era o grande remédio que o Paulistano queria usar, a exemplo de 1913 quando fundou a APEA (MAZZONI, 1950, p. 198).

Por não concordar com os caminhos da profissionalização para a qual o futebol caminhava e a APEA inclinava-se favoravelmente, a LAF, logo no seu primeiro ano de existência e em conformidade com o interesse da maioria de seus membros, resolveu idealizar e promover aquela partida original. De forma inédita e até certo ponto contraditória – já que a instituição dissidente do futebol paulista se mantinha elitista e presa aos valores do amadorismo –, a LAF passou a promover a tal partida de futebol sem fins lucrativos. Em tese, diferente da ordem escravocrata, esse jogo causava uma suspensão, ainda que temporária, na hierarquização velada vigente na vida cotidiana, e equiparava pretos e brancos a partir do mesmo código jurídico, na medida em que as regras proporcionavam a oportunidade de vitória para ambas as equipes.

Tomamos como fontes as textualidades elaboradas sobre os jogos através das matérias publicadas pela imprensa convencional da cidade de São Paulo e pela “imprensa negra” – as “associações de homens de cor” (PIRES, 2005). Fui até os microfilmes da Biblioteca Nacional para captar o significado do “Preto X Branco” através de discursos que nos permitissem apreender como se produziram, difundiram e repercutiram as interpretações dos fatos, muitas vezes em diversas versões.

Os conteúdos dessas matérias jornalísticas revelam significados, valores e representações circulantes na dinâmica social, constituindo formas subjetivas de pensar as “raças”, categorias nativas entendidas aqui em termos antropológicos. Além disso, no caso do discurso jornalístico da “imprensa negra”, poderíamos tomar os conteúdos das matérias enquanto vozes de resistência ou de afirmação desse grupo étnico em relação ao “outro” em um contexto de reordenamento das identidades.

Além disso, adicionei a essas fontes visitas a três museus da cidade de São Paulo: o Afro-Brasil, do Futebol e da Federação Paulista. Nessas visitas tive acesso a

fotos e informações necessárias para a compreensão do desfecho dos jogos, como a taça da edição de 1938, e sobre Friedenreich, principal jogador brasileiro daquele período que, embora descrito pela memória do futebol brasileiro como mestiço, atuava naquele jogo no time dos brancos.

Andrews disse que essas partidas eram realizadas anualmente, a cada 13 de Maio, de 1927 até 1930. Desconfiei dessa informação e resolvi checar os jornais do ano de 1931, quando encontrei a ocorrência do “Preto X Branco” também naquele ano. Posteriormente, lendo um livro que resgata parte da história do futebol de São Paulo, descobri que os jogos ocorreram ainda em 1938 e 1939, havendo uma interrupção entre 1932 e 1937, a julgar pela sua ausência nos jornais. Pelo menos é isso que podemos inferir do fato de não ter encontrado mais comentários sobre os jogos, apesar da procura exaustiva. Abaixo listamos os jornais pesquisados:

- 1) Tentando apreender uma interpretação sobre os jogos de maneira mais generalizante e menos inclinada e comprometida com a questão negra, consultei os microfilmes dos jornais da imprensa convencional de São Paulo, mas que tinham circulação nacional. Os jornais foram aqueles disponibilizados em microfilme pela Biblioteca Nacional: *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã*, entre os anos de 1927 e 1931, de 1938 e de 1939. Realizei leitura dos microfilmes dos dias 10 a 14 de maio de cada um desses anos, a fim de apreender a divulgação, a promoção e a repercussão do jogo. Não me limitei às textualidades escritas, mas também à iconografia, que permitiu uma maior aproximação com aquele período;
- 2) Consultei também os jornais da imprensa negra disponibilizados nos microfilmes da Biblioteca Nacional. São eles: *A Voz da Raça*, de circulação

nacional, referente a março de 1933; *O Clarim da Alvorada*, referente a janeiro de 1924; *O Kosmos*, referente a agosto de 1922; o *Alviverde*, de abril de 1928; *O Progresso*, também de circulação nacional, de junho de 1928; *O Baluarte*, de janeiro de 1904; *O Meneli*, de outubro de 1915; *A Rua*, de fevereiro de 1916; *O Xanter*, de maio de 1916; *O Alfinete*, de setembro de 1918; *A Liberdade*, de julho de 1919; *A Sentinela*, de outubro de 1920; *Getulino*, de agosto de 1923, *A Elite*, de janeiro de 1924; e, finalmente, *O Patrocínio*, referente a abril de 1928.

Esses jornais não tinham uma impressão diária, eram semanais, quinzenais ou até mesmo mensais, e nem todos os veículos faziam menção ao jogo. As matérias que mencionam o jogo foram selecionadas a fim de compreendermos a continuidade dos discursos sobre a construção da representação da raça negra no futebol. Essas mensagens podem ser lidas como produtoras de ordenamentos e revelam as estratégias de distinção utilizadas pela imprensa negra no campo do futebol.

Estamos partindo da análise interpretativa dos significados que fundam uma cultura (GEERTZ, 1973). Isto é, estaremos “explicando as explicações”. Nosso olhar sobre as matérias a que tivemos acesso é um olhar de segunda mão. As fontes jornalísticas são, em si, interpretações elaboradas sobre os jogos⁴¹, que expressavam as demandas daquele contexto histórico e os predicados sobre as identidades dos sujeitos envolvidos naquelas partidas.

Após a transcrição dos jornais e em contato com as fontes, elegi quatro categorias de análise. São elas: (1) os significados do “Preto X Branco”; (2) o tema da “civildade” e da “violência”; (3) o elogio ao desempenho dos pretos; e (4) a

⁴¹ Schwarcz (2001) utilizou o mesmo tratamento metodológico quando, na ocasião de seu livro *Retrato em branco e preto*, pesquisou o imaginário paulistano nos jornais do fim do século XIX.

ambiguidade em torno do “ser branco” e do “ser preto” através da participação de Friedenreich, o principal jogador brasileiro, naqueles jogos.

Os significados do “Preto X Branco”

Neste item vou apresentar as matérias sobre cada partida editando os trechos que servirão para a análise dos significados desse evento para aquela sociedade do final dos anos 1920. Os jornais analisados foram aqueles que publicaram matérias relativas ao anúncio e repercussão dos jogos.

A primeira edição do “Preto X Branco” foi realizada no dia 13 de Maio de 1927, tendo sido farta e antecipadamente anunciada pelos três principais jornais de São Paulo.

Nos dias 10 e 11, respectivamente, o *Correio Paulistano* publicou:

A LAF comemorara a data de 13 de maio

Continua despertando viva anciedade nesta capital a notícia de que, no próximo dia 13 do corrente, a LAF, em comemoração á gloriosa data de 13 de maio, fará realizar um festival sportivo, cuja partida principal será entre um selecionado de jogadores brancos e outro de pretos para disputa de uma taça que ficará de posse do vencedor em 3 annos consecutivos. O festival, que será annual, visa, pois, não só a disputa da taça como a perpetua commemoração da data de emancipação dos escravos e, também, beneficiar a Associação dos Homens de Côr, pois uma parte da renda do festival será em benefício dessa sociedade. (*Correio Paulistano*, 10/05/1927, p. 6).

LIGA DE AMADORES DE FOOTBALL

O festival de depois de amanhã vem despertando cada vez maior interesse nos nossos círculos esportivos, o festival que a Liga de Amadores de Football pretende realizar no dia 13 do corrente, em comum á data da emancipação dos escravos (*Correio Paulistano*, 11/05/1927, p. 5).

Talvez tenha sido o fato de ser inclinada aos valores amadores do esporte que motivou a nova instituição a idealizar essa partida festiva e amistosa, com o objetivo de celebrar o fim da escravidão e a emancipação dos escravos. A opção da nova instituição por positivar a questão racial brasileira fortalecia a ética amadora de que a finalidade da competição deveria encerrar-se nela mesma, por prazer, e não por estar presa a nenhuma finalidade pecuniária. Prova disso, como veremos à frente, é que não havia nenhuma recompensa econômica para a vitória de uma ou outra equipe. A supremacia de um time sobre outro era traduzida em termos simbólicos pela conquista de uma taça que levava o nome da princesa redentora dos escravos.

O governo do estado de São Paulo era um dos principais incentivadores do evento, pois iria conceder a tal taça que simbolizaria, dentre outras coisas, a superioridade das raças no campo de futebol.

O festival de amanhã promovido pela LAF

Combinado Branco vs. Combinado Preto – uma taça do presidente do Estado.

Aumenta dia a dia o interesse geral pela sympathica iniciativa tomada pela LAF em iniciar amanhã a disputa de uma prova clássica para a conquista de um trophéo instituído ao vencedor em 3 annos consecutivos ou 4 alternados, sendo os contendores sempre um selecionado de jogadores brancos e outro de elementos pretos de clubes filiados (...). (*Correio Paulistano*, 12/05/1927, p. 6).

À medida que o dia do evento se aproximava, aumentava o interesse por aquela partida adjetivada de simpática. Além de começar a anunciar o significado daquela partida, a matéria a seguir revela que a equipe que vencesse os jogos por três anos consecutivos ou quatro alternados ficaria com a posse definitiva da taça “Princesa

Izabel”. No dia do jogo os jornais trouxeram maiores detalhes, como a escalação das equipes, o nome dos árbitros, os beneficiados pelo evento, bem como os preços e lugares de venda dos ingressos.

Football

O grande festival de hoje no campo do Palmeiras

Combinado Preto VS. Combinado Branco da LAF – outras notas

Finalmente hoje a Liga de Amadores de Football fará realizar, no campo da A. A. das Palmeiras, na Chácara da Floresta, Ponte Grande, o esperado e interessante festival com que essa entidade iniciará a disputa de um trophéo que, em comemoração á grande data da abolição no Brasil, foi instituído por essa entidade para jogos que se realizarão annualmente na mesma data entre um selecionado preto e outro de brancos.

O trophéo que se disputa hoje pela primeira vez e que só ficará de posse definitiva dos vencedores em três anos consecutivos ou 4 alternados, foi offerecido pelo Sr. Dr. Dino Bueno, presidente do Estado⁴², que denomina “Princeza Izabel”.

São estes os selecionados que hoje vão enfrentar-se para a primeira partida em disputa deste premio.

Selecionado branco. Nestor – Clodoaldo – Bastho – Raphael – Vanni – Gelindo – Apparicio – Néco – Friedenreich – Romeu Guimarães.

⁴² [O presidente anterior, Carlos de Campos, faleceu em 27/04/1927, antes de terminar seu mandato. O prazo restante foi cumprido pelo Presidente do Senado Estadual, Antônio Dino da Costa Bueno, que assumiu o posto como 13º presidente. Dino Bueno, como era conhecido, ficou no cargo de forma interina de abril a julho de 1927, quando foi substituído por Júlio Prestes de Albuquerque, 14º presidente, que governou até maio de 1930. A designação “presidente do estado” era o que hoje entendemos como governador do estado.] Fonte: Portal do Governo do Estado de São Paulo (<www.saopaulo.sp.gov.br>), disponível em: <<http://www.galeriadosgovernadores.sp.gov.br/03galeria/galeria.htm#12>>, última consulta em: 16/10/2010.

Selecionado Preto: Dica (P. P.), Francisquinho – Ferreira (independência) – Cunhal (R. Claro), Mono (Antarctica) – Rogério (Santista) – Bisoca (Syrio) – Nabor (PP) – Camargo (Jundiahy) Gradin e Carrapicho (PP).

Arbitrará a partida o Sr. Joaquim de Almeida.

Antes desse encontro, como preliminar, serão realizadas 2 partidas entre os selecionados colegiaes da Liga, sendo conferidas aos vencedores dos quadros principaes medalhas de prata, todas oferecidas pela LAF.

O festival de hoje tem conquistado a simpathia de todos, como se prova pelo facto do próprio presidente do Estado offerecer uma taça e nada mais justo que isso, pois, além de dar a nova entidade esportiva uma significativa prova de elevação do espírito esportivo com que seus diretores encarnam as cousas esportivas, deixando de parte todo e qualquer preconceito entre os brasileiros – com a festa de hoje a Liga de A. de Footbal visa beneficiar a Associação dos Homens de Côr, pois que em um gesto altamente altruístico, resolveu que parte da renda do jogo reverta em benefício daquela associação.

Para maior brilho do festival o aviador Sr. Fritz Boesler durante a reunião realizará interessantes e perigosas evoluções em seu aeroplano atirando flôres sobre o campo do Palmeiras. É este, sem duvida, mais um grande attractivo para o festival de hoje. Consoante têm sido noticiado, a Liga de Amadores de Football convidou especialmente todas as altas autoridades civis e militares do Estado, bem assim como o Exmo. Sr. Dr. Washington Luís, Sr. Antonio Prado Fr., Prefeito do Districto Federal e presidente honorário da LAF, e o secretário do mesmo. Dr. Mario Cardim, conhecido e acatado esportista, fundador da Liga de Amadores de Football.

Tudo que foi dito serve para garantir um completo successo á grade festa de hoje que se iniciará a praxe da LAF, em commemorar condignamente, todos os annos, á grande data de 13 de maio.

As entradas para o festival estão à venda, há dias nas casas “São Nicolau” e “Stadium Paulista”, sendo estes os seus preços:

Archibancada 4\$000

Geraes 2\$000 (*Correio Paulistano*, 13/05/1927, Sport, p. 5).

A matéria revela que os festejos do “13 de maio” não se reduziam ao jogo “Preto X Branco”. Ele era a principal atração de um evento que era composto por outros atrativos, como um jogo realizado entre as equipes colegiais da LAF, contando inclusive com premiação para os vencedores, além da apresentação de aeroplanos que descarregavam rosas sobre o gramado.

Além disso, para compor o cenário de festividade, a matéria revela como esse festival se revestiu de toda pompa dos grandes festejos ou cerimoniais nacionais, sobretudo por terem sido convidadas a participar do evento as mais altas autoridades civis, militares e esportivas, dentre as quais merece destaque a possível presença do Presidente da República em exercício naquela ocasião, o Sr. Washington Luís. Tudo isso no principal estádio de São Paulo.

A realização desse jogo serviria para mostrar que o Brasil, mesmo com a memória da escravidão ainda recente na mentalidade daquela sociedade, soubera superar o preconceito contra aqueles anteriormente visto como inferiores. Chama a atenção, para simbolizar esse valor caro à brasilidade, o gesto de filantropia e amor ao próximo da LAF ao reverter parte da renda do jogo para as “associações dos homens de cor”. Isso representaria o nível elevado em que os brasileiros se posicionariam com relação às questões raciais.

O Estado de S. Paulo trouxe outros detalhes sobre o jogo no dia 13.

Futebol

A comemoração da Lei Áurea

Combinado branco vs combinado preto

Effectua-se hoje no campo do Palmeiras, um grande jogo de futebol entre dois combinados dos melhores elementos da Liga de Amadores de Futebol. Tem um certo cunho de originalidade essa partida, pois as turmas são formadas de jogadores da cor branca, uma, e de cor preta, outra.

Dentre as várias iniciativas que tem tomado a LAF na sua breve mas fecunda existência, poucas foram recebidas com tantos applausos como a desse Festival Esportivo. É que commemora a passagem da data da assignatura da “Lei Áurea”, votada em 1888, com applauso unânime da opinião popular.

A razão da sympatia que encontrou nessa capital a lembrança dos directores da liga, hoje effectivada, não está tanto no sentir dos brasileiros, fundamentalmente avessos a distincções de família e de cor, guiando-se mais pelo grau de mérito individual, como porque vale a oportunidade para uma resposta indirecta. Aquelles poucos esportistas que nos centros náuticos, principalmente, tem pretendido estabelecer exclusivismos odiosos tentando votar regras que deixem a margem os que, desejando praticar o esporte de remo no nosso estado, não tenham a sorte de possuir pigmentação intocavelmente caucásia...

Os mentores da LAF ao promover o grande encontro de futebol entre o combinado branco e o combinado negro, não o fizeram, entretanto, com o intuito de mover picuinhas. Tanto mais que o esporte por ela patrocinado está bem fora do âmbito em que se acham os agora empenhados na campanha inglória de alijar dos centros náuticos os esportistas de cor. Mas nem por isso a competição de hoje deixa de ter excepcional relevo, pois em qualquer outra ordem de actividade não se justifica esse preconceito odioso, muito menos por ser ele tolerado no esporte, onde o elemento de cor tem dado sobejas provas de energia, tanto no atletismo como no futebol, para citar somente essas duas modalidades esportivas, onde existe mais elevado coefficiente de negros.

De modo que hoje o encontro preto vs branco, além da oportunidade de confraternização vae constituir um soberbo torneio esportivo.

O troféu que se disputará hoje pela primeira vez e que só ficará de posse definitiva após três annos de victórias consecutivas ou quatro alternadas foi offerecido pelo Exmo. Senhor Dino Bueno actual presidente do estado, que a denominou Princesa Isabel. (*O Estado de S. Paulo*, 13/05/1927, p. 6).

Nesse texto o *Estado de S. Paulo* apresentou os detalhes sobre aquele jogo que opunha e igualava pretos e brancos, antes hierarquizados pela ordem escravocrata. Adjetivada de original, essa iniciativa reforçava um discurso proclamado de que o brasileiro seria um povo avesso ao preconceito racial.

Em contrapartida, o jornal reverbera a denúncia de que os negros ainda eram preteridos nos clubes náuticos de São Paulo, onde persistiam resquícios de preconceito e discriminação velada, como apontamos no capítulo 1⁴³. Essa postura foi adjetivada

⁴³ Vide jornal da imprensa negra.

como “inglória”, revelando como ser racista no Brasil é um valor repudiado. Agravava-se ainda o fato de esse comportamento se manifestar no âmbito do esporte, campo onde o mérito do negro começava a ser reconhecido e positivado.

Diante de uma torcida numerosa e empolgada, a “seleção negra” venceu a dos “brancos” por 3 a 2. No dia 14, o jogo repercutiu nos três principais jornais de São Paulo. A matéria de maior destaque foi a do *Correio Paulistano*, que apresentou até as fotos das equipes:

Football

Liga de Amadores de Football

A competição de hontem em homenagem a data de 13 de maio – victória do combinado negro – outras notas

Teve um brilhante característico a festa sportiva organizada para hontem pela diretoria da Liga de Amadores de Football para commemorar este anno a passagem da data que relembra um dos fatos de mais repercussão e relevo na história política do país: a emancipação dos escravos. E foi digna de maiores elogios a magnífica iniciativa da commissão technica dessa nova corporação de sports, fazendo disputar um torneio em que somente se empenhassem os homens que expressassem em sua admirável grandeza a raça que foi emancipada em um gesto dos mais nobres pela nossa grande princesa. O jogo em que se empenharam os conjuntos preto e branco teve uma movimentação technica fora do commum, assumindo as vezes proporções das mais renhidas das pelepas de “association”, até hoje realizadas pela nova instituição de São Paulo. O aspecto do campo, a confortável praça de sports da velha sociedade da Floresta, uma das que, incontestavelmente, maior número de espectadores comporta – era dos mais admiráveis. Uma multidão compacta e entusiasta que emprestou ao torneio toda a attitude febril de sua mais intensa vibração, proporcionou nos vinte e dois elementos que no campo competiam pela primazia technica do domínio dos sports, um incentivo peculiar a essas exhibições, animando-os em todas as investidas sem par que conseguiram levar a termo.

A Parte Technica

Eram precisamente 16 horas e quarenta minutos quando entram em campo as duas equipes, formadas pela commissão technica e queriam disputar a posse da taça instituída pelo senhor presidente do estado e que recebeu o nome de “Princesa Isabel”.

As duas representações saldam nos pavilhões officiaes a frente da arquibancada os destemidos tripulantes do avião “JAHU”, que realiza a travessia do Atlântico. Essas saudações são recebidas com geral agrado pelos espectadores. Depois de tiradas as chapas photographicas dá-se inicio ao jogo cabendo o tiro inicial ao senhor Gastão Rachou, presidente em exercício da Liga de Amadores que começa o torneio, passando a esphera ao grande Neco. [...]

Após a realização do torneio foi entregue ao capitão da turma preta a taça de prata, objeto de encontro gentilmente offertada pelo senhor presidente do Estado.

Aos elementos da turma vencedora foram igualmente conferidas as medalhas de ouro, que a directoria da Liga de Amadores lhes havia destinado.

No encontro preliminar enfrentaram-se os quadros colegiais da divisão universitária da Liga.

As duas turmas principais estavam dispostas do seguinte modo:

Selecionado branco – Nestor, Clodoaldo, Del Débbio, Raphael, Vanni, Gelindo, Aparício, Neco, Friedenreich, De Maria e Guimarães.

Selecionado preto – Dica, Francisquinho, Ferreira, Cunha, Mono, Rogério, Bisoca, Nabor, Camargo, Gradin e Carrapicho (*Correio Paulistano*, 14/05/1927, p. 6).



conjunto branco, da secção collegial, hontem vencido pelo seleccionado preto

Correio Paulistano, 14 de maio de 1927, p. 6. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional



O quadro Branco, official da Liga de Amadores de Football, hontem vencido no campo da Floresta, pelo seleccionado Preto

Correio Paulistano, 14 de maio de 1927, p. 6. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional



O valoroso conjunto de pretos, da Liga de Amadores de Football, hontem victorioso da tarde sportiva, conquistando a taça "Princesa Isabel"

Correio Paulistano, 14 de maio de 1927, p. 6. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional

A partir das escalções de ambos os quadros podemos observar que o time dos pretos venceu um adversário em que seus principais jogadores - Neco e Friedenreich - foram os protagonistas da jogada que resultou no gol que proporcionou a vitória histórica do Brasil, oito anos antes, contra o Uruguai, no Sul-Americano de 1919, como descrito por Mário Filho.

um mulato, porém, Arthur Friedenreich se tornaria o maior ídolo do futebol brasileiro. Não porque muita gente pensa. Tivesse marcado o gol da vitória de 19[19]. O gol foi menos dele do que de Neco.

Neco é que trouxe a bola do meio de campo, que a carregou até a linha de *corner*, que deu o passe para Friedenreich. Friedenreich só fez encostar o pé na bola. A bola entrou, mansamente. Era a vitória. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 69).

A participação desses jogadores reconhecidamente prestigiados naquela partida servia para engrandecê-la ainda mais e denotar com mais força o valor e a qualidade da equipe dos pretos, que conseguiu vencer uma equipe composta de adversários do nível da seleção brasileira, em tese os melhores em atividade no Brasil.

O jogo continuou sendo repercutido pelos principais jornais de São Paulo.

A comemoração da Lei Áurea

Combinado branco vs combinado preto

A brilhante vitória dos negros por 3 a 2

Teve êxito superior a expectativa o festival que, sob o patrocínio da Liga de Amadores de Futebol, se realizou hontem no campo do Palmeiras, para comemorar a data da abolição da escravidão no Brasil.

Esse festival, consoante o noticiado, constou de dois jogos, o primeiro, entre combinados collegiaes, o segundo, entre dois selecionados característicos, o seleccionado official da LAF, com ligeiras modificações, e um combinado de elementos [...] dessa capital e do interior do estado, formado exclusivamente de homens de cor.

A festa despertou notável interesse na massa popular esportiva da capital. O campo do Palmeiras estava literalmente cheio uma hora e meia antes de se iniciar o jogo principal. [...]

Depois desse encontro entraram em campo, debaixo de calorosos applausos, as turmas principais com a seguinte organização

Selecionado branco – Nestor, Del Débbio e Clodoaldo; Raphael; Vanni e Gallado, Aparício, Neco, Friedenreich, Guimarães e De Maria.

Selecionado de homens de cor – Dica, Francisquinho, Ferreira, Mano e Muia; Bisoca, Nabor, Camargo, Gradin e Carrapicho.

O selecionado preto, antes de ser iniciado o jogo, ergueu vivas de hurras a Liga de Amadores de Futebol. [...]

Findo o jogo, os elementos do quadro preto foram carregados em triumpho pela assistência. O juiz do segundo tempo foi bem. (*O Estado de S. Paulo*, sábado, 14/05/1927, p. 6).

O *Estado* reverbera alguns pontos e adiciona o fato de que aquele evento original despertou a atenção da população da capital paulista que se interessava por esportes, e que, a fim de comemorar a vitória dos pretos, chegou ao ponto de carregá-los. A assistência, adjetivada de “colossal”, que se direcionou ao campo do Palmeiras superou as expectativas, segundo a *Folha da Manhã*.

O festival de hontem da LAF.

O selecionado preto venceu o branco.

Se era esperado que o festival promovido hontem pela Liga de Amadores de Futebol conseguisse completo sucesso verificou-se no decorrer do mesmo que elle ultrapassa ainda a estas expectativas.

Uma assistência colossal enchia completamente as vastas dependências do campo e notava-se em todos desusado interesse e entusiasmo pela partida que ia travarse dahi há pouco entre dois seleccionados da Liga, um de jogadores pretos e outro de elementos brancos, em disputa da taça Princesa Izabel [...] (*Folha da Manhã*, 14/05/1927, p. 8).

O sucesso dessa partida disputada no ano anterior fez com que o evento fosse repetido e aguardado com muita expectativa pela imprensa e pelos torcedores em 1928.

A partir do dia 9, portanto quatro dias antes do jogo, começou a sua divulgação.

LAF

Comunicado oficial

SELECIONADO BRANCO VS SELECIONADO PRETO

O conselho técnico da Liga de Amadores de Football, em reunião realizada ontem, deliberou realizar amanhã, 5ª feira, um rigoroso treino para os seleccionados Branco e Preto, que deverão enfrentar-se no próximo dia 13 de maio.

O seleccionado de jogadores brancos treinará com o quadro principal de A. A. São Bento, no campo desta (Ponte Grande) às 15 horas e meia. [...]

O seleccionado de jogadores de cor, deverá treinar com o quadro principal do Antartica F. C. no campo deste à rua da Moóca, às 15 horas e meia. [...]

Para a organização e fiscalização foram designados os seguintes membros do conselho técnico: José Ozzetti e Raul e Moura, para o campo do Antartica F. C.; Manuel Furtado de Oliveira e Raul Zucho, para o campo da A. A. São Paulo. (*Correio Paulistano*, 09/05/1927, Sport, p. 6).

O ano de 1928 teve um diferencial: haveria um treino preparativo para o jogo. No dia 10 de maio o jornal *O Estado de S. Paulo* destacou esse treino, e nos três dias seguintes anunciou o jogo. Mas foi no *Correio Paulistano* que o jogo ganhou maior destaque.

Em disputa da taça Princesa Izabel

Realiza-se hoje, no gramado da A. A. das Palmeiras “Ponte Grande”, o encontro promovido pela LAF, entre os seus dois combinados, um formado por jogadores brancos e outro formado por jogadores de cor.

A entidade da rua João Briccola, desejando homenagear a grande data do 13 de maio, no ano passado instituiu os jogos entre os selecionados alludidos combinados, obtendo a mais franca aceitação e ruidoso sucesso, para a sua feliz idéia.

O exmo. Sr. Dr. Bino Bueno (presidente do Estado) externou desde logo a sua sympathia para com o empreendimento da Liga, offertando a magnífica taça “Princesa Izabel”, qual foi ganha pelo selecionado dos homens de cor, perante numeroso público que agarrou ao campo da Floresta e de lá sahiu satisfeito pela magnífica técnica da disputa. [...]

A LAF convidou para a sua festa as altas autoridades federaes, estaduaes e municipaes, as quaes terão logar reservado no pavilhão de honra da A. A. das Palmeiras.

O presidente da LAF, Sr. Antonio Prado Jr., prefeito do Districto Federal, deverá chegar hoje a esta capital, especialmente para assistir essa competição.

Hontem a sua diretoria recebeu um telegrama do exmo. sr. dr. Washington Luis, presidente da República, o qual agradecendo-lhe o convite que lhe foi dirigido desejou o mais franco sucesso a homenagem da Liga de Amadores de Football ao grande feriado nacional.

Os jogos terão início às 14hs sendo que o jogo principal começará às 16hs, em ponto. As entradas serão cobradas a 3\$000 archibancada e 1\$500 para geraes, preços comuns dos jogos de campeonato. [...]

Da renda do jogo de hoje será retirada uma porcentagem em benefício da Santa Casa de Misericórdia e outra para a Sociedade dos Homens de Côr, conforme anteriores deliberações da diretoria (*Correio Paulistano*, 13/05/1928, p. 6).

A matéria reforça as impressões do ano anterior, quando foi muito bem aceito pelo público assistente e pela sociedade local. Assim como em 1927, o jogo daquele ano reuniu novamente todas as honras de um evento festivo de cunho nacional. Para tanto, foi reforçado o convite às mesmas autoridades do primeiro “Preto X Branco”.

Selecionado Branco contra Selecionado Preto

O importante jogo de hoje no campo da Floresta, em disputa da taça Princesa Isabel.

A entidade da rua João Briccola [LAF], desejando homenagear a grande data de 13 de maio, instituiu os jogos entre os alludidos combinados, obtendo a mais franca aceitação e ruidoso sucesso para sua feliz ideia (*Folha da Manhã*, 13/05/1928, p. 10).

Em 1928, o time “preto” derrotou o “branco” pela segunda vez, vencendo-o por 4 a 2. Isso soou incompreensível ao jornal *A Gazeta*, já que a equipe branca contava com jogadores de renome: “dentre eles estavam quatro jogadores da equipe campeã do ano passado; nós não entendemos como um time tão forte foi derrotado” (*A Gazeta*, 14/05/28, p. 6). O *Correio Paulistano* também noticiou o fato:

Liga de Amadores de Football

O seleccionado Preto vence mais uma vez o combinado Branco

Festejando a data de 13 de maio a Liga de Amadores de Football realizou ante- hontem no campo de sports da veterana Associação Atlética das Palmeiras, a sua partida annual em que se empenharam as turmas seleccionadas branca e preta, constituídas de elementos daquela instituição sportiva de S. Paulo.

O campo do Palmeiras apanhou uma colossal multidão, que por certo, de lá voltaram com a melhor das impressões.

As 16 horas e poucos minutos entram em campo, assim organizados os dois quadros:

Quadro branco – Perta, Faria e Bartô; Abbate, Gagliardo; Evers, Filô, Tedesco, Arthur, Armando e Osaes.

Quadro preto – Luis, Carneiro e Musa; Rogério, Bisoca e Momo; Martins, Nabor, Nhô, Carrapicho e Adrião. (*Correio Paulistano*, 15/05/1928, p. 9).

Uma das justificativas da vitória do time dos negros foi sugerida pelo jornal *O*

Combate:

A grande partida de hontem

[...] desde os primeiros momentos, frente à perspectiva de um jogo titânico, a grande massa dos espectadores escolheu como seu favorito, que era o time Preto, e continuamente incentivou-o à frente num incontido desejo. Parecia que cada esforço da multidão era feito para ver os negros vencerem, e que ela via nessa vitória uma questão de honra [...] (*O Combate*, 14/05/28, p. 6 apud ANDREWS, 1998, p. 334).

Aqui cabe pensar sobre a escolha do time dos pretos por parte dos torcedores, que teria sido um dos fatores determinantes para a vitória dos pretos⁴⁴. Essa escolha talvez indicasse o desejo de que os representados como mais fracos ou oprimidos vencessem, ou seja, um desejo de reparação, pelo menos ideológica. Ainda que naquele

⁴⁴Um outro fator seria a qualidade dos jogadores pretos, bastante elogiados pelos jornais. Veremos isso à frente.

contexto o Brasil estivesse sob uma ordem liberal, ambas as equipes eram vistas como diferentes por seu passado e *status*. Isso fazia daquele um “jogo ritual”.

O ano de 1929 poderia ser decisivo. Caso o time dos brancos perdesse ou empatasse a partida, os pretos ficariam com a posse definitiva da taça, uma vez que completariam três vitórias consecutivas. A divulgação daquele jogo que poderia ser decisivo foi feita pelo *Estado* nos dias 10 e 11 de maio (páginas 11 e 12, respectivamente). Um dia antes do evento o *Correio Paulistano* se ocupou novamente de divulgá-lo.

Liga de amadores de football

Festival em homenagem à data de 13 de maio

Selecionado branco vs. Selecionado de jogadores de cor

Em prosseguimento á iniciativa tomada pela diretoria da LAF, no ano de 1927, será realizado no próximo dia 13, um festival sportivo, em commemoração à grande data de libertação dos escravos. [...]

A LAF já teve a oportunidade de realizar dois festivaes dessa natureza, tendo ambos vencido o selecionado formado de jogadores de cor. [...]

Serão cobrados os seguintes preços: archibancadas 4\$000 e geraes 2\$000 (*Correio Paulistano*, 12/05/1929, p. 8).

No dia 13, a *Folha da Manhã* anunciou o jogo salientando o horário, o lugar, o significado da data e o fato de o jogo estar ganhando importância e se tornando uma prova tradicional.

Tradicional festival de 13 de Maio, da Liga de Amadores de Futebol – grande partida esportiva entre o combinado branco e o combinado de jogadores de cor.

Às 15hs e meia de hoje no campo da A. A. Palmeiras, será realizado o importante jogo de futebol que há vários dias vem sendo noticiado, entre os selecionados branco e preto, da Liga de Amadores de Futebol. Esse jogo em disputa da Taça “Princesa Izabel” comemora a passagem de uma das mais importantes efemeridades da história brasileira. Com ela, a LAF vem realizando anualmente, desde 1927, esse encontro e já conquistou os foros de prova tradicional. [...]

Este anno é o último da disputa. Si o selecionado preto vencer o encontro, ficará de posse do lindo trophéo. É de crer que o jogo da tarde de hoje desperte o mesmo interesse idêntico provocado nos anos anteriores (*Folha da Manhã*, 13/05/1929, p. 4).

Como de praxe, os jogos repercutiram na imprensa nos dias posteriores que apresentou inclusive fotos relativas a ele.

O jogo de ontem entre os combinados Branco e Preto.

No “Ground” da floresta, foi proporcionado ontem a tarde a competição tradicional organizada pela liga de amadores de futebol para comemorar a data histórica de treze de maio.

Foi discutida uma interessante competição de futebol em que se empenharam as turmas Branca e Preta, para a posse da Princesa Izabel – doada pelo Sr. Dino Bueno quando presidente deste Estado.

O torneio revestiu-se de grande brilhantismo atrelado ao campo do Palmeiras uma concorrência bem avultada e entusiasmada os dois quadros atuaram regularmente, tendo o combinado Branco se ressentido, porém, de mais perfeita unidade entre seus elementos dianteiros. Os do quadro Preto souberam, por sua vez, se conduzir com bravura. Conseguindo esquentar a situação prática de luta.

No primeiro tempo o jogo decorreu favorável no conjunto Branco, que marcou dois pontos feitos pelo avanço Krueger, contra um do selecionado Preto, conquistado pelo meia esquerda Pedrinho. Na segunda parte, o

combinado Preto, marcando-o Americo de uma investida de sua linha de “fowards”.

Os dois quadros atuaram com disposição seguinte:

Combinado Preto: Bahia – Benedito – Ferreira – Mano – Bisoca – Rogerio – Martios – Nabor –Americo – Pedrinho – Carrapicho.

Seleção Branca: Nestor – Clodoaldo – Nelson – Abate – Teodoro – Munhoz – Cruz – Mathias – Krunger – Pedrinho – Filó (*Correio Paulistano*, 14/05/1929, p. 13).



O combinado Preto, que enfrentou o quadro Branco da Laf

Correio Paulistano, 14 de maio de 1927, p. 6. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional



Um interessante arremetida dos dianteiros do quadro preto, à meta do arqueiro Nestor, que com brilho realizou uma defesa difícil

Correio Paulistano, 14 de maio de 1927, p. 6. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional



O conjunto Branco, que empatou, ontem, com o quadro Preto

Correio Paulistano, 14 de maio de 1927, p. 6. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional



Um aspecto apanhado, ante-hontem, nas archibancadas do campo da Floresta, quando ali se disputou a prova de football, entre os seleccionados Branco e Preto.

Correio Paulistano, 15 de maio de 1927, p. 8. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional

O *Correio* reforça alguns acontecimentos recorrentes no evento e parece revelar que os brancos tiveram êxito no seu intento de evitar a vitória dos negros. Além disso, depreende-se a partir das matérias que, mesmo tendo sido trocado o governo do estado, manteve-se a política de presentear com a taça a equipe que conquistasse três campeonatos seguidos ou quatro alternados. *O Estado de S. Paulo* trouxe novos detalhes:

Os Brancos Empataram com os Pretos

O festival de hontem, no campo da Floresta – empate de dois pontos, após um jogo falho de técnica.

Realizou-se hontem no campo do Palmeiras, na Floresta, o clássico festival do dia 13 de maio, promovido pela Liga de Amadores de Futebol em disputa da taça “Princesa Isabel”.

Encontravam-se pela terceira vez, em três annos consecutivos, os seleccionados de jogadores brancos e jogadores pretos dos clubes filiados a LAF, sendo que estes últimos tinham em seu favor victórias conquistadas nos dois primeiros annos.

Quadros sem treinos, organizados quasi a última hora era evidente que não podiam proporcionar um bom jogo. Esperava-se, contudo, que o ardor e a rivalidade fossem razões suficientes para uma partida boa.

Tal não aconteceu, entretanto, o jogo desenvolvido pelos dois conjuntos foi falho, sob todos os pontos de vista, principalmente technico.

O quadro preto esforçou-se, e muito. Devia vencer mas não poude, apesar dos seus ataques serem muito mais perigosos e mais constantes. [...]

Assim com ataques alternados cada bando procurando alcançar a victória termina o embate, com empate de dois pontos (*O Estado de São Paulo*, 14/05/1929, p. 12).

Diferentemente dos anos anteriores, quando foi bastante elogiado, em 1929 o nível técnico da partida foi contestado, talvez em função da falta de treinos preparatórios para o jogo. Adiciona-se a isso a desorganização dos times, que fez com que a partida não fosse considerada de boa qualidade. Nem a rivalidade entre as equipes, que havia sido construída nos dois últimos anos, foi suficiente para tornar a disputa interessante.

A *Folha da Manhã* acrescentou maiores detalhes sobre a repercussão desse evento que ocupava lugar de destaque, a julgar pela sua divulgação em letras garrafais no alto da página, em que se lê:

Os selecionados branco e preto, da LAF, empataram **após renhida luta**.

Bem poucas vezes este ano se viu o campo do Palmeiras tão cheio de afeiçãoados ao esporte bretão.

Em se tratando de partidas promovidas pela Liga dissidente pode-se mesmo taxar de extraordinário o número dos que queriam assistir allí hontem, ao annunciado jogo entre dois fortes selecionados da Liga: selecionado branco e selecionado preto.

As duas turmas já são conhecidas em conjunto, por ser esta a terceira vez que se defrontam, sempre na data de 13 de maio, commemorativa da abolição da escravatura no Brasil(*Folha da Manhã*, 14/05/1929, p. 9).

Aqui temos um jornal da imprensa negra dizendo que o evento fazia parte das festividades daquele que era, aos seus olhos , um dos mais importantes acontecimentos da história brasileira. O *Clarim*, outro jornal da imprensa negra, noticiou que o evento daquele ano tinha um diferencial: era o primeiro jogo realizado após a incorporação da LAF pela APEA, ocorrida em 1929, como narra Mazzoni:

1929 encontrou as entidades e os clubes já cansados de uma luta inútil. Mas, faltava uma iniciativa decidida para se acabar com a cisão que vinha existindo desde 1926. No entanto, o acordo não seria fácil, como realmente não foi. A luta terminou quando alguns clubes da LAF forçaram a sua adesão à APEA e esta concordou. Daí precipitou-se a pacificação tão desejada, desaparecendo em seguida a LAF. Todavia, o Paulistano, fiel aos seus princípios, deixou o futebol extinguindo também a entidade que havia fundado. Todos os demais clubes foram readmitidos pela APEA (MAZZONI, 1950, p. 219).

Seria, portanto, o primeiro “Preto X Branco” realizado sob a responsabilidade da APEA em conjunto com o C. A. Brasil e aquele jornal, sendo que esses dois últimos eram instituições destinadas aos negros.

a tarde esportiva de 13 de maio, este anno, será patrocinada pelo C. A. Brasil, com a coadjuvação do “Clarim d’Alvorada”.

Grafar os esforços do Clube Athletico Brasil, apoiado pelo órgão da mocidade negra [aqui uma autorreferência do *Clarim da Alvorada*] e outros representantes de nomes evidenciados de nossa classe, a Associação Paulista de Esportes Athleticos, concedeu e oficializou a data de 13 de maio, para a realização do grande festival esportivo que fora transferido por motivo de força maior.

Essa tarde esportiva vai ser uma das partidas mais interessantes jogadas nestes últimos tempos em nossa capital. A razão desta afirmativa está baseada na pacificação reinante nos nossos meios esportivos – não temos mais dualidade – este é o primeiro encontro entre Preto x Branco sob o patrocínio da A.P.E.A.

Grande será a assistência que afluirá na tarde de 13 de maio, para assistir, pela primeira vez, o mais sério encontro entre os nossos elementos unidos, quer de um lado como de outro. (*O Clarim da Alvorada*, 13/04/1930, p. 4)

Realizado pelo quarto ano consecutivo, o jogo ganhava *status* de prova tradicional. Tal prestígio fez com que ele continuasse sendo promovido, apesar da transição política que anunciava novos rumos para o futebol paulista. O que significou a incorporação da LAF pela APEA? A derrota do amadorismo ou a vitória do profissionalismo? Os jornais não dão respostas, mas o fato de a APEA manter, em parceria com clubes e jornais que representavam os pretos da capital paulistana, um evento idealizado pela liga incorporada sugere as funções ambivalentes que aqueles jogos vinham assumindo: positivar a imagem da nação brasileira no que diz respeito às questões raciais e continuar dando visibilidade aos pretos para que pudessem ser absorvidos pelo mercado do futebol profissional que estava em desenvolvimento naquele período.

COMBINADOS PRETO-BRANCO LUCTARÃO EM TREZE DE MAIO.

O C. A. Brasil prepara o programma futebolistico com que brindará o nosso mundo esportivo em 13 de maio.

É uma jornada que promete brilhantismo e será, por certo, a continuação dessa cordialidade entre pretos e brancos no futebol paulista. Muitas e valiosas glórias nos têm dado esses valentes rapazes, desde 1919, quando,

quebrando velhos e carunchosos preconceitos de côr, o dr. Ramos Caiado, então presidente da A. A. Mackenzie, introduziu em sua turma um grupo de rapazes negros.

Era a porta aberta para as grandes posições que hoje ocupam, para gloria de nossa gente.

Pois essa praxe posta em pratica pela extinta LAF de se homenagear a data com uma partida annual entre pretos e brancos, ao contrário do que se esperava, não desapareceu com a morte da liga de amadores.

O C. A. Brasil, representativo de homens negros, tendo cessão de data, está organisando uma partida para o proximo dia 13 de Maio.

O programa tem merecido especial cuidado por parte dos dirigentes do Brasil para que nada falte e seja igual em brilho às jornadas anteriores.

Todas as vezes que se encontraram os conjuntos Brancos e Preto têm proporcionado à assistência uma luta renhida e cheia de emoções.

Dando-se o facto de hoje, estar unificado o nosso futebol, mais renhida será essa luta, pois, o conjucto branco será mais aguerrido e porá à prova os homens de cor que nessas partidas annuaes têm vencido os seus adversários.

TAÇA DR. JULIO PRESTES

O sr. Presidente do Estado offereceu uma linda e rica taça, que recebeu o nome de sua excia., para ser disputada na prova principal do dia.

A dadiva do dr. Julio Prestes veio evidenciar a estima em que são tidos os homêns de cor, contribuindo assim, grandemente, para o brilho do festival do Brasil. (*Folha da Manhã*, 09/05/1930, p. 9).

A matéria revela que a cordialidade era um valor marcante e presente entre brancos e pretos no futebol paulista. Tanto o próprio jogo quanto a forma como ele era vivenciado eram isentos de manifestações de violência física. No entanto, não deixa de denunciar o preconceito de cor presente nos primórdios do esporte em São Paulo em um dos clubes elitistas daquela capital: o Mackenzie. A superação do preconceito teria sido responsável não só pela participação do preto no esporte, como também em outros espaços da sociedade brasileira dos quais estiveram alijados.

O FESTIVAL DO DIA TREZE DE MAIO

A expectativa em torno do encontro dos brancos contra pretos – os premios instituídos.

Depois de amanhã, finalmente, teremos, no gramado tradicional A Floresta, o encontro annual dos combinados Preto e Branco.

É elle o assumpto geral das nossas rodas esportivas, e os comentarios variam constantemente, não raro se inflammando os torcedores.

O nosso publico que sempre deu demonstrações frizantes de sympathias pelos homens de cor, aplaudindo-os e entusiasmando-os, ainda desta vez, pelo que se observa entre os nossos afficionados, não mudará de favoritos.

Enfrentando conjuncto muito mais forte que os antagonistas anteriores, como se portarão os rapazes do quadro preto?

É o que veremos no dia 13.

Os preparativos vêm sendo animados para a lucta que se annuncia formidável.

CONVITES AS ALTAS AUTORIDADES

Foram convidadas as altas autoridades municipaes, estadoaes e federaes para presenciar a lucta, devendo estar presente o sr. presidente do Estado (*Folha da Manhã*, 11/05/1930, p.14).

Como nos anos anteriores, o time dos pretos continuou sendo o favorito e as mesmas autoridades políticas foram convidadas para o jogo. Todavia, não temos a confirmação se tais autoridades retribuíram a gentileza, prestigiando pessoalmente aquela festividade que ganhava *status* de prova tradicional. O *Estado de S. Paulo* limitou-se a anunciá-la, adjetivando-a de interessante.

Branco vs. Pretos

A exemplo do que tem sido feito em annos anteriores depois de amanha, dia 13 de maio, será realizada nessa capital uma interessante competição futebolística entre dois quadros constituídos de jogadores brancos e de côr, e que vão ao campo com a designação de quadros “branco” e “preto” [...].

Os preços cobrados são os seguintes: cadeiras numeradas 10\$00; arquibancadas, 5\$; e geraes 3\$000. (*O Estado de S. Paulo*, 11.05.1930, p. 10).

No dia seguinte, o mesmo jornal reforça esse adjetivo e adiciona o fato de que, diferentemente dos anos anteriores, as equipes estavam sendo organizadas com capricho e acerto.

A Laf faz realizar amanha o clássico festival do dia 13 de Maio.

O jogo de amanha promete ser muito interessante, pois os dois quadros estão organizados com capricho e acerto(*O Estado de S. Paulo*, 12/05/1930, p. 15).

No dia do jogo, o *Correio Paulistano* se ocupou de anunciar o evento. Hoje suas páginas nos proporcionam uma leitura das expectativas que o jogo despertava junto à população.

A partida annual de 13 de Maio

O entusiasmo pela lucta – várias notas

Hoje, finalmente, teremos no gramado tradicional da Floresta o encontro annual dos combinados Preto e Branco.

É esse o assumpto geral das nossas rodas sportivas, e os comentários variam constantemente não raro inflamando os torcedores.

Nosso público que sempre deu demonstração frizante de sympathias pelos homens de cor, applaudindo-os e enthusiasmando-os, ainda dessa vez, pelo que se observa entre os nossos aficcionados, não mudará de favoritos.

Enfrentando conjunto muito mais forte que os antagonistas anteriores, como se portarão os rapazes do quadro de Petro.

Os preparativos foram de molde a inferior animação para a lucta que se annuncia.

CONVITES A'S ALTAS AUTORIDADES

Foram convidadas as altas autoridades municipaes, estaduaes e federaes para presenciar o evento. (*Correio Paulistano*, 13/05/1930, p. 10).

Já o *Estado de S. Paulo* se limitou a informar o estádio em que seria realizada a partida, que haveria jogos preliminares e que o jogo deveria receber um bom público:

O festival de hoje no campo do S. Paulo F. C.

Os quadros “Branços” e “Pretos” vão disputar uma taça – haverá 2 partidas preliminares.

Realiza-se hoje no campo do S. Paulo F. C. á tarde um festival esportivo que deve levar à Floresta vultuosa assistência. (*O Estado de S. Paulo*, 13/05/1930, p. 9).

No dia seguinte ao jogo, as páginas dos jornais paulistas anunciaram a terceira vitória dos negros em quatro jogos disputados.

Secção Sportiva

O Festival de Hontem, Commemorativo à Data

O seleccionado preto venceu a prova

Organizado pelo C. A. Brasil logrou despertar grande interesse o encontro tradicional entre brancos e pretos, e cuja realização hontem verificada no campo do S. Paulo F. C. obteve grande brilho. O campo da Chácara da Floresta ficou literalmente repleto, tal o interesse que a partida despertava. [...]

Após essa preliminar, entraram em campo os quadros representativos dos seleccionados “preto” e “branco”, que após saudarem à assistência, se alinharam na seguinte forma

Seleccionado “preto” – Valdemar, Giby Ferreira, Rogério, Bisoca e Mono; Martins, Maio, Vaz, Petro, Pixo e Argemiro.

Seleccionado “branco” – Tuffy, Vanni e Del Debbio; Osmar, Nerino e Ramon. T., Spitateli e C.

Às dezesseis horas o juiz, senhor Ângelo Romano da A. A. Barra Funda, dá o signal do início sahindo o branco cuja investida é rechassada na zaga contrária. [...] (*Correio Paulistano*, 14/05/1930, p. 8).

O jogo seguia repercutindo em outros jornais paulistanos, mas parece que houve um equívoco de alguns jornais em relação ao resultado da partida. Enquanto o *Estado* deu o placar de 5 a 0, no jornal *Folha da Manhã* lia-se:

Os “pretos” venceram os “brancos”

O encontro de hontem na Floresta

A contagem foi de 4 a 0

Esteve bem interessante a tarde esportiva de hontem no campo do São Paulo, no Floresta. O encontro principal, entre os seleccionados branco e preto, corresponde á expectativa.

Os brancos, apesar de não apresentarem o seu quadro completo, conseguiram oppor resistência aos seus adversários que jogaram optimamente. O escore de quatro a zero não espelha bem o que foi a interessante partida. Por que durante o tempo todo não houve domínio. Os dois bancos se esforçaram porque souberam aproveitar as oportunidades que se lhes depararam. A victoria no entanto foi merecida. A contagem pela lógica é que devia ser outra. (*Folha da Manhã*, 14/05/1930, p. 9).

Não foi apenas a imprensa convencional que se ocupu do evento. A partir daquele ano a “imprensa negra”, através do jornal *O Progresso*, apresentou uma matéria que diz que o “Preto X Branco” foi idealizado para “comemorar uma das datas mais caras ao coração brasileiro.” (*O Progresso*, 20 de Abril de 1930, p. 4).

Acreditando em Andrews (1998), que disse que os jogos haviam terminado em 1930, pensei em dar por encerrada a pesquisa nos microfilmes da Biblioteca Nacional. Entretanto, o rigor acadêmico me fez desconfiar do historiador brasilianista e checar o ano de 1931. Foi quando, para minha surpresa, vi matérias anunciando que o jogo seria realizado novamente naquele ano.

Amanhan a noite, no campo do S. Paulo F. C. realisa-se o tradicional encontro entre os selecionados Branco e Preto, promovido pelo C. A. Brasil. Como se tem verificado anteriormente, é grande o entusiasmo do público admirador, sendo de se esperar uma assistência das maiores.

Á senhorita Iolanda Pereira, presentemente entre nós, foi feito um convite para assistir e dar início ao jogo. Possivelmente o festival nocturno de amanha, no campo do S. Paulo, contará com a presença da mais bella de 1930 [...] (*O Estado de S. Paulo*, 12/05/1931, p. 6).

Os eventos anteriores receberam a presença de autoridades políticas, militares e esportistas, e o de 1931 não fugiu a essa regra, sendo prestigiado por celebridades

nacionais. Naquela ocasião, o “Preto X Branco” receberia a visita de Yolanda Pereira, “a mais bella”, que, em agosto de 1930, havia sido a primeira brasileira a conquistar o título de Miss Universo, cuja foto podemos ver abaixo:



No dia do jogo, o mesmo jornal anunciou:

FESTIVAL ESPORTIVO DESTA NOITE, NO CAMPO DO S. PAULO

hoje a noite, o Club Atlético Brasil realiza uma festa esportiva contendo o principal atrativo, o tradicional encontro de branco e preto que vem sendo realizado há seis anos alcançando sempre grande sucesso. O entusiasmo e interesse que vem sendo aguardado neste jogo são plenamente justificáveis, pois tanto os jogadores brancos quanto os pretos estão, ao que geralmente se afirma, optimamente preparados (*O Estado de S. Paulo*, 13/05/1931, p. 6).

Essa matéria reforça o fato de que aquele era um evento festivo e atualiza a tradição sobre aquele jogo, que já estava em sua 5ª edição. Ademais, reforça o fato de

que o evento sempre obtinha sucesso e que as equipes estavam bem preparadas tecnicamente, como também foi destacado pela *Folha da Manhã*:

Realiza-se hoje o tradicional encontro entre os seleccionados dos pretos e brancos. A grande data da libertação dos escravos de há muito vem sendo commemorada, pelos futebolistas paulistanos, com a realização de tão grande encontro, tanto o quadro dos pretos, como o dos brancos, apresentar-se-ão integrados pelos nossos mais perfeitos futebolistas.

Dado não somente o grande entusiasmo reinante entre os dois contendores como também a vontade que ambos têm de vencer, a luta deve ser bastante interessante e movimentada e por certo agradará plenamente a todos os que se locomoverem até as dependências do campo da Floresta. (*Folha da Manhã*, 13/05/1931, p. 11).

Aquele jogo que estava sendo anunciado podia ser o último dos “Preto X Branco”. Se os pretos vencessem, completariam a quarta vitória alternada e ficariam com a posse definitiva da taça “Princesa Izabel”. Para evitar esse desfecho o time dos brancos deveria evitar a vitória do adversário. E conseguiu. No dia 14, como de costume, o *Estado* limitou-se a anunciar o placar: “Notícias do Esporte – Última Hora: Brancos (5) vs. Pretos (2)” (*O Estado de S. Paulo*, 14/05/1931, p. 2).

A *Folha da Manhã*, por sua vez, trouxe maiores detalhes sobre a primeira vitória do time dos brancos.

Futebolistas pretos foram derrotados pelos brancos, no jogo de hontem por 5 a 2.

O jogo realizado á noite no gramado do S. Paulo F. C., agradou bastante a enorme assistência que ali accorreu.

Numerosa foi a assistência que affluir á dependências do campo da Floresta afim de assistir o desenvolver do tradicional encontro entre o selecionado dos pretos e dos brancos. (*Folha da Manhã*, 14/05/1931, p. 8).

Na página 12 do mesmo jornal, a matéria descreveu os gols e finalizou: “mais algumas jogadas sem importância e termina as 23,55 hs o prélio, com a contagem de cinco tentos contra dois, a favor do selecionado dos brancos” (*Folha da Manhã*, 14/05/1931, p. 12). Novamente os jornais nos apontam que o jogo agradou aos espectadores, que, ao que parece, compareceram em bom número ao estádio. Além disso, revelam que quando o dia “13 de maio” ocorria em um dia útil, o jogo acontecia no turno da noite, mas não deixava de ser realizado

Finalizei o ano de 1931 e pesquisei naqueles mesmos jornais o ano de 1932 para ver se encontrava alguma menção ao jogo. Não o encontrei, e tampouco alguma explicação para a interrupção dos jogos. Achei então que a pesquisa junto aos microfilmes havia terminado. Posteriormente, lendo o livro de Storti e Fontenelle (1997), *A história do campeonato paulista*, descobri que houve edições desses jogos em 1938 e 1939.

Por esse motivo retornei à Biblioteca Nacional para repetir os mesmos procedimentos que fiz em relação aos jornais do final da década de 1920 e início da de 1930. Retornei às fontes a fim de encontrar alguma menção aos jogos nos anos de 1938 e 1939, mas foi em vão. Lendo os jornais pude observar que a sociedade paulistana anunciou várias festividades para comemorar o cinquentenário da abolição, mas os jogos não foram mencionados. O único anúncio de competição esportiva destinada às “raças” naquele período foi feito pelo *Correio Paulistano* em 1939, sobre a disputa de uma prova de atletismo destinada exclusivamente a negros e mestiços, como se lê:

A VI disputa da prova atlética “13 de Maio”.

Commemorando a passagem do aniversário da Lei Áurea o clube negro de cultura social promoverá a tradicional “prova 13 de Maio”, no qual somente participarão corredores negros e mestiços (*Correio Paulistano*, 13/05/1939, p. 9).

Onde encontrar esses jogos? Storti e Fontenelle (1997) disseram que em 1938 o jogo terminou em 1 a 0 para os pretos. Pelas contas, esse seria o último jogo, já que ele trataria a quarta vitória alternada dos pretos, o que daria por encerrada a disputa. Todavia, curiosamente, os autores indicaram que em 1939 houve a realização de uma outra partida, vencida pelos brancos por 2 a 0. Por que essa última partida foi realizada, uma vez que a competição, a julgar pelo seu regulamento, deveria ter sido encerrada em 1938?

Fiquei com essa dúvida até o final de julho de 2010, quando, em uma visita ao Museu da Federação Paulista de Futebol (FPF), pude ver e fotografar a taça abaixo, comemorativa do jogo de 1938.



Arquivo pessoal. Museu da Federação Paulista de futebol. Jul/2010.

Sobre o móvel dourado em que a taça está colocada há dois papéis, com a logo da FPF e as informações necessárias para decifarmos esse enigma. Nesses papéis, lê-se:

TAÇA AO VENCEDOR

O calendário do futebol paulista na década de 30 marcava a disputa de um jogo beneficente, cuja arrecadação era destinada a casas de caridade, como Sanatorinhos, Santa Casa de Misericórdia, entre outras. Esse jogo era disputado geralmente no dia 13 de maio, data da bolição [sic] dos escravos, que era um dos feriados nacionais. Ele tornou-se famoso sob a denominação de “Branco e Preto”. Formava-se dois selecionados, um de jogadores negros e outro de brancos. Esta taça foi disputada no dia 12 de maio de 1938. A imprensa não divulgou o resultado deste “Branco e Preto”, muito provavelmente por ter sido ano de disputa do III Campeonato Mundial de Futebol, assunto que polarizou o noticiário.



TAÇA AO VENCEDOR

O calendário do futebol paulista na década de 30 marcava a disputa de um jogo beneficente, cuja arrecadação era destinada a casas de caridade, como Sanatorinhos, Santa Casa de Misericórdia, entre outras. Esse jogo era disputado geralmente no dia 13 de maio, data da abolição dos escravos, que era um dos feriados nacionais. Ele tornou-se famoso sob a denominação de "Branco e Preto". Formavam-se dois selecionados, um de jogadores negros e outro de brancos. Esta taça foi disputada no dia 12 de maio de 1938, a imprensa não divulgou o resultado deste "Branco e Preto", muito provavelmente por ter sido ano da disputa do III Campeonato Mundial de Futebol, assunto que polarizou o noticiário.

Nº do tombo: 25

Descobri os motivos pelos quais o jogo não foi divulgado em 1938: recebia a concorrência da Copa do Mundo, que seria realizada de 4 a 19 de junho daquele ano. Faltando pouco menos de um mês para sua realização, a Copa de 1938, como acontece até hoje, concentrou toda a atenção esportiva.

Outra hipótese sobre a falta de divulgação do jogo de 1938 foi apresentada por uma segunda folha, embaixo da mesma taça, na qual se lê:

A Gazeta Esportiva, que não deixava de registrar a disputa do "Preto X Branco", curiosamente não fez nenhuma referência ao tradicional jogo beneficente de 1938, o que nos leva a supor que neste ano ele não foi disputado na capital. Em seu lugar, o jornal noticiou o "Branco e Preto" realizado no dia 13 de maio, na cidade de Bragança Paulista, com renda, como sempre, destinada a casas de caridade local. Segundo o jornal, o jogo foi patrocinado pela Comissão de Festejos do dia 13 de maio, entidade que ainda cedeu a bola, e foi abrilhantado pela corporação musical "15 de Outubro".

As equipes, compostas por jogadores do Esperança F. C., agremiação que vinha se destacando na cidade, foram estas:

Branco: Caetano, Tufani e Durval; Orlando, Canhoto e Gozzaneo; Juca, Alonso, Gomes, Quico e Zanilla.

Pretos: Ramos, Salvador e Zinho; Trajano I, Dirceu e Jorge; Trajano II, Eucllydes, Turíbio, Aparecido e Rufino.

O jogo terminou com vitória dos Brancos por 2 X 0 e a reportagem não cita quem marcou os gols.



A Gazeta Esportiva, que não deixava de registrar a disputa do "Branco e Preto", curiosamente não fez nenhuma referência ao tradicional jogo beneficente de 1938, o que nos leva a supor que neste ano ele não foi disputado na capital. Em seu lugar, o jornal noticiou o "Branco e Preto" realizado no dia 13 de maio, na cidade de Bragança Paulista com renda, como sempre, destinada a casas de caridade local. Segundo o jornal, o jogo foi patrocinado pela Comissão dos Festejos do 13 de maio, entidade que ainda cedeu a bola e foi abrilhantado pela corporação musical "15 de Outubro".

As equipes, compostas por jogadores do Esperança F.C., agremiação que vinha se destacando na cidade, foram estas:

Branco: Caetano, Tufani e Durval; Orlando, Canhoto e Gozzaneo; Juca, Alonso, Gomes, Quico e Zanilla

Pretos: Ramos, Salvador e Zinho; Trajano I, Dirceu e Jorge; Trajano II, Euclides, Turibio, Aparecido e Rufino

O jogo terminou com vitória dos Brancos 2 x 0 e a reportagem não cita quem marcou os gols.

Essa hipótese parece ser mais plausível. Enquanto realizava a pesquisa nos jornais paulistanos de 1938 e 1939, recordo que não havia apenas matérias exclusivas sobre a Copa. Se havia outras notícias sobre futebol, e até mesmo outros esportes, por que não falar do "Preto X Branco"? Ao contrário do que foi dito pelos autores, não foram os pretos os vencedores de 1938, e sim os brancos. Tanto é verdade que isso forçou a realização de uma sétima partida, realizada em 1939, essa, sim, vencida pelos pretos. O placar final das sete edições do Preto e Branco foi: 4 vitórias dos pretos, 2 dos brancos e 1 empate.

Os jogos se desenvolveram e terminaram num período em que o mundo assistia ao crescimento do regime nazifascista na Europa. Pautada sobretudo pela intolerância étnico-racial, tal ideologia desencadeou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Desse

modo, esses jogos poderiam ser vistos como produto da singularidade da cultura brasileira no trato das questões raciais, proporcionando um quadro alternativo para esse cenário hostil.

Os jogos surgiram e foram disputados com a finalidade de celebrar o fim da escravidão. A escolha da data não foi fortuita, uma vez que nossas lembranças se fortificam graças às narrativas que são reforçadas por meio de comemorações públicas de acontecimentos que marcaram a história coletiva (RODRIGUES DA SILVA, 2002). A memória coletiva se constrói no processo de “rememoração” social, cuja função é justamente impedir o esquecimento.

Com efeito, a realização de uma partida dessa natureza no dia comemorativo da abolição da escravatura teria a função de prevenir do esquecimento e manter viva a lembrança da escravidão na história do Brasil, além de corroborar a construção de um país próspero e que seria um pólo de resistência ao pessimismo das ideologias racistas do século XIX.

Poderíamos questionar, se é que não existia conflito ou tensão: por que os jogos não eram realizados com brancos e pretos atuando em uma mesma equipe? A resposta pode estar no fato de que um jogo com essas características não teria nada de especial. O diferencial desses jogos era colocar pretos e brancos, socialmente desiguais, em lados opostos, para jogarem em igualdade de condições.

A positivação da mestiçagem através do futebol reforçava o discurso distintivo de uma nação que, perante as demais, sobretudo aquelas com passado escravocrata, teria encontrado um caminho para que os antagonismos culturais/raciais fossem equilibrados ou amainados. A idealização e realização dos jogos ocorreram naquele contexto em que o Brasil, no que diz respeito ao quesito étnico-racial, era tomado como um modelo a ser seguido, reforçando a imagem paradisíaca das interações raciais.

A positivação dessa imagem fez com que a UNESCO⁴⁵, a partir do Programa de Pesquisas sobre Relações Raciais no Brasil, financiasse pesquisas no país, como se desejasse entender os segredos da democracia racial e o sucesso das relações raciais no Brasil para ensiná-los às outras nações. Segundo Marcos Maio (1998), essa imagem “foi o principal pré-requisito para transformar o País em objeto de interesse e de pesquisa da UNESCO” (p. 17). A escolha do Brasil não foi fortuita: “o Brasil foi escolhido, em perspectiva comparada com a negativa experiência racial norte-americana, para ser um dos pólos de problematização, verificação e superação dos grandes dilemas vividos pela humanidade em matéria étnica” (*idem*).

Acreditamos que o “Preto X Branco” tenha positivado essa imagem na medida em que nas matérias não encontramos menções a atos de violência de uma equipe contra outra. Isso reforçava não só o discurso de cordialidade entre os brasileiros, como também proporcionava um cenário para que os pretos contestassem uma das marcas preconceituosamente impostas sobre eles: a violência.

O tema “violência X civilidade” através dos jogos “Preto X Branco”

Entre o final do século XIX e o início do século XX o negro passou a envolver-se em espaços e representações que (re)definiam sua identidade. Consubstanciado pelo discurso científico, o predicado “negro” foi homogeneizado pelas representações sobre a violência, dentre outras (SCHWARCZ, 2001). Os jogos, por sua vez, ocorreram num contexto em que os preconceitos oriundos da ordem escravocrata, entre os quais os que indicavam a violência como uma característica inata dos negros, ainda eram recentes na mentalidade daquela sociedade recentemente liberal.

⁴⁵ United Nations Education, Scientific and Cultural Organization.

Nas duas primeiras edições dos jogos, as partidas transcorreram sem agressões ou manifestações de violência física, fato esse que foi destacado pela imprensa da época. No entanto, em 1929 foi noticiado que a partida havia sido violenta, como revela a *Folha da Manhã*:

Diante da rivalidade existente entre elles e da técnica demonstrada nos annos anteriores, era muito natural esse interesse hontem notado. Não foi, aliás, baldada a esperança dos que alli se dirigiram no intuito de presenciar um bom jogo. Effectivamente a partida realizada entre o seleccionado preto e o seleccionado branco, foi movimentadíssima, com rápidos instantes apenas de monotonia, quer durante o primeiro tempo, quer durante a fase final. Houve, é verdade, um jogo violento. O público teve a impressão que nenhum dos vinte e dois elementos de hontem que se encontraram no campo da Floresta deixou de sahir com uma pequena contusão que fosse. A verdade, porém, manda que se affirme que uma parte desse jogo violento foi provocado antes pela vontade de vencer que se via reflectida em cada quadro (*Folha da Manhã*, 14/05/1929, p. 9).

Aquele jogo teve seu nível de excitação elevado, uma vez que estava em disputa a taça presenteada pelo governo do estado de São Paulo. Os pretos ficariam com ela caso vencessem, dando por encerrada a disputa. Para evitar que os negros levassem o prêmio, seria necessário que os brancos pelo menos empatassem a partida, e, pelo visto, conseguiram. O placar de 2 a 2 forçou a realização de uma quarta partida, disputada em 1930.

Naquela ocasião, Munhoz, jogador do time dos brancos, tentou agredir o juiz da partida, talvez em função da mais esmagadora das derrotas que a equipe dos brancos havia sofrido: 4 a 0.

O jogo é interrompido por ter Munhoz ameaçado o árbitro de agressão. Os pretos continuam no ataque até o final da partida e, no último minuto Martins dá um bom centro e Petro converte no último tento para o seu quadro. O senhor Ângelo Romano foi um juiz discreto (*Correio Paulistano*, 14/05/1930, p. 8).

O árbitro, que segundo o jornal teve uma atuação discreta, o expulsou. O fato da expulsão não ter sido contestada pelos jornais sugere que o juiz agiu acertadamente. Talvez tenha sido essa ação que inspirou o título do *Estado de S. Paulo*: “O festival de hontem na Floresta: os ‘pretos’ bateram os ‘brancos’ por 5 a 0” (*O Estado de S. Paulo*, 14/05/1930, p. 9). Aqui há uma discordância com relação ao placar do jogo.

Na mesma página desse jornal encontramos uma matéria interessante que se aproxima do que seria o comportamento ideal de um esportista.

E’s esportista?

Como jogador:

I jogas por jogar? II jogas para tua turma e não para ti? III Acata ordens do teu capitão sem protestos nem censuras? IV Accitas, de modo absoluto, as decisões do juiz/Sabes ganhar sem orgulho e perder ser revolta? VI Preferes perder a fazer qualquer coisa nobreza duvidar? ...Estás então a caminho de ser um esportista.

Como espectador:

I Recusas-te a applaudir actuação leal de teus adversários? II Insultas o juiz quando decide de forma que te desagrada? III Desejas que ganhe os teus, embora não o mereçam? IV Discute com os espectadores, visando desmerecer o outro partido? ...Então não és esportista (*O Estado de S. Paulo*, 14/05/1930, p. 9).

Como interpretar a publicação desse código em um dos jornais que mais davam destaque ao jogo naquele ano em que ocorreu um ato explícito de violência? Uma simples coincidência? Talvez sim, mas relacionando esse código às vivências do “Preto X Branco” poderíamos nos arriscar a dizer que esse evento, que ritualizava a diferença entre brancos e pretos, reunia os atributos necessários para estimular um comportamento “esportista” positivo tanto nos jogadores quanto nos torcedores, e oferecia a oportunidade de construção de uma identidade positiva por parte dos pretos.

O esporte moderno se difundiu a partir das *Public Schools* com um caráter pedagógico e no bojo de um processo de pacificação política que Elias (1992a, 1992b) denominou de processo civilizatório. A educação inglesa tinha no esporte um dos pilares para compreender que a vitória deveria ser alcançada de forma pacífica e dentro das regras igualitárias que promoveriam valores civilizatórios, presentes no *fair play* (ELIAS, 1992a, 1992b).

A apropriação do futebol pelos brasileiros trouxe consigo o debate sobre a incorporação de uma prática europeia, logo “civilizada”, pela cultura brasileira. Escrevendo para o jornal *A Província*, sob o pseudônimo de Jorge Rialto, Gilberto Freyre, em 1929, anunciava qual deveria ser o comportamento no espaço do futebol.

Os telegrammas do Rio deram para trazer notícias repetidas de brigas e conflictos durante jogos de “*foot-ball*”. Um telegramma recente anunciava conflicts que se teriam realizado, apesar da chuva não haver permitido o jogo, os exaltados nem sequer teriam esperado pelo resultado definitivo do “*match*”.

Por ali se vê que ainda não se desenvolveu entre nós o verdadeiro espírito sportivo, que ainda não praticamos o que os ingleses chamam “*fair-play*”.

De um jogo, para muita gente entre nós, só se deve esperar e querer a vitória. De um adversário, em “*sport*”, só se deve querer a derrota. Não se admite elegantemente que elle triunphe.

Contra semelhante tendência, devem reagir os responsáveis pela educação sportiva da mocidade brasileira.

É simplesmente ridículo que continuemos toda a vida um povo incapaz de praticar o “*sport*” como elle é praticado noutros paízes: dentro do espírito de “*fair-play*”.

É verdadeiramente lamentável que o noticiário, e ultimamente até a reportagem photographica dos nossos jogos, nas revistas illustradas, seja um registro nada interessante nem suggestivo de lutas e conflicts, no campo, entre jogadores, exaltados, guardas-civis, etc.

O rumo deve ser evidentemente outro. Ninguém está a desejar assistencias que assistam a jogos empolgantes e movimentados com a calma e a discreção com que assistem os bons fiéis aos officios religiosos. Há uma espécie de esforço de cooperação, muito legítimo e muito justo, no entusiasmo vibrante com que os assistentes se identificam com a causa, com os movimentos, com os avanços dos jogadores de sua preferência.

Mas o que é fora de toda a boa educação, das boas maneiras, do bom espírito é a idéia de ir cada um para um campo de “*foot ball*” incapaz de reconhecer as qualidades do adversário, e querendo decidir a braço o que estava combinado que fosse decidido [...] a pé, mas dentro de certas regras e certas leis (RIALTO [FREYRE], 19/12/1929, n. 292, p.3).

Nesse sentido, o objetivo de Freyre no texto era chamar a atenção para o comportamento brasileiro a partir da excitação desencadeada pelo esporte. Lembremos que a popularização do futebol entre os brasileiros ocorria naquele contexto. Com efeito, o *ethos*⁴⁶ esportivo ainda estava sendo elaborado e seu ideário ecoava nas palavras de Freyre. Tendo como modelo os altos valores da sociedade inglesa, a exaltação das ações conflituosas dos torcedores naquele contexto expressava o distanciamento da sociedade brasileira em relação aos ideários civilizatórios do *fair play*. No entanto, nas matérias analisadas para esta tese, foram poucas as manifestações dessa natureza no “Preto X Branco”, o que denotaria a proximidade da cultura brasileira em relação a esses valores.

A ausência de maiores conflitos naquele jogo, que poderia criar níveis elevados de excitação desencadeados pela simulação do confronto com uma bola entre elementos masculinos que representam duas comunidades (DUNNING et al., 1992), pode ser tomada como um indicador de civilidade da sociedade brasileira ao tratar uma questão tão controversa. Naquele contexto, a realização do “Preto X Branco” atendia a demanda da nação brasileira por uma identidade própria, que não a distanciasse das nações “civilizadas” e ao mesmo tempo a distinguisse das demais – neste sentido, sua contribuição ao mundo seria a “democracia racial” brasileira.

Se o elevado padrão de civilização de determinada sociedade estaria salvaguardado e assegurado pela sublimação dos seus impulsos violentos, como lembrou Elias (1992), os jogos “Preto X Branco” expressavam o potencial civilizatório

⁴⁶ De acordo com Marcondes (2006), *ethos* significa o “conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura” (p. 9).

da Nova República. A cordialidade com que pretos e brancos conviviam às vésperas e na própria partida, mesmo durante a excitação do embate, era sentida como prova de civilidade e maturidade da nação brasileira em tratar a controversa questão racial. Se historicamente brancos e negros estavam em oposição, representando colonizadores e escravos, respectivamente, o discurso ideologizado dos anos 1930 era uma forma de conciliação para integrar a nação brasileira.

A promoção desse jogo idealizado para celebrar o fim da escravidão emitia a mensagem simbólica da convivência pacífica, embora disputada entre os dois principais grupos étnicos da cultura brasileira. Podemos observar ao longo das matérias que os jornais fazem questão de frisar que as disputas, embora acirradas, ficavam restritas às ações técnicas do plano do jogo e dentro dos limites da civilidade. Embora não faltassem motivos para que esse jogo descambasse para a violência física, em função dos resquícios da escravidão, o fato é que de algum modo a violência durante o jogo ficava contida dentro de limites socialmente aceitos em competições esportivas, mostrando-se o quão civilizado seria o *ethos* brasileiro no que diz respeito às questões raciais.

Relembro que naquele período o “ser negro”, construído pelo branco, incluía estereótipos que o classificavam como desordeiro e violento (SCHWARCZ, 2001), e que a imprensa negra contestava esses estereótipos exaltando valores como a disciplina, a contenção da violência física, o respeito e a ordem. A ausência de manifestações de violência desse grupo ao longo das partidas servia não apenas para contestar os estereótipos negativos sobre a violência, mas também para mostrar que aquele grupo teria assimilado as marcas da civilização. Entretanto, os elogios aos negros não reduziram a exaltação desses valores morais, mas serviram, sobretudo, para positivar o primado dos pretos para a prática do futebol, como veremos no próximo item.

O elogio ao desempenho dos negros no “Preto X Branco”

Os jogos “Preto x Branco” receberam uma extensa cobertura da imprensa local, que se admirava em ver jogadores negros, relegados às divisões da liga local, vencerem repetidamente os brancos (FRANZINI, 2003). Essa afirmação sobre a imprensa pôde ser confirmada na pesquisa junto às fontes, quando pudemos observar os comentários elogiando o desempenho dos negros nas quatro vitórias ao longo das sete edições dos jogos.

Vejamos o que dizem os três principais jornais de São Paulo:

O quadro negro da Liga de Amadores, por estar talvez melhor constituído, com elementos mais physicamente capazes o que mais ardor revelavam jogos desassombro dos mais elogiáveis, fulminando mesmo o poderoso conjunto adverso, que teve bem manifestada sua inferioridade de golpes de technica. [...] (*Correio Paulistano*, 14/05/1927, p. 6).

Fazendo uma ligeira apreciação sobre o encontro de hoje entre os dois principais combinados do jogo principal, podemos dizer que o combinado branco jogou com muita precisão, e sob o ponto de vista da técnica estava a altura dos maiores elogios. Notou-se, é verdade, muita fraqueza da linha de médios e de zaga; isso impediu que a dianteira fizesse incursões do campo contrário.

O combinado de cor vencerá sobretudo pela resistência. Nunca esmoreceu nos ataques, mas foi infeliz nos remates.

Deram a impressão de se acharem nervosos e talvez por isso perderam numerosos chutes, inclusive o tiro penal que bateu na trave. (*O Estado de S. Paulo*, 14/05/1927, p. 6).

Todos esperavam também que a partida fosse boa e equilibrada, mas os prognósticos em geral eram favoráveis aos jogos. Quanto ao brilho do encontro foram correspondidas as expectativas, mas não se deu o mesmo quanto ao resultado da lucta. Os pretos, numa afirmação esplendida de força, resistência e técnica, venceram com toda justiça seu forte e valente adversário.

A original partida de hontem esteve esplendida não só pelo ímpeto e pela optima técnica com que se bateram os dois quadros, como pelo equilíbrio de forças que reinou quase sempre.

Verificou-se, entretanto, que os pretos estavam mais fortes e foi, portanto, justa a sua victoria”. (*Folha da Manhã*, 14/05/1927, p. 8).

Com relação à narrativa da vitória dos pretos na primeira edição do jogo, os periódicos não apresentaram variações significativas. As justificativas da vitória recaíram sobre a força, a resistência e a técnica, qualidades físicas e motoras necessárias para a prática do jogo. Além disso, de uma maneira geral, a qualidade técnica e a civilidade do evento eram valores constantemente exaltados.

Em 1928, a edição do jogo contou com um treino preparatório no qual os pretos deixaram os espectadores “maravilhados” e se tornaram os favoritos do jogo que estava por vir, como salienta o *Correio Paulistano*:

O combinado “preto”, com os três ensaios de conjunto que fez, tornou-se possuidor de uma extraordinária combinação que maravilhou as pessoas que assistiram o seu último treino com o quadro do Antarctica F. C. Há quem afirme que as suas condições excepcionaes fazem-no candidato á victória de hoje. [...] (*Correio Paulistano*, 13/05/1928, p. 6).

A *Folha da Manhã* foi um dos jornais que deram destaque à segunda vitória dos negros:

O jogo correspondeu á espectativa da numerosa assistência que esteve no campo da Floresta. Os pretos jogaram melhor que os brancos, cujo quadro ressentiu de um bom centro médio. Os elementos que mais se destacaram dos dois quadros foram Friedenreich, do quadro dos brancos, e Bizóca e Píxo, do quadro negro. Bizoca demonstrou ser um perfeito centro médio, distribuindo muito bem o jogo e auxiliando com eficácia a zaga e a linha ponteira. A linha do quadro negro esteve magnífica como, aliás, todo o conjunto (*Folha da Manhã*, 14/05/1928, p. 8).

Para esse jornal, a justificativa da vitória do time dos pretos foi atribuída ao conjunto do time, de maneira geral, e a dois jogadores – Bizoca e Pixo – em particular. Estes pontos são reforçados pelo *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*, respectivamente.

O jogo revestiu o aspecto grandioso e emocionante dos encontros formidáveis, destacando-se uma actuação inteligente e methodica do seleccionado Preto que, mais uma vez e de forma brilhante, abateu o adversário por quatro pontos a dois.
É fora de qualquer dúvida que merece louvores a actividade magnífica que desenvolveram os elementos da raça que se emancipou a 13 de maio de 1888. (*Correio Paulistano*, 15/05/1928, p. 9).

Já o *Estado* reforça os mesmos pontos que o *Correio*, citando ainda o nome de Bizoca, jogador do time dos pretos. A julgar pelas menções ao seu nome por parte da imprensa, parece ter tido uma atuação de destaque naquele jogo de 1928.

Liga Amadores de Futebol

Pretos vs. Brancos

Do ponto de vista esportivo teve brilhante commemoração a data da libertação dos escravos pela Liga de Amadores de Football apresentando, domingo, 2 excellentes quadros compostos um de jogadores brancos e outro de jogadores de côr. Ambos souberam deliciar a numerosa assistência com uma técnica muito apreciável, recebendo por isso entusiásticos applausos, A sua superioridade fez-se sentir no decorrer de toda a partida devido talvez ao forte apoio que lhes prestou o centro-médio Bizoca, que auxiliou efficazmente seus companheiros e teve uma firme atuação (*O Estado de S. Paulo*, 15/05/1928, p. 9).

Naquele ano de 1928 houve um fato novo: a imprensa negra, talvez em função da destacada vitória dos negros no ano anterior, passou a atribuir maior destaque àquela partida em que os negros tiveram seu desempenho positivado.

para comemorar o dia 13 de Maio, data gloriosa para a historia do povo brasileiro, realiza-se hoje, nesta capital, dois jogos de futebol: um na LAF⁴⁷ e outro da APEA⁴⁸. No anno passado, a LAF promovera um jogo identico, onde os negros conseguiram derrotá-lo. Para este anno, também temos esperanças. Esperamos. (*Alviverde*, 13/05/1928, p. 4).

O título da matéria do jornal *O Progresso* é sugestivo e indica a hegemonia dos pretos nos campos de futebol:

os pretos estão na pontinha!...

O combinado preto da LAF, que nestes dois annos tem vencido o quadro branco e demonstrado ser um dos melhores conjuntos de S. Paulo e, talvez, do Brasil, acaba de ser grandemente reforçado.

Têm aparecido novos e valorosos elementos para suas fileiras [...] (*O Progresso*, 07/09/1928, p. 3)

A partida de 1928 reforça algumas das impressões da primeira edição, como a adesão do público ao evento e a qualidade técnica da partida. Além disso, começa a se delinear aquela que parece ser uma das tônicas daqueles jogos: a positivação do negro para o futebol. Isso poderia se confirmar se os pretos vencessem a terceira partida no ano seguinte, que traria como consequência a conquista da taça “Princesa Izabel”.

Preto X Branco

⁴⁷ Liga Amadora de Futebol.

⁴⁸ Associação Paulista de Esportes Atléticos.

Há dias, comentando a auspiciosa estréia do centro-medio negro do São Bento, França, refiriu-se “A Gazeta” em termos elogiosos ao seu grêmio primitivo, C. A. Brasil, um viveiro de jogadores pretos que se vem destacando em nossos campos.

Em sua ultima reunião, o conselho diretor da Apea houve por bem conceder a data de 13 de maio próximo para que o clube da rua da Gloria organize o tradicional encontro com que se comemora uma das datas mais caras do coração brasileiro.

O Sr. Norberto Rocha, que esta encarregado do grande embate, convidou os srs. Tuffy, Heitor e Del Debbio para organizar o selecionado branco.

Parte do resultado do festival será para a praça do esporte do “C. A. Brasil.” (*O Progresso*, 20/04/1930, p.4)

Diante do interesse que essas partidas despertavam junto à população, os jornais da imprensa negra continuaram sendo alguns dos principais promotores e incentivadores dos jogos. Mas a atuação dos negros nesses jogos não era elogiada apenas pela imprensa negra. A *Gazeta*, por exemplo, não era um jornal inclinado com as questões negras, mas mesmo assim se referia de maneira elogiosa à presença dos negros nos campos de futebol. França, que atuava no meio-campo no time do C. A. Brasil, um clube negro, representava outros tantos pretos que vinham se avolumando nos campos de futebol e apareciam por meio da promoção dos jogos “Preto x Branco”.

Ao anunciar a quinta edição do jogo, a *Folha da Manhã* destacou o desempenho dos negros nos jogos, uma vez que estavam, é bom lembrar, invictos, tendo vencido três partidas e empatado uma. Em função disso, o jornal interpretou que os resultados positivos obtidos pelos pretos decorriam do fato de serem, segundo o jornal, “perfeitos conhecedores da arte”, ou seja, da arte de jogar de futebol.

O quadro preto, que desde o início desses jogos se tem imposto de uma forma brilhante, contará com o concurso dos elementos dos quadros principaes desta capital, os quaes tem demonstrado ser perfeitos conhecedores da arte (...) (*Folha da Manhã*, 13/05/1931, p. 11).

Os jornais da imprensa negra não se restringiam a exaltar os feitos e a hegemonia dos negros do futebol brasileiro, mas todo e qualquer jogador negro, independentemente de sua nacionalidade, como o jogador uruguaio Andrade, o “Maravilha Negra”, um dos destaques da seleção de seu país na primeira Copa do Mundo de Futebol.

O Campeonato Mundial de Futebol reuniu um grande numero de astros desse esporte. Um dos mais notáveis, talvez mesmo o mais notavel dos jogadores que concorreram ao grande certame, é o medio direito da turma uruguaya, Andrade, justamente considerado o melhor do mundo em sua posição. Elle participou de todos os jogos disputados pelos orientais nas Olympiadas de Paris, onde por sua excelente atuação, foi cognominado a “Maravilha negra”; representou, ainda, o futebol de seu país, nas Olympiadas de Amsterdã e em grande numero de torneios sul-americanos. No campeonato que acaba de se findar em Montevidéo, com a victoria dos uruguayos, Andrade foi um dos fatores desse novo e grandioso sucesso (*O Progresso*, 20/08/1931, p. 2)

Toledo (2004) observou a ritualização da diferença interétnica em outras partidas dessa natureza que transcorreram ao longo dos anos 1930 até o início dos anos 1940.

a seleção preta fará hoje a sua estréia internacional enfrentando o Ferencváros [time húngaro] [...] os homens de cor vem se destacando grandemente em nossos campos e cada dia mais eficientemente se torna o conjunto, numa frizante demonstração de técnica e resistência física [...] ora, os pretos frente a esse conjunto visitante deverão fazer boa demonstração. Pelo menos evidenciam-lhe que o nosso futebol é de classe superior. Todo São Paulo espera que eles se desobrigarão dessa incumbência delicada, pois não lhes faltam conhecimentos técnicos aliados a uma formidável força de vontade, que os caracteriza (*A Gazeta Esportiva*, 22/05/1932, *apud* TOLEDO, 2004, p. 100).

O texto da matéria destaca a superioridade do time brasileiro com relação à equipe húngara, especialmente a atuação dos negros, que, graças a sua capacidade técnica e resistência física, tornariam a equipe nacional mais eficiente. Revela também a sua contribuição para a construção do “estilo nacional de jogar futebol”. Naquela

ocasião, a identidade do futebol brasileiro estava sendo elaborada, e para tanto se valia das representações positivas sobre o corpo negro, que eram reforçadas pelo seu desempenho naqueles jogos.

Para a felicidade dos idealizadores da partida, nesse jogo entusiasticamente anunciado, segundo Franzini (2003), “evidenciava-se outra vez o talento dos negros, que não apenas fazia sentir mais e mais nos campos oficiais como ainda viria a definir o próprio estilo brasileiro” (FRANZINI, 2003, p. 50). O desempenho positivo do negro diante do confronto com o branco reforçava a construção da identidade nacional através do futebol.

As nações compartilham características físicas e mentais que são pensadas como peculiares de seu povo. A construção dessas representações hegemônicas se vale das lutas por territórios simbólicos elaborados pela seleção de certos traços de distinção em relação ao “outro”. Os “estilos de jogar futebol” (ARCHETTI, 2003) compõem o processo de construção simbólica do “nacional”.

Nessa direção, os “estilos nacionais de jogar futebol” seriam explicados, em parte, pela perspectiva dos debates identitários que tomam o futebol como metonímia da nação. Tomando a perspectiva de DaMatta (1982), o futebol, na medida em que está inserido na sociedade brasileira, dramatiza os significados dessa cultura. Sendo assim, o “estilo à brasileira” se origina de elaborações, quase imediatas, da identidade do “ser brasileiro”⁴⁹. A discussão sobre o “estilo brasileiro de jogar futebol” é inspirada a partir das idiossincrasias sobre a constituição étnica conceitualizada como diferencial no caráter e na maneira de ser do “povo brasileiro”.

⁴⁹“os desempenhos de seleções nacionais deveriam expressar igualmente as autopercepções que cada um confere para si, traduzidas na personalidade, fisionomia ou ‘jeito’ de cada povo, evidenciados na garra argentina ou uruguaia ou na malícia brasileira, por exemplo” (TOLEDO, 2002, p. 68).

Através das figuras dos especialistas⁵⁰ de futebol (TOLEDO, 2002), as nações desenvolveram diferentes percepções dos seus estilos de jogar futebol, que são explicados, em parte, pelas ideologias, identidades e formação histórica de cada povo. Nesse sentido, o futebol oferece um espaço privilegiado para pensar a construção da identidade brasileira. O futebol se tornou um espaço privilegiado para o surgimento de debates sobre o “caráter” do povo que habita a nação.

A promoção de uma identidade nacional e diferenciação perante os “outros” são facilitadas pela identificação imediata de uma dada coletividade, ora apresentada pelas seleções ou pelos clubes nacionais. No caso brasileiro, a partir da ideia da síntese cultural chegou-se à definição de traços da personalidade que formariam o “caráter” nacional brasileiro. Atributos como brejeirice, ginga, malandragem ou astúcia foram reconhecidos no estilo brasileiro de jogar futebol (ANTUNES, 2004).

[a vitória na Copa de 1958] confirmaria o vaticínio do encontro simbólico marcado pela individualidade revelada em *estilo*, muitas vezes substantivado na ideia de alma, jeito, habilidade inata, caráter nacional ou ainda determinados desdobramentos sociais e simbólicos do fenômeno da raça e da miscigenação brasileira (TOLEDO, 2002, p. 127 – o itálico é do autor).

As décadas de 1920 e 1930 foram “tempos de apropriação” do esporte inglês como símbolo da identidade nacional brasileira (FRANZINI, 2003, p. 11). Foi nesse período, por exemplo, que Gilberto Freyre reinterpretou o caráter nacional de forma otimista, atribuindo um sentido positivo ao debate da miscigenação no Brasil, e se transformou num daqueles intelectuais responsáveis pela construção imaginária do “Brasil mestiço”.

⁵⁰ Para Toledo, esses “especialistas” são os torcedores, dirigentes, jogadores, treinadores e cronistas esportivos.

Soares (1998) entende que o futebol passou a ser apropriado culturalmente no Brasil quando incorporou o afrodescendente. Narra o mito fundador do futebol brasileiro de que foram os ingleses que trouxeram a modalidade ao Brasil, mantendo seu acesso restrito à elite. Com a apropriação do futebol pelas classes populares – simbolizadas pelos afrodescendentes – o futebol passou a ser “brasileiro”, definido como uma “verdadeira instituição nacional”, nas palavras de Gilberto Freyre (FRANZINI, 2003, p. 11). Essa narrativa cultural institui o diálogo pós-colonial do que seria o Brasil através de um discurso identitário que enaltece a integração racial, representada pela apropriação popular, e privilegia uma visão otimista da miscigenação aproveitando-se do sucesso do futebol “mestiço”, sublinhando a contribuição daqueles que pela violência vieram habitar o Brasil. Se o Brasil é identificado como uma “nação mestiça”, o futebol brasileiro também o é. A ideologia da democracia racial na construção da identidade nacional teve grande eficácia simbólica e se refletia no campo do futebol.

A boa campanha da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1938 fez surgir um forte discurso identitário no país. A partir dessa Copa, o futebol alcançaria no Brasil seu reconhecimento como uma “verdadeira instituição nacional”, nas palavras de Gilberto Freyre (FRANZINI, 2003, p. 11). Esse reconhecimento tornou-se motivo de orgulho para Freyre, expressado em um artigo jornalístico intitulado “*Foot-Ball mulato*”, para o jornal “*Diários Associados*”, em 17/06/1938. Respondendo ao repórter quando questionado sobre o motivo do sucesso da seleção brasileira na Copa da França de 38, diz Freyre:

Respondi ao repórter – [...] que uma das condições dos nossos triunfos este anno, me parecia a coragem que afinal tivemos completa de mandar á Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas um grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros.

Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo critério do Barão de Rio Branco quando senhor-todo-poderoso do Itamaraty: nada de pretos nem mulatos chapados; só brancos ou então mulatos tão-claros que parecessem brancos ou, quando muito cabôclos, deviam ser enviados ao estrangeiro.

Morto Rio Branco, desaparecia o critério anti-brasileiro do Brasil se fingir de República de aryano perante os estrangeiros distantes que só nos conhecem através de ministros ruivos ou de secretários de delegação de olhos azuis.

No artigo em questão, Freyre relembra as notícias em que as autoridades teriam impedido a presença de jogadores negros ou mulatos na seleção brasileira, para que estes não pudessem ser reconhecidos, naquele momento, como elementos que formavam parte do povo brasileiro. Freyre continua:

nosso estylo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astucia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política.

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estylo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por elles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psychologos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.

Acaba de definir de maneira inconfundível um estylo brasileiro de foot-ball: e esse estylo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amollecere em dança, em curvas ou em musicas, technicas européias ou norte-americanas (...) Enquanto foot-ball europeu é uma expressão apollínea de methodo scientifico e de sport socialista em que a pessoa resulta mechanizada e subordinada ao todo – o brasileiro é uma forma de dança em que a pessoa se destaca e brilha.

O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o chronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de “bailarinos da bola”. Nós dansamos com a bola. [...]

O estylo mulato, afro-brasileiro de football é uma forma de dança dyolisiaca.

O que Freyre quer marcar é que o sucesso da seleção brasileira teria ocorrido a partir do momento em que incorporou, no seu quadro, o afro-brasileiro. O futebol somente passou ser um esporte nacional quando, assim como a cultura brasileira, conseguiu reunir, em uma mesma formação, as diferentes raças que compunham a cultura brasileira, a saber: os “brancos”, os “pretalhões” e, principalmente, o produto resultante dessa conciliação, “os mulatos ainda mais brasileiros”.

De acordo com Soares (1998), a fórmula é a seguinte: o futebol, quando branco, é elitista e estrangeiro; ele se torna brasileiro, quando, à moda da ideologia da democracia racial, incorpora negros, mestiços e brancos em um mesmo plano. A contribuição da dança africana, que estaria entranhada racial e culturalmente na sociedade brasileira, teria criado, segundo Freyre, uma forma dançante no “seu” futebol. Assim, Freyre foi o primeiro a denominar o que hoje é ufanicamente aclamado pela mídia “especializada” como “estilo brasileiro de jogar futebol”.

Friedenreich e a personificação da ambiguidade da identificação racial no Brasil

Ao longo das sete edições do “Preto X Branco” atuaram dezenas de jogadores, dentre os quais um merece especial atenção: Arthur Friedenreich. A presença daquele que era considerado o principal jogador do futebol brasileiro naquele momento tornava o “Preto X Branco” mais atrativo e prestigioso. Friedenreich aparece escalado no time dos brancos nas edições de 1927 e 1928, não tendo sido encontrado na edição de 1929 e nas seguintes.

Em virtude de seu prestígio, adquirido por meio de seu desempenho nas partidas de futebol do começo do século XX, este jogador pode ser tomado como um dos principais personagens da historiografia do futebol brasileiro. No auge de sua carreira, sua participação nos jogos “Preto X Branco” contribuía para reforçar a construção da identidade nacional através do futebol. Mazzoni (1950) foi um dos primeiros a citá-lo. No capítulo 2 de seu livro, ele anuncia “Surge Friedenreich”:

no ano de 1909 deveria aparecer no futebol brasileiro o nome de Arthur Friedenreich, que encheu de glória, durante 26 anos, os anais esportivos de nossa terra! Então o menino-prodígio contava apenas com 17 anos de idade, tendo nascido no dia 18 de julho de 1892, em São Paulo.

Veio ao mundo predestinado para ser um “mago da pelota”, como tantos outros prodígios nasceram para a arte, a pintura, a música, etc. No próprio esporte muitos são os exemplos desta natureza. [...]

Fried foi um fenômeno extraordinário do futebol. Tornou-se a figura número um do “association” do nosso país, como foi a de Carlos Gomes na música, de Rio Branco na diplomacia, Rui Barbosa na jurisprudência, Bilac na poesia, Santos Dumont na aviação etc. Mereceu ser chamado, em 1919, de um dos “maiores brasileiros vivos”. Então sua fama atingiu o auge, juntamente com a fama do futebol nacional. Seu nome imortalizou-se. Fried, sem dúvida, é um imortal para nosso esporte. Seu nome saiu da cidade, foi para o interior, para o sertão, atravessou fronteiras... Sua figura é lendária, e será recordada eternamente pelo mundo brasileiro esportivo!

A criança-prodígio de 1909, que já era orgulho daquele que fora o autor de seus dias, Oscar Friedenreich, e que foi também o seu principal animador e torcedor até findar a sua honrosa existência, devia ser “El Tigre” de 1919. Depois foi o “sábio”, o “vovô” de 1935. Nos seus 26 anos de faustosa carreira futebolística, Fried “descobriu” todos os segredos da arte da pelota. Herói de mil batalhas, o artífice de mil vitórias. Os seus tentos foram pequenos “capolavoros”. Toda a ciência do popular jogo ele a conheceu. Foi completo, completíssimo... Tudo ele teve, nada deixou de fazer com a bola. Foi técnico e estilista, improvisador e construtor, artilheiro e fintador, compassado e astuto. A sua arte, uma maravilha...

Jogou com imaginação e intuição, com inteligência e vivacidade, com lealdade, elegância, correção e audácia. Os seus tentos, os seus passes, as suas fintas tiveram precisão mecânica e estilo inconfundível, segurança absoluta e técnica acabada. Todo seu jogo foi um espetáculo, como raro outro avante, desde que o futebol existe no mundo, o executou. Em um quarto de século, o jogo de Fried criou um verdadeiro dicionário da sua arte. Em arte, tanto o foi de futebol científico, como bizarro, de fantasia, volúvel e positivo, alegre e efetivo.

Que gênio! Que fenômeno! (MAZZONI, 1950, p. 73).

Procuramos acompanhar a forma como Friedenreich é apresentado pela historiografia do futebol brasileiro. Optei por transcrever essa descrição longa para mostrar que, na apresentação de Friedenreich, Mazzoni salienta questões relativas a sua virtuose técnica para o futebol. Em nenhum momento as questões relativas a sua ancestralidade ou identificação racial foram levantadas por aquele que era, naquele contexto, o principal narrador da história do futebol de São Paulo.

Tais questões somente serão levantadas posteriormente por Mário Filho, que dedica parte de sua atenção a Friedenreich, referindo-se a ele como um mulato que

queria “passar por branco” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 61). Ao descrevê-lo, Mário Filho salienta algumas de suas características:

Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amansando o cabelo.

Primeiro untava o cabelo com brilhantina. Depois, com o pente, puxava o cabelo para trás. Cabelo não cedendo ao pente, não se deitando na cabeça, querendo se levantar. Friedenreich tinha de puxar o pente com força, para trás, com a mão livre segurar o cabelo. Senão ele ficava colado na cabeça, como uma carapuça.

O pente e a mão não bastavam. Era preciso amarrar a cabeça com uma toalha, fazer da toalha turbante e enterrá-lo na cabeça. E ficar esperando que o cabelo assentasse.

Levava tempo. Embora principiasse quando estava jogando o segundo time, só terminava quase na hora da saída do jogo do primeiro time. O juiz impaciente, ameaçando começar a partida sem Friedenreich, e Friedenreich lá dentro, no vestiário, toalha amarrada na cabeça, esperando, ainda desconfiado de que não chegara a hora de tirar o turbante.

Era sempre o último a entrar em campo. Quando aparecia, finalmente, a multidão batia palmas mais fortes para ele. Era sempre o jogador mais aplaudido. A vantagem de entrar por último.

Mais tarde muito jogador trataria de fazer o mesmo. Por outro motivo, naturalmente. Friedenreich bem que desejava entrar com os outros. Chamar menos atenção. No meio de outros talvez ninguém percebesse nada. Principalmente por causa do pai, o velho Friedenreich, um bom alemão, de barbicha rala.

O velho Friedenreich não perdia um *match* do filho. E fazia questão de dizer a todo mundo que era o pai. O pai do Arthur, o “pezinho de ouro”. Daquele ali. De perna fina, coberta pelas meias de lã, pelos calções abaixo do joelho.

Quem estava junto do velho Friedenreich não demorava muito a olhar nas pernas finas di Arthur. Olhava as pernas, ia subindo, parava na cabeça. O cabelo do Arthur, bem preto, bem espichado brilhava ao sol. Não parecia cabelo dele. Parecia mais postiço, colado na cabeça com goma arábica. Ele podia meter a cabeça na bola. A cabeleira não caía, ficava onde estava. Nem um fio desmanchado. Não era cabelo postiço, era cabelo "não nega". Denunciando o mulato Friedenreich,

Outros mulatos tinham jogado futebol. Mulatos e pretos. Tinham jogado, jogavam mais do que antes. Antes ninguém se preocupava com a cor. A cor não importava. O que importava era o meio. Friedenreich não era do meio do Ipiranga? (RODRIGUES FILHO, [1964], 2003, p. 61).

A partir dessa longa passagem de Mário Filho podemos extrair algumas marcas que são reconhecidas pela cultura brasileira para a identificação de um indivíduo como branco ou negro. Embora o jornalista saliente que o jogador tinha os olhos verdes, um sobrenome europeu que indicava a ancestralidade alemã herdada do pai, e frequentava o meio do Ipiranga, um dos clubes da elite paulistana, ele diz que Friedenreich era mulato, em função do cabelo crespo, herdado da mãe brasileira.

Agostino (2003) apresenta, no apêndice do livro de Mário Filho, os perfis dos jogadores negros ou mulatos mais expressivos do futebol brasileiro e, dentre eles, elenca Friedenreich, destacando alguns fatos da sua biografia como a convocação, em 1914, para aquela que seria a primeira seleção nacional da história do futebol brasileiro:

Nada comum na época, a presença de um jogador mulato na seleção brasileira contrastava com os pressupostos assumidamente racistas que até então imperavam na República Velha (*idem*, s/p).

Agostino (2003) salienta também que a trajetória do jogador foi pontuada pelo esforço que ele empreendeu para ser aceito no ambiente social em que vivia, através de

artifícios e práticas que visavam “promover seu próprio ‘branqueamento’, uma representação emblemática dos caminhos de inserção de negros e mulatos no futebol brasileiro de então” (AGOSTINO, 2003, s/p).

Mesmo sem citar Mário Filho, as características utilizadas para identificar brancos e negros dentro da cultura brasileira são reproduzidas por acadêmicos empenhados em descrever os primórdios do futebol brasileiro e a participação de Friedenreich naquele contexto:

aos poucos jogadores mestiços começaram a se infiltrar nos grandes clubes. Eles eram induzidos a sentir vergonha da sua cor. Arthur Friedenreich, filho de um imigrante alemão com uma mãe negra brasileira, tinha a pele branca apesar do cabelo enrolado. Antes dos jogos ele procurava alisá-lo ao máximo, cobrindo-o com brilhantina e enrolando uma toalha em volta como um turbante (BELLOS, 2003, p. 37).

Nesse sentido, podemos dizer que a trajetória do mulato Friedenreich personifica, em parte, o drama do “racismo à brasileira”. A foto que se vê abaixo reforça alguns pontos levantados por Mário Filho. Retirada do Museu do Futebol, ela vem acompanhada dos seguintes dizeres: “com os cabelos alisados, uma de suas marcas, Arthur Friedenreich, filho de mãe negra e pai alemão, é homenageado em jogo da seleção carioca de futebol, junto com Fausto, o Maravilha Negra – apelido ganho durante a Copa de 30, no Uruguai”.



O museu não informou qual é a data dessa foto. No entanto, é possível perceber, talvez acompanhando o clássico de Mário Filho, que alisar o cabelo era uma prática adotada por aquele jogador para alisar seus cabelos crespos, aplainando, conseqüentemente, uma das marcas de sua negritude. Modismo da época? Opção estética de Friedenreich? Não possuímos tais informações. Todavia, a manipulação do cabelo revela que o tipo “liso” é uma das marcas mais fortes que a cultura brasileira elegeu para identificar um indivíduo como “branco”. Passamos, assim, a entender que a prática de alisar o cabelo era uma das estratégias utilizadas por aqueles indivíduos que não possuíam essa marca forte de embranquecimento.

A recorrência desse valor exprimia o quão caro ele era para a sociedade brasileira. Enquanto fazia a pesquisa nos microfilmes da Biblioteca Nacional, encontrei anúncios em periódicos que, inclinados com a causa negra em diferentes contextos, comercializavam produtos destinados à manipulação do cabelo. Entre os muitos que vi, escolhi um como exemplo, do jornal da imprensa negra *O Clarim*, que publicou: “Cabelos lisos? Allô... allô... Já alisou e ondulou seu cabelo Amaral? Pois procure

Pequita. Com o trabalho de Pequita o seu cabelo ficará – um amorzinho” (*O Clarim*, 1935, n. 4, p. 5).

Mário Filho atribui a popularidade de Friedenreich mais ao fato “de ele ser mulato, embora não quisesse ser mulato. Do que ele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros [no Sul-Americano de 1919]. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 69). Em decorrência daquele gol, Friedenreich foi carregado em triunfo nos ombros dos brancos pobres, dos mulatos, dos pretos em geral. Esse fato, segundo Mário Filho, fez com que ele abrisse caminho para a democratização do futebol brasileiro. A popularidade de Friedenreich mostrava que a hegemonia do branco no futebol estava chegando ao fim. O que importava era a vitória, a bola lá dentro, no fundo das redes: “metida por um branco, um mulato, um preto. Pouco importava” (*idem*, p. 112). Soares (2003) aponta que Mário Filho elegeu Friedenreich como o jogador que simbolizava o início do processo de democratização pelo qual o futebol passava.

Mário Filho busca as provas de que o futebol era um “jogo de branco”. Atribui a isso o fato de que

nenhum clube com um mulato, com um preto no time, tinha sido campeão de 6 a 22. Só o escrete brasileiro com Friedenreich. Friedenreich, porém, tinha pai alemão, não queria ser mulato. Nem mesmo quando se separou o branco do preto, quando se quis ver quem jogava mais, o branco ou o preto. Formava-se um escrete de brancos, um escrete de pretos e mulatos, Friedenreich não era escalado em nenhum dos dois.

Uma homenagem que se prestava ao autor do gol da vitória do Brasil em 19. Nem branco nem mulato, sem cor, acima dessas coisas (RODRIGUES FILHO, [1964], 2003, p. 119).

Ainda que não dito explicitamente, Mário Filho faz menção ao jogo “Preto X Branco”, cuja finalidade, segundo ele, seria saber qual dos dois grupos jogava melhor.

Segundo ele, o “mulato” Friedenreich (mulatice atribuída pelo próprio Mário Filho) não era escalado em nenhum dos dois times para prestigiá-lo. O autor também acreditava que se Friedenreich escolhesse um dos dois times poderia soar ofensivo à equipe não escolhida. No entanto, cabe lembrar que esse jogador na verdade atuou para um dos dois times – a equipe dos brancos –, conforme mostramos anteriormente. Mário Filho parece ter desconsiderado esse fato ou não ter tido acesso a esses dados.

A escalação de Friedenreich no time dos brancos e os significados que podemos extrair dos jogos por meio das matérias jornalísticas reforçam a tese de Soares de que o livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, estaria mais próximo de um romance do que de um estudo histórico ou sociológico sobre o futebol brasileiro. Segundo Soares, Mário Filho utilizou sua criatividade de proseador para escrever crônicas romanceadas sobre o futebol brasileiro, elaborando uma espécie de “crônica-romance que é um épico no futebol brasileiro no qual os fatos são lidos, remontados e reescritos como tramas raciais que auxiliam a construir a identidade nacional” (SOARES, 2001, p. 16).

Aquino corrige Mário Filho no que diz respeito à participação de Friedenreich no time dos brancos, mas continua identificando-o como um mulato que se envergonhava de sua ancestralidade:

nesse contexto de discriminação a negros, mulatos e pobres, curiosamente foi um mulato claro o primeiro claro ídolo do futebol brasileiro. Chamava-se Arthur Friedenreich, era filho de um alemão com uma negra e tinha o apelido de “El Tigre”. Ainda que nunca admitisse não ser branco, tanto que chegou a integrar uma seleção de brancos contra outra de mulatos e negros, Fried era inegavelmente mulato-claro, com cabelos bem crespos. Nascido em São Paulo, jogou em diversos clubes, conquistando as maiores glórias no Clube Atlético Paulistano, tendo atuado na seleção brasileira entre 1914 e 1935.

Segundo a FIFA, Friedenreich chegou a marcar mais gols que Pelé, em geral, considerado o maior artilheiro de todos os tempos. De acordo com as estatísticas, Pelé assinalou 1282, ao passo que Fried teria feito 1329 (AQUINO, 2003, p. 41).

Friedenreich aparece repetidamente nos lugares que guardam parte da memória sobre o futebol brasileiro. Sua biografia é recorrentemente rememorada pelos museus que tematizam os primórdios do futebol no Brasil, sobretudo em São Paulo, e a participação do negro (ou dos mulatos) nesse processo. Através da figura de Friedenreich, tais exposições revelam as ambiguidades da identificação racial no Brasil. Dada a sua importância para o futebol brasileiro, o jogador foi eternizado pelo Museu do Futebol e tornou-se personagem de uma exposição no Museu Afro-Brasil, em São Paulo, realizada nos meses de julho e agosto de 2010, cuja temática era a participação do negro no futebol brasileiro. O pôster de divulgação do evento pode ser visto abaixo:



Museu Afro-Brasil. Arquivo de Emanuel Araújo. Julho/2010.

Na entrada da exposição, nos deparamos com uma caricatura de Friedenreich e fotos de Pelé, o principal jogador do século XX.



Museu Afro-Brasil. Arquivo de Emanuel Araújo. Julho/2010.

Essa exposição do Museu Afro-Brasil nos permitiu conhecer algumas singularidades em torno da biografia do jogador, como o apelido de “El Tigre”, e o fato de ele ter sido o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro, como podemos observar nas fotos que seguem:



Museu Afro-Brasil. Arquivo de Emanuel Araújo. Julho/2010.



Museu Afro-Brasil. Arquivo de Emanuel Araújo. Julho/2010.



Museu Afro-Brasil. Arquivo de Emanuel Araújo. Julho/2010.

A foto anterior foi ampliada e ocupava sozinha uma grande parede dentro da exposição. A página da *Gazeta* em que o nome de Fried é destacado (à direita na foto) é de 9 de agosto de 1931. A partir dela podemos imaginar o prestígio e as expectativas que o desempenho técnico do atleta despertava junto à sociedade paulistana, às vésperas de uma partida que colocaria em campos opostos paulistas e gaúchos. Embaixo da foto lê-se:

Fried, depois de vinte annos de futebol official, ainda continua no centro da vanguarda do futebol da selecção. Hoje, como em 22, 23 e 25, Fried, irá lidar com os gaúchos, que voltaram agora mais fortes, mais famosos. E não será somente o consagrado mestre, o conductor do ataque, como também o capitão da turma. É esta uma das poucas vezes que Fried irá ser o capitão, posto est que elle nunca teve sympathias. Desta vez, porém, “El Tigre” não pôde deixar de acceitar a missão de chefiar seus companheiros e estamos certos, saberá ser o mesmo mestre, mesmo ídolo de sempre (*A Gazeta*, 09/08/1931, primeira página).

A outra matéria de *A Gazeta* (à esquerda da foto), que recebe o título “O Palestra deixou de ser invicto” e é datada de 3 de setembro de 1934, ainda rememora os feitos de Friedenreich no final de sua carreira. O gol que determinou a quebra da invencibilidade do Palmeiras, anunciado pelo jornal, foi feito por Friedenreich. Embaixo da foto lê-se: “com um magnífico tento Fried arrancou o título de campeão invicto do Palestra, hontem, dando a victoria ao seu quadro no clássico cotejo – Vemos na gravura acima uma acção final dos tricolores. Araken, ao cahir cernera e adeanta a bola a Fried. Junqueira antepõe-se a “El Tigre” e prepara-se para executar a puxada”.

No Museu da Federação Paulista de Futebol o centenário do jogador foi rememorado em um texto do Sr. Rubens Ribeiro, jornalista aposentado que trabalha naquela instituição.



Museu da Federação Paulista de Futebol. Arquivo pessoal. Julho/2010.

Redigido por esse senhor, no texto destinado à comemoração do centenário de Friedenreich lê-se:

Arthur Friedenreich, “El Tigre”

Filho de Oscar Friedenreich, imigrante alemão e próspero comerciante de Blumenau, Santa Catarina, casado com Matilde, uma jovem pobre, mestiça, quase negra, mas possuidora de uma beleza que o cativou de imediato.

Por essa razão, “El Tigre” nasceu mulato, mas de olhos verdes. Com a libertação dos escravos, em 1888, a maior parte dos donos de fazendas do Sul atravessaram uma crise, que resultaria na queda do Império e na proclamação da República.

Oscar foi um dos atingidos. Por isso tomou a decisão de se mudar para São Paulo, onde já existia uma forte colônia alemã, fechada, mas que não deixava de ajudar os patrícios que vinham de fora. Através dessa colônia, Oscar pôde se estabelecer novamente no comércio e ganhar dinheiro, o suficiente para, com sua família, viver com relativo conforto.

O casal foi morar no nº 8 da rua Victória, velho casarão de uma porta e três janelas que ficava defronte a um velho lampião de querosene, ponto preferido dos notívagos que ali se reuniam para, ao acompanhamento de chorosos violões, cantar melancólicas serenatas.

Foi nessa casa que nasceu Arthur Friedenreich no dia 18 de Julho de 1892, meio claro e meio escuro, de cabelos crespos.

À época em que Friedenreich começou a gostar de correr atrás de uma bola, o futebol era um esporte de elite. Garoto pobre, Friedenreich cresceu entre os meninos de rua, que não tinham acesso ao aristocrático esporte praticado pelos estudantes do Mackenzie College e associados de clubes – a elite paulistana da época. Aos doze anos de idade no meio de gente grande, já atuava pelo primeiro time do São Paulo, que nada tinha a ver com o São Paulo Athlétic Club, muito menos com o atual clube do Morumbi. Tratava-se de um timinho, fundado pela rapaziada do bairro do Bexiga.

Foi a origem alemã que permitiu ao garoto Arthur fazer a ponte entre o futebol praticado nos elegantes clubes freqüentados por famílias de imigrantes ingleses e alemães – e as peladas dos meninos, organizadas na várzea.

Sócio do Clube Germânia (hoje E. C. Pinheiros) e aluno do Mackenzie, cultivou com os garotos do povo, nos jogos de rua, a habilidade e o senso de improvisação que marcaram o futebol brasileiro como um dos mais criativos do mundo.

Esses antecedentes resultaram no surgimento de um jovem de dupla personalidade. Seu futebol era tão fino, que todo mundo se esquecia de ver em ação um jogador mulato que o Germânia aceitara por engano. E, da mesma forma que festejava a presença de distintos atletas, como Rubem Salles, Barthô e outros, batia palmas e aplaudia a arte daquele jovem magriço que começava a admirar o público com suas desconcertantes jogadas.

E, quando aparecia nos campinhos de várzea, dava-se o inverso: parecia como um “filhinho de papai” se intrometendo no futebol de garoto pobre.

Mas logo descobriram que o garoto Arthur “era da turma”, simples, desafetado. Um bom moleque de rua e um bom amigo.

Ficou apenas a indagação sobre qual das duas personalidades de Friedenreich seria a mais autêntica: a do jovem que freqüentava festas de família, ou a que levava o “mulato de olhos verdes” a buscar o convívio da gente humilde das ruas.

Com ele o esporte elitista trazido dos campos ingleses teve de curvar-se à magia do jogo improvisado por negros e mulatos. Foi grande a revolução provocada nesse esporte por Friedenreich, que nele introduziu o drible curto, o passe improvisado, a ginga e os floreios de um jogo desconcertante. Mesmo franzino e com 17 anos de idade enfrentou sem temor os métodos violentos das equipes de futebol dos clubes aristocráticos, agora defendendo o recém fundado C. A. Ipiranga, para o qual se transferiu sem a aprovação do pai.

Posteriormente, desentendimentos do jogador, aliados à decadência do novo clube, levaram-no a aceitar o convite do C. A. Paulistano, onde permaneceu de 1917 a 1930 só saindo quando a equipe de futebol foi desativada. Em seguida, Fried reuniu-se a atletas da antiga A. A. das Palmeiras e do próprio Paulistano para fundar o São Paulo F. C., pelo qual conquistou o Campeonato Paulista de 1931, marcando 32 gols em 25 jogos.

Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, Friedenreich doou para os rebeldes todos os seus troféus, medalhas e prêmios. Alistou-se e assumiu o comando de 800 homens, todos desportistas.

Três anos depois, quando jogava pelo Santos F. C., encerrou sua carreira aos 43 anos de idade, num jogo amistoso contra o River Plate da Argentina, no Rio de Janeiro, vestindo a camisa do Flamengo, em homenagem à torcida carioca.

Por ocasião do Sul-Americano de 1919, juntos com a delegação do Uruguai, vieram os jornalistas Maurício do Valle d'Amico, Eduardo Arrachavaleta, Lorenzo Sienra, Augusto Borges e Antonio Batista. Ao ouvirem o que o Zibecchi dissera de Fried (autor do gol que deu o título ao Brasil) “ni la fatiga lo vence”, deram ao ídolo brasileiro o apelido imortal de “El Tigre”. Primeiro imperador de uma dinastia que incluiu, posteriormente, Leônidas da Silva, Garrincha, Pelé e outros, Friedenreich teve seu nome incluído no livro “Guinness de Recordes”, como artilheiro do futebol mundial, com 46 gols a mais que os 1283 gols de Pelé.

Os 1329 gols por ele conquistados desde a sua primeira partida estão registrados pela CBF e reconhecidos pela FIFA. No dia 16 de setembro de 1928 marcou sete gols em um único jogo (9 a 0 sobre o União Lapa), recorde que seria quebrado somente em novembro de 1964 por Pelé, que marcou 8 na goleada de 11 x 0 imposta ao Botafogo de Ribeirão Preto.

Sete vezes campeão paulista, quatro vezes campeão brasileiro, duas vezes campeão sul-americano, dezessete vezes campeão por diferentes torneios regionais, nacionais ou internacionais.

Este é o resumo das conquistas de um fenomenal futebolista que morreu aos 77 anos, pobre, doente e esquecido, numa casa doada pelo São Paulo F. C., depois de ter sido, inclusive, recebido pelo presidente da República Arthur Bernardes na condição de herói nacional, após a conquista do Sul-Americano de 1919.

Texto de Rubens Ribeiro

Julho de 1996

O vídeo de apresentação da sala dedicada às origens desse esporte no Museu do Futebol salienta que o jogador era um “mestiço”, filho de uma “mãe negra, lavadeira”, e um pai alemão, que teria lhe transmitido aquele “sobrenome estranho”. Apesar disso, esse jogador atuou no time dos brancos. Então, como pode ser considerado um dos principais personagens da constituição identitária do “negro no futebol brasileiro”? Esses são indícios que mostram que a biografia de Friedenreich dramatiza a questão racial brasileira.

Tanto Mário Filho quanto aqueles que se apropriaram desse personagem parecem ter utilizado, para a identificação da raça de Friedenreich, algo próximo ao critério da ascendência que vigorava no contexto norte-americano, no qual um indivíduo, tendo na sua família algum ancestral negro, seria também reconhecido dessa forma.

Friedenreich era e continua sendo bastante citado, não só em virtude de seu

desempenho técnico, que fazia dele o principal jogador daquele cenário, mas, sobretudo, por ser um dos jogadores que teria inaugurado a “escola brasileira de jogar futebol”, pautada pela virtuosidade dos atletas mestiços.

No entanto, não podemos pensar que a biografia de Friedenreich aglutina apenas questões relacionadas à construção da identidade nacional através do futebol. Sua biografia comporta os dramas do “racismo à brasileira”, trazendo o peso das marcas de distinção e classificação usadas para identificar brancos e negros na cultura brasileira. Aqui cabe a pergunta: como Oracy Nogueira (1998) poderia ajudar a entender por que Friedenreich era visto como branco na sociedade daquela época, embora grande parte da historiografia do futebol brasileiro impute a ele a negritude, reconhecendo-o como mestiço?

À exceção do cabelo, Friedenreich reunia muitas marcas para que pudesse ser reconhecido como branco pela cultura brasileira: a cor da sua pele, o fato de ter um sobrenome europeu e sua atuação pelo Ipiranga e pelo Paulistano, clubes da elite paulistana. Por tudo isso, ele se reconhecia e era reconhecido por muitos como branco, tanto é que atuava naquela equipe nos jogos “Preto X Branco”, embora Mário Filho e alguns dos que o acompanharam acriticamente tenham resolvido empretecê-lo, transformando-o no “mestiço” necessário para personificar aquele “*foot-ball* mulato” ou, no limite, o “negro no futebol brasileiro”, como quer a exposição do Museu Afro-Brasil.

Considerações finais

As relações raciais e a mestiçagem constituem a trama de toda a história da América Latina. Conceitos como “cultura”, “cor”, “classe” gestados ao longo dos anos

iniciais do século XX adquiriram grande importância a partir da década de 1920. Com a rearticulação e afirmação do ideologema da mestiçagem e frente aos discursos edificantes de reconstituição do Estado-nação ou das respectivas culturas nacionais, o discurso culturalista da etnicidade encontrou solo fértil para seu florescimento na América Latina, especialmente no Brasil (MUNANGA, 2004).

Associada aos mecanismos de construção republicana e de representação nacional, a mestiçagem seria a chave para integrar os dilemas nacionais a favor da construção de uma civilização nos trópicos. Orientados pela demanda de construção de um discurso distintivo sobre a nação, com base no ideologema da mestiçagem, novos modelos interpretativos sobre a cultura e a identidade brasileira foram gestados ao longo dos primeiros anos do século XX. A partir de então, a mestiçagem deixava de ser vista como um valor negativo, um sinal da degenerescência física e moral de um povo, para receber um valor positivo, passando a ser considerada uma forma nova de diferenciação nacional, sendo o mestiço o agente transformador dessa excelência da cultura nacional.

Aquilo que outrora fora visto como empecilho ao progresso e motivo de vergonha, ganhava, a partir daquele período, um sentido renovado, tornando-se motivo de orgulho e de identidade. A mestiçagem foi adotada, a partir de então, como parte de um projeto nacional de reinvenção do Brasil (SKIDMORE, 1976; 1994). Vista sob esse prisma, a mestiçagem deixava de ser concebida como um fenômeno estritamente biológico e recebia um apelo simbólico para a construção da brasilidade. Comparativamente aos países e nações mais antigos, o Brasil, assim como os outros países novos que nasceram do descobrimento e da colonização, deveria construir artificialmente sua nacionalidade, e isso perpassava pela compreensão do conteúdo

simbólico e político da mestiçagem, diferenciando, com efeito, a produção discursiva do “ser brasileiro”.

A mensagem do “povo novo” que provinha de matrizes multiétnicas impostas pelo colonialismo e pela escravidão era que o Brasil queria ser visto pelas representações da mestiçagem, que, por sua vez, representariam a igualdade proporcionada pelo esquecimento das diferenças que hierarquizavam a sociedade anteriormente e uma crítica à “pureza racial”, que por muito tempo serviu de bastião para a escravização e/ou colonização dos povos. Para além da bipolarização hierarquizante “colonizador-colonizado”, o “mestiço” só é possível pela suspensão dos antagonismos ou das categorias que outrora foram pensadas como naturais, puras ou excludentes. A eleição da “mestiçagem” atendia a uma demanda do “Novo Mundo” de construir uma identidade que expressasse a civilização da Jovem República.

Se durante a escravidão brancos e negros estavam diferentemente estabelecidos pelas relações de poder impostas pela cultura, o que pôde ser lido da iniciativa dos jogos seria a confraternização entre uma equipe “branca” e uma “preta”, atuando em um espaço de distinção social como parte das comemorações de uma data que não poderia ser esquecida. Seria pré-condição necessária para que qualquer partida esportiva acontecesse – incluindo aqui as partidas “Preto x Branco” – o mútuo reconhecimento de ambos os conjuntos como iguais diante das leis.

Esse jogo ritual tinha por finalidade igualar aqueles que no passado eram tratados como desiguais. Igualavam-se aqueles que eram vistos como diferentes, para que o embate os desigualasse ao final da partida, sob a condição de vencedores e perdedores, dependendo do desempenho de cada equipe. Dessa forma, aquele jogo festivo lembrava a libertação dos escravos, celebrava a harmonia entre as raças no

Brasil. A adesão das autoridades políticas ao evento ilustrava o discurso político que apoiava a visão de integração racial. Isso nos permite dizer que a iniciativa desses jogos se afina com o projeto nacional dos anos 1920-1930 de reinventar o Brasil por meio da “mestiçagem” e da valorização do afro-brasileiro.

Se o Brasil era identificado como uma “nação mestiça”, o futebol brasileiro também o era. A partir disso, observamos como o “Preto X Branco” refletia a visão otimista da mestiçagem e o discurso hegemônico da incorporação do negro na construção positiva da identidade nacional, tão em voga naquele momento. Relembro ainda que os jornais denunciavam os resíduos de preconceito nos clubes elitistas de São Paulo. Essa foi uma ação privada contra o preconceito explícito, além de lembrar que as diferentes etnias que compunham o Brasil conviviam – ou podiam conviver – pacificamente.

A comparação com outros modelos permite iluminar as sensibilidades do Brasil sobre a questão racial. Poderíamos pensar a vivência do esporte nos moldes do “Preto X Branco” em sociedades que formalizavam a segregação, como a norte-americana, ou a sul-africana, que vivia o *apartheid*? O ritual do esporte demanda que os opostos sejam reconhecidos como “iguais” para que o desequilíbrio das forças desigualmente os entre “vencedores” e “perdedores”. Esse fundamento de “igualdade” contraria o fundamento das ideologias que propõem a segregação, na qual os habitantes são vistos como diferentes. O fato de os jogos “Preto X Branco” terem surgido em solo brasileiro é fruto dos dramas de uma construção positiva da identidade brasileira sobre a “raça”.

Paralelamente a essas partidas amistosas, o futebol dramatizava os dilemas da nação: era uma competição no “campo de futebol” que evidenciava as identidades raciais e/ou nacionais num convívio pacífico e civilizado. Ainda que estivesse em jogo qual dos grupos étnicos ou nacionais seria melhor, a mensagem central era que, na

sociedade brasileira, os diferentes deveriam se reconhecer e conviver pacificamente. Devemos reforçar que era essa a mensagem da construção identitária do Brasil, pautada na experiência do ideal civilizatório da democracia racial simbolizado pelo “Preto x Branco”.

O debate sobre o significado da igualdade das regras no plano do esporte ilustrava o elevado grau de civilidade que a nação brasileira teria alcançado e favorecia a marcação identitária de brancos e negros naquele contexto. As expectativas redigidas nos permitem observar que o discurso da “democracia racial”, definidor da nação brasileira, se fazia presente também ali, em um nível pontual, a partir da narrativa sobre os jogos. Esse discurso encontra seu pilar na construção ideológica sobre a nação brasileira, pensada enquanto uma comunidade imaginada, no sentido de Anderson (1983)⁵¹. Assim como a nação, o futebol brasileiro também foi pensado como resultante da mistura e do encontro pacífico de raças.

O significado que os jogos adquiriram foi o reconhecimento dos negros como “brasileiros”, em virtude de seu desempenho no futebol, dando visibilidade à identidade nacional. No limite, podemos pensar os jogos à luz da ideologia da democracia racial, tão em voga naquele período. Ora, se o ritual do esporte, com suas regras igualitárias, está sendo celebrado ali, é porque ambos – pretos e brancos – podem competir em igualdade de condições, reforçando o discurso da democracia racial. Daí o fato de os jogos serem realizados no dia comemorativo da abolição da escravatura, isto é, a cada “13 de maio”. Logo, pretos e brancos participavam do ritual do jogo numa condição absolutamente contrária à ordem do período escravocrata. Essa configuração facilitava a

⁵¹Benedict Anderson cunhou o conceito “comunidade imaginada”. A identidade nacional não é inteiramente dependente da ideia que fazemos dela. Sendo assim, e uma vez que não seria possível conhecer todas aquelas pessoas que partilham uma mesma identidade nacional, devemos ter uma ideia partilhada sobre aquilo que a constitui: “a diferença entre as diferentes identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas” (WOODWARD, 2000, p. 24).

atribuição de predicados às identidades étnicas e celebrava a ideologia da convivência pacífica entre as raças, mesmo durante o conflito.

A questão não era simplesmente dizer qual era a “melhor raça”. O objetivo dos jogos era integrar e contestar o preconceito. Como corolário, emergiram, a partir da imprensa, estereótipos positivos sobre os negros, especialmente as qualidades corporais atribuídas à “raça negra” e os valores morais antes atribuídos somente aos brancos, como ordem, disciplina, civilidade, entre outros. O efeito ambivalente das consecutivas vitórias dos negros não foi apenas o reconhecimento deles em termos legais, uma vez que há pouco – pensando historicamente – haviam sido reconhecidos como homens livres, mas também a confirmação e maximização da imagem que os brancos faziam sobre eles: a da vocação “inata” dos negros para as atividades corporais.

A partir da compreensão de que memórias coletivas são constituídas e constitutivas, podemos afirmar que as interpretações sobre a herança étnica desempenharam um papel importante na construção imaginária do nacionalismo brasileiro⁵². No caso, as supostas aptidões corporais da “raça negra” para o futebol parecem ter servido para a construção positiva da identidade nacional. A partir das marcas distintivas da ginga, da alegria, da habilidade e sensualidade corporal, o negro teria transmitido ao futebol do Brasil a representação do seu estilo de uso do corpo, num bom exemplo de como as representações são absorvidas na construção imaginária da identidade brasileira.

⁵² “as memórias são associadas a um etno-simbolismo histórico. O poder inerente às diversas formas de identidades nacionais é explicado a partir de diversas formas pelas quais os mitos, memória, tradições e símbolos de herança étnica são vivenciados, redescobertos e reinterpretados” (SANTOS, 2003, p.188).

CAPÍTULO 4

OS JOGOS “PRETO X BRANCO”

E A AMBIGUIDADE DO “RACISMO À BRASILEIRA” NO FUTEBOL

Introdução

O objetivo deste capítulo é analisar o “racismo à brasileira” através dos jogos “Preto X Branco”. Esses jogos ocorrem há 37 anos no bairro São João Clímaco, em São Paulo, capital, em um dos domingos que antecedem ao Natal. São jogos de futebol vivenciados no plano do lazer por equipes compostas por jogadores que se autodeclaram “pretos” contra outras compostas por jogadores que se autodeclaram “brancos”. No dia comemorativo ocorrem, em média, quatro jogos, em que os jogadores participantes são divididos em função da idade e de critérios técnicos. Denominado pelo próprio grupo de “encontro entre amigos Preto X Branco”, como se pôde ler em faixas e canecas de chope alusivas ao evento, esses jogos de futebol contêm todos os ingredientes do “futebol de várzea”. Em virtude dessas características, este evento proporciona um cenário fértil para a ebulição de diferentes significados que enriquecem o debate racial na sociedade brasileira.

O racismo na sociedade brasileira é um tema muito delicado. Ser racista ou tomar atitudes pode ser considerado ultrajante ou “politicamente incorreto”. Legalmente o racismo é um crime inafiançável, previsto na Constituição Federal de 1988. No entanto, as representações socialmente construídas sobre a “raça negra”, muitas vezes censuradas no cotidiano, se manifestam no futebol. A emoção que vigora no plano esportivo solapa as representações racionalmente censuradas, acabando por revelá-las.

Esta tese visa cobrir uma lacuna acadêmica. Toledo (2001) fez um balanço da produção, em termos de investigações e publicações, acerca do estado da arte, tomando o futebol como tema das ciências sociais. Constatou que, de 1980 a 2001, apenas duas, entre centenas de publicações, tomaram o “futebol de várzea” ou as “peladas” como objeto de estudo.

Este estudo vai se aprofundar nesse tema desprivilegiado pela produção acadêmica. O ritual esportivo do “Preto X Branco” oferece um cenário privilegiado de observação dos preconceitos enraizados, mas muitas vezes não explicitados, sobre os pretos, revelando a incidência e os dramas relativos ao racismo no espaço social de uma modalidade profundamente vinculada ao plano do lazer, ao modo de vida e às tradições da cultura brasileira.

Justamente por lançar luz sobre a presença, os limites ou a especificidade do racismo no Brasil, este jogo revela aspectos significativos que marcam a riqueza cultural de São Paulo, uma cidade que constitui um espaço privilegiado para diversas experiências em função da procedência de seus habitantes, da riqueza de suas tradições culturais e da variedade de seus modos de vida (MAGNANI, 1996), e, por conseguinte, toda a infinita possibilidade de trocas e contatos que ela propicia:

trata-se de uma metrópole, com suas mazelas e também com os arranjos que os moradores fazem para nela viver (ou sobreviver), combinando o antigo e o moderno, o conhecido e a novidade, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro. Sem negar a realidade daqueles fatores, nem procurar amenizar suas conseqüências, é possível mostrar que a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados (MAGNANI, 1996, p. 3).

Ao analisar as regras que comandam o uso do tempo livre por intermédio dessas formas de lazer, Magnani (1996) verificou que a dinâmica dessas formas de lazer vai

muito além da necessidade de reposição das forças despendidas durante a jornada de trabalho:

representava, antes, uma oportunidade, através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade. O que não é de pouca importância para uma população cujo cotidiano não se caracteriza exatamente pelo gozo pleno dos direitos de cidadania (MAGNANI, 1996, p. 13).

As festas podem se configurar objetos de estudo para o historiador. Tanto Le Goff (2003) quanto Nora (2003) sugeriram que as comemorações – consideradas “lugares simbólicos” – possuem um lugar na memória coletiva e na história. As festas são importantes para a sociedade na qual elas estão inseridas porque constituem um lugar de memória revivida e ritualizada no processo de identificação de indivíduos e grupos. Diretamente relacionado aos significados que os moradores que residem na periferia de São Paulo atribuem às festas populares e às formas de lazer coletivo e de entretenimento que eles próprios idealizaram, perpetuaram e continuam ajudando a promover, este estudo sublinha o papel das comemorações, das celebrações e das festividades para o reforço da identidade nacional e para a contestação de valores radicados na cultura brasileira.

Esta tese fornece subsídios para buscarmos o potencial pedagógico das festas populares. A festa é apenas uma das inúmeras “escolas” do povo (RIBEIRO JR., 1982, p. 11), onde a ordem vigente pode ser tanto reproduzida como invertida, através de um momento em que se dá palavra ao “outro”, criando ritualisticamente mundos novos com seus valores e relacionamentos.

A educação não ocorre apenas na escola. A prática da educação abarca uma vasta rede de variadas situações e instituições. A educação ocorre num *continuum* de alguns tipos de educação, dentre os quais se destacam a educação *não formal*. Em seus

aspectos mais autênticos, a cultura elaborada pelo povo é uma educação não formal, que “orienta e revigora comportamentos, faz participar de crenças e valores, perpetua um universo simbólico” (RIBEIRO JR., 1982, p. 42).

A primeira é aquela elaborada pelos meios de comunicação, programas sociais, publicidade, movimentos da sociedade civil e de sociedade popular organizada e demais movimentos populares; a segunda é representada pelo cotidiano, pela família, pela experiência de vida, que formam um horizonte interpretativo anterior ao nascimento do sujeito que o condiciona. Integra projetos de diferentes áreas e é dotada de maior elasticidade do que a educação formal.

Tomo como ponto de partida a formulação de Carlos Rodrigues Brandão sobre a “festa do povo”:

refiro-me a acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo, que geralmente observam frequência cíclica ou sazonal; produzem uma ruptura com a rotina subsequente da ‘vida social’; que criam comportamento sobretudo rituais, logo expressivos, e relações interativas de forma e efeito diverso dos de períodos longos de rotina’ (*apud* RIBEIRO JR., 1982, p. 29).

Ainda para Ribeiro Jr. (1982), festa é um tipo de ritual que surge em oposição à rotina. Ela é uma tipo de ritual que se articula com a cultura em três níveis, que, às vezes, convivem num mesmo evento.

- a) Nos momentos de *identificação* de uma sociedade: a sociedade homenageia ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica nos momentos de rotina. Nessas ocasiões, procura-se empregar formas simbolicamente construídas exclusivas acerca da organização social e dos modos de ser, adotados por aquela sociedade.

- b) Como forma de *legitimação*, em que a sociedade recria mediante a linguagem festiva a própria ordem e ideologia. Ao dizer como e por que cada um dos momentos da festa pode ser produzido, a sociedade se legitima.
- c) Como possibilidades de reorganização social, quando a festa cria alternativas e mudanças no sistema de ocupação de posições e papéis rituais dotados de significação social.

Estou adotando a clássica concepção de cultura de Duham (2004), que a entende como um processo pelo qual os homens orientam e dão significados as suas ações através da manipulação simbólica. Sendo a cultura um atributo fundamental de toda prática humana, meu objetivo é compreender os significados simbólicos do ritual do “Preto X Branco”.

Partindo do princípio de que o importante no olhar antropológico é a busca do significado de comportamentos e experiências de sociabilidade que aparecem como “exóticas” quando seu significado é desconhecido (MAGNANI, 1996, p. 3), entrei em contato com os organizadores dos jogos a fim de descobrir e interpretar qual é o significado daquela prática de sociabilidade para seus participantes, que promovem e perpetuam um tipo de futebol diferente daquele privilegiado pelas narrativas hegemônicas. Este estudo pretende, sobretudo, fazer aparecer esse outro futebol, “com seus personagens, suas memórias, narrativas, dilemas, paixões, enfim, [que] urge flunar pelos campos de futebol da nação, sobretudo pelos campos que, por diversas razões, não se enquadram nos padrões da *International Board*” (DAMO, 2003, p. 132).

O interesse em conhecer esse jogo oriundo da cultura popular surgiu pelo fato dele proporcionar um arranjo diferente acerca da discussão sobre o racismo na

sociedade brasileira, como anunciado pela revista *Trip*, uma das muitas mídias que se ocuparam do evento:

onze de pele preta para um lado, onze de pele branca para o outro e uma bola no meio renderam um jogo repleto de raça, jogadas de efeito, lances duvidosos, entradas duras, categoria, marcação cerrada e gols – tudo que um jogo de várzea sempre teve – só que desta vez com um tempero apimentado: o sarro racial correndo livre e solto. Entre amigos de longa data e muita festa.

Melo e Alves Jr. (2003) entendem que as manifestações da cultura popular são tão importantes quanto qualquer outra para interpretarmos a cultura da sociedade na qual elas estão inseridas, uma vez que refletem os valores, as normas e os hábitos que regem a vida humana em sociedade. Todavia, não devemos pensar que tais manifestações são vivenciadas num clima de total harmonia; ao contrário, em se tratando de cultura, estamos lidando com “algo tenso, construído do diálogo e conflito, de trocas, manipulações e embates” (*idem*, p.25).

O lazer é um momento privilegiado de vivência cultural que, ainda que tenso, pressupõe a busca pelo prazer (MELO; ALVES JR., 2003) ou a satisfação das aspirações dos seus praticantes. Um dos locais de encontro e de vivência das práticas prazerosas do lazer são, por exemplo, os campos de futebol de várzea, presentes sobretudo nas periferias das grandes cidades. Quando espaços como esses – ou segmentos deles – tornam-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, eles recebem o nome de “pedaço”, um conceito proposto por Magnani:

espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada em laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 1996, p. 138).

É nesses espaços que acontece a trama do cotidiano e onde se vivencia a prática do lazer nos fins de semana dos bairros populares como, por exemplo, São João Clímaco. Ao me deparar com o cenário do jogo, logo percebi que poderia incluí-lo naquilo que o autor entende como “pedaço”, uma categoria que descreve uma forma particular de sociabilidade e de apropriação do espaço, cuja análise permite observar um componente afirmativo de “reforço dos laços de sociabilidade desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve amigos, colegas, “chegados” (âmbito do “pedaço”) e desconhecidos (fora do “pedaço”)” (MAGNANI, 1996, p. 14).

O “pedaço” daquele grupo é o Clube da Comunidade Parque Fongaro, em um bairro popular chamado São João Clímaco, que funciona em um terreno da prefeitura. Essa área dispõe de um campo de futebol society de grama sintética, vestiários, uma quadra de bocha, um bar – o Bar do Chuchu – e um campo de futebol com pouca grama que, se é que não as possui, tem dimensões muito próximas às oficiais. Nesse campo se pratica uma modalidade amadora de futebol bastante enraizada nos costumes da cultura brasileira. Todos esses ingredientes nos permitem enquadrá-lo como um campo de várzea.



Arquivo pessoal – Agosto/2009



Foto do Bar do Chuchu – Arquivo pessoal – Agosto/2009



Foto da quadra de futebol society do Parque Fongaro – Arquivo pessoal – Agosto/2009



Foto da quadra de bocha do Parque Fongaro – Arquivo pessoal – Agosto/2009

Witter (1982) entende que a maior riqueza material da várzea é o campo de futebol de grandes dimensões e bem conservado. Além dele, há uma pequena construção de madeira que abriga jogos como damas, dominó, além de dependências destinadas aos apaixonados pelo jogo de bocha e do imprescindível “barzinho” onde terminam as disputas amistosas ou inamistosas, com o “tira-gosto” e a cerveja.





Vista superior do estádio Benedito Sapateiro, no Parque Fongaro – Arquivo pessoal –
Agosto/2009

Diante disso podemos incluir o jogo “Preto X Branco” que ocorre nesse “pedaço” como algo próximo a uma “pelada” oriunda da matriz comunitária do futebol, conhecido como “futebol de várzea”, conforme a caracterização proposta por Damo (2003). O jogo do “Preto X Branco” está próximo daquilo que Damo entende por futebol de “bricolagem”. Para o autor é esta “a configuração que admite as mais diversas possibilidades de adaptações em relação às normas da International Board – comitê que contém o monopólio legítimo sobre as regras do *football association*, oficialmente adotado pela FIFA” (DAMO, 2003, p. 140).

Essa bricolagem caracteriza as peladas porque nesse tipo de vivência do futebol joga-se com o que se dispõe ou inventam-se regras ou recursos materiais: “o que caracteriza esta configuração futebolística é a sujeição do *football association* aos

contornos locais, ao espaço, tempo, material, enfim, aos contornos físicos, psíquicos e sociais dos praticantes” (*idem*).

Vinculada ao tempo de lazer dos participantes, a várzea possui quase todos os componentes do futebol profissional, diferindo-se em escala. Há uma divisão social do trabalho fora do campo que não é nula, mas precária. Nos jogos, os papéis são bem definidos no início, mas uma mudança repentina das posições em campo não causa espanto, como o centroavante transformar-se em zagueiro, ou, até mesmo, em goleiro.

Damo (2007) ainda salienta que o “futebol de várzea” não é praticado para “manter a forma”, mas para mostrar quem está em forma. Joga-se pelo prazer estético, para exhibir-se. Joga-se, simplesmente, porque isso faz parte das atividades de tempo livre, da sociabilidade entre amigos. Com efeito, podemos entrever que esse modo de praticar futebol ocorre num tempo específico dos seus participantes: o tempo de lazer. Isso permite compreendê-lo enquanto um jogo que transita entre a matriz comunitária e bricolada do futebol. Por futebol bricolado:

são compreendidas as configurações nas quais se admite as mais diversas variações para a unidade futebolística. [...] No Brasil tal prática é conhecida como pelada, que é o oposto do futebol de espetáculo: joga-se com o que dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais. De maneira geral, o termo bricolagem é o tempo social do não-trabalho – do lazer, da recreação, do ócio. [...] É praticado em ruas, praças, parques, terrenos baldios e outros tantos espaços à margem das instituições formais” (DAMO, 2007, p. 40-41).

Para o autor, esse é um campo ainda inexplorado nos estudos sobre o esporte. A bricolagem é um das possibilidades privilegiadas de socialização com os fundamentos do jogo; é praticada em ruas, praças, entre outros espaços à margem das instituições formais. Nela “não se ensina ou não se aprende apenas uma prática – do futebol, neste caso – mas um espectro de códigos, valores e normas denominados de cultura” (DAMO, 2003, p. 142).

Para Guedes (1982), a pelada pode ser caracterizada como a “instituição zero” do futebol brasileiro, já que dela parte o aprendizado não só das técnicas futebolísticas, mas também de valores éticos e da convivência com esses códigos. Apesar das peladas estarem se deslocando da periferia das grandes cidades ou estarem desaparecendo, em função da especulação imobiliária que assola os grandes centros urbanos, essa forma de praticar futebol vem resistindo, sobretudo nos campos de várzea remanescentes, onde continua sendo perpetuada em espaços destinados ao lazer e à sociabilidade dos seus praticantes. Tudo isso faz da pelada não apenas um espaço privilegiado à prática do lazer, em geral, e do futebol, em especial, “mas como uma instituição laica onde se aprende e se ensina noções elementares de fidelidade, honradez e pertencimento grupal” (DAMO, 2002, p. 50).

Ainda que essas atividades sejam responsáveis pela transmissão de valores éticos essenciais à vida em sociedade, as perguntas que orientaram este estudo foram: o preconceito de marca e ambiguidade do “racismo à brasileira” operam nesse pedaço onde se vivencia uma pelada oriunda da várzea, que recria um jogo ritual que opõe através do futebol jogadores autodeclarados “brancos” contra “pretos”? Haveria uma continuidade da tese de Nogueira em relação à especificidade do “racismo à brasileira” e os jogos que ocorrem em São João Clímaco? Se sim, em quais situações ou momentos? Ou, caso contrário, o “Preto X Branco” teria desenvolvido uma ética própria ao tratar do racismo naquele pedaço? Além dessas, outras questões mais pontuais aguçavam a minha curiosidade, como, por exemplo, como ocorre o evento “Preto X Branco”? Como aquele grupo se constituiu? Como ocorre a composição dos times? Em uma sociedade altamente miscigenada como a brasileira, em que equipe jogam aqueles que se autodefinem como mulatos ou pardos? Quais são os critérios de escolha? Já houve alguma manifestação de racismo naquele espaço? Se houve, como foi tratada? O

que dizem “brancos” sobre “pretos” e vice-versa? Responder a essas perguntas contribui, em última instância, para iluminar questões relativas ao meu objetivo maior, que é analisar o “racismo à brasileira” no futebol brasileiro.

As fontes sobre o jogo “Preto X Branco”

O jogo “Preto X Branco” proporciona um manancial de dados empíricos para ilustrar como o racismo está relacionado ao futebol. Em função disso me programei, elaborei um roteiro de entrevistas e agendei um encontro com esse grupo para o sábado de 1º de agosto de 2009. Viajei para São Paulo tendo como destino o Clube da Comunidade, situado à rua Professor Silas Baltazar de Araújo, 220, Vila Arapuá, onde fica o Estádio Benedito Sapateiro, local de realização dos jogos. Lá é a sede e o ponto de encontro do Grêmio Esportivo Flor de São João Clímaco, uma entidade que compõe o quadro do futebol de “várzea” da cidade de São Paulo.

Os idealizadores desses jogos se encontram lá aos sábados, onde também há um bar, o “Bar do Chuchu”. É naquele pedaço que os organizadores dos jogos vivenciam uma parte significativa do seu tempo livre, utilizando-o para, principalmente, beber cerveja, conversar sobre futebol e observar as partidas que ocorrem no campo, que fica em frente ao bar. Nesse encontro descobri que não estava apenas diante de um jogo exótico em nossa sociedade. Tal jogo representava uma forma de sociabilidade situada numa espacialidade geográfica repleta de significados para os protagonistas desse jogo.



Visão interna do Bar do Chuchu – Arquivo pessoal – Agosto/2009

Assumi, inspirado em Ginzburg (2003), uma atitude investigativa na busca de pistas que me ajudassem a interpretar o significado desses jogos “raciais” e que relações eles estabelecem com o tema do racismo. Fontes que a princípio poderiam ser consideradas secundárias ou parecer irrelevantes foram apropriadas com todo cuidado e se transformaram em pistas de investigação, uma vez que podiam ser cruzadas com outras.

Nesse capítulo vou construir uma trama para tentar tornar inteligível o significado desse jogo ritual e as relações raciais relacionadas a ele naquele pedaço de sociabilidade. A memória acumulada sobre aquele grupo registrada na mídia escrita e televisiva foi apropriada para auxiliar a pensar os significados daquele pedaço de lazer e sociabilidade que evidenciava as tensões nem sempre visíveis das raças.

Diferentemente da maioria dos clubes de futebol comunitário, que não possuem apelo e visibilidade junto à grande mídia, a tradição constituída em torno do tema da raça ou cor da pele transformou esse evento em pauta para matérias de diversos meios de comunicação, interessados em apresentar aquele evento exótico. São elas:

- a) Matéria publicada pela revista *Trip* no dia 17/04/2003;
- b) Documentário para a *TV Cultura* sobre o jogo intitulado “Preto X Branco”;
- c) Matéria publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, na qual um jornalista, consubstanciado pelo documentário, fez menção ao jogo;
- d) Matéria do *Jornal da Tarde*, no dia 12/12/2009, com uma página inteira destinada ao evento, apresentando o jogo por meio do resgate da memória sobre alguns dos seus principais atores, quais sejam: árbitro, organizadores, jogadores;
- e) Matéria da revista *Placar*⁵³, da edição de março de 2010;
- f) Reportagem da *Rede Bandeirantes de Televisão*, exibida pelo programa dominical “Band Esporte Clube” no dia 24/01/2010.

A fim de ampliar meu olhar sobre o “Preto X Branco”, adicionei a essas fontes entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com o diretor do documentário e com 15 organizadores e participantes dos jogos, assim divididos segundo a autodeclaração dos entrevistados: 5 pretos, 8 brancos, 1 amarelo. Também foi entrevistado o presidente do Clube da Comunidade, que deu nome ao estádio onde são realizados os jogos. Além de realizar as entrevistas, auxiliei na preparação do festival de 2009 e participei do jogo de abertura, realizado no dia 20 de dezembro, na condição de jogador do time dos pretos. Participei ainda das festas de confraternização, ao som de roda de samba, promovidas nos dias 13 e 20 de dezembro⁵⁴.

A partir do contato com essas fontes elenquei alguns eixos de análise. Aquilo que fosse profícuo para a compreensão do jogo, bem como para tornar inteligível a interpretação sobre o “racismo à brasileira” naquele pedaço, foi levado em consideração

⁵³ Revista publicada mensalmente pela Editora Abril, que, há 40 anos, dedica-se prioritariamente ao tema “Futebol”.

⁵⁴ Em 2009, o evento foi inicialmente marcado para o dia 13 de dezembro. No entanto, esse dia amanheceu com muita chuva e isso fez com que o evento fosse transferido para o domingo seguinte, dia 20.

e, contrastado às outras fontes, discutido em cada um dos eixos interpretativos que seguem abaixo.

GALERIA DO PRETO X BRANCO

Daniel Kiburi registrou com talento o que há de melhor no "mundo das chuteiras com lama". Em dezembro de 2009, ele e o repórter Pedro Henrique Araújo acompanharam a tradicional partida do Preto x Branco, há 97 anos no calendário do São José Climaco, zona sul da cidade de São Paulo.

Daniel fotografou tudo. A cervejinha pra e pós-jogo, os dribles, as batidas e os grandes personagens dessa história da periferia.

Confira as fotos em: jornalplacar.abril.com.br/galerias/7610



Contra os batidores de uma das partidas mais tradicionais da periferia

FOTOS: DANIEL KIBURI

A memória sobre o “Preto X Branco”

Parte da memória acumulada sobre e pelo grupo do “Preto X Branco” é exibida pela mídia e pelo discurso que é (re)produzido pelos atores oriundos daquele “pedaço”. Nesta tese assumo a perspectiva de Pollak (1992), que sugere que a memória de um grupo é seletivamente construída através de uma relação dialética de lembrança e esquecimento. Lembrar é também esquecer. Pollak lembra a tríade entre memória, esquecimento e silêncio. A memória é um objeto de disputa de poder que sofre enquadramentos e flutuações em função do momento em que é articulada e do contexto em que ela está sendo expressa. O presente dá o tom da lembrança sobre o passado e esse “tom”, bem como a própria memória, é permanentemente (re)construído e disputado: “há um jogo, uma trama em negociação, há, como se diz, memórias subterrâneas que buscam o tempo todo um “lugar ao sol”, um lugar para serem, no presente, lembradas, pois podem ser silenciadas mas não, necessariamente, esquecidas” (ROCHA, 2009, p. 141).

Os discursos sobre a memória estão estreitamente ligados às histórias de nações e estados específicos. Afinal, como lembra Pollak, a memória possui uma ligação muito estreita com o sentimento de identidade, sendo um elemento constituinte dessa última:

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fato extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si (POLLAK, 1992, p. 204).

A construção de identidades sociais abarca a construção de imagens de determinados grupos sociais, a historicidade do processo e a luta constante pela

manutenção e afirmação dessa identidade⁵⁵. Quando falamos em identidade social aludimos aos sistemas de referência identitários que são atravessados por representações e práticas sociais, vinculadas a referenciais materiais, simbólicos e ainda a expressões corporais, uma vez que se traduz no falar. A representação e a memória que são negociadas na trama das relações sociais apontam para a identidade de um grupo e são produtos das trocas discursivas, das comunicações (LIRA, 2004).

O papel da memória na construção e no reforço das identidades coletivas é consequência da dinâmica desse processo. A memória social resgata e controla o passado com o objetivo de referendar o presente e preparar as bases para uma possível perpetuação no futuro. Entretanto, sua construção realiza-se nas diferentes concepções individuais e por interesses de grupos diversos. Nesse sentido, esse processo se constrói de forma nem sempre harmônica, uma vez que as tensões vão definir os rumos da atualização e da edição da memória. As diferentes versões sobre o passado entram em conflito, pois as relações de poder e os seus interesses específicos busca legitimar sua versão (ou versões) sobre o passado.

Memória e identidade interagem na medida em que a memória é o elemento central na construção da identidade, tanto individual quanto coletiva. Nesse sentido, Pollak (1992) afirma que ninguém constrói uma autoimagem sem participar de um intrincado processo de negociação, de transformação, não conseguindo manter-se isento de mudanças em relação àqueles que o cercam, tanto no presente quanto em relação aos personagens do passado que compõem o cenário atual.

Uma vez que a memória ajuda a responder quem somos em um universo permeado por múltiplos chamados culturais, ela é disputada através de conflitos sociais e intergrupais.

⁵⁵ “por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo para assegurar a cada membro do grupo – que se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade e coerência” (POLLAK, 1992, p. 207).

ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência a critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros (POLLAK, 1992, p. 5).

Seguindo esse arcabouço, Michael Pollak (1989) analisa a função social de controle e vigilância da identidade coletiva. Pollak chamou de “enquadramento da memória” as conexões imprescindíveis na construção da memória, como uma plataforma de segurança para a manutenção das identidades. Em linhas gerais, trata-se da definição e da escolha dos fatos do passado para serem rememorados, bem como da indicação daqueles que não deverão ser lembrados.

Pollak (1992) destaca a questão do controle sobre a memória e do reforço das identidades por aqueles que assumem o papel ou são escolhidos como guardiães dessa memória. O processo de construção da memória social e os seus respectivos resgates do passado denotam uma reorganização do poder das pessoas e entidades que conduzem a rememoração.

Ao analisar as memórias concorrentes, os esquecimentos e os silêncios, as observações de Pollak (1989) mostraram como a memória se torna um meio para reforçar os sentimentos de pertencimento e coesão social, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros. Assim, poder-se-ia pensar que este mecanismo está presente tanto na memória oficial, quanto na dos excluídos. O autor chamou a atenção para o papel das “memórias subterrâneas”, em referência à memória marginalizada das camadas populares que abririam novas possibilidades de investigação, uma vez que ela vem estabelecendo disputas com a memória oficial.

A memória pode ser vista como construção simbólica, na medida em que pode ser interpretada a partir de fatos representativos de grupos sociais que funcionam como

seu suporte. Entretanto, precisa ser reanimada constantemente através de estruturas que promovam a vivência dessa memória, imprescindível para fortalecer os laços de pertencimento dos indivíduos a determinadas sociedades, e que para repassar essa memória às novas gerações, adequando-a aos valores e normas sociais.

Tal necessidade se faz sentir à medida que as novas gerações são introduzidas na sociedade e começam a formar novas concepções acerca da vida. Esse processo propicia estabelecer lembranças coletivas, da cultura, do tempo presente e do passado. A memória é estruturada no jogo tenso entre os esquecimentos e as rememorações de um grupo social, por intermédio da tradição oral, das datas festivas, da identidade coletiva, dos monumentos e dos documentos oficiais, que vão resgatando imagens e fatos, fornecendo informações, entre outras interações, que produzem sensações de pertencimento e modelos para a ação.

As pesquisas de Maurice Halbwachs deram um impulso no sentido de compreender o caráter da memória como um processo coletivo e contextualizado na sociedade. Halbwachs (1990) afirma o lugar da memória como uma construção do passado no presente. Segundo ele, ao construirmos memórias como membros de determinados grupos sociais, utilizamos obrigatoriamente as convenções sociais disponíveis ao nosso alcance. Uma vez que as nossas memórias estão atreladas aos juízos e valores do nosso grupo social, elas se tornam referenciais que nos orientam a agir, pensar e avaliar, construídas na subjetividade e representadas em discursos sociais. Dessa maneira, é possível construir as lembranças pelas perspectivas e demandas do presente, na medida em que o passado é reatualizado de acordo com a posição que o indivíduo ocupa no grupo.

Pierre Nora (1984) analisa a apropriação do passado como um processo cuja reconstrução pelo presente mediante um processo de recriação desse passado, na medida

em que os fragmentos históricos, recolhidos e compilados, são interpretados de acordo com as necessidades da atualidade e como plataforma para as aspirações no futuro. A edição de fatos esquecidos e os aspectos importantes destacados possibilitarão a releitura da memória, pois o que vai emergir no presente se encontra solidificado no que Nora denominou “lugares de memória”: museus, bibliotecas, monumentos, datas cívicas, documentos, dentre outros. Esses “lugares” servem para colocar em destaque as referências e os mitos que estabelecem um vínculo de identidade.

Nora (1984) propõe o conceito “lugares da memória”, com características materiais, funcionais e simbólicas, para compreendermos os lugares onde a memória se cristaliza, já que ela não é mais espontânea. Com efeito, precisamos criar lugares, manter arquivos, organizar celebrações, sem as quais as lembranças que gravitam em torno dessas comemorações seriam esquecidas. Esses são indicadores empíricos da memória coletiva que reforçam o sentimento de pertencimento e as fronteiras socioculturais: “precisamos dos lugares de memória para poder lembrar as memórias que foram privilegiadas como importantes e que não podem ser esquecidas com o desenvolver na história” (ROCHA, 2009, p. 144).

Os grupos se servirão desses mecanismos para lembrar e construir representações a partir dessa memória compartilhada coletivamente. Rocha resgatou o conceito de “lugares da memória”, proposto por Nora, para enquadrar o documentário, um das principais mídias que se ocuparam do evento, como um desses “lugares”:

podemos, então, pensar o documentário como um lugar privilegiado para a recuperação e manutenção da memória. Pela reunião de certas características, dentre outras, a de narrar o cotidiano e as condições de vida dos intervenientes, por apresentar um momento histórico e cultural específico. É possível - e desejável - pensar o documentário como lugar de memória e documento histórico (*idem*).

Rocha ainda entende o documentário como um lugar onde o cotidiano narrado não funciona apenas como uma forma de

legitimação daqueles hábitos de vida, modos de pensar, formas de agir, mas também como um lugar que será usado como memória no futuro. Pode-se perfeitamente recorrer a ele como um documento histórico, como um retrato do cotidiano de determinada época. Como retrata a realidade de uma vida possível, quando recuperado, funciona como um lugar onde a memória pode ser exercida, uma narrativa que serve para rememorar, um arquivo sobre o cotidiano da vida vivida (ROCHA, 2009, p. 145).

Ao analisar o documentário para a construção da memória do Maranhão, Rocha (2009) disse que os filmes são realizados para contar histórias, sendo que sua importância, de modo geral e do documentário em particular,

está na sua capacidade de ser testemunha de nossa verdade – ou de facções e versões dela – e se tornar parte da memória de toda cultura humana. O seu papel é contar histórias para que não nos esqueçamos delas e, também, é claro, para celebrar o júbilo, a multiplicidade e riqueza da vida (ROCHA, 2009, p. 136).

O registro pelos documentaristas das tradições populares e dos assuntos que encontram respaldo na vida vivida das pessoas “trabalha com questões importantes para a coletividade em determinado momento. Funciona como um balizador do que experimenta a sociedade naquele momento, os valores dominantes daquele período” (ROCHA, 2009, p. 146).

Com o objetivo de justificar a utilização do documentário como fonte, podemos ainda tomá-lo não apenas como elemento de rememoração, mas também como documentação de um determinado momento histórico, como uma fonte armazenadora de dados sobre certa temporalidade, isto é, como um “documento de época” (ROCHA, 2009, p. 147).

Segundo Wagner Morales, diretor do documentário que nos serviu de fonte, o filme foi inspirado a partir da matéria da revista *Trip*. As filmagens ocorreram em dezembro de 2003, durante a semana que antecedia o evento até o dia do jogo. A pré-produção, que continha o roteiro e os preparativos, demorou uma semana, e a edição demandou três meses. Todo esse trabalho fez com que o filme fosse ao ar no segundo semestre de 2004, em uma programação especial da *TV Cultura* para a exibição de documentários. Além disso, de acordo com as informações de Wagner Morales, o documentário “Preto X Branco” foi reprisado várias vezes pelo mesmo canal, em outros canais públicos e exibido em festivais de mais de 10 países, tendo recebido o prêmio de melhor documentário internacional no festival Real World em Toronto, Canadá. Foi uma realização da *TV Cultura*, e contou com o apoio da Secretaria do Audiovisual, Ministério da Cultura e Governo Federal, além da Associação Brasileira de Documentaristas. Sua sinopse apresenta-o da seguinte maneira:

Uma tradição de três décadas é o ponto de partida do documentário *Preto contra Branco*. O filme discute o preconceito racial no Brasil, usando como referência um “clássico” do futebol de várzea entre moradores de dois bairros periféricos de São Paulo. Desde 1972, um grupo de moradores do bairro de São João Clímaco e da favela de Heliópolis, maior favela da América Latina, organiza um jogo de futebol de brancos contra pretos no final de semana que antecede o Natal. Em uma comunidade altamente miscigenada, composta basicamente por mulatos, a peculiaridade da partida é a auto-atribuição da raça pelo participante. Cada jogador se declara negro ou branco e “escolhe seu time”. A equipe do documentário passou uma semana entrevistando personagens, acompanhando o dia-a-dia dos bairros, em um processo que culmina no jogo. Trata-se de um verdadeiro ritual, no sentido antropológico, que serve para atenuar as tensões raciais locais ao mesmo tempo em que acaba por revelá-las.

Por tratar-se de uma memória seletiva, alguns fatos são registrados e outros são esquecidos em função de preocupações pessoais ou políticas de determinado momento. Essa noção será fundamental para compreendermos como e por que “os grupos sociais, no presente, apropriam-se do passado e, ainda mais, de certos símbolos ‘que prestem mais sentido às suas necessidades do presente’” (BRAVIN, 2004, p. 7).

Quando entendemos que as nossas lembranças são interligadas em uma rede social ampla, passamos a compreender que o passado é acionado, na maioria das vezes, para atender às demandas do presente. Tendo isso em mente, propomos a seguinte reflexão: que sentidos assumiram o interesse da revista *Trip pelo jogo* “Preto X Branco” em 2003 e em 2004, pela *TV Cultura*? A rememoração desse evento por diferentes formas de mídia tornou-se um referencial na memória devido a sua importância na construção da identidade nacional, na medida em que se ocupam de um evento que oferece um modelo para (re)pensar o tema racial na cultura brasileira.

A discussão atual sobre o tema racial na cultura brasileira a partir da idealização do jogo “Preto x Branco”

A primeira fonte sobre os jogos a que tivemos acesso foi esse documentário. Assisti ao documentário e entrei em contato com seu diretor para entrevistá-lo, bem como os participantes dos jogos.

Wagner Morales, diretor do documentário, me disse que conheceu os jogos por intermédio de um amigo, chamado Ivan Marsiglia, que é jornalista e havia lhe mostrado uma matéria sobre o jogo publicada pela revista *Trip*. Ao lê-la, logo percebeu a possibilidade de fazer um documentário sobre o evento, por acreditar que o jogo poderia oferecer um pano de fundo para abordar questões mais amplas como raça, cor, preconceito, urbanização desenfreada da cidade e relações de bairro em uma cidade como São Paulo.

O diretor foi até o local do jogo a fim de conversar com os participantes sobre o interesse dele em filmar ali. A recepção do grupo foi “superpositiva”, segundo o próprio diretor, assim como ocorreu quando me aproximei do mesmo grupo. Todos sempre

foram muito simpáticos em todas as vezes que estive por lá, e foram igualmente solícitos em disponibilizar as matérias jornalísticas sobre o evento que guardaram ao longo dos anos, nas quais eles eram os principais protagonistas. Graças à gentileza dos organizadores dos jogos, tivemos acesso à memória do “Preto X Branco” por meio de uma grande quantidade de fontes. Sou agradecido especialmente ao Sr. Zé Lauro, que faleceu dias após o evento de 2009, por ter emprestado a revista *Trip* para que o Sr. Wilson, um dos principais protagonistas do jogo, pudesse fazer uma cópia. Lembremos que essa revista foi a primeira mídia que se ocupou dos jogos a convite de um dos participantes:

na verdade, quem trouxe, quem acabou trazendo a mídia pra esse jogo foi eu, né, cara. Começou com a revista *Trip*, fez o primeiro documentário na revista. [...] Foi em 2002, a revista *Trip* fez. Em 2003, a TV Cultura fez o documentário e daí pra frente... (entrevistado 3).

Da matéria publicada por essa revista mensal surgiu o documentário, e a partir dessas mídias o evento tornou-se conhecido nacional e internacionalmente, tendo sido procurado posteriormente por um jornal diário local, uma revista especializada em esportes, outra emissora de televisão e por um aluno de doutorado interessado em concluir sua tese. Em virtude dessa procura, os realizadores do “Preto X Branco” sentiram necessidade de organizar melhor o evento, para receber de forma mais estruturada visitantes de toda ordem e pessoas diferentes daquelas que já frequentavam aquela comunidade, como reforçou o entrevistado 3:

faz com que a gente tenha que se aprimorar na parte organizacional, né? Acho que é importante se aprimorar, se preparar quando as coisas crescem. Elas ficam sérias, elas devem ser tratadas de forma séria. Passa a não ser só uma brincadeira, né? Que é uma brincadeira pra quem está participando, mas pra quem vem curtir tem que ter uma organização, tem que ter um determinado cuidado pra fazer o evento.

A partir do tratamento com as fontes descobri que o atual “Preto X Branco” ocorre desde 1972, mas foi somente a partir do início da primeira década do século XXI que ele se tornou conhecido para além das fronteiras da comunidade da qual ele é oriundo. Isso nos leva a uma pergunta: por que esse jogo-ritual, idealizado há 31 anos e já inserido aos valores da tradição local, somente se tornou objeto de atenção da mídia a partir de 2003?

A resposta pode residir no fato de que a especificidade desse jogo permite repensar o tema das relações raciais na cultura brasileira, presente naquele contexto em que a raça foi um assunto reacquecido na sociedade brasileira em virtude da adoção de cotas nas universidades brasileiras para os candidatos autodeclarados pretos ou mulatos aprovados no vestibular⁵⁶.

Não é meu objetivo nesse momento traçar uma historicidade sobre o tema das cotas na sociedade brasileira e, por conseguinte, reacender uma discussão sobre a legitimidade ou não das mesmas. Essa é uma discussão que foge aos propósitos desse estudo. No entanto, temos que entender que a questão da raça sempre foi um tema acalorado na sociedade brasileira. Ganhou força a partir da primeira década do século XXI, especialmente a partir do segundo mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quando passou a fazer parte definitivamente da agenda política.

Elogiada por uns⁵⁷, criticadas por outros⁵⁸, a discussão sobre as cotas na cultura brasileira esteve e ainda está longe de um consenso, sobretudo porque lança luz sobre as dificuldades de se reconhecer quais seriam os beneficiados ou os preteridos dessa ação

⁵⁶ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Universidade Estadual da Bahia e tantas outras (KAMEL, 2006).

⁵⁷ Ver Carvalho (2006).

⁵⁸ Ver Kamel (2006).

política que, a partir daquele contexto histórico, favoreceria a entrada de pretos e mulatos em uma instituição da qual estiveram historicamente distanciados.

Hall (2003) afirma que na produção de uma matéria jornalística está previsto seu consumo. Desse modo, podemos interpretar que o objetivo de uma revista – que se diz, segundo seu próprio *site*, direcionada ao público formador de opinião no Brasil – ao resgatar um jogo tradicional, até então praticamente desconhecido na capital paulistana, era discutir o preconceito racial no Brasil, além de reacender a polêmica a respeito da adoção da política de cotas nas universidades, questões dadas naquele contexto histórico.

Em uma comunidade altamente miscigenada, composta basicamente por mulatos e por pessoas de uma classe menos favorecida economicamente, uma partida que tem como uma de suas principais peculiaridades a autoatribuição da raça ou da cor pelos jogadores, que se definem como pretos ou brancos, ilumina as tensões sobre o que é ser preto, mulato ou branco no país da miscigenação. A dificuldade desse reconhecimento, presente na discussão sobre a política de cotas, se replica na matéria da revista *Trip* sobre os jogos “Preto X Branco”. Na capa, lê-se: “Pretos e Brancos: uma partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil”. Na matéria, assinada por Endrigo Chiri Braz, o jogo foi apresentado da seguinte forma:

Uma vez por ano, no campo de várzea **da Favela de Heliópolis**, em São Paulo, pretos e brancos se dividem em times e racham a bola sem dó. Das arquibancadas, o corpo politicamente incorreto: “branquiiinho, viaaado”, “ei, negão, vai tomar no cu”. Tradição de 30 anos, a pelada que dispensa uniforme pode ajudar o governo na questão da cota para negros nas universidades do Brasil. Aqui, usa-se o princípio da auto definição de cor – “mas se aparecer loiro de olho azul para jogar para os pretos, aí não dá...” (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 64-65, **o negrito é nosso**).

Seguindo o modelo do paradigma indiciário de Ginzburg (2002), que propõe atenção aos fatos que a princípio seriam secundários ou irrelevantes, proponho analisar

uma situação bastante reveladora da forma como o preconceito opera no Brasil. Entrei em contato com um de meus informantes para conseguir uma fotocópia da revista *Trip*, a fim de lê-la e utilizá-la como material empírico para a tese. Ao me entregá-la, esse mesmo informante, que faz questão de se declarar “o mais preto dos pretos daqui”, se referiu àqueles que ocuparam os campos onde originalmente surgiu o Flor de São João Clímaco como “invasores”.

Temendo que eu pudesse propagar em meu trabalho acadêmico um equívoco que ele disse ter identificado na matéria da revista *Trip*, tal informante fez questão de corrigi-lo. Ao contrário do que foi dito na matéria, ele revelou que aquele espaço onde ficava o campo de várzea não se tratava de uma favela. Eu, mineiro, que conhecia pouco aquele “pedaço”, a fim de entender melhor as relações sociais estabelecidas ali, perguntei-lhe: “Então aqui não é Heliópolis?” De maneira enérgica, o informante me respondeu: “Você está vendo favela aqui?” De fato, ao contrário daquilo que foi publicado pela revista, não havia e nem se avistava aquela que é atualmente a maior favela da capital paulista, que foi construída desordenadamente num espaço que originalmente abrigava cerca de 20 campos de várzea, que sediaram os primeiros passes e passos do “Preto X Branco”, na década de 1970.



Fonte: *Jornal da Tarde*, 12/12/2009, 8D.

Notei que havia uma vontade flagrante daquele informante de não comprometer a identidade daquele grupo e não confundir seus membros com moradores da favela. Isto é, mesmos entre os habitantes que pertencem a uma classe menos favorecida economicamente existem códigos que são utilizados para diferenciar os moradores de São João Clímaco dos moradores da favela de Heliópolis. Era evidente o interesse daquele ator em mostrar que aqueles que compartilhavam aquele “pedaço” se diferenciavam dos favelados.

No transcorrer do documentário, o grupo exibe uma fotografia que mostra o local onde eles disputavam as partidas iniciais do “Preto X Branco”. Hoje, segundo o Sr. Waldir Zuffo, um integrante que aparece no filme, está “tudo tomado”, referindo-se à favela de Heliópolis. Os idealizadores do jogo foram convidados para entrar na favela, a fim de reconhecer onde ficavam os campos. O Sr. Waldir Zuffo afirma no documentário:

Nós jogamos no domingo. Na segunda, quando a gente chegou, já estava tudo tomado. Tava tudo furado, o campo. Tudo com estaca, dividido, terreno por terreno, e já com plástico, pedaço de pau, já com .criança, mulher. [...]. Aqui era que nem um parque, era 23 campos de futebol. No domingo, todo mundo vinha para cá, vinha andar de bicicleta, vinha andar de carro, vinha jogar bola.

O comentário de Walter Zuffo revela as tensões e os traços de diferenciação acionados pelos habitantes que vivem na periferia em contraposição aos moradores da favela de Heliópolis:

Eu nasci aqui. Eu não tenho nada que fazer na favela. Então eu não vou lá, e não faço amizade. Eu não procuro. E da mesma forma eles não têm muito interesse em misturar. Jogador de futebol vem. Jogador de futebol procura o Flor porque só tem o Flor e o Flor tem campo. E nós temos bons jogadores que vieram de lá. E se vier muito mais, tudo bem. A gente não faz diferença, eles que não se integram. Mesmo na festa de fim do ano, pouca gente vem da favela. E durante uns 25 anos nós demos. A carne, o chope era dado. Não se cobrava nada. Nós começamos a cobrar a partir de uns quatro, cinco anos

atrás para selecionar, porque virou muita bagunça, quer dizer, no fim quando a gente chegava para comer e pra beber já tinha acaba tudo.

Para compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais, assim como as estratégias de distinção utilizadas pelos frequentadores do “pedaço” de São João Clímaco, utilizei a perspectiva de Norbert Elias, em coautoria com John Scotson, no livro *Os estabelecidos e os outsiders*, publicado em 1990.

Os grupos ligados entre si sob a forma de uma configuração entre estabelecidos e *outsiders* são compostos de seres humanos individuais:

o problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles” (ELIAS; SCOTSON, 1990, p. 39).

Os autores descrevem no livro as tensões em uma pequena comunidade denominada Winston Parva, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, estes tratados como *outsiders*. O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor, tratando-os como pessoas que não se inseriam no grupo, como “os de fora”.

Não acredito que a comunidade de São João Clímaco enxergue os moradores da favela de Heliópolis como seres humanos inferiores, em função da situação financeira que faz com que estes morem na favela, símbolo do crescimento desordenado das grandes metrópoles, e o primeiro grupo viva em uma região periférica nessa metrópole. Ou seja: mesmo entre os pobres há formas de diferenciação e não há como negar que o modelo empírico de Elias e Scotson (1990) é útil para compreendermos as tensões na periferia de São Paulo.

Assim como em Winston Parva, acredito que não haja uma diferença substancial de renda, tipo de ocupação, nível educacional – em suma, quanto à classe social dos participantes dos jogos e dos moradores de Heliópolis. Ambos são populações de trabalhadores. A diferença reside no fato de que um grupo, assim como em Winston Parva, “compunha-se de antigos residentes, instalados na região havia duas ou três gerações, e outro era formado por recém-chegados” (ELIAS; SCOTSON, 1990, p. 21).

Relembremos que os antigos estabelecidos eram os idealizadores do “Preto X Branco”, que perderam espaço para os recém-chegados que ocuparam desordenadamente os espaços dos campos de futebol dos primeiros, ameaçando o estilo de vida e o conjunto de normas até então estabelecidas. Por conseguinte, o afluxo de moradores da favela era sentido como uma ameaça àquele estilo de vida estabelecido. É a diferenciação estabelecida sobre o comportamento desses atores, distinguindo os “pobres não favelados” dos “pobres favelados”.

Observe-se que a questão aqui não é a cor. Afinal, há pretos tanto em São João Clímaco quanto em Heliópolis. A diferença que vai identificar o “pedigree” do comportamento de ambos revela sobre que marcas e valores recai o preconceito no Brasil. Lá, a preocupação não é apenas “ser preto”, mas sim qual o tipo de comportamento que o convidado estabelecerá. O grupo não faz distinção de cor, desde que os visitantes assumam um comportamento ordeiro, civilizado, em conformidade com as boas normas de convivência e as boas maneiras. Internalizá-las e praticá-las contribuem para aproximar os indivíduos dos valores de um comportamento ordeiro e civilizado que constitui parte das marcas elegidas na identificação do “ser branco”. Se os códigos da boa educação não forem reproduzidos pelos visitantes, eles serão preteridos, independentemente da cor. O contrário também é verdadeiro.

O jogo que tenciona os conflitos sociais dos moradores da periferia de São Paulo ganhou um novo significado quando no início do século XXI passou a iluminar questões relativas à discussão sobre as cotas no Brasil. Lembremos que os jogos surgiram no início da década de 1970, nos anos duros do regime militar, num contexto em que a mera menção de raça ou racismo resultava em sanções sociais e, no limite, em repressão e até mesmo exílio de acadêmicos brasileiros que se ocupassem do tema das relações raciais (TELLES, 2003). Talvez em virtude disso os jogos “Preto X Branco” tenham sido negligenciados pelos estudos ao longo de tantos anos, e somente no início do século XXI, em consonância com as demandas políticas brasileiras, tenham se tornado objeto de interesse por parte da mídia e da academia.

Apresentando o “Preto X Branco”

A matéria da *Trip* se ocupou de apresentar o jogo, desde o seu surgimento até 2002, ano em que a revista observou o jogo “Preto x Branco”. Ela se reportou ao surgimento dos jogos da seguinte maneira:

Num domingo de 1972, à beira da Estrada das Lágrimas, zona sul de São Paulo, numa roda de samba depois de uma clássica pelada de várzea no campo do Grêmio de São João Clímaco, Nitão, Zé Lauro e Erasmo – junto com Tipiu e Souza Bico – pretos – deram o pontapé inicial em uma legítima tradição da quebrada. “Todo fim de ano nós fazia um jogo casados contra solteiros e rachava o bico. Aí, tinha muito preto e muito branco e, nesse domingo, tomando aquela cerveja depois do jogo a gente teve a idéia da brincadeira”, conta Pedro Carlos Brianti, 55 anos, o tal do Nitão⁵⁹, que ajudou a agilizar, para dali a 20 dias, a primeira edição do futebol Preto contra Branco (Revista *Trip*, 17/04/2003,p. 66).

O início dessa tradição remonta ao princípio da década de 1970, em meio à tensão do crescimento desenfreado da metrópole paulista:

⁵⁹ Esse é um outro equívoco da matéria. Ao invés de Nitão, leia-se Litão, que é o apelido correto do Sr. Pedro.

Já existiam esses campos de futebol onde é a Estrada das Lágrimas, que hoje é o conjunto habitacional de Heliópolis, né, que na verdade é subdistrito do Ipiranga, e esse campo onde nós estamos atuando atualmente é Vila Arapuá. O evento começou em São João Clímaco nos anos 70 e está predominando até hoje. [...] O “Preto X Branco” realmente começou na Estrada das Lágrimas, aonde eram os campos da várzea de São João Clímaco. Depois foi tomado o terreno pelos invasores de Heliópolis, tá entendendo? E nós acabamos ficando sem campo. Inclusive nós tínhamos lá 24 campos e as outras equipes não conseguiram espaço porque a especulação imobiliária em São Paulo é muito grande e não tem espaço. Conclusão: sucumbiram. Mas como nós somos carismáticos, o Flor de São João Clímaco – essa parte, é o Flor de São João Clímaco, não sou eu, eu sou só uma partícula dentro desse ambiente todo – conseguiu, juntou ao Arapuá, a fusão, e nós fizemos uma associação junto com a prefeitura e o Departamento de Esporte, né? Agora aqui é CDC, né, é Centro Desportivo Comunitário, para que fundaram, certo? E o estádio aqui nosso é o Estádio Benedito Sapateiro, que é um grande batalhador do Futebol amador, é da capital de São Paulo (entrevistado 1 – 58 anos).

O documentário da *TV Cultura* se inicia da seguinte maneira: “Um jogo de futebol entre pretos e brancos foi o ponto de partida desse documentário. Durante uma semana gravamos entrevistas com alguns participantes desse jogo, organizado todo final de ano pelo time de futebol de várzea Flor de São João Clímaco”.

Waldir ainda reforça o surgimento do “Preto X Branco”:

essa ideia do “Preto X Branco” quem trouxe pro Flor foi o Tipiu. Meu compadre, um crioulo que tinha amizade em São Paulo inteiro. Onde você fosse com ele, ele era conhecido e bem quisto. Era uma pessoa maravilhosa, agregadora. Gostava tanto de branco quanto de preto. Mas ele resolveu criar o jogo branco contra preto. Aí começou a criar rivalidade mesmo. Sempre foi feito em dezembro, perto do Natal. Era festa, brincadeira, churrasco, chope, cerveja. Aí pegou.

O lugar de encontro para a filmagem do documentário foi o Bar do Medião, quando o Sr. Zé Lauro disse: “Nós fazíamos casado contra solteiro até a década de 70”. Essa mesma versão é reforçada na matéria da *TV Bandeirantes* pelo próprio Zé Lauro, quando ele deu o seguinte depoimento: “A gente fazia todo fim do ano o ‘casado contra solteiro’. Isso aí, o último foi em 1972, entendeu? E aí resolvemos fazer ‘preto contra

branco' no ano seguinte. Fizemos um jogo só e deu certo. Aí foi pegando. Esse aqui já é o 37º. Hoje são quatro jogos, entendeu?”.

A matéria da revista *Trip*, elaborada a partir da memória dos atores que posteriormente entrevistei, mostra que fatores externos, como o crescimento desordenado da metrópole, forçaram a transferência daquele jogo idealizado inicialmente em São João Clímaco.

Flor sem campo

Os anos foram passando, a tradição se firmando e o Preto contra Branco virou um clássico. Na década de 70, vez por ano, os boleiros dos mais de vinte campos de várzea que se localizavam na região que hoje é dominada pela maior favela da capital voltavam suas chuteiras para a festa do Flor. A torcida uniformizada de pretos e brancos crescia bastante, na mesma proporção da população sem-teto que desembarcava em Heliópolis para construir a vida. Pouco a pouco, barracos foram sendo construídos – na grande área, na marca do pênalti, no círculo central... Não sobrou nem um mastro de escanteio para contar a história. E o Flor ficou sem campo. (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 66-67)

De lá, junto com o time do clube do Flor, o “Preto X Branco” perambulou pela Várzea até que, em 1992, foi convidado a dividir o Centro Esportivo Municipal Parque Fongaro com o time do Clube Atlético Arapuá. Benedito Sapateiro, conhecido como Seu Dito, presidente do CEM, justifica o convite:

Eles vieram fazer um Preto contra Branco aqui, o pessoal gostou da festa, veio bastante gente, então eu convidei o Zé Lauro. E sempre foi assim. Por onde passaram com seu bom futebol e diversão, pretos e brancos aumentaram seus times. (*idem*).

A matéria da *TV Bandeirantes* foi gravada no dia 20 de dezembro de 2009 e foi ao ar em janeiro de 2010, da seguinte maneira:

Há 37 anos nascia em um buteco do bairro de São João Clímaco, na zona sul de São Paulo, uma das festas mais tradicionais do futebol de várzea de São Paulo: o “preto x branco”. Atual campo do Flor de São João Clímaco, é no Clube da Comunidade, lugar que desde 1991 recebe o “Preto X Branco”. O

nome do estádio, Benedito Sapateiro, é uma homenagem ao Seu Dito. Na época presidente do Clube da Comunidade, ele cedeu o espaço para o tradicional clássico. Disse Seu Dito em entrevista à TV Bandeirantes: “Esse terreno foi até eu que consegui. Foi em 1981. A gente temos aqui... já houve invasão, nós retiramos. Não tem mais campos na várzea. Estamos conseguindo segurar esse aqui.”

O *Jornal da Tarde* rememora o lugar onde são realizados os jogos. “As partidas serão disputadas no campo batizado em 2003 de Benedito Sapateiro. Ele fica dentro do Clube da Comunidade, o CDC (R. Professor Silas Baltazar de Araújo, 220, Vila Arapuá. Tel. 2531-0341).”⁶⁰



Entrada do Estádio Benedito Sapateiro no Parque Fongaro – Arquivo pessoal – Agosto/2009.

O homenageado Benedito Sapateiro, o Seu Dito, tem 75 anos e mora no bairro desde 1947. “Consegui o terreno com a prefeitura para fazer o CDC”, explica Dito. “Aqui era um buracão. Primeiro foi construída uma creche. Só depois veio o campo de futebol. Benedito conheceu o Flor de São João Clímaco e o “Preto X Branco” há 18

⁶⁰*Jornal da Tarde*, 13/12/2009, 8D.

anos, depois que os times perderam espaço em Heliópolis. O campo é utilizado para os jogos de futebol quarta a domingo. Às quintas, há também uma roda de pagode”⁶¹.

Entrevistei o Sr. Dito, atual presidente do Flor de São João Clímaco, que nos disse:

eles [os participantes do “Preto X Branco”] alugaram aqui pra fazer um preto contra branco e nós somos a minoria. Eles tinham muita gente, fizemos um preto contra branco aqui e gostamos. Aí um novo rapaz, o Luiz, que já é falecido... Fomos na casa, pegamos o documento e batemos em duas entidades e pusemos o Flor. Aí ficou o Arapuá, CDC e o Flor, nós que trouxemos eles pra cá em 94.

Esse campo de várzea é um dos poucos remanescentes naquela região. Rappin Hood disse no documentário que hoje em dia

o campo do Arapuá é o último campo que sobrou. Não tem um clube aqui. Que nem tem o Clube Atlético Ipiranga. Mas é a elite da quebrada, tá ligado? É lá, do lado de lá do túnel. Que é tipo a elite da quebrada, né, mano. É os *boy*, né, meu. Nós do túnel para cá, é a periferia da quebrada. Nós não temos o Clube Atlético Ipiranga. E esse é o nosso clube.

Esse terreno da prefeitura, composto por um campo de futebol, um bar, uma quadra de futebol *society* e um espaço destinado ao jogo de bocha, pode ser entendido como o pedaço onde se vivencia o “Preto X Branco”. O entrevistado 9 nos explica como é a organização daquele pedaço: “Esse campo aqui é o CDC, da prefeitura, mas é o seguinte: todo Clube Desportivo Municipal é gerido por dois clubes, dois clubes é que formam a diretoria e que toma conta e manda em tudo”. Esses clubes seriam o “Clube Atlético de Arapuá e Flor de São João Clímaco. Na diretoria tem que ter elementos dos dois clubes, na diretoria do CDC, mas os times em si, cada um tem sua diretoria própria”.

⁶¹*Jornal da Tarde*, sábado, dia 12/12/2009, Variedades, 8d.



Bandeiras das três agremiações estampadas no Bar do Chuchu – Arquivo pessoal – Dezembro/2009.

Minha atenção se concentrou no espaço do bar e do campo. O “Bar do Chuchu”, assim chamado por causa do apelido do proprietário, exhibe troféus, as bandeiras do C. A. Arapuá, Parque Fongaro e Flor de São João Clímaco, além de inúmeras fotos que foram retiradas ao longo dos 37 anos de realização dos jogos. As fotos exibem imagens daqueles praticantes em diferentes situações de sociabilidade: disputando as partidas, posando ao lado de jogadores profissionais que hoje são famosos, mas que saíram desconhecidos daquele espaço, em animadas rodas de samba, assando churrasco e tomando cerveja.



Fotos da parede do Bar do Chuchu – Arquivo Pessoal – Agosto/2009.

É nesse bar que os participantes dos jogos se encontram durante o tempo livre ao longo dos finais de semana do ano, a fim de discutir sobre futebol, tomar cerveja e assistir aos jogos das equipes de várzea que ocorrem no campo que fica em frente ao bar, e que no final do ano sedia o “Preto X Branco”.

Em dezembro de 2009 o “Preto X Branco” completou 37 anos, sendo realizado mais uma vez naquele campo, como nos diz o informante 6, autodeclarado branco:

Ocorria [o jogo] em São João Clímaco, nos campos que tinham em São João Clímaco, depois em São Bernardo também. Jogamos acho que durante três anos em São Bernardo, mais ou menos isso, depois foi para Arapuá. [...] Nós perdemos o campo lá, jogamos dois, três anos em São Bernardo. Aí o Sapateiro convidou e juntamos o Arapuá e o Flor, né? Nós tivemos encontros, tinha na rua da São Silvestre, em São João Clímaco, nós tivemos sede, tudo mais. Só que depois começou, os vizinhos, começou a criar caso. Eles jogavam de noite, aí os vizinhos reclamavam porque tava fazendo muito barulho. Tinha batuque, aí nós perdeu e viemos pra cá, 84, 90 por aí. Aí nós viemos pra cá e começou, fizemos aquela quadra, o bar.

Tomo os jornais como um dos guardiões da memória coletiva, sendo suas narrativas impregnadas de um caráter documental que realimenta a oralidade dos leitores. As informações são selecionadas e classificadas para compor as narrativas de acordo com o contexto e/ou com os interesses do jornal e da memória do grupo que irá se ocupar dos jornais. Logo, as narrativas exprimem opiniões, juízos e valores, caracterizando as análises de acordo com a ótica de determinado grupo ou instituição, que, por sua vez, representa socialmente os indivíduos produtores da notícia ou o imaginário coletivo.

Nessa perspectiva, o *Jornal da Tarde*, um jornal local de circulação nacional, publicou, no sábado, dia 12/12/2009, uma matéria de uma página destinada a esse evento que iria ocorrer pela 37ª vez, no dia seguinte, dia 13/12/2009. A publicação um dia antes do evento objetivava apresentá-lo aos paulistanos para que eles pudessem se programar e prestigiá-lo.

O evento foi apresentado da seguinte maneira:

‘preto x branco: o grande clássico da periferia’. Há 37 anos, moradores de São João Clímaco, na zona sul, se reúnem às vésperas do Natal para uma confraternização incomum: jogos de futebol entre negros e brancos. O CurioCidade⁶² foi conferir os preparativos para o embate de amanhã⁶³.



Produzida por Marcelo Duarte com reportagem de Bruna Ribeiro, a matéria não se limitou a apresentar aquele evento exótico e curioso para a população paulistana, mas também, a partir da memória dos seus protagonistas, procurou divulgá-lo para todo o país. Lê-se na matéria:

Foi em um boteco no número 126 da Rua Tamatuá, em São João Clímaco, que o grupo de amigos de Cláudio Valeriano, o “Mô”, e Pedro Carlos Brianchi, o “Litão”, teve a idéia de organizar um jogo em que os times seriam divididos pela cor da pele. O clássico foi batizado de Preto contra Branco. A inspiração foi uma tradicional partida de solteiros x casados que acontecia sempre por lá. “Como tinha muito negão na turma, pensamos em fazer a brincadeira”, conta Litão, de 62 anos. “Eu tinha até cabelo Black Power nessa época”, diverte-se Mô, 53 anos⁶⁴.

Para resgatar a história do jogo, o jornal se vale da memória de Litão e Mô, dois dos principais idealizadores dos jogos, exibindo seus rostos na matéria:

Em 1972, ano de criação do “Preto Contra Branco”, a área hoje ocupada pela favela de Heliópolis, na zona sul da cidade, tinha 22 campos de várzea. Era lá que times como o Flor de São João Clímaco, fundado em 1952, treinavam e

⁶² Caderno do jornal dedicado a curiosidades sobre São Paulo.

⁶³ *Jornal da Tarde*, sábado, 12/12/2009, Variedades, 8d.

⁶⁴ *Idem*.

jogavam. Ali aconteceram os primeiros “preto contra branco”. São João Clímaco e Heliópolis são separados pela Estrada das Lágrimas (foto). Na década de 80, os barracos tomaram conta dos campinhos. “Em 1991, o Benedito Sapateiro era presidente do Clube da Comunidade e cedeu o campo para o Flor treinar nas tardes de sábado. O ‘Preto Contra Branco’ veio junto”, conta Litão⁶⁵.



Fonte: *Jornal da Tarde*, 12/12/2009, 8D.

O entrevistado 9, um dos idealizadores do jogo e um dos coordenadores do time dos brancos, nos disse que o primeiro jogo ocorreu em 1971, com a divisão dos times em “casado contra solteiro”, e que em 1972 ocorreu o primeiro “Preto X Branco”: “A ideia surgiu assim, sabe, num boteco: ‘Vão fazer preto contra branco’, e fez”. Essa mesma origem foi relatada para a revista *Placar*, quando infelizmente tomei conhecimento da morte desse entrevistado, que, na ocasião da entrevista que me concedeu, foi enfático com relação à intenção da idealização da partida: “A intenção era essa aí, esse negócio de racismo, entendeu? Aqui não tem racismo. Um xinga o outro, joga, brinca, mas depois a festa é tudo junto. Se sai alguma discussão durante o jogo acabou, acabou, vai beber junto, comer junto”.

⁶⁵*Jornal da Tarde*, sábado, 12/12/2009, Variedades, 8d.

Há outras versões alternativas sobre as demandas relacionadas ao surgimento do “Preto X Branco”, como revelado pelo informante 1:

O surgimento desse jogo, ele deu-se no bar central, num bar que nós frequentávamos após os jogos do Flor de São João Clímaco, onde fazia-se batucada. Esse bar é em São João Clímaco, é lá, não existe mais. Hoje no local é correio. Normalmente os pretos se acham melhor jogadores, e os brancos se achavam melhor jogadores e melhores batuqueiros, né? (Risos). Então nós fomos tirar esse impasse, futebolisticamente falando. [...] Quem jogava melhor, quem batucava melhor? Então nós fomos fazer essa contenda, e motivados também para agregar mais o pessoal e na realidade, churrasco e cerveja, né? Porque em todo meio social existem aquelas pessoas que nessa época ficam comovidos, ou porque os pais faleceram, outro porque tão separado. Então nessa hora aí nós somos amigos de infância. O grande âmagos da questão é que nós somos amigos de infância porque nós temos amigos aqui é de 50 anos. Está aqui o Benedito Sapateiro, que nós trouxe pra cá e nós fizemos uma fusão. O Arapuá jogando aos domingos, porque na realidade o Flor de São João Clímaco sempre foi aos domingos. Depois que perdeu o campo nós passamos a jogar sábado à tarde aqui por intermédio do Benedito Sapateiro, que está aqui desde 1947. Então a gente se conhece aqui há 40, 50 anos, a maioria.

A julgar pelo relato desse informante, o “Preto X Branco” surgiu diante da necessidade de esclarecer quem melhor sabe jogar futebol e tocar samba: pretos ou brancos. A busca pelo prazer e a necessidade de sociabilização, que são satisfeitos através da vivência do futebol e do samba, foram os motivos que levaram à realização desse jogo, idealizado com o intuito de promover e perpetuar a confraternização entre os membros de uma comunidade da periferia de São Paulo que se declaram amigos desde a infância.

A finalidade de confraternização também está presente em outros relatos sobre o surgimento do jogo, como o do entrevistado 13:

Ele começou com uma brincadeira, quando era mais jovem, de um tirar um sarrinho do outro, brincadeira de colégio. Um amigo nosso falou: “Vamos fazer uma brincadeira assim, negro de um lado, branco do outro.” Meu compadre Wilson Pires da Silva, que estava aqui agora, ele que começou com tudo isso, e eu também sou do primeiro jogo. Eu vim pra jogar, ele veio e aí começou. No outro ano foi assim. Aí acabou o jogo, fomos tomar aquela cervejinha, o ano que vem vamos fazer de novo, vamos dar sequência. Aí veio, isso começou entre a gente, uma coisa bem pequenininha, e foi dando sequência ao longo dos anos. Isso aí que aconteceu foi se tornando muito

conhecido, veio jogadores profissionais, veio pessoal, assim, de artista. Gente do meio do mundo artístico começou a aparecer e isso começou a ser divulgado, e foi crescendo e nós fomos dando sequência. Cresceu de uma tal maneira que agente nem esperava que ia ser desse jeito.

O entrevistado 6, autodeclarado branco e um dos idealizadores do jogo, acrescenta um novo ingrediente para a perpetuação da partida e a presença dos boleiros:

É o seguinte, isso começou na cidade como uma brincadeira, lá em São João Clímaco. Aí depois, pra turma não ficar mais parada... Porque era tudo moleque novo, né? Na época tinha 23 e 26 anos, mais ou menos. Então começou eu, Tipiu, Magrão, Cloves, Erasmo, Zé Lauro, a cambada toda que participava. Então não tinha o que fazer, então vamos fazer um joguinho, porque o campo ficava... Porque tinha muito campo pra jogar. Então começamos a jogar, aí começou. Aí todo jogo era só cervejada. Então era uma festa. Como o Flor era um time mais *top* na época, né, era mais famoso, aí começou a festa. E aí começamos a brincar, e aí apareceu muito negro, negrão, né. Aí o Tipiu também era negão, que é falecido, né. Aí começamos a fazer a brincadeira. Foi pegando, o esquema foi dando certo e foi aumentando, começou a vir boleiro, sabe como é que é, né?

Boleiro é um termo nativo para se referir ao jogador de futebol profissional. Sendo a várzea um espaço de vivência desse tipo de futebol praticado no âmbito do lazer, mas que contém alguns ingredientes do futebol profissional, como salientou Damo (2007), a presença dos boleiros foi e ainda é uma constante naquele jogo, como veremos à frente. Ainda sobre a várzea, Damo (2007) diz que “há muitos ex-boleiros que dispõem seus capitais futebolísticos nesses circuitos paralelos (a várzea), quando encerrada a carreira ou mesmo em fase de reconversão” (p. 46). Essa observação se replica no “Preto X Branco”, fazendo com que ele assuma uma posição de destaque no futebol amador da cidade de São Paulo. Os boleiros frequentadores daquele pedaço são um dos ingredientes que simbolizam a proximidade daquele jogo aos códigos do futebol profissional. Isso serve para fortalecê-lo junto à comunidade.

O fato de o jogo ser caracterizado pelo primado da técnica e da competitividade, valores caros ao futebol profissional, fez com que os boleiros brancos e pretos oriundos daquele “pedaço” continuassem não só frequentando-o ou prestigiando-o, mas também

levando seus pares. Isso contribuiu para dar o “pontapé inicial” àquele evento que se tornaria uma tradição, como indica o entrevistado 6:

Boleiro é jogador de bola. Boleiro tinha o Rodelão, vinha um monte. Vamos supor: tinha dois boleiros brancos e dois boleiros negão, então vamos fazer. Começou a participar, então começou a fazer uma festa, convida um, convida outro aí como os caras eram boleiros, convidam fulano de tal. O Celso jogava no Palmeiras e tal, e o Mosca jogava na Ponte Preta na época. Então, final do ano juntava todos esses, e um trazia outro, e ia fazendo a festa e aumentando... [...] mas lá dentro do campo era a boquerada. Aí o bicho pegava, o negócio era... não tinha boi pra ninguém não. Vai pensar, assim, que você é meu amigo, mas lá dentro a história é outra, eu quero é ganhar. A rixa é isso aí, lá dentro, mas depois que acabou o jogo, aí era festa.

O *Jornal da Tarde* apresentou alguns dos organizadores e protagonistas daquele evento. Um deles é o Chuchu: Anderson Silva de Medeiros, o Chuchu, 36 anos, largou a carreira de publicitário para assumir o comando do bar oficial do ‘Preto contra Branco’. Ele é sobrinho de um dos oito organizadores da partida. “Faço parte da diretoria do clube e ajudo o meu tio na organização”⁶⁶.

Os peladeiros de São João Clímaco se reúnem na lanchonete para beber, conversar e tocar pagode. As paredes são forradas de fotos que contam a história do Flor de São João Clímaco, time fundado em 1952. “Fazemos o planejamento durante o ano todo, como se o evento fosse um desfile de escola de samba”. Para abastecer os 4 mil torcedores que são esperados este ano Chuchu comprou 150 quilos de carne, 6 mil latas de cerveja e 1200 latas de refrigerante. “Sou responsável pelo policiamento e pelos primeiros socorros”, conta. “Não sabemos quantos homens a PM vai mandar, mas nunca tivemos briga”. Para a festa, cada jogador paga uma taxa de R\$20. Os torcedores podem contribuir com 1 kg de alimento. São vendidos churrasco (R\$2), cerveja (R\$2,5) e refrigerante (R\$2,5)⁶⁷.

⁶⁶*Jornal da Tarde*, sábado, 12/12/2009, Variedades, 8d.

⁶⁷*Jornal da Tarde*, sábado, 12/12/2009, Variedades, 8d.

O público presente se divide entre o espaço do bar e da arquibancada. Esse espaço, que é ocupado pelos torcedores, serve para aproximá-los dos códigos do futebol espetacularizado. Uma boa parte desse público senta-se na arquibancada para assistir ao jogo, mas não fica passivo durante a partida. Ao contrário, os torcedores vibram, incentivam, xingam e ofendem, muitas vezes com palavras de baixo calão, que só não são reprimidas porque, naquele momento, o torcedor se investe de um comportamento coletivo. Sentados na arquibancada, os espectadores assumem comportamentos que se assemelham aos dos torcedores do futebol profissional, como salienta o entrevistado 13, quando perguntado sobre o que as torcidas cantam umas para as outras ou para os times.

É aquela coisa que acontece realmente nos estádios, um fica tirando sarro do outro, aquelas coisas, né... Às vezes sai umas palavras de baixo calão, mas isso é normal. Tem uns que se excedem mais, depois que acaba aí a poeira assenta, depois volta tudo ao normal.

No documentário analisado escutamos os seguintes cânticos oriundos das torcidas: “Oh, oh, oh, oh, eu sou negão, maloqueiro e sofredor, graças a Deus!”. Já a torcida dos brancos bradava: “Eu sou branco, tenho dinheiro, e os negão passa fome o ano inteiro!”. E a torcida dos pretos respondia: “É tudo *playboy*, filho da puta!”



Presença dos torcedores na arquibancada do estádio Benedito Sapateiro – Arquivo pessoal – Dezembro/2009.

Minha experiência me mostrou que os torcedores se posicionam de maneira dividida na arquibancada: à esquerda, as pessoas que acumulam mais traços negroides e que se mostram inclinadas para o time dos pretos; à direita, posicionam-se torcedores que acumulam mais características que identificam o “ser branco” em nossa cultura. Os torcedores adaptam cânticos das torcidas dos clubes de futebol de São Paulo e acrescentam os termos “branco” ou “preto”, de acordo com a torcida, como salienta o informante 5. Quando questionado sobre o que a torcida dos pretos canta para os brancos e vice-versa, ele nos diz: “Gritos de guerra de torcidas de times aí, mais acoplados no Preto X Branco, né. Eles cantam uma música do Rappin Hood: ‘Sou negão, é! Deu negão, é!’”.

No entanto, as manifestações não se reduzem à adaptação de gritos das torcidas. O samba também é muito cantado durante os jogos. O que mais escutei é o de autoria da sambista carioca Ivone Lara, intitulado “Sorriso Negro”, música escolhida para encerrar o documentário. A letra do samba diz:

Um sorriso negro/Um abraço negro/Traz....felicidade/Negro sem emprego/
Fica sem sossego/Negro é a raiz da liberdade/Negro é uma cor de respeito/
Negro é inspiração/Negro é silêncio, é luto/Negro é...a solução/Negro que já
foi escravo/Negro é a voz da verdade/Negro é destino é amor/ Negro também
é saudade.. (Um sorriso negro !).

Além de uma grande quantidade de jogadores locais e de fora que prestigiam o evento, os participantes citam instituições e celebridades que já compareceram aos jogos a fim de legitimar o evento do qual eles são os principais protagonistas, como informa o entrevistado 9:

Já chegou a ter mais de 3.000 pessoas aí. A Globo já veio, Esporte Espetacular, você chegou a ver? Veio o Abel, que veio gravar aí, aí domingo passou no Esporte Espetacular. Já veio a Globo, já veio a Bandeirantes,

Cultura, a Record veio, mas agora o problema de mídia que cuida mais de convidar a pessoa de vir é o Rappin Hood.

Wagner Morales, diretor do documentário, nos descreveu que no dia do jogo são realizados cinco ou seis jogos de categorias variadas como veteranos, juvenil e “profissionais”. A disputa principal é a dos “profissionais”, que, de fato, conta com a presença de jogadores profissionais que aparecem lá para jogar. Nesse jogo o nível técnico é bom e, por conseguinte, o clima é bem mais tenso. O jogo é mais violento e a torcida fica muito mais presente e provocativa. O jogo principal é a “nata” do dia ou o “morango em cima em bolo”, expressão usada por Rappin Hood ao se referir ao primeiro jogo no documentário.

Minha experiência de trabalho de campo, adicionada a outras fontes, mostrou que, em média, são realizados quatro jogos por evento. Isso ocorreu no dia 20 de dezembro de 2009, na ocasião da minha participação no evento junto com um repórter da revista *Placar*, com o mesmo enfoque da revista *Trip* que apresenta, respectivamente, as seguintes reportagens:

Ao todo são quatro partidas: o Sucatão (com os que estão fora de forma), o Veterano (com os mais experientes), o Segundo Quadro (com os que estão no auge da forma) e o Primeiro Quadro (com a nata do futebol do bairro) (Revista *Trip*, 17/04/2003, p.26).

Hoje já são quatro jogos. Logo cedo é a vez dos mais velhos do Sucatão, composto pelos veteranos que participam desde o começo e não jogam mais bola com frequência. Depois deles, entra o Veterano, formado pelos de meia-idade que ainda estão na ativa no time do Flor ou do Arapuá. Com o passar dos anos foi aparecendo tanto moleque querendo participar, que o jogo do quadro principal não deu conta de acomodar o sangue novo. Hoje a juventude disputa duas pelepas. A primeira, um racha entre os reservas. A segunda, o grande encontro do dia (é ele que conta pontos para o placar geral do Preto contra Branco), ser preto ou branco é pouco. Tem que jogar muito. Para não falar da raça. O jogo é tão bom que deixa muito clássico brasileiro na havaiana (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 67).

A “tabela” dos jogos que seriam disputados no dia 13 foi anunciada um dia antes pelo *Jornal da Tarde*.



Jornal da Tarde, 12/12/2010, 8D.

Ao entrar em contato com o Sr. Wilson, um dos organizadores do evento, pedi que ele me informasse como eu deveria proceder para entrevistar os organizadores do jogo. Relatei que viajaria para São Paulo com essa finalidade e que queria entrevistar a maioria dos participantes, por isso gostaria de iniciar bem cedo os trabalhos. Ele me disse que o Bar do Xuxu abre às 9 horas e que, ao longo do dia, eu falaria com os “principais” promotores do evento. O bar abre cedo porque o jogo dos veteranos – ou o do Sucatão, expressão criada pelos próprios atores para se referirem à partida – é o primeiro a ser realizado. O jogo do Sucatão é um dos mais aguardados não só porque é o jogo de abertura, mas porque ele é destinado aos idealizadores dos jogos. A revista *Trip* se refere a ele da seguinte forma.

30 versus 30

No Sucatão, a velha guarda transpira parte da cerveja ingerida durante o ano. E não é de correr não. É de tanto agitar e dar risada. “O jogo do Quadro principal é de arrebentar, mas o que vale mesmo é nós, os velhinhos que

pararam há muitos anos. O Sucatão é o que embaça”, explica Nitão, que marcou o primeiro gol em seu trigésimo jogo vestindo a pele branca. “Este ano tinha 30 pretos e 30 brancos para jogar no sucata. Vai aparecendo, vai entrando. Todo mundo quer participar. Jogar pelos menos uns quatro minutinhos e está bom. Tem uns que não agüentam nem dois minutos”. No Sucatão o sarro é meio à moda antiga. Só tem jogador experiente e, como a maioria fica na linha lateral esperando seus três minutos de raça, o tumulto é grande. Os brancos levaram a melhor: 2 a 1. Suado (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 67).

Há valores diferenciados em relação aos jogos. Aqueles que têm um peso maior são o Sucatão – o jogo dos veteranos – e o dos aspirantes – destinado a aqueles que compõem o time de várzea do Flor de São João Clímaco. Enquanto o primeiro prima pela tradição, o segundo prima pela qualidade técnica.

O informante 1 explica como ocorre o festival e revela parte dos significados construídos sobre a diferença entre os diversos jogos que ocorrem no dia:

O primeiro jogo que nós fizemos, que é o paradão, é que é a coqueluche, tá entendendo? Nós temos que colocar jogando pessoas mais jovens, porque a maioria das pessoas que nem o meu caso já não tem preparo físico. Nós vamos teimando, mas nós não temos preparo físico. Então a gente coloca, nós colocamos pessoas mais jovens. E existe também um outro lado, aqueles jogadores que não têm muita técnica e querem brincar, e normalmente eles estão conosco o ano inteiro. Então eles vêm jogar no veterano, no veteraníssimo porque eles não têm qualidade técnica para jogar nos principais quadros durante o festejo. Porque todo mundo que reforçar, não quer perder, entende? A tradição é grande, vem a imprensa, vem todo mundo, nós não queremos é perder. E também não tem confusão nesses 36 anos que eu acompanho, que eu ajudo a coordenar juntamente com outras pessoas. Agora ficaram poucas pessoas, mas tem pessoas mais jovens por causa da renovação, a vida é uma constante renovação, né? Mas por enquanto ainda está nas minhas mãos. Na minha, do Zé Lauro também, tá entendendo, que é coordenador já da equipe dos brancos.

O interesse pelo jogo é tão grande que o primeiro quadro recebe com frequência a presença de profissionais. O entrevistado 3, que durante sete anos foi o técnico do primeiro quadro do time dos pretos e se gaba de nunca ter perdido durante esse período, disse:

É o que vêm os profissionais, por exemplo. Tinha o Magrão, Capa, Luizinho. Os caras tinha... o time dos caras é terrível. Só malandro de bola, e eu tinha

que montar um time pra tentar segurar os cara, né, mano. Bom, teve um ano que participou o Roger, que hoje em dia tá lá na Polônia. O Regis Pitbul também, veio aí e brincou com a gente aí, Otacílio, que jogou no Corinthians, ele veio aí e brincou com a gente. Trazia essa rapaziada aí pra brincar.

A participação dos jogadores em cada um dos jogos está condicionada a critérios como condicionamento físico, capacidade técnica e faixa etária ou até mesmo a uma combinação desses. Tendo como objetivo elevar o nível de competitividade do jogo e manter o interesse em praticá-lo, os jogadores são escolhidos por uma combinação de fatores. No primeiro quadro, por exemplo, o critério principal de participação é a idade, mas como manter o nível de qualidade do jogo se ele é disputado principalmente por senhores com idade próxima aos 60 anos? Não há muitos senhores para participar do jogo. Desse modo, a solução encontrada foi adicionar jogadores mais novos a esse time, dotados de condicionamento físico, mas que não possuem uma boa qualidade técnica para jogar no Primeiro e Segundo Quadros. Dessa maneira, com esse critério informalmente definido estariam asseguradas a qualidade e a participação de todos no jogo:

O primeiro jogo é o Sucatão, são jogadores antigos, jogadores com menos técnica, e no segundo jogo são os veteranos, aí são os com mais técnicas, só que mais de idade. E aí vem os dois jogos principais, que é o dos aspirantes, que é o segundo quadro, que é mais técnica e mais novos, e os principais, que vem mais profissionais. E mesmo nosso time de base, que é o primeiro quadro do amador Flor de São João Clímaco, é mais técnica mesmo, né, os dois jogam. Os principais mesmo e mais técnica (entrevistado 5).

Para isso é necessário que os critérios de participação no Sucatão sejam mais flexíveis, como salienta o informante 4:

As pessoas aí, quem vem no primeiro jogo, é quem tem mais de 60 anos. E também eles consideram assim pessoas que não jogam habitualmente, que foi jogador, já fazem aquele jogo, assim, mais explorado. Tem camarada que tá mais na ativa, mas tem uma certa idade, 50, 55, 60 anos. [...] Eles pegam o critério de idade, pessoas também que não jogam habitualmente, jogam esporadicamente, uma vez por ano, duas, três vezes no ano (entrevistado 4).

O entrevistado 9 explica quais são os critérios de participação em cada um dos quadros: “Tem que estar no meio. É de acordo com... às vezes, tem um cara que é jovem, mas ele não sabe jogar, então ele vai jogar no meio de cara mais velho. Mas é porque ele é ruim, como tem cara que é mais velho e é bom que joga no principal, é assim”.

Essa defasagem de idade e a necessidade de incorporar jogadores mais jovens aos times dos mais velhos já haviam sido levantadas pelo informante 6:

Os Veteranos, é sempre o primeiro que vem, só que a defasagem dos Veteranos é grande, está faltando, para jogar está faltando. Tem jogo aí que tem só 12, 13 [pretos] só, em compensação, nós [esse entrevistado se autodeclara branco] tem mais de 30, entendeu, então dá aquela defasagem. Então eles coloca moleque novo, 35, 40 anos. Não está muito certo, porque a média dos brancos é de 45 pra cima, a idade é muito mais.

Cabe aqui o relato de minha experiência no jogo. Ao chegar à comunidade deixei clara minha intenção de participar do jogo. Em qual jogo? Em qual time? Você sabe jogar? Era o que perguntavam os organizadores. Minha modéstia me impediu de dizer que jogava bem, mas não saberia responder às duas primeiras perguntas que eles me fizeram. Minha intenção era entender o critério de participação em cada um dos jogos e acionar os fatores de identificação que são reconhecidos pelos atores, a fim de diferenciar um autodeclarado moreno, com todo o caráter ambíguo que isso tenha na sociedade brasileira, de brancos e de pretos.

“Você é que escolhe”, diziam os organizadores, revelando que a forma de identificação deve ser baseada na autodeclaração. Voltaremos a essa questão mais à frente. Por hora, interessa dizer que fui escalado para o Sucatão. Optei por jogar no time dos pretos, paguei 20 reais e, inspirado em Loic Wacquant (2002), entrei de “corpo e alma” no estádio Benedito Sapateiro para vivenciar aquela tradição.



Entrando em campo com a camisa número 18 – Arquivo pessoal – Dezembro/2009

De alguma forma me sentia partícipe da “coqueluche” do dia, termo nativo utilizado pelo informante 1 para mostrar que o jogo do Sucatão era, segundo um dos atores que idealizaram o “Preto X Branco”, o principal jogo daquele evento diferenciado. Afinal, são eles que continuam ajudando a perpetuar a tradição iniciada há 37 anos.

Dada a ausência de pretos no estádio por volta das 8h30, hora que iniciou o jogo naquele domingo, 20 de dezembro de 2009, eu, na ocasião com 31 anos, fui escalado para jogar no primeiro quadro, no “Sucatão” ou “Paradão”, seguindo as categorias publicadas na revista Trip. Devido ao baixo quórum de senhores de mais de 60 anos, o Sucatão foi reforçado por outros homens de meia idade, e com isso a partida foi bem disputada, leal e equilibrada. O placar foi aberto pelo time dos brancos, empatado pelos pretos, desempatado pelos brancos, sendo, ao final, empatado pelos pretos. Final: 2 a 2. Cabe ressaltar que, a despeito de ter perdido um “gol feito”, fui o autor dos dois passes

que originaram os gols do time de pretos, e minha atuação foi elogiada ao final pelos colegas de equipe.

Após o jogo, tomei banho, troquei de roupa, comprei um churrasco, uma cerveja e sentei na arquibancada, para dar continuidade à minha observação a partir dos outros jogos que estavam por vir. Da arquibancada observava que a expectativa em relação aos jogos aumentava gradativamente na medida em que se aproximavam aqueles disputados pelos jogadores do time amador do Flor de São João Clímaco e dos boleiros, como foi observado pela Revista *Trip*.

É no último jogo do dia que a bola assa dentro de campo. Não falta intensidade em nenhuma jogada. Não tem bola perdida. Cada lance é plenamente disputado. Bom de assistir. A massa urra nas arquibancadas. Entre insultos de todas as espécies, um coro ecoa: “Hey negão, vai tomar no cu”. E lado de lá responde: “Branquinho Veado”. No campo, os jogadores não gritam mais gol. Apoiados pela torcida, ele berram “CHUPA” para a torcida adversária toda vez que a bola toca a rede. A rivalidade impõe o ritmo de jogo. Afinal, é o vencedor desse jogo que terá passe livre para tirar sarro o ano inteiro. Sem limites. Parece que a estratégia de ‘Preguinho’ funcionou e o jogo foi bem equilibrado. Só que os brancos saíram na frente ainda no primeiro tempo. No meio do segundo tempo, os pretos pressionaram tanto que descolaram um pênalti duvidoso. (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 70).

A homofobia ou o preconceito sexual contra os gays parece uma tônica que está acima dos elementos raciais que alimentam o jogo.

Preguinho, um dos jogadores citados na matéria, é um dos boleiros oriundos e frequentes daquela comunidade. Na ocasião do documentário ele era jogador de futebol profissional de um time do interior do Paraná. Na visita ao Bar do Chuchu pude observar que há muitas fotos de Preguinho compondo uma equipe de futebol profissional da Bolívia. Isso faz dele um dos personagens mais valorizados naquele pedaço. Sendo um jogador de futebol profissional, sua presença é bastante aguardada nos jogos, e ilumina valores sobre os critérios de classificação racial, como veremos à frente. Nesse momento ele foi citado para mostrar que a época de realização dos jogos

coincide com as férias no calendário do futebol profissional, sendo frequente a presença de boleiros naquele reduto. Esse seria um dos motivos dos jogos ocorrerem no final do ano, como indica o entrevistado 4:

Essa data é escolhida também porque esse jogo pega sempre final de campeonato, e eles são idealizados com profissionais também. Já chegaram a jogar vários profissionais aqui. Magrão, esse que estava no Internacional, tem uns aí que vêm jogar. Como tem essa fase de o pessoal profissional encerrar o campeonato, então tem aquela disponibilidade, né, então eles vêm e fazem um jogo aí, então sempre inicia aqui. O seguinte: eles fazem quatro jogos, três ou quatro jogos. Eles fazem primeiro, começa tipo assim, 7 horas, 7h30, 8 horas, então é o pessoal mais de certa idade. Então joga aquele pessoal, depois vem o pessoal mais novo e o encerramento é entre esses profissionais mais da área, da região aqui por perto, Ipiranga, São Caetano.

A despeito disso os jogos ocorrem no fim do ano civil em um dos finais de semana que antecedem o Natal, que é, tradicionalmente, um período de festividades e de confraternização no calendário cristão da cultura brasileira. Tendo como uma das finalidades a confraternização, esse jogo

ocorre sempre na segunda quinzena, uma semana antes do Natal. Comparecem moradores antigos do bairro, abnegados, e pessoas que já se acostumaram com o evento comparecem, né? E tem um intuito também, além dele ser um jogo de confraternização, ele tem um cunho social, que nós arrecadamos alimentos pra igreja, né, Igreja Nossa Senhora Aparecida da Vila Arapuá. Apesar de que na maioria das vezes não temos alcançado o objetivo com a quantidade de alimentos que nós sempre pretendemos angariar, mas o pouco já é gratificante pra gente (entrevistado 1).

Sendo o Brasil o maior país católico do mundo, a forte influência da religiosidade na cultura brasileira não se restringiu à escolha da data, mas também esteve presente em um dos rituais que antecedem aos jogos. Antes de iniciar a partida de abertura do festival, os jogadores foram reunidos no centro do gramado para rezar o “Pai Nosso”. A oração distintiva da Igreja Católica é acionada nos momentos rituais da vida dos cristãos, como casamentos, batizados, velórios e, também, jogos de futebol que objetivam promover a confraternização entre os habitantes da periferia de São Paulo.

Cabe ressaltar que essa oração faz parte do ritual das equipes de futebol profissional, que rezam-na antes do início das partidas.



Jogadores reunidos antes do jogo do Sucatão para o ritual da oração – Arquivo pessoal – Dezembro/2009

Vejam os que diz o informante 1:

Na hora quando vai começar as partidas nós fazemos nossa prece, reunimos todos nós, né, independente do que você cultua, não sei o que você cultua, mas a gente procura orar, né, para que transcorra tudo bem, né. Porque nós vivemos uma violência urbana muito grande e ao longo desses anos todos não existe registro de fatos que abonassem os nossos festejos, né, e a gente fica agradecido por isso.

Esse ritual se replica ao longo das partidas. O repórter da revista *Placar*, Pedro Henrique, viveu uma experiência parecida com a minha, quando se preparava para participar do Segundo Quadro dos jogos realizados no dia 20 de dezembro. Na reportagem ele relata que “um pai-nosso e uma ave-maria embaixo do teto de zinco são os últimos detalhes do ritual ludopédico antes do confronto” (Revista *Placar*, março/2010, p. 27).

Há uma unanimidade entre os informantes em dizer que os jogos transcorrem a partir das regras oficiais. No entanto, percebi que há uma adaptação em relação a elas. Por exemplo, enquanto a *International Board*⁶⁸ normatiza que no futebol profissional podem ser realizadas no máximo três substituições por jogo, no “Preto X Branco” elas são ilimitadas. Além disso, diferente do que ocorre no futebol profissional, um jogador substituído pode retornar ao jogo. Enquanto as partidas oficiais possuem uma duração de dois tempos de 45 minutos, o “Preto X Branco” é disputado em dois tempos de 40 minutos. As partidas oficiais transcorrem com a presença de dois árbitros assistentes que auxiliam o árbitro principal na condução das partidas e na marcação das saídas de bola, impedimento e tiro de meta, mas o “Preto X Branco” ocorre com a presença de apenas um árbitro, que acumula várias funções.

Todos esses ingredientes nos permitem dizer que o “Preto X Branco” é oposto ao futebol de espetáculo, como sugere a noção de bricolagem, onde, além da adaptação das regras pelos próprios praticantes,

joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais. [...] a duração do jogo varia de acordo com o ânimo dos praticantes, a disponibilidade de tempo, as condições climáticas, as limitações de horário impostas pela locação dos espaços, entre outros (DAMO, 2007, p. 40).

Quando perguntamos aos participantes sobre as regras eles disseram que há uma flexibilização das mesmas:

Ele [o jogo] é oficial, oficial. [...] a substituição é devido à quantidade, tá entendendo, essa nossa regra é normal, regra da FIFA mesmo. É tudo normal, o jogo é normal, só que às vezes, principalmente no quadro, no primeiro jogo que é da turma antiga, às vezes eu tenho 23 jogadores, 23 pretos, às vezes ele tem 22, às vezes ele tem 1. [...] Todo mundo tem que participar, aqueles que tão melhor, que a gente não quer perder, que sabe jogar, eles vão permanecer, e aí a gente vai pondo os outros, vai encaixando. Aquele que cansa um pouquinho volta depois, tem aquele que tá cansado e que não sai, mas sai, tá entendendo, e assim vai (entrevistado 1).

⁶⁸ Instituição que controla as regras do futebol profissional.

Não, a regra, eu trato a regra como futebol brasileiro é hoje, a regra é uma só. Eu sou sempre num padrão, sigo tudo isso aí, a regra é a mesma. [...] Não. Tirou a camiseta é cartão amarelo, desobedeceu, xingou o juiz, é o mesmo critério pra todo lado, não muda. [Com relação aos veteranos que não respeitam as três substituições], então aí como é festa é a única alteração, todo mundo pode trocar e destroca, expulsando, ou não pode trocar e destroca, porque é uma festa, né? Então pra não estragar a festa a gente deixa rolar e o critério é o mesmo (informante 2).

O fato de ser regido por regras “normais” ou pelas “da FIFA” serve para dar credibilidade àquele jogo vivenciado no âmbito do lazer e, de alguma maneira, aproximá-lo aos códigos do futebol profissional. Isso não o inferioriza enquanto jogo e, sim, permite vê-lo por um outro olhar: um jogo de futebol praticado com o sentido de socialização, que parte das regras oficiais mas não é regido totalmente por elas. Para dirigi-los o informante 1, um dos organizadores dos jogos, nos disse que os árbitros são escolhidos de maneira aleatória:

aleatoriamente, porque nós temos juízes aqui, né, a gente dá preferência pros juízes da casa que participam com a gente o ano todo, né? Mas o principal que a gente escala é uma pessoa melhor, mais adaptada, um árbitro mesmo, que tá acostumado com jogos difíceis, uma pessoa mais qualificada, mas os outros três jogos são pessoas da nossa comunidade. [...] Como vem profissionais que nessa época tão de férias, vem jogadores de primeira linha, aí ele contrata árbitro federado, né? Mas é só pro jogo principal. Já atuou grandes jogadores aqui, inclusive aquele rapaz que morreu, Serginho, Ademar, o Silvio, Alexandre, o Canela que chamamos de Anderson Lima, Magrão, do Internacional, Regis Pitbul, Otacílio, que jogou no Corinthians, Roger...

O informante 1 cita uma série de jogadores que deixaram aquele futebol amador para tornarem-se profissionais. As peladas praticadas no subúrbio foram o ponto de partida para a fundação de clubes amadores, como o Flor de São João Clímaco, e contribuíram e continuam contribuindo para abastecer o mercado de jogadores de futebol profissional no Brasil. O melhor exemplo disso é o jogador de futebol profissional conhecido como Magrão, atualmente jogando no Japão, que é

frequentemente citado pelos entrevistados, que fazem questão de mostrar as várias fotos desse jogador exibidas nas paredes do Bar do Chuchu.



Foto de Magrão no Bar do Chuchu, ao centro, hoje jogador de futebol profissional – Arquivo pessoal – Agosto/2009

Esses jogadores que hoje atuam no futebol profissional são citados para legitimar aquele pedaço como uma das referências do futebol amador, ou de “várzea”, da cidade de São Paulo. Esse é um valor muito forte no discurso dos atores. Além de ser recorrente, ele está grifado na caneca de chope comemorativa do “37º Encontro entre amigos Preto X Branco”: “Ô...ô...ô...Escola é no Flor que se aprende a jogar bola”.

Os árbitros das partidas caracterizam uma discussão à parte na história do “Preto X Branco”. Ao árbitro compete a função de manter o princípio da isonomia das regras, que devem ser iguais para ambas as equipes. O princípio básico deve ser a confiança de que tais normas serão aplicadas por pessoas desinteressadas e independentemente de simpatias pessoais ou de interesses particulares, como lembrou DaMatta (1994). A questão que se coloca em relação ao Preto X Branco é: como aplicar essas demandas, caras ao ofício de um árbitro, em partidas amistosas cujo objetivo é a confraternização entre pretos e brancos? Todo árbitro é passível de erro e também é parte de alguma categoria de cor ou raça. Sendo assim, o que fazer em uma partida em que a

identificação racial pode ser utilizada como argumento por aqueles que se sentem prejudicados em alguma deliberação daquele que é o responsável em uma partida de futebol por fazer valer o cumprimento das regras do jogo? Vejamos o que a revista *Trip* diz sobre isso:

Fim de ano de 2002, domingo de sol, Zé Lauro, sereno, toma sua cerveja na mesa que mais tarde irá abrigar a roda de samba, dentro da sede do CEM. Na sua frente, 150 quilos de carne assam. Do seu lado direito, duas mil latinhas de cerveja gelam. Na sua esquerda, pretos e brancos em campo. Ao redor, todos os amigos do bairro. Ali, curtindo a festa que ele ajudou a criar, Zé Lauro parece ser um homem sem problemas. Aí vem a pergunta: e na hora de escolher o juiz? “Hummm, esse aí é o maior problema. Ano passado o juiz quase apanhou”. É inevitável. Todo fim de jogo é a mesma coisa. Na dúvida, a culpa sempre é do juiz. E juiz não tem cor. É juiz. “O juiz não pode errar. Branco ou preto não tem problema, para o juiz não tem escapatória”, interniza Nitão. O rapper Rappin Hood, *habitué* do futebol-festa-de-fim-de-ano de seu bairro, sabe como poucos lidar com o juiz. Em 2001, nem entrou em campo e levou o jogo para os pretos. Na lábia. E um pouco na base do terrorismo. “Eu fico no banco como técnico, mas minha função cara é encher o saco do juiz. Na verdade, não é encher o saco, é que tem que ter alguém para representar, botar pressão, senão os caras roubam”, entrega a jogada Rappin Hood, ou melhor, Ataliba, como é conhecido na área. (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 67)

O fato que será narrado a seguir é um dos muitos casos que surgiram no “Preto X Branco” ao longo dos últimos 37 anos, e se replicou, com variações pouco significativas, em todos os espaços em que Rappin Hood teve voz para falar sobre sua participação naquele jogo, como, por exemplo, no documentário e na entrevista que ele nos concedeu.

O jogo estava 5 a 1 para os brancos. Aí os pretos empataram em 5 a 5, e Rappin Hood achou que era hora de intervir. Aproveitou que o juiz era de fora e não estava acostumado, chamou ele no escanteio e mandou a seguinte idéia: “‘Você não está ligado na rivalidade do bagulho, né? Esse aqui é o 29º ano que está tendo esse jogo, é uma rivalidade do caralho, dá uma olhada no campo.’ Aí eu virei ele assim e perguntei: ‘tem bastante preto, né?’. E ele: ‘Porra, não é que tem?’”. ‘Então imagina toda essa negrada querendo te catar o ano inteiro’. Aí ele falou: ‘não, pode deixar, eu vou apitar direito’”. Pronto. Na sequência, enquanto os brancos comemoravam o sexto gol com a torcida, o juiz autorizou a saída de bola e os pretos empataram. Joaquim, juiz do Sucatão há alguns anos, chia com razão: “os caras pesam muito a cabeça. Os dois lados reclamando não tem jeito, o sangue ferve até entre amigos”. A importância do quadro principal é tamanha que dois juízes cuidam do serviço

sujo. Curiosamente, um era preto e o outro, branco – na verdade meio japonês – mas isso não importa. Juiz não tem cor mesmo. (*idem*, p. 68)

Na entrevista que nos concedeu, Rappin Hood lembra esse episódio do qual ele é o principal protagonista como o caso mais curioso sobre o jogo. Lembra-se que no primeiro tempo esse árbitro branco “apitou só pro time dos brancos, primeiro tempo virou 5 a 2 pros caras, 4 gol de Magrão”. Rappin Hood interpretou que o árbitro estava “roubando”. Na gramática do futebol, isso significa que ele estava sendo tendencioso, favorecendo o time dos brancos. Intimidado, no “segundo tempo ele apitou tão bem que foi inacreditável, o jogo acabou 6 a 6”.

Enquanto esse episódio é rememorado com gosto pelo seu protagonista, o entrevistado 9, coordenador do time dos brancos, contestou a atitude. Questionado se havia muitas goleadas, tal entrevistado nos disse:

Não, goleada é difícil. Uma vez os brancos estavam ganhando de 5 a 1 e o jogo acabou empatando em 6 a 6. Mas aí eles amedrontaram o juiz, sabe? O juiz não era nem profissional e nem era daqui da casa, sabe, era um cara que sabia apitar. Aí ele foi, foi, tanto é que nós marcamos o quinto. Acho que o sexto gol o pessoal tava comemorando aqui na torcida, ele deu a saída e fizeram o gol, aí acabou o jogo.

Rappin Hood foi técnico principal do time dos pretos por sete anos. Encerrou sua participação nessa condição com um grande show musical, o que demandou a realização de mais um jogo, além dos quatro que já são tradicionais:

Quando eu deixei de ser técnico, né, a gente fez o show aqui. Veio eu, Arlindo Cruz, fizemos um showzão aí, foi legal. Também teve um jogo que a gente fez um quinto, né, misturado, comemorativo, jogou Magrão e eu no mesmo time, então a gente está junto na festa, a gente quer participar. Mas hoje em dia eu não quero, assim, ter a carga de ser técnico, porque dá muito trabalho.

Com relação ao árbitro, o entrevistado 6 apresenta mais um diferencial sobre o jogo. Questionado se há mais juiz branco ou preto, ele nos disse: “Aí é que tá o negócio,

viu? Tem vez que é branco, tem vez que é preto, aí o negão rouba pros brancos, entendeu, tem um também paraplégico que apita jogo”. Procurei saber mais sobre esse árbitro, que faria desse jogo um evento ainda mais diferenciado. Em tom de brincadeira esse mesmo entrevistado nos disse: “Esse aí apita de vez em quando, ele aparece aí e ele apita. Ele não apita pra um lado nem outro, ele apita meio arrastado, ele apita”.

O *Jornal da Tarde* ainda se preocupou em resgatar a memória sobre aquele que pode ser considerado o principal árbitro das partidas, como se lê na matéria.

Apesar de ter apenas 24 anos, o árbitro James Alexandre Dias, o “Pacote”, já é uma lenda do Preto contra Branco. Ele irá apitar o jogo mais importante de amanhã. “Comecei aos 12 anos”, conta. “Não jogo porque tenho um problema no joelho. Já entendia as regras, mas me aperfeiçoei com o tempo.” No ano passado, foi eleito o melhor árbitro da várzea paulistana. Em campo, garante ser imparcial. Quer dizer... “uma vez, um negrão fez um golaço”, relata. “A emoção foi tanta que eu quis abraçá-lo, mas não podia. Aí ele veio em minha direção e me abraçou. Foi demais!” Claro que isso gerou reclamações do time dos brancos. “Essa é uma das melhores festas da várzea” (*Jornal da Tarde*, sábado, 12/12/2009, Variedades, 8d).

Aqui temos uma questão interessante: embora no Brasil sejamos reconhecidos como iguais, a solidariedade de cor surge, justamente, a partir de um jogo que dramatiza essa tensão.



James Dias preparando-se para apitar o “Preto X Branco” – Arquivo pessoal – Dezembro/2009

Há uma pequena diferença entre a matéria publicada pelo jornal e as informações dadas por Pacote na entrevista que ele nos concedeu. Na ocasião ele me disse que tinha 26 anos e que começou a apitar o “Preto X Branco” aos 15 anos, a convite de um dos organizadores, portanto, há 11 anos passou a assumir a responsabilidade de apitar os jogos principais:

Por mais que seja uma brincadeira, é uma responsabilidade. É uma brincadeira, mas você vê, não sei se vocês pegaram na Cultura algum comentário, vocês podem pegar que vocês vão ver lá, é bem comentado, um futebol gostoso de se ver. Muitos profissionais que eu vi jogar essa brincadeira. O Romário mesmo já citou uma vez na televisão que o sonho dele é jogar uma brincadeira dessas.

No entanto, fez questão de frisar tanto para o *Jornal da Tarde* quanto na nossa entrevista o fato distintivo de ter sido “escolhido o melhor árbitro da várzea do meio”, tornando-se, com efeito, “o árbitro da quebrada”, segundo suas próprias palavras. Disse que nunca gostou de jogar, mas sempre participou na condição de árbitro:

Já brinquei, já joguei, mas isso pra mim não dá, porque eu não tenho espaço, o espaço que eu tenho é pra ser árbitro. Então se eu jogar não tem quem apita. [...] Os melhores jogos quem faz sou eu, que é o principal, Primeiro Quadro. Aí vem Zé Roberto, só boleiro, você pode ver nas fotos aí que você vai ver. Só cara que é profissional, então esse momento eles guarda aí.

Pacote endossa que os jogos transcorrem em conformidade com as regras do futebol profissional: “Eu trato a regra como o futebol brasileiro é hoje, a regra é uma só. Eu sou sempre num padrão, sigo tudo isso aí, a regra é a mesma. Tirou a camiseta, é cartão amarelo, desobedeceu ou xingou o juiz, é o mesmo critério pra todo lado, não muda”.

Questionado sobre a Regra III, que trata do número de jogadores e que não permite mais de três substituições, o entrevistado se justifica dizendo que se trata de

uma festa e, portanto, o critério mais importante é a participação: “Então aí como é festa a única alteração... todo mundo pode trocar e destocar, expulsando ou não pode trocar e destocar, porque é uma festa, né? Então, pra não estragar a festa, a gente deixa rolar e o critério é o mesmo”.

Pacote não recebe nenhuma remuneração financeira para apitar. Sua maior recompensa é assumir uma posição de destaque naquele jogo distintivo, sem a qual ele seria apenas mais um. Afinal, no contexto do futebol é o árbitro que assume uma maior responsabilidade: “Eu também não cobro porque eu acho que eu sou muito ajudado aqui, então uma vez no ano fazer uma doação pra mim é um espetáculo”. Ele, que se autodeclara negro e participou comigo da partida de abertura do ano de 2009, faz questão de frisar sua isenção e confiabilidade, predados caros à condição de árbitro:

Sou um cara neutro, transparente, gosto da competição, faço porque eu gosto. Então a cor e a raça eu deixo no canto. [...] A minha cor é neutra, você tem que ser neutro porque eu acho ali que tem que ser profissional. Porque, porque eu posso amanhã, eu sou corintiano, posso apitar um jogo Corinthians e São Paulo, mas aí eu tenho que ser neutro, ali eu sou profissional, fora disso eu tenho outra coisa.

Por ter se tornado um evento distintivo daquela comunidade, o “Preto X Branco” recebe um grande fluxo de pessoas. Em função da expectativa que ele causa e sendo aguardado pela comunidade, ele recebe a atenção de patrocinadores que disponibilizam produtos para a festa de confraternização, como salienta o entrevistado 13:

A comunidade toda espera esse dia. Eles falam: “Ou, hoje tem o jogo lá?”, “Ou, já tá armando lá tudo certinho”. O pessoal da área, assim, do comércio, alguns ajudam porque precisa, né? Então isso vem através de propaganda do comércio, do sacolão que dá uma força muito grande pra nós. [Os patrocinadores] ajuda[m] na festa com alimentação, refrigerante, com bebida, essas coisas.

Ao mesmo tempo em que as partidas ocorrem no campo, sendo assistidas pelos torcedores com entusiasmo, o Bar do Chuchu é um espaço bastante ocupado pelos frequentadores daquele pedaço. Lá, ao som de uma roda de samba organizada informalmente, os frequentadores se reúnem, conversam sobre futebol, sobre jogos passados, sobre amigos que já faleceram, bebem cerveja, comem churrasco, cantam, paqueram.



Roda de samba organizada no Bar do Chuchu – Arquivo pessoal – 13 de dezembro de 2009.

Tudo isso ocorre no Bar do Chuchu a partir do início do evento, por volta das 8 horas, e segue até o encerramento do evento, em torno das 19 horas. Talvez por isso o Chuchu, proprietário do Bar, tenha nos dito que esse jogo representa o 13º salário dele. Como em 2009 o evento ocorreu em dois dias, em virtude da chuva que inviabilizou a realização das partidas no dia 13 de dezembro, Chuchu deve ter recebido seu “14º salário”.



Show de samba na parte externa no Parque Fongaro – Arquivo pessoal – Dezembro/2009.

Ao longo do dia são utilizados, segundo o entrevistado 1, “em média, entre branco e preto, 180 fardamentos”, cuja limpeza e higienização é de responsabilidade de Maria Luiza de Campos, a Dona Lia, casada com Zé Lauro, naquela ocasião vice-presidente do Flor de São João Clímaco, falecido dias após a partida de 2009. Desde 1994 ela cuida do uniforme dos jogadores. “Todo sábado, depois da partida, eles deixam as roupas aqui em casa”, conta. “Lavo umas três vezes na máquina e deixo tudo guardado em uma sacola para o sábado seguinte”. Ela só reclama quando eles jogam com as camisas brancas. Dona Lia herdou a função da sogra, Rosa Ângela Forgerine Pereira, morta há três anos. Nos finais de semana comuns, ela recebe R\$40 pelo trabalho. O valor sobe para R\$50 nos dias de “Preto X Branco”. “São oito jogos de uniforme”, diz Dona Lia, demora “muito para lavar tudo”⁶⁹.

Desde o proprietário do bar, que participa como jogador e vê naquele evento uma possibilidade de aumentar sua renda, passando pelos frequentadores daquele pedaço que buscam no jogo e em seus valores agregados a sociabilização, até um casal de idosos que recolhe as centenas de latas de cerveja consumidas para completar o

⁶⁹*Jornal da Tarde*, sábado, dia 12/12/2009, Variedades, 8d.

orçamento doméstico no final do ano e, por fim, os parceiros daquele evento que exibem suas marcas para um contingente de quase 3000 pessoas, podemos dizer que esse jogo forma uma rede na qual todos se beneficiam.

A memória dos atores que idealizaram o jogo remonta ao início da década de 1970, e é ela que tem sido utilizada para construir uma narrativa sobre essa tradição que vem se perpetuando ao longo dos últimos 37 anos. Ao assistir ao documentário, ler as matérias publicadas pelas fontes jornalísticas ou entrevistar alguns dos protagonistas, está eternizada a origem dos jogos no início da década de 1970. Radicada nas diversas mídias, a memória oficial dos jogos revela o drama sobre o crescimento desordenado das cidades.

Que sentidos assumem a idealização e a perpetuação de um jogo com essas características em uma cidade como São Paulo? Esses jogos de confraternização sempre se valeram da divisão das equipes sustentadas por marcadores sociais. Inicialmente, por aqueles que assumem os códigos de um estado civil, na condição de homens casados ou homens solteiros. Essa polarização ocorreu apenas por um ano e foi o pontapé inicial dessa partida. A partir de 1972 os idealizadores passaram a utilizar outro marcador social: a raça ou a cor dos jogadores.

A partir dos relatos de alguns organizadores dos jogos, que se replicam no documentário, na revista especializada e em um jornal local, observamos as singularidades e as curiosidades que circulam em torno daquele jogo tradicional, que dramatiza temas relativos ao racismo na cultura brasileira através da rivalidade construída por jogadores autodeclarados pretos e brancos.

Radicados no Parque Fongaro, os jogos “Preto X Branco” seguem sendo perpetuados pela ação de diferentes atores. São pessoas simples, que encontraram na tradição construída sobre esse jogo um espaço para serem reconhecidas, lembradas.

Fonte: *Jornal da Tarde*, 12/12/2010, 8D.

Nosso repórter jogou uma das mais tradicionais partidas do futebol amador de São Paulo, disputada em meio a provocações racistas encaradas como brincadeiras (Revista *Placar*, março/2010, p. 26).

No corpo da matéria lê-se: “Na zona sul de São Paulo, um clássico agita a comunidade há 37 anos. O preto contra branco é uma festa enraizada nos costumes dos moradores assim como o Natal e a Páscoa” (*idem*). A tradição anunciada pela revista já está internalizada aos valores da comunidade local, como anuncia o entrevistado 3:

Eu acho que é legal falar que é uma tradição da comunidade, que é uma coisa que os mais antigos começaram. Então pra você ver como a comunidade está envolvida e é uma tradição da comunidade que eu acho legal. [...] Todo mundo que é morador aqui da comunidade, desde pequeno já conhece a história do Preto X Branco. Isso aí todo mundo participa, né.

Lembro que é em nome dessa tradição que o tal informante sinaliza a necessidade de melhorar a organização do evento para que ele pudesse ser prestigiado por pessoas diferentes daquela comunidade. A tradição é um valor muito caro para os participantes dos jogos oriundos daquela comunidade. Por isso é necessário conhecer os significados sobre aqueles jogos que são construídos em nome da tradição do evento. Respeitá-los é um imperativo para os neófitos que estão se aproximando pela primeira vez daquele pedaço.

Em função disso, cabe relatar aqui duas experiências. Quando participava do jogo tive a oportunidade de inaugurar o marcador. Recebi um passe na entrada da área penal e tentei dar um toque por cobertura no goleiro, que defendeu o chute. Alguns dos meus colegas de equipe interpretaram que naquele lance eu havia sido negligente com a equipe, porque, segundo eles, naquela oportunidade eu tentara fazer um gol bonito, em vez de tomar uma decisão mais simples e ser mais eficiente. Coisas do futebol. A partida transcorreu e essa falha foi atenuada pelo reconhecimento da minha dedicação em campo e pelos passes que dei para a marcação dos dois gols do time dos pretos. Digamos que em nome da tradição essa falha individual foi perdoada.

Como já foi dito, após a participação nesse jogo dei continuidade à minha observação, só que a partir de então tentando captar os acontecimentos extracampo. No jogo principal, ao final do primeiro tempo, quando o time dos pretos perdia por 3 a 0, um jogador perdeu um “gol feito” que diminuiria a diferença a ser superada no segundo tempo. Acompanhei as recomendações dos organizadores do time dos pretos, que pediam, de maneira enérgica, que, em nome da tradição, os jogadores tivessem mais empenho. O placar final foi de 5 a 2 para o time dos brancos.

Interpreto essas duas situações a partir dos significados sobre a tradição e a rivalidade que esse jogo assume para seus participantes, como pode ser visto também na matéria da revista *Trip*.

Deu preto

Assim como no Sucatão, os tiorões do Veterano jogam um futebol de classe, mas não por isso menos disputado. Gilmar Pereira, 43, que defende os pretos desde sempre, acredita “que a rivalidade é maior devido aos anos de tradição”. E tradição ganha jogo. “O veterano dos branco perdeu de 3 a 0 porque eles não tiveram tradição. O Mosca [meio-campo que já atuou no Corinthians e na seleção brasileira e que vem todo ano de Cuiabá para jogar pelos brancos] foi embora nervoso porque os caras não conjuminaram”, polemiza Gilmar. “Vou repetir as palavras do Mosca: ‘Gilmar, você é um cara de tradição, você entra lá, veterano, barrigudo, mas dá o sangue’. Eu também entrei assim, só que é o seguinte, tem um monte de cara que vem só para participar e não tem ligação com a tradição”. No mais, é beber cerveja, prostrar com os amigos e tirar um lazer. Enfim, usufruir daquilo que ajudaram a construir. (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 68).

Minha experiência aliada a outras fontes, como o documentário e as falas de todos os praticantes, ressaltam o caráter competitivo dos jogos. Vejamos o que diz o entrevistado 6 quando questionado se o jogo é muito disputado: “É muito, pra valer, e não tem como dar colher de chá, não. O jogo tá valendo, depois o sarro, isso aí que é o melhor do jogo porque, se você perde, você fica desmotivado”.

Por ser bem disputado, o “Preto X Branco” é visto como um jogo de muita rivalidade, como indica o entrevistado 10 :

É uma rivalidade que você não tem noção. Eu jogo com os negão, se você tiver oportunidade de ficar hoje vendo, o time do Flor, o Primeiro Quadro do Flor, da mesma geração, aí é misturado, tem os negão e os brancos. A gente joga já há 20 anos juntos. Então, mas aí quando tem o jogo ninguém quer perder, é uma rivalidade, a gente acaba até esquecendo às vezes um pouco a amizade que tem aqui fora de campo. Ninguém quer perder, porque senão é motivo de chacota o ano inteiro e é o ano inteiro mesmo, a rivalidade é muito grande.

Uma questão que é recorrente no discurso dos atores é que o jogo tem a finalidade de confraternização, mas é bastante disputado, como fez questão de frisar o informante 1: o “jogo é um jogo normal, como um outro qualquer”, possuindo todos os ingredientes de um jogo de futebol, como, por exemplo “reclamação com o juiz, dar carrinho, dar entrada forte, o jogo é pesado”.

A tensão, como salienta Elias (1992), é um ingrediente essencial da excitação esportiva. No entanto, é preciso saber administrá-la, a fim de manter o equilíbrio, um nível de tensão aceitável entre os participantes. Mesmo tendo ingredientes que poderiam agravar a tensão e comprometer o equilíbrio necessário nas partidas, especialmente o fato de opor brancos e negros, a competitividade não ultrapassa os limites da violência física tolerados no plano do jogo.

A violência é repudiada por todos os participantes, mas, como toda partida de futebol, há os seus excessos. O “Preto X Branco” não foge a essa regra e pune indistintamente os infratores que ameacem aquela prática da sociabilidade que se converteu em tradição local. Assim, de um lado temos um jogo competitivo o bastante a ponto de manter elevado o nível de excitação, necessário para garantir a qualidade e o interesse pelo evento; por outro lado, essa excitação se mantém dentro dos limites aceitáveis de violência física ou simbólica sobre os adversários. Teríamos um “jogo civilizado”. Isso, como veremos adiante, é motivo de orgulho para seus participantes.

Damo (2007) aponta que no futebol de várzea sobressaem alguns modelos convencionais de masculinidade apreciados entre os grupos populares, marcados por noções de honra, lealdade, patronato, homossociabilidade, heterossexualidade, valentia, uso da força física, entre outros. Esses valores se replicam no “Preto X Branco” de São João Clímaco. Sobre a questão da agressividade, vejamos o que diz a revista *Trip*:

Como é futebol e ninguém é santo, vez ou outra a chapa esquenta em campo. “O Preto contra Branco vai continuar na paz por muitos anos”, diz Gilmar. “Só que agressividade tem. Dentro de campo, se precisar, sai até briga. A única vez que deu problema foi em 2001, quando rolou uma agressão entre um preto e um branco, mas não foi nada demais. Acabou em cerveja.” E quando empata? Como é que fica? Aí o sarro ameniza. “Se os brancos tivessem ganhado o Quadro Principal, nós estávamos fudidos, puta que pariu”, garante Gilmar. Mas, se os brancos perdem, eles não ouvem um monte também? “Nada. Eles iam ouvir menos que a gente. Eles gostam muito de tirar sarro”, responde Gilmar. “Em dia de Preto contra Branco, eu escuto muita coisa que, se fosse num dia normal, ia dar problema”, dá letra Rappin Hood. “Mas é tudo festa. O negócio é levar na esportiva” (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 67).

Ao longo dos anos se criou uma rivalidade que mantém a excitação sobre esse jogo, que polariza brancos e negros através de um confronto simulado. Ao analisar as rivalidades que se formaram no futebol observamos que elas gravitam em torno de sentimentos vinculados a grupos primordiais⁷⁰. Estes sentimentos são capazes de aglutinar duas extensas comunidades, que são coesas em si mesmas e rivais entre si. É isso que faz com que cada time tenha o seu rival. O futebol tem como finalidade a competição entre agremiações, que proporciona o acirramento das rivalidades. Essas rivalidades ganham corpo na medida em que uma outra forma de disputa ocorre paralelamente ao confronto propriamente dito entre as agremiações: são aquelas que ocorrem pela supremacia dos valores, dos simbolismos e das categorias às quais os times estão associados. No caso, o que sustenta a rivalidade e a excitação sobre o jogo

⁷⁰ São considerados grupos primordiais aqueles em que nascemos, quer se concentrem na língua, costume, religião, raça, etnia ou lugar.

está condicionado aos valores que os jogadores e participantes atribuem ao “ser branco” e ao “ser negro”.

A supremacia de vitórias de uma equipe sobre outras – especialmente vitórias ocorridas mediante goleadas, ou seja, com uma larga vantagem – denotaria a superioridade desta equipe. Partindo desse princípio, nas entrevistas feitas com os participantes queríamos saber qual dos times mais venceu e se houve muitas goleadas. Os informantes disseram que não houve muitas goleadas e que tampouco saberiam dizer qual dos times venceu mais ao longo desses 37 anos. Isso depende de quem faz a pergunta e de quem a responde. O entrevistado 1, que é autodeclarado preto, respondeu:

Aí fica difícil, se você for me entrevistar eu falo que é os pretos, se entrevista ele, ele fala que é os brancos. Os brancos nos anos 90, nós ficamos seis temporadas sem ganhar o principal deles... Dez anos, não, não, ficamos seis temporadas sem vencer e depois ganhamos um meio na marra aí, 3 a 2. Empurramos goleiro e tudo pra dentro do gol e ganhamos de 3 a 2, e quebramos a hegemonia deles, né. [...] Cerveja rola aí, começa 8 horas. Eu marco sempre pra começar às 7 horas pra que o jogo comece as 8 horas, né.

Por sua vez, o entrevistado 9, autodeclarado branco, disse que “os brancos” foram os que mais venceram. Mas o certo é que, como salienta a revista *Trip*, a partir da memória dos próprios participantes,

o placar histórico das pejeas, com exatidão, ninguém sabe. “Nós tínhamos tudo registrado, mas quando a gente ficou sem sede, tivemos que sair meio às pressas e perdemos muita coisa”, lamenta Zé Lauro. O que se sabe é que ultimamente os brancos levam nítida vantagem. Zé Lauro acha que “nos últimos 10 anos os preto só ganharam uma vez o Quadro Principal”. Já Pneu, que ajuda a organizar a festa a miliano, diz que não é bem por aí: “Está equilibrado. A gente não ganha há uns três anos, mas no passado ganhou mais”. O fato é que isso nada tem a ver com supremacia racial. A explicação é mais simples: entrosamento. O time dos brancos joga o ano inteiro junto porque é formado basicamente pelos titulares do Flor de São João Clímaco. Já os pretos “montam o time na hora, chama um daqui, um dali e pronto”, justifica Zé Lauro. Para o jogo do Quadro Principal, é permitido convidar jogadores profissionais para reforçar a cor. O Magrão do Palmeiras e o Adhemar do São Caetano aparecem sempre que podem. Este ano, o Pinguinho, que joga no CSA, convidou jogadores do Palmeiras, Juventus,

Guarani, Grêmio e Atlético Paranaense para tentar equilibrar a parada. (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 69).

A justificativa por não haver estatística sobre o time que venceu mais pode ser encontrada, segundo o entrevistado 9, no fato de a finalidade não ser exterior ao evento:

O jogo é tão assim, feito na base da amizade, que não existe histórico de quem venceu mais. Quem ganha naquele ano enche o saco o ano inteiro, sabe. Esse ano, por exemplo, ficou duas vitórias dos brancos e duas vitórias dos pretos. Os dois principais os brancos ganharam, e os mais pra baixo, os velhos, os pretos ganharam.

O fato de o evento encerrar-se em si mesmo, pelo prazer de vivenciá-lo, e de não fazer nenhuma espécie de distinção dá o tom das elaborações de Teia, filho de Zé Lauro, apresentado no documentário:

Tanto é que a gente não tem estatística. Se você perguntar: os brancos ganharam mais? Os pretos ganharam mais? Ninguém sabe. A gente só lembra do ano passado. Para você ver como a festa é tão... o juiz do ano passado era deficiente físico. Olha que jogo louco é esse aí. De um lado só preto, de um lado só branco e o juiz deficiente. Pô, esse jogo aí não tem em lugar nenhum.

A fim de interpretar a tradição que se construiu no jogo “Preto X Branco” ao longo de quase quatro décadas, utilizo dois conceitos propostos por Damo (2002) para interpretar os elementos mais significativos que são mobilizados por um jogo de futebol. São eles: a temporalidade do evento e a temporalidade da tradição⁷¹. A primeira se caracteriza pelo “ritual disjuntivo e, portanto, nos 90 minutos de bola rolando, [nos quais] destacam-se os aspectos propriamente emotivos do embate futebolístico” (DAMO, 2002, p. 56). Ou como nos informou o entrevistado 6:

Cada jogo é um jogo, cara. Um jogo costuma não sair nada, não acontece nada. Tem jogo que acontece coisas de você falar assim: “É inacreditável!”

⁷¹ Damo pensou esses termos para o futebol profissional, mas de maneira genérica poderíamos enquadrá-los ao futebol amador.

Cada jogo é um, eu tenho um monte de fita em casa lá, de jogos aí. Um jogo é pesado, outro é leve. Um jogo parece que fizeram uma panelinha, tá entendendo, não aparece nada, não tem vibração, não dá aquele impacto de torcida, então fica um jogo meio chocho.

Do encadeamento desses jogos surge a temporalidade da tradição, que, segundo Damo (2002), “resulta de sobreposições e arranjos múltiplos produzidos pelos vários segmentos que constituem o universo futebolístico – a um tempo que não é o tempo de jogo propriamente dito” (p. 56). Esse tempo seria o tempo do cotidiano onde se “inventam as tradições que aproximam futebol e sociedade e garantem ao primeiro um encadeamento histórico” (*idem*).

A relação entre essas duas temporalidades constituem a “força motriz da dinâmica de grupo de um jogo de futebol” (DAMO, 2002, p. 57), e sem a dialética entre ambas “o futebol seria apenas uma sequência ilimitada de jogos; não seria sequer um ritual e, tampouco, disjuntivo, pois o evento não teria o que atualizar e a tradição não teria como fazê-lo” (*idem*). Dessa maneira, continua Damo, o jogo de futebol poderá ser

excitante mesmo que tecnicamente fraco, basta que a tradição lhe assegure uma posição de destaque; o inverso também é verdadeiro. Mas é quando ambas as temporalidades se sobrepõem com vigor e intensidade, que o jogo se torna verdadeiramente absorvente (DAMO, 2002, p. 57).

Se não há nenhuma forma de premiação para a equipe vencedora, se não há uma estatística para saber quem venceu mais ao longo dos anos, o que “está em jogo” naquelas partidas de confraternização para que continuem sendo excitantes?

No “Preto X Branco” as perdas e os ganhos são simbólicos. O que faz essas partidas se perpetuarem ao longo desses anos e com um elevado grau de excitação é o fato de elas já terem sido internalizadas aos significados da tradição local, permitindo a adesão dos seus praticantes aos valores e aos simbolismos que gravitam em torno do “ser negro” e do “ser branco”. Se um time ganhou, faz parte do ritual da tradição gozar

a derrota do rival durante todo o ano, até o próximo jogo. Lembremos que além do jogo propriamente dito, essa partida dramatiza as identidades de brancos e pretos, de modo que tripudiar sobre a derrota do “outro” é tão importante quanto cultivar a própria identidade.

A cada jogo realizado, ano após ano, trocam-se os atores, mas perpetua-se a tradição. É essa temporalidade que dá continuidade a esse jogo, fazendo com que ele venha ocorrendo, ritualizando e reatualizando as rivalidades entre brancos e pretos, ao longo de quase 40 anos. A partir dessa interpretação compartilhamos as mesmas impressões que o repórter Pedro Araújo, da revista *Placar*: “O que está em jogo não é dinheiro, não é racismo, é a tradição. São 37 anos de provocações, brincadeiras, e ninguém entra naquele campo esburacado e se suja para sair de lá sem a vitória” (Revista *Placar*, março/2010, p. 27).



Fonte: Revista *Placar*, março/2010, p. 26.



Fonte: Revista *Placar*, março/2010, p. 26.



Fonte: Revista *Placar*, março/2010, p. 27.

O discurso sobre a tradição é muito forte no “Preto X Branco”. No cartaz de divulgação do evento (em anexo), está escrito em letras maiúsculas que o “Preto X Branco” da região do Ipiranga é o “EVENTO MAIS ANTIGO DE SÃO PAULO NESSA MODALIDADE”. A divulgação do jogo como o “evento mais antigo” de uma cidade como São Paulo revela o valor simbólico desse evento radicado na tradição e na cultura local. Apesar da ação do tempo e das novas opções de lazer advindas da modernidade, a perpetuação de um tradicional jogo de futebol de autodeclarados

“pretos” contra “brancos” ilustra quão significativo é aquele evento para os atores que ajudam a promovê-lo e o valor das práticas de sociabilidade tradicionais para a constituição da cultura brasileira.

Os 37 anos desse evento, ao longo dos quais se desenvolveu essa tradição, têm o peso de uma eternidade, uma vez que o evento está vinculado à biografia dos atores envolvidos. A perpetuação do evento não pode ser reduzida ao discurso sobre a tradição, mas sim em função de agenciamentos das pessoas daquela localidade, uma vez que o tema surgiu de forma casual, sem nenhuma relação com o movimento negro, mas que se enche de novos significados em função da conjuntura de nossa sociedade.

Pelo fato de ninguém querer ser derrotado naquela partida tradicional, cuja premiação é permitir ao vencedor a liberdade de tripudiar sobre o adversário durante todo o ano, jogadores de qualidades técnicas reconhecidas e de diferentes características fenotípicas são convidados pelos seus pares para reforçar as duas equipes. Surge a partir daí a questão sobre quem é considerado preto ou branco no país da miscigenação. Esse tema será fartamente analisado no próximo item.

Uma leitura do critério de identificação racial brasileiro através do “Preto X Branco ”

Segundo os critérios adotados pelo IBGE, o brasileiro pode se autoatribuir cinco cores e/ou origens étnicas: branca, parda, preta, indígena e amarela. Os pardos, ou mulatos, “têm seus patrimônios genéticos formados pela combinação dos cromossomos de ‘branco’ e de ‘negro’, o que faz deles seres naturalmente ambivalentes, ou seja, a simbiose de *um* e de *outro* , do ‘branco’ e do ‘negro’” (REIS, 2002, p. 19). A autora, no livro *Mulato: negro não-negro e/ou branco não-branco*, identificou que os mulatos

“são parcialmente negros, mas não o são totalmente por causa do sangue branco que carregam” (*idem*, p. 19), e parcialmente brancos “por causa do sangue do negro que carregam” (*ibidem*, p. 19).

Isso quer dizer no plano biológico. E no plano social, político e ideológico? Se no plano biológico a ambiguidade dos “mulatos” é uma fatalidade da qual não podem escapar, no plano político-ideológico, eles não podem permanecer “um” e “outro”, “branco e negro”, podendo assumir uma postura neutra ou indiferente em relação às demandas étnico-raciais. Só que no jogo, não. Para participar, os mulatos devem assumir com qual dos “sangues” eles mais se autoidentificam. Essa escolha fomenta a discussão sobre os critérios de identificação racial no Brasil e fornece elementos explicativos para a compreensão da complexa ambiguidade do mulato, inserido em um mundo constituído por suas relações na família, no trabalho e no lazer.

A escolha da cor parda foi consolidada em 1976, depois que o IBGE fez a sua Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) daquele ano. O resultado foi que os brasileiros se autoatribuíram 136 cores diferentes, o que constituiu um verdadeiro tratado antropológico sobre a valoração do pardo – ou seus cognatos – na cultura brasileira. Schwarcz (2003) publicou um artigo após a matéria da revista *Trip* no qual a autora relaciona o jogo “Preto X Branco” ao critério de classificação racial no Brasil. Ela procura

explicar a discrepância existente entre a classificação do censo, que inclui apenas cinco delimitações – branca, negra, indígena, amarela e parda –, e os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 1976. Diferente do Censo, onde a cor é determinada pelo pesquisador, nesse caso os brasileiros se atribuíram 136 cores diferentes, reveladoras de uma verdadeira “aquarela do Brasil”. E se algumas classificações remontam às classificações tradicionais do Censo, outras lhe escapam totalmente. Primeiramente percebe-se a existência de uma espécie de arco-íris na auto-definição dos entrevistados que se dizem: verdes, roxos, cor-de-burro-quando-foge, cor-de-rosa, cor-de-ouro, laranja, chocolate, café-com-leite, encerada, enxofrada... ou até azul-marinho. Mas não é só; há uma insistência na cor branca (“branca-avermelhada, branca-melada, branca-pálida, branca-queimada, branca-sardenta, branca-suja, branquiça,

branquita...), demonstrando como, mais do que uma cor, essa é uma aspiração social. E ainda: muitos dos entrevistados mostram como “raça” é entendida tal qual uma situação passageira, quase uma circunstância. “Queimada de praia, queimada de sol, tostada...” são definições que sinalizam como no Brasil, muitas vezes, não se é alguma coisa, mas se está. Tal qual a pelada de Heliópolis, a não ser por raras e nobres exceções, qualquer um pode mudar de time e virar casaca, até porque no país ser branco e ser negro é também uma questão de momento e circunstância.

Mas o problema não se resume aos nomes; o dado mais notável é a dependência contextual de sua aplicação. A identificação racial vira quase uma questão relacional: varia de indivíduo para indivíduo, depende do lugar, do tempo e do próprio observador. Quanto mais claro aquele que pergunta mais “escura” pode ser a resposta e vice-versa. O mesmo entrevistado alterará a sua formulação tendo em mente a pessoa – a cor e a posição social – que faz a questão. Como diz Caetano Veloso, no livro *Verdade Tropical*: “Gil é um mulato escuro o suficiente para mesmo na Bahia ser chamado preto. Eu sou um mulato claro o suficiente para mesmo em São Paulo ser chamado de branco”.

Trata-se de um certo “uso social” da cor que faz com que não só a terminologia mostre-se subjetiva, como seu uso seja – em conversas, em documentos oficiais ou na vida privada – objeto de disputa. Só assim podemos entender os resultados do IBGE, que em 1988 afirmou existirem no Brasil cerca de 141 milhões de indivíduos. Desses, respondendo ao quesito cor, 55% indicavam a cor branca, 5,4 a cor preta, pardos 38,6, amarelos 0,5% e pretos apenas 5,4%. Se assim fosse o que seria de nossa pelada Pretos X Brancos? Quem sabe todos os 5% estariam reunidos lá (*Revista Trip*, 17/04/2003, p. 72).

Essa grande variedade de cores sinaliza a importância da cor como um marcador social no Brasil. Afinal, uma categoria que não tivesse tanta importância no Brasil não se distinguiria com tantos nomes. Por outro lado, isso significa também que não pode haver realmente grupos raciais definidos a partir de características sujeitas a variações e ambiguidade, em virtude do significado que a mestiçagem assumiu na cultura brasileira.

Para Cavalcanti (1995, p. 14) a “cor” tomada como metonímia da “aparência racial” do fenótipo é aqui um dado cultural: se trata de uma eleição, entre outras possíveis, para a operação classificatória concreta. A identificação do indivíduo como branco, mulato mais ou menos escuro ou preto é produto do cruzamento desse critério com outros igualmente pertinentes para a situação da definição em jogo. Teríamos o desenho de um sistema social que opera segundo múltiplas lógicas classificatórias e situacionais.

O último recenseamento publicado pelo IBGE data do ano 2000. Naquele ano, segundo o censo, o Brasil possuía uma população de 170 milhões de habitantes, dos quais 91 milhões se declaravam brancos (53,7%); 65 milhões, pardos (38,4%); 10 milhões, pretos (6,2%); 761 mil, amarelos (0,4%); e 734 mil indígenas (0,4%). O “Preto X Branco” parte do mesmo critério adotado pelo IBGE: a autodeclaração. Na minha pesquisa, uma questão me despertava a curiosidade. Sendo o Brasil um país com 38,4% de habitantes autodeclarados pardos, onde esse contingente atuaria no “Preto X Branco”? Onde o pardo (ou mulato, um dos seus cognatos) deveria incluir-se?

No dia do evento são esperados cerca de 180 jogadores de diferentes faixas etárias, que se dividem, ao longo de quatro jogos, entre pretos e brancos. Os quase 200 jogadores, que possuem as mais diferentes características fenotípicas, se veem obrigados a escolher entre o time de pretos ou de brancos. Em muitos casos, os adversários ou aqueles que estão próximos aos jogadores não concordam com as escolhas. Isso gera reações de várias ordens, revelando, com efeito, as tensões em torno da classificação racial no Brasil. Esse é um dos dramas presentes na cultura brasileira que se manifesta recorrentemente nos jogos “Preto X Branco”. Afinal, quem é preto e quem é branco no país da miscigenação?

A matéria da revista *Trip* revela essa tensão:

Pouco antes de começar o jogo da molecada, sem cerimônia, Rappin Hood vira para o chegado e intima: “e aí, esse ano vai correr pelo lado certo?”. O camarada responde: “eu corro pelos brancos”. Na vez de a molecada defender sua raça em campo, a dificuldade em saber quem é branco e quem é preto no país da miscigenação, que está tirando o sono de Lula e de todos os vestibulandos do país, também paira sobre o CEM. Lá, esse “problema” de mistura é mais antigo, porém vantajoso para todos nas categorias de base do “Preto contra Branco”. “Alguns nascem com o privilégio de poder escolher de que lado vai jogar”, esclarece Zé Lauro. Rappin Hood conta que “esse debate sempre existiu. Vira e mexe alguém grita: olha lá, tem um branco jogando para os preto” (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 68).

Durante a partida em que joguei pude escutar comentários vindos da arquibancada questionando minha participação no time dos pretos. Os comentários eram parecidos com aqueles rememorados pelo Rappin Hood que são recorrentemente acionados no “Preto X Branco”. Após jogar uma partida e a partir do tratamento com as mídias que se ocuparam do evento, pude perceber que o tema da participação dos jogadores é uma tensão constante naquele jogo, fato que revela os dramas relativos à identificação racial no Brasil. Não é à toa que a revista *Trip* foi buscar nesse jogo a inspiração para suscitar o debate sobre a identificação racial no Brasil, tema posto naquele início de século XXI, em função da discussão política sobre a adoção das cotas nas universidades para os autodeclarados pretos. Tal debate, acionado pelas diversas fontes de forma recorrente, pode revelar o uso atravessado da cor no Brasil, como pode ser extraído, por exemplo, dos comentários rememorados por Rappin Hood na matéria da revista *Trip* e de outros que virão.

Schwarcz (2003) sugere o termo “raça social” para se referir às discrepâncias entre a cor autoatribuída e a cor percebida por terceiros nesse país de critérios fluidos, onde a cor é quase uma denominação contrastiva, que varia em função de local, momento e condição. Eu, que me autodeclaro pardo, sou filho de um pai branco descendente de uma família oriunda da Síria radicada em Belo Horizonte no início do século XX e uma mãe também branca, oriunda do interior de Minas Gerais, e optei por jogar no time dos pretos. Uma vez que o critério no “Preto X Branco” acompanha o modelo nacional, adotado pelo IBGE, devia me autodeclarar “preto” ou “branco”. Escolhi o primeiro time não só porque havia menos jogadores pretos para jogar, mas também por suscitar o debate sobre a identificação racial no Brasil.

No dia 12 de dezembro, juntamente com os organizadores do evento, ajudei a selecionar os uniformes para o jogo que ocorreria no dia seguinte, se não tivesse

chovido. Enquanto separava os uniformes que seriam usados pelas equipes ao longo dos quatro jogos e dividia os meiões em função das cores e dos tamanhos, um dos organizadores me perguntou se eu participaria do jogo, e, se sim, em qual time. Respondi positivamente e que jogaria no time dos pretos. “Mas com esse narizinho e com esse cabelinho?”, questionou. Tal questionamento surgiu por ele não ter enxergado no meu fenótipo as marcas elegidas pela cultura brasileira para a identificação de traços negroides. Ou seja, nesse caso a ausência de duas marcas que a sociedade brasileira usa para identificar os pretos – os cabelos crespos e do nariz alargado – chamou atenção de meu interlocutor. Como pode haver um preto com cabelo liso e nariz fino? Era o que pensava não só aquele informante, mas possivelmente também aqueles que questionavam da arquibancada minha participação no time dos pretos. Isso ilustra as ponderações de Schwarcz (2003) sobre a especificidade da discriminação racial no Brasil, que fez com que “certos traços físicos como o formato do rosto, tipo de cabelo e coloração da pele se transformassem nas principais variáveis de discriminação” (p. 226).

No Brasil o critério de classificação racial não se reduz ao fenótipo. A esse critério são adicionados outros marcadores sociais, como o domínio de etiquetas, escolaridade, domínio de linguagem, reconhecidos como símbolos de uma classe dominante. Acumular ou não tais marcadores serve para “embranquecer” ou “empretecer”. Por outro lado, no “Preto X Branco” o critério de classificação racial se reduz ao fenótipo, uma vez que não se destacam outros marcadores sociais como roupas, etiquetas ou escolaridade, que no Brasil servem para aproximar ou afastar indivíduos da negritude. Os jogadores são homogeneizados pelos uniformes dos times, e, além disso, não faz parte dos códigos de uma partida de futebol querer saber se o indivíduo domina etiquetas, até onde estudou ou se fala outros idiomas, por exemplo.

Isso faz com que o critério de participação no “Preto X Branco” se reduza ao fenótipo. A partir dele saltam aos olhos as variáveis de discriminação elegidas pela cultura brasileira para a classificação racial no Brasil. Além da cor, o cabelo e o nariz contribuem para relacionar um indivíduo à identidade negra.

De acordo com Sansone (2007), a negritude é um *constructo* que pode variar no espaço, no tempo e de um contexto para outro. As categorias dos negros e da negritude são *constructos* culturais que refletem a posição dos negros na sociedade e no sistema local de relações raciais. No Brasil, a negritude não é uma categoria racial fixada numa diferença biológica, mas uma identidade racial e étnica que pode basear-se numa multiplicidade de fatores: o modo de administrar a aparência física negra, a relação com costumes culturais associados à tradição afro-brasileira (particularmente a religião, música e culinária), o *status*, ou uma combinação de fatores. Um indivíduo com traços negroides pode ser designado por uma multiplicidade de termos raciais, como negro, preto, escuro, moreno, escurinho e neguinho. Tudo depende do contexto, da posição de quem classifica (ou julga), do sexo, do momento e do campo abordado (lazer, trabalho ou vida familiar). Como afirma Schwarcz (2001, p. 238) na esteira de Oracy Nogueira, no Brasil a cor “virou a ‘somatória’ de muitos elementos físicos, sociais e culturais, e parece variar conforme o dia, a posição de quem pergunta e o lugar de onde se fala”.

Acumular ou não tais marcadores serve para “embranquecer” ou “empretecer”. Quanto mais o indivíduo acumula símbolos de identificação de uma classe dominante, mais ele “embranquece”; quanto menos acumula, mais ele “empretece”. Aqui os indivíduos são situados através de marcas que vão identificar cada uma dessas classes “ao longo de um contínuo que vai de extremamente negróide de um lado, ao completamente caucasóide de outro” (Oracy, 1988, p. 239). Nas extremidades situam-se os indivíduos que mais acumulam traços negroides ou caucasoides, onde não há

margem para muitas dúvidas e os indivíduos situados nelas são mais facilmente reconhecidos como pretos ou brancos, respectivamente. Mas e quando os indivíduos não estão situados nos dois extremos? A esse eixo central se acrescentam várias nuances, pois há outros princípios classificatórios. Esse é o caso dos mulatos – um cognato de pardo – que são os não-brancos que não se assumem pretos, amarelos ou índios. Schwarcz (2003) salienta que o termo “pardo” aparece como verdadeiro saco de gatos, uma espécie de sobra do censo: “o nome se aproxima de um curinga, já que tudo que não cabe em outros lugares ali se encaixa” (p. 14).

Uma situação oposta àquela que vivi foi experimentada pelo repórter da revista *Placar*. O repórter Pedro Henrique Araújo disse que quando acertava com Chuchu sua participação no evento, a primeira pergunta feita por telefone foi: “Você é dos ‘preto’ ou dos ‘branco’?” A resposta mais óbvia foi: “Pelo cabelo e nariz, dos pretos, mas pela cor da pele, sou dos brancos”. “Ok, pode vir que você vai jogar no Segundo Quadro” (Revista Placar, março/ 2010, p. 26).

Faltava descobrir em qual time. A dúvida logo se desfez quando na reportagem descobri que Pedro foi o responsável pelo escanteio que deu origem ao gol que garantiu a vitória dos brancos por 2 a 1. Ao sair do campo Pedro Henrique Araújo disse ter sido abordado por um grupo de jogadores e torcedores adversários que o questionaram: “Quem falou que você é branco, cara? Você acha que ia sobreviver se o Hitler aparecesse aqui? Tu é negro também, não nega as suas origens, não. Olha o seu cabelo, o seu nariz.” (Revista Placar, março/ 2010, p. 27).



Pedro, repórter da revista *Placar*. Foto disponibilizada pelo participante.



Pedro e os jogadores suplentes do time dos brancos. Foto disponibilizada pelo próprio repórter.
20 de dezembro de 2009.



Pedro atuando pelo time dos brancos. Foto disponibilizada pelo próprio repórter.
20 de dezembro de 2009.

As fotos acima mostram que há jogadores com traços tanto “negroides” quanto “causasoides”, quer dizer, eles estão situados nos interstícios desse sistema de classificação. Sobre eles incidem as tensões, uma vez que não há time para mulatos. Rappin Hood rememora no documentário que viu várias vezes “o jogo correndo e os caras aqui fora falando: ‘Ei, mas aquele ali não é negro, não, mano, aquele cara é branco!’ E a maior briga: ‘Não é negrão não mano não, é branco, é branco’. Mas tem que perguntar pro cara né, mano: ‘O que que você se sente, você se sente o quê?’”.



Foto do time dos pretos do 1º Jogo – “Sucatão” – Arquivo pessoal – 20 de dezembro de 2009



Foto do time dos brancos do 1º Jogo – “Sucatão” – Arquivo pessoal – 20 de dezembro de 2009

Um dos pontos que o documentário “Preto X Branco” mais explorou foi sobre o critério de classificação racial. O diretor questiona a cor dos participantes. Pneu não se contenta em dizer que é negro, ele afirma que é o mais negro dos negros dali. O diretor pede para descrever a cor de Reginaldo, um mulato de traços negroides. Teia arrisca uma explicação: “A mãe dele, clara, não chega a ser branca, clara, morena clara. Mas o pai dele é mais mulato”.

Pneu arrisca outra explicação: “O Reginaldo é brasileiro, ele é da Silva”. Reginaldo discorda e diz que é branco, com certeza. Pneu retruca e diz que ele é misturado, “ele é brasileiro”. Wagner Morales contesta-o e acompanhando a elaboração do próprio entrevistado diz que ele é branco. Pneu, por fim, responde que “é a ótica dele”.

Wagner Morales pergunta: “E no caso dos mulatos?” Pneu responde antes do diretor terminar a pergunta: “Os mulatos, geralmente eles jogam para os pretos, né. Mas tem aqueles mulatos que são camaleões”. Quando assistia ao documentário e escutei esse comentário, pensei: “O que é ser ‘camaleão’”?

O entrevistado 1 traduz os significados que os nativos atribuem a esse termo e explica a atitude de alguns mulatos que alternam sua participação nos times do “Preto X Branco”. Trata-se dos jogadores “camaleões”, adjetivo utilizado pelo entrevistado 1 tanto no documentário quanto na ocasião da nossa entrevista:

Agora, tem aqueles mulatos que sempre jogou no time nosso, definitivamente joga para os pretos, e tem aqueles mulatos que eu apelidei de jogadores camaleões. Então ele faz o seguinte: ele olha no vestiário, que ele é da casa, aí ele vê. Bem, o time dos pretos tá melhor que o dos brancos. Aí ele fala: “Meu pai é preto”, ele joga pro time dos pretos. Aí passa o ano que vem ele olha o vestiário dos brancos e vê que o time, que todos nós conhecemos, tá melhor. “Ah, eu vou jogar pros brancos porque minha mãe é branca”, é assim. Então eu apelidei de camaleão. Jogador camaleão, porque nós tínhamos um rapaz aqui, um mulato, Serginho, ele que comandava, ele que começou com isso aí, tá entendendo? Então eu percebi e falei: “Você é jogador camaleão, sabe?” O irmão dele que era o Keke, jogava direto pros pretos, mas ele era camaleão.

Retornando ao documentário, lembro que Pneu prontamente respondeu que Reginaldo era um “camaleão”, uma vez que ele era “da Silva”. O diretor perguntou sobre outros jogadores “camaleões” e tanto pretos quanto brancos foram unânimes em indicar Preguinho, na ocasião a maior estrela do time dos pretos. Mas ele estava

jogando em um time do interior do Paraná e não sabia se voltaria a tempo para a partida que seria realizada no domingo.

O diretor visitou a casa dos pais de Preguinho e pediu ao pai que descrevesse como era seu filho. O pai respondeu: “Isso é problema de uma briga que existe entre eu e ele. A mãe... [ela mostra a cor do braço mais amorenado] O pai [ele encurta a manga da camisa para fazer o mesmo gesto] é branco. Então uma hora ele joga pros pretos, outra hora ele joga pros brancos”. A mãe interveio e disse que o filho havia decidido jogar só para os pretos e, por não concordar, o pai disse que ficava bravo com ele: “Pô, sacanagem, né, meu. O que eu vou dizer para minha netinha? Dizer: ‘Seu tio é preto’.” O pai de Preguinho exhibe a neta para o documentário. Era um bebê de olhos azuis. Wagner Morales pergunta ao pai como ele descreve o filho. O pai responde: “Mostarda. Ele não é nem preto, nem branco”. A mãe dele exhibe uma foto na qual Preguinho tinha cabelos loiros, “castanho bem claro mesmo”. Antes de começar o quarto jogo, o jogo principal, Preguinho chegou. Abraçado com seu pai ele disse: “Eu sou negro, sou seu filho, pô.” Seu pai discorda e diz: “Você não é negro. Você é café com leite. Sua mãe é chocolate, eu sou branco. Você é café com leite”.

Perguntei ao entrevistado 9 quem era esse jogador que alternava sua participação entre os times e ele me respondeu que era um jogador cujo apelido é Preguinho. Esse jogador mulato, filho de pai branco e mãe negra, que joga pelo time principal dos pretos, é recorrentemente rememorado pelas mídias que se ocuparam do evento, como por exemplo, o documentário e a revista *Trip*, alimentando o discurso dos atores: “Os mulatos jogam onde ele quiser, porque tem jogador que a mãe é morena e o pai tem olhos verdes e ele é branco, não tem esse negócio, ele joga no que ele quiser” (entrevistado 6).

Preguinho é um personagem de destaque no “Preto X Branco”, não só pelo capital futebolístico, uma vez que é jogador de futebol profissional, mas por personificar o drama da identificação racial no Brasil, como revela a revista *Trip*.

Preguinho é filho de pai alemão e mãe negra e, mesmo contrariando a vontade do pai, ultimamente jogando para os pretos. “O pai de Preguinho fica bravo quando ele joga para nós”, revela Rappin Hood. Zé Lauro, diretor da parada, diz que a regra é clara: “Tem que ter raiz. No caso do Preguinho, ele pode escolher. Agora, se aparecer um loiro de olho azul para jogar para os preto, não pode”. Dessa vez, quem escolheu jogar pelos brancos se deu melhor, ganhou de 4 a 2. Entre os mais novos, a necessidade de saber quem é melhor é bem presente. “Os nego velho nem liga muito para o resultado, percebo que é mais a minha geração que tem o apetite de ganhar”, afirma Rappin Hood. “Não quer deixar boi”. (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 69)

Preguinho parece se configurar um pólo de onde se deve partir para a comparação com outros jogadores que se autodeclaram mulatos, como, por exemplo, o entrevistado 12, que joga para os brancos. Questionado sobre o motivo pelo qual escolheu esse time, ele nos informa: “É mais familiar, viu. Pela cor da pele dos pais. Tem o Preguinho, jogador nosso aqui, ele é branco, bem mais claro que eu, mas ele fala que a mãe dele é negra, né, então ele joga nos negão todo ano. Sempre foi assim, ele é bem clarinho”.

A matéria da *TV Bandeirantes* apresentou o ex-jogador Luciano Paulista, o Preguinho, que na ocasião disse em entrevista para o repórter Márcio Gontijo: “Teve anos que eu joguei, já cheguei a jogar pros brancos, né. Mas a realidade, minha origem é negra e tem uma briga em casa. Minha mãe é negra, meu pai é branco, alemão do olho azul, então ele quer que eu jogue pros branco. Mas eu, na realidade, sou negrão. Jogo pros negros”.

Uma das características que o entrevistado 9, coordenador do time dos brancos, identifica no rival é a seguinte: “Os brancos jogam só brancos e os pretos, eles já tão até clareando o time. O preto, tem um jogador aí que o pai dele é loiro dos olhos azuis e a

mãe é negra, ele já jogou pros branco e já jogou pro preto, atualmente ele joga pros pretos”. O informante se refere implicitamente a Preguinho, e através do relato dele depreendemos que “clarear muito” significa incluir jogadores sem traços negroides no time dos “pretos”. Isso não seria problema caso os jogadores escolhidos para compor o time dos pretos não fossem considerados bons jogadores.

Esse questionamento parte tanto da torcida quanto dos adversários, como revela o entrevistado 1: “A torcida em si e o meu time, a negrada também não gosta, mas às vezes nós temos que reforçar, né. Às vezes nós temos que reforçar, né, dar um reforço a mais, né”. Isto é, algum mulato que é reconhecido como um bom jogador é convidado para jogar no time dos pretos a fim de deixar a equipe mais competitiva. Talvez tenha sido isso que aconteceu comigo. Não pelo fato de ser um bom jogador, mas pelo fato de ser mais novo que os outros participantes do Sucatão. Ser jovem entre os “senhores” se convertia em um capital a meu favor, e talvez tenha sido por isso que fui logo aceito para atuar no time dos pretos, embora minha escalação não tenha sido contestada pelo time dos brancos.

O documentário visitou a casa de um jogador chamado Marcelo e solicitou que ele descrevesse sua cor. A resposta desse moreno que joga no time dos brancos traduz o sonho brasileiro do branqueamento e a frouxidão da identidade étnica no Brasil:

Eu sou moreno, entendeu? O pessoal vai achar engraçado. O pessoal me enche o saco de falar sobre isso aí, que eu sou moreno, né. Falam que moreno não é cor, ou é preto, ou é branco, entendeu? Mas eu fico ali, em cima do muro, aí todo mundo fica me cobrando por causa disso. “Uma hora você quer jogar no preto, outra hora você quer jogar no branco. Você decide. Ou se joga num, ou se joga noutro”. “Tá bom. Vou jogar nos branco então”. Aí o pessoal apela, dizendo: “Não, você tem traços de negros e quer jogar nos brancos”. Eu falei assim: “Cê não mandou eu escolher? Eu to escolhendo. Vou jogar nos brancos” (MORALES, 2004).

O diretor pediu que Marcelo descrevesse a cor de seu pai e de sua mãe. Ele respondeu dizendo que o pai é branco e que a mãe é negra. Ele fez a mesma pergunta

para a mãe e o pai de Marcelo. A mãe respondeu que era “marronzinha”, explicando que a cor marronzinha significava “café com leite”. A mãe discordou da cor atribuída a seu filho e disse que ele era “queimadinho de sol”. A mãe de Marcelo foi questionada também sobre a cor do marido. Ela respondeu que no registro dele está branco e no de Marcelo também está branco. Por fim, o diretor perguntou ao pai de Marcelo como ele se considera. Ele respondeu: “Eu me sinto negro nessa cor parda mesmo”. Além disso, discorda de Marcelo, dizendo: “Não, pra mim o Marcelo não tem branco, não, pra mim esses traços é preto mesmo”.

Durante o jogo principal escutei um argumento que retratava uma das marcas elegidas pela cultura para a identificação de brancos. Sobre Marcelo, que se autodeclarou branco e atuava naquele time, pôde-se escutar: “Dá na cara dele mesmo. Dá nesse baderneiro aí. O cara tem cabelo duro, quer jogar pros brancos. Vai se fuder, filho da puta!” Aqui o conflito expõe dos níveis de empretecimento de Marcelo e denuncia que o “cabelo duro” é uma das marcas que “não nega” a ascendência negra de um indivíduo.

Marcelo é a antítese de Preguinho. Ambos possuem as mesmas características fenotípicas, isto é, possuem traços de negroides, mas subjetivamente o primeiro se assume como branco, enquanto o segundo se considera negro. Entretanto, ambos convergem em um ponto, na medida em que personificam os dramas relativos à identificação racial no país da miscigenação.

Ao analisar a relação de negros e brancos em São Paulo no século que procedeu à abolição, Andrews (1998) salientou que embora os pardos ocupem uma posição intermediária entre os pretos e os brancos na hierarquia racial, sua posição é muito mais próxima dos pretos do que dos brancos, fato que levou cientistas sociais a concluir que no Brasil a “linha de cor” parece estar localizada entre os brancos e os não brancos, e

não entre os mulatos e os negros, como poderia se acreditar. Isso seria uma evidência de que a “condição racial do moreno está mais associada ao status racial negro que ao branco” (ANDREWS, 1998, p. 385). Esse argumento é reforçado por Bastide e Fernandes ([1955], 2008) que assinalam a forte linha divisória entre “negros” e “mestiços”, de um lado, e “brancos” de outro, reminiscências do século XIX.

Talvez por isso os critérios de participação dos mulatos no time dos brancos sejam tão controversos. Por outro lado, quando optam por jogar no time dos pretos tal escolha não vem acompanhada de maiores questionamentos, embora possa haver alguns comentários, como os proferidos sobre a minha participação no time dos pretos. Uma das situações em que o critério de classificação racial é acionado é nas escolhas dos jogadores em cada um dos times. O entrevistado 1, coordenador do time dos pretos, nos informou sobre o critério de participação dos mulatos:

Os mulatos jogam um ano pros pretos, outro dia joga pros brancos e assim vai, né. Mas a maioria dos mulatos joga para os negros, joga para os negros pra não deturpar o intuito da brincadeira. As pessoas dizem: “Pô, vocês tão clareando muito, está entendendo?” É esse o negócio, e eu faço questão que permaneça assim, senão perde o âmago da questão, né?

A questão é que em virtude da indefinição sobre quem é preto ou branco no Brasil há um grande contingente de mulatos. Onde incluí-los? O entrevistado 4 nos oferece a resposta:

Os mulatos, eles... Vai mais do interesse deles, né, fica no meio termo. Às vezes vai de acordo com a forma que eles escolhem, né. Uns escolhe o lado dos pretos, outros o outro lado. Então eles ficam indefinidos, né. Eles vão optar, eles sempre vão jogar pra um lado. Aqui é ele que faz a opção, é ele que escolhe onde vai jogar.

O fato de se tratar de uma brincadeira serve para atenuar a exigência em torno do critério de participação dos mulatos em um ou outro time, como sinaliza o entrevistado 13, autodeclarado preto, para quem os mulatos deveriam jogar no time dos pretos:

Nós temos aqui japonês que jogam pro lado dos brancos, é assim e eles entendem isso. É uma brincadeira, se você é um pouco clarinho você vai pro lado de lá, e se você é um pouco escurinho vem pra cá, é assim. Toda a brincadeira já começa aí, esse é o intuito nosso.

Mas, e quando aparecem duas pessoas cuja cor da pele é parecida? Com a palavra ainda o entrevistado 13:

Isso aí fica a critério, na hora a gente escolhe. Nós temos um caso aqui que são dois irmãos, é até engraçado porque um é corintiano e o outro é palmeirense, um joga pro lado dos negros e outro pro lado dos brancos, e são dois irmãos. Um tem o cabelo bem escuro que parece índio, o outro a pele mais clara. Então eles puxaram, esse aqui vai jogar pro lado dos negros. Escureceu um pouquinho é pro outro lado.

Técnico dos pretos por sete anos, o entrevistado 3 nos explicou o critério de participação dos mulatos:

Irmão, é assim pra mim: passou das 6, é meia-noite. Mulato é negro. Esse termo mulato eu não gosto. Acho que é negão velho. É preto que nem eu, o tom dele é só um pouco mais claro que o meu, véio. É negão que nem eu e joga pra nós, mas eu acredito que depende muito da pessoa. Se o cara se aceita como negro, né.

Antes de começar o jogo principal os jogadores da equipe dos pretos reclamavam do vestiário que foi reservado para seu time. “Isso é discriminação”, reclamava Preguinho. “Não tem problema”, respondia Rappin Hood, naquela ocasião técnico do time dos pretos.

Sobre a divisão dos times, disse um dos participantes: “Passou das 6 horas, das 18, vem jogar pros crioulo [risos]”.

Mas, e quando não há concordância em relação à participação dos jogadores? Isto é, o que acontece com o jogador quando ele opta para atuar no time dos pretos ou dos brancos, mas ele não é reconhecido enquanto tal? Ele permanece no time? O entrevistado 1 nos oferece a resposta:

Não, não. Principalmente da minha parte, os brancos também fazem. Tem o Dércio, também tirou um rapaz, achou que ele era da raça negra. O Tuquinho trouxe ele de Suzano e ele foi pro vestuário dos brancos, mas o treinador naquela época era o Dércio, que também é um dos fundadores, coordenadores. “É, você não pode jogar conosco, você vai jogar para os pretos”. Ai ficou naquele impasse, eu contornei, né. O rapaz ficou meio constrangido.

A tabela abaixo apresenta o percentual da autodeclaração de cor ou raça no Brasil, a relação que ele estabelece com a região Sudeste e, especificamente, com o Estado de São Paulo:

Tabela 1 - População total e respectiva distribuição percentual, por cor ou raça, segundo as Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas - 2006

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	População				
	Total (1 000 pessoas)	Distribuição percentual, por cor ou raça (%)			
		Branca	Preta	Parda	Amarela ou indígena
Brasil	187 228	49,7	6,9	42,6	0,8
Sudeste	79 753	58,8	7,7	32,5	1,0
São Paulo	41 164	67,9	5,8	24,8	1,6

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

O que se observa é que a proporção de brancos é maior que a de “pretos” e “pardos” em todas as regiões. A tabela a seguir foi extraída do *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2000, e revela dados relativos à quantidade de pretos e brancos no município de São Paulo, em geral, e em cada uma das

subprefeituras da capital paulista, em particular. São João Clímaco, bairro onde está radicado o “Preto X Branco”, faz parte da subprefeitura de Ipiranga, como revela o entrevistado 1:

Nós somos o “preto contra branco”, que é originário do Grêmio Recreativo Flor de São João Clímaco, da região do Ipiranga, São Paulo, capital. Nós estamos localizados na altura do km 10 da via Anchieta, sentido São Paulo-Santos. Minha família é radicada aqui em São João Clímaco, desde o dia 10 de novembro de 1951, que meus pais compraram um terreno aqui, né?

O próprio cartaz de divulgação do evento confirma que São João Clímaco pertence à subprefeitura de Ipiranga. No cartaz lê-se o local em letras maiúsculas:

LOCAL: CDC PARQUE FONGARO
RUA: PROF. SILAS BALTAZAR DE ARAÚJO 220
INFORMAÇÕES: 2351-0341
IPIRANGA – SP

Um outro cartaz de divulgação do evento repete o mesmo telefone e endereço, com exceção do bairro, divulgado como Vila Arapuá. Todavia, a Padaria Advance e o Varol Hortifruti, patrocinadores do “Preto X Branco”, informam que estão situados na região do Ipiranga. Veja a tabela que compara o percentual de brancos e negros de Ipiranga em relação a São Paulo no ano 2000.

Distribuição da População, por Sexo e Raça/Cor, segundo Subprefeituras - Município de São Paulo (2000)

Subprefeituras	Homens				Mulheres			
	Brancos	Negros (1)	Demais (2)	Total	Brancas	Negras (1)	Demais (2)	Total
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	66,3	31,5	2,2	100,0	68,7	29,2	2,2	100,0
Ipiranga	73,3	22,6	4,0	100,0	75,7	20,5	3,8	100,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000; Fundação Seade.

(1) População parda e preta.

(2) População amarela e indígena.

Nota: As pessoas sem declaração de cor foram distribuídas proporcionalmente.

Na falta de uma tabela mais atualizada, fiquemos com o pressuposto de que esses dados não sofreram variação significativa nos últimos 10 anos. Dessa forma, podemos acreditar, a partir da comparação entre a Subprefeitura de Ipiranga e a prefeitura do município de São Paulo, que a primeira possui percentualmente um número de autodeclarados brancos maior que a segunda. Além disso, o primeiro possui um percentual de autodeclarados negros menor que o segundo. Observe que para a composição da categoria “negros” a tabela leva em consideração os autodeclarados pardos e pretos, reforçando o argumento de que ambos são considerados como partes de um mesmo grupo. Em suma, Ipiranga, região em que São João Clímaco está localizada, tem mais brancos e menos pretos que o município de São Paulo.

Talvez essa discrepância entre o percentual de autodeclarados pretos e brancos na região do Ipiranga ajude a explicar a quantidade de jogadores que se apresentam para participar da partida no time dos brancos ou dos pretos. Há um percentual muito maior de brancos, o que faz com que muitos mulatos tenham que participar da partida no time dos pretos, como o meu caso. Por outro lado, o fato de viver sobre a ideologia do branqueamento faz com que muitos mulatos tendam a optar por jogar no time dos brancos.

Dentre os vários jogadores de diversas características que são esperados para o jogo, o *Jornal da Tarde* optou por apresentar dois que traduziriam o diferencial do evento: um mulato que joga no time dos pretos e um sansei que joga no time dos brancos.

Para as quatro partidas de amanhã, 146 jogadores, entre titulares e reservas, estarão em ação. Muita gente não sabe de que lado. Antonio Moreira, 52 anos, é um daqueles que deixa a torcida em dúvida. “Sou mulato que joga no ‘Preto’ há dez anos”, esclarece. “Eu me sinto mais negro do que branco”. Pior é a situação do sansei Jorge Kenji, 52 anos, que demorou quatro anos para conseguir um lugarzinho no clássico. Participante do jogo “sênior”, o oriental é vítima de piadas. “Eu jogo cada vez num dos lados”, diz. Técnico em eletrônica, Jorge também faz o papel de massagista no “Preto Contra Branco”. “Não sou médico, mas entendo de primeiros socorros”, conta. “Sempre trago o meu kit”.⁷²

Mesmo não fazendo parte do ideal do jogo, a presença desse jogador amarelo, de 53 anos, que há 10 frequenta aquela comunidade, não tem time fixo e diz que gosta dali pelas pessoas, serve para personificar o diferencial desse jogo, qual seja: um evento de confraternização onde a ordem é a inclusão.

⁷²*Jornal da Tarde*, sábado, 12/12/2009, Variedades, 8d.



Esse diferencial não se restringe ao sansei Jorge Kenji. A matéria da *Band* apresenta um outro japonês que joga no time principal dos pretos. Fato que é destacado pelo entrevistado 1:

Alguns mulatos jogam direto pros brancos desde o começo, e coincidentemente um irmão está jogando pros brancos e o outro pros pretos, que ele assume mais a negritude dele, tá entendendo? Aqui nós temos japonês preto, japonês, você já viu japonês preto?

Cobiçado por brancos e por pretos, esse japonês “bom de bola”, adjetivo recebido na matéria da *TV Bandeirantes*, disse na reportagem que jogaria pelos pretos porque se diz “mais negro do que muito cara que é branquinho e tá jogando pros negrão”.⁷³

A cor pode ser utilizada como um atributo de um grupo social. Ou seja, a classificação de alguém como “preto”, “branco” ou “pardo” não é algo objetivo, independentemente dos sujeitos e das relações nas quais eles estão envolvidos. A classificação dos indivíduos em categorias de cor equivale a incluí-los em grupos que partilham certas características físicas, psicológicas ou morais. Isto é, a cor das pessoas é condicionada pelas relações partilhadas em sociedade e não existe independentemente do modo como elas percebem e organizam suas experiências de vida (SEYFERTH, 2002).

Os mesmos dramas vivenciados pela sociedade brasileira em função da política de cotas estão, guardadas as devidas diferenças, colocados no “Preto X Branco”: saber quem é preto ou branco no Brasil e quais são as marcas que o indivíduo necessita acumular para ser aceito ou reconhecido como um ou outro. Se na universidade essa escolha pode determinar o destino de um estudante, em São João Clímaco a escolha vai acarretar na participação do jogador em determinado time, que, se vencer, permitirá ao jogador brincar e tripudiar sobre o perdedor, dentro dos limites da compostura. Talvez seja por isso que os mulatos “camaleões”, muitas vezes, escolhem os times para os quais vão atuar, em função da qualidade dos times, para que consigam o único objetivo externo ao jogo: ter acesso a essa possibilidade de sociabilidade que a vitória traz, nesse jogo que ritualiza o drama da identificação racial no Brasil no país da miscigenação.

⁷³ Reportagem exibida pelo programa dominical “Band Esporte Clube” no dia 24/01/2010.

A discussão sobre o racismo através do jogo “Preto x Branco”

O futebol, no contexto de sua popularização na sociedade brasileira, teria representado, em algumas cidades, “Zonas Livres” de circulação, isto é, “espacios para la mezcla, la aparición de híbridos, la sexualidad y la exaltación de desempeños físicos [...que] permiten la articulación de lenguajes y prácticas que pueden desafiar un dominio público oficial y puritano” (ARCHETTI, 2003, p. 42). No caso brasileiro, as “Zonas Livres” serviram para integrar e dar visibilidade aos negros numa sociedade em que, apesar da igualdade conferida após o fim da escravidão, continuava mantendo as hierarquias raciais. Nessa mesma direção, o conceito de “Zonas Livres”, proposto por Archetti, se afina ao modelo empírico proposto por Sansone (2007).

Um dos principais achados de Sansone⁷⁴ é que as relações raciais ocorrem por fatias. A cor é vista como fator importante na orientação das relações sociais e de poder em algumas áreas e momentos – as “áreas duras”⁷⁵ –, enquanto é desproblematizada em outras –as “áreas moles”⁷⁶. As “áreas moles” seriam todos aqueles espaços nos quais o fato de ser negro não acarreta dificuldades, e pode, às vezes, até dar prestígio. Abrange o domínio do lazer, particularmente os espaços⁷⁷ do futebol, do samba, do carnaval e da capoeira. Esses espaços funcionam ao redor daquelas atividades consideradas típicas da “raça”, nas quais o negro pode e deve brilhar. Nesses espaços, “ser negro” pode constituir uma vantagem.

Ainda para Sansone (2007), a hierarquização de domínios e espaços cria um *continuum* da importância relativa à cor: na procura de trabalho, ou seja, nas “áreas

⁷⁴ O autor teve como locus de estudo a cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. Esta cidade, comparativamente a outras capitais brasileiras, possui maior proporção de pretos na população.

⁷⁵ Nas “áreas duras” as relações de cor são: (1) trabalho ou procura de trabalho; (2) mercado matrimonial e paquera; e (3) contatos com a polícia (SANSONE, 2007).

⁷⁶ Nas “áreas moles” as distinções são vistas, sobretudo, como ligadas à classe, à idade, ao sexo e ao bairro (SANSONE, 2007).

⁷⁷ Estes espaços são frequentemente denominados pelo termo abrangente “cultura negra”.

duras”, há o máximo de racismo; nas “áreas moles”, ou espaços da “cultura negra” não há racismo ou ele é mínimo. Em outros termos, poderíamos pensar que a integração do negro na sociedade no período posterior à abolição ocorreu através da apropriação daqueles espaços que Sansone concebe como “áreas moles” nos dias atuais. O futebol do âmbito do lazer pode ser visto como um “espaço implicitamente negro” ou, como ensina Sansone, uma “área leve” de racismo.

Os espaços de lazer seriam espaços racialmente neutros. O domínio do lazer, em geral, e em particular o botequim, o dominó, o “baba”, o bate-papo com os vizinhos na esquina, o sambão, o carnaval, o São João (as quadrilhas, o forró, as visitas aos vizinhos), a torcida, a seresta e, naturalmente, a própria turma com a qual se compartilha uma boa parte do lazer em público. Esses seriam espaços que podem ser considerados espaços negros implícitos, lugares nos quais ser negro não se configura um obstáculo, onde se evita falar em termos de cor e menos ainda em racismo: o importante é ser cordial e se dar bem com todas as pessoas que compartilham o mesmo espaço. A rua, o bairro, o time e a turma são espaços e momentos que os negros compartilham, sem enfatizar sua negritude, com a maioria de não negros: “são espaços e momentos que os negros compartilham com os não-negros, num clima relativamente livre de tensões raciais” (SANSONE, 2007, p. 81).

Parte desses domínios é reproduzida no “Preto X Branco”. Afinal, naquele pedaço funciona um *botequim*, o “Bar do Chuchu”, e é vivenciado um *baba*, termo nativo que, no português da Bahia, é utilizado para designar o futebol de praia ou praticado informalmente. O *baba*, na Bahia, tem o mesmo significado que a palavra *pelada*, utilizada em São Paulo para designar aquele mesmo tipo de futebol informal. A festa de confraternização no Bar do Chuchu e a *pelada* do “Preto X Branco” recebem mais um ingrediente para ser interpretado: ambas poderiam ser vistas como atividades

realizadas em um espaço implicitamente negro. Trata-se de um evento que ocorre numa área leve de racismo em uma atmosfera cordial e relativamente livre de tensões raciais.

A cordialidade com que pretos e brancos convivem durante o evento, disputam as partidas e vivenciam as rodas de samba sugere pensarmos o “Preto X Branco” como uma área leve de racismo, como já indicava Sansone (2007).

Nos jogos de preto contra branco, nós colocamos aqui no nosso reduto, aqui na nossa comunidade, por volta de 3000 pessoas, é o público flutuante, não é um público fixo. É flutuante porque o evento começa 7 horas, 8 horas da manhã e vai até as 6, e nós continuamos com música, batucada em geral, churrasco, pagode, dança, show, choro... Aí chora lembrando o tempo de infância, uns tão bem. Nós temos amigos aqui que estão milionários e tem outras pessoas que estão na diversidade. Tem outros que estão com problema familiar, tá entendendo? Às vezes você tá com milhões, mas você não tem um amigo do lado e nesse dia tá todo mundo, tá entendendo? Todo mundo é classe A, não tem A-Z, todo mundo é sangue bom. É irmão, porque a gente tem que se basear na longevidade do evento, esse que é o top. Eu estou até repetitivo, nós estamos, eu principalmente, mas nós estamos 60 anos no mesmo local (entrevistado 1).

Um valor marcante no “Preto X Branco” é que aquele evento trata-se de um “encontro de amigos”. Essa expressão pôde ser lida não só nas canecas de chope comemorativas do evento, mas em todos os cartazes e faixas de divulgação que foram confeccionados.



Faixa fixada em frente ao Bar – Arquivo pessoal – Dezembro/2009

Além de materializada através desses meios, essa expressão é bastante recorrente no discurso dos participantes. Isso sugere que a amizade é um valor muito forte na memória do “Preto X Branco”. Afinal, foi através dela que esse evento idealizado no início da década de 1970 se perpetuou a ponto de hoje se constituir em uma tradição de quase 40 anos. Isso seduziu a mídia, que foi buscá-lo a fim de produzir um documentário, matérias televisivas ou matérias jornalísticas tomando como fonte a memória produzida pelo e sobre o grupo.

A presença da mídia serve para legitimá-lo ao mesmo tempo em que reforça a maneira como aquele grupo gosta de se ver. Esse discurso foi reverberado em uma das mídias que se ocuparam do evento. Basta lembrarmos a capa da revista *Trip sobre o evento cujo título era*: “Pretos x brancos: uma partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil”. Todavia, apesar de ter se cristalizado um discurso de que aquele evento se trata de um “encontro de amigos” e que contesta o preconceito racial no Brasil, ele não ocorre totalmente isento de tensões raciais.

Tentando compreender melhor essa tensão, uma das perguntas da entrevista semiestruturada realizada com os participantes dos jogos visava descobrir se já houve alguma manifestação de racismo naquele pedaço. As respostas dos entrevistados foram ambíguas nesse sentido. Há quase um uníssono em afirmar que não há racismo naquele evento. Afinal, como poderia haver racismo em um jogo que foi idealizado para a confraternização entre amigos que se autodeclaram pretos ou brancos e que contesta o preconceito racial na sociedade brasileira?

Além de algumas vozes dissonantes, o cruzamento das fontes nos mostrou o contrário. Ora negando, ora assumindo, as respostas dos entrevistados revelam a especificidade do racismo no Brasil. Vamos às fontes para analisar o primeiro caso:

“Racismo nunca teve porque aqui é o seguinte, nós somos amigos”, afirma Nitão. “Dentro de campo a gente xinga, fora a gente xinga, mas é tudo amigo. Racismo é lá na casa do... Sei eu lá onde. Aqui não tem. Bom, eu não tenho porque meus compadres são tudo preto” (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 66).

O entrevistado 10, 28 anos, autodeclarado branco, nega que já tenha havido alguma manifestação de racismo naquele pedaço:

Aqui agente não tem espaço pra esse tipo de coisa, não, muito pelo contrário. Aqui a gente sempre prega, sempre prego... Eu tô aqui nesse espaço tem 22 anos já, né, nunca... Desde as categorias de base que a gente têm formado, que eu participei também... Até agora os mais velhos, os veteranos, jogam os veteranos do Arapuá aos domingos aqui nesse espaço... Nunca.

O entrevistado 6 vai além, dizendo: “Aqui não existe isso [se referindo ao racismo], uma coisa que nós já estamos juntos há 45 anos, amizade de 45 anos, né, brincadeira, não. Nunca teve. Não, se tem eu não fiquei nem sabendo”. Foi esse entrevistado que me disponibilizou a matéria da revista *Trip*, e, segundo ele, foi o fato de não haver racismo naquele grupo que fez com eles fossem procurados pelas mídias. Quando questionado se já houve alguma manifestação de racismo, ele respondeu: “Não. Pra sair essa matéria na revista *Trip*... Foi uma professora da USP que aprovou a matéria, e analisando tudo, como que é o negócio de racismo, tem uma foto que tem um preto e um branco se apertando, está até elogiando o negócio”.

A doutora Lilia Moritz Schwarcz é a professora em questão. Receber um elogio daquela que é uma das principais referências acadêmicas na discussão racial no Brasil foi interpretado como um valor que legitima o grupo e o evento que eles promovem. O entrevistado concluiu sua interpretação sobre manifestações de racismo naquele espaço dizendo que “ele [falando sobre alguém] pode não ter uma manifestação, mas pode existir. Manifestação é que existe, mas há amizade entre os pretos e os brancos. Aqui não tem racismo”. Nessa direção, a matéria da *TV Bandeirantes* também se ocupou desse tema:

E se engana quem pensa que o “Preto X Branco” é motivo para alguma manifestação de racismo. O clima é o da mais pura amizade. [Um dos participantes diz:] “Esse jogo de preto e branco é pra mostrar realmente aquela integração de preto e branco e todas as raças, né. Então aqui amarelo, branco, enfim, aqui é uma grande confraternização” (Programa “Band Esporte Clube”, 24/01/2010).

Uma outra interpretação apresentou o entrevistado 8, autodeclarado branco. Questionado se acha que já houve alguma manifestação de racismo no “Preto X Branco”, ele disse: “Existe, infelizmente existe, não dá pra negar”. Questionei em qual momento tais manifestações racistas teriam ocorrido e ele nos revelou:

O que eu disse pra você, às vezes uma jogada mais pegada, aí um branco chama de macaco, o negro chama de sei lá alguma coisa, fica meio... Se fosse no dia a dia, uma situação tensa, né, uma situação meio chata, né, mas futebol é aquele negócio, então tem que relevar pra evitar, né.

Perguntei se já havia visto alguma dessas manifestações e ele complementou: “Já, é que às vezes lá dentro fala coisa que não deve, depois a gente esquece, e chama negro de macaco. É meio ofensivo pra mim, mas lá dentro o negócio tá pegando, existe esse termo pejorativo que eu acho que magoaria, mas também, às vezes, esse pessoal negro fala”.

O entrevistado 11 afirma que aquele evento se trata de uma brincadeira e que nela não há racismo: “Não, nessa brincadeira, não. O intuito dela é uma integração, né. Rivalidade dentro do campo existe, né, ninguém que perder”. Além disso, o mesmo entrevistado revelou uma questão interessante quando disse que esses xingamentos partiam de pessoas conhecidas. “Mas você sabe que quem tá xingando tem intimidade” complementou. Questionado sobre quais seriam esses tipos de xingamentos, o entrevistado revelou uma gozação amparada sob o resíduo da hierarquia das raças: “Oh,

seus macaco... Mas no fundo é gozação, né, porque é tudo conhecido, então tem essa liberdade de brincar”.

No documentário, Rappin Hood disse:

Às vezes o cara tem vontade de falar mas ele não pode. E daí no dia da brincadeira ele aproveita para falar. Eu não vou negar não, mano. Tem coisa que eu escuto no dia do jogo que se for em dia normal o bicho pega. Que eu não vou ouvir quieto.

Zé Lauro interveio dizendo que ele brinca com todos os pretos porque “todos eles me conhecem. Eu não faço por maldade. Eu faço por brincadeira mesmo”. Rappin Hood tomou a palavra e reforçou: “Lógico. E a brincadeira é entre nós que se conhecemos. Se o senhor Zé Lauro brincar comigo eu vou aceitar, né, mano. Ele me conhece desde muleque”.

Pensemos em Sansone (1996) quando ele diz que a terminologia popular brasileira inclui um conjunto de termos usados em diversos contextos sociais, como, por exemplo, no grupo de amigos, onde nas brincadeiras e nas brigas usam-se certos termos que não seriam empregados fora desses contextos. Um termo altamente pejorativo como esse (“macaco”) poderia ser usado por brancos para se referir a pretos, caso não fossem amigos? Parece que a relação de amizade entre os interlocutores compõe a linha tênue que distancia a ofensa da brincadeira. O contraponto dessa brincadeira será visto no próximo item, onde analisaremos as diversas manifestações em que o uso do termo “macaco”, num momento de competição e entre desconhecidos, vinha ocorrendo nos estádios de futebol do mundo inteiro, do Brasil e em São Paulo. Isso fez com que a Federação Paulista de Futebol organizasse uma campanha, a partir de 2006, na qual os atletas participantes de competições promovidas por aquela federação entravam em campo trazendo uma faixa com os dizeres: **“RACISMO, AQUI NÃO!”**.

Ainda de acordo com o próprio *site* dessa federação, essa campanha tinha o “objetivo de conscientizar atletas e torcedores de que a discriminação racial manifestada por atos ou palavras deve contar com o repúdio de todos que lutam por um país melhor”.

No mesmo site⁷⁸ podemos ler as intenções da federação:

a Federação Paulista de Futebol acredita que qualquer tipo de discriminação deva ser banido da sociedade. Entende que o racismo é um dos piores meios de se tentar provar uma superioridade racial inexistente e absurda que, ainda nos dias de hoje, podemos testemunhar em atos incompreensíveis. [...] No intuito de fazer parte de um movimento para banir o racismo dos estádios de futebol, a Federação Paulista de Futebol sente-se na obrigação de trabalhar na conscientização de todos os que freqüentam o ambiente esportivo ao demonstrar total repúdio à discriminação racial. Esperamos que essa proposta se transforme na realidade de uma sociedade igualitária, na qual não haja diferenças de raça, credo ou cor.

Esse ordenamento do órgão máximo do futebol paulista é reproduzido no interior das instalações da quadra de bocha do Parque Fongaro. Nas paredes há vários pôsteres de seleções brasileiras, de clubes de outros estados e do próprio estado de São Paulo, dentre os quais figura um do Sport Club Corinthians Paulista, clube mais popular de São Paulo, referente ao título de campeão paulista daquele ano de 2009. Na foto do título, aquela que ficará guardada para a posteridade, aparece uma faixa com os valores que a Federação Paulista quer propagar e um dos valores celebrados por aquele pedaço: a negação do racismo.

⁷⁸<www.fpf.org.br>.



Pôster do Corinthians exibido nas paredes do Parque Fongaro – Arquivo pessoal – Agosto/2009

Esse ordenamento antiracista teria desenvolvido uma cultura pacífica, avessa a qualquer tipo de discriminação, que estaria sintetizada nas placas dentro do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho – conhecido como Pacaembú – como a da foto abaixo:



Arquivo pessoal – Julho/2010

Ivonne Maggie (2005-2006) cita que há três formas de classificação de cor no Brasil: a do IBGE, que coincide com a do Estado (pretos, pardos, brancos e amarelos); a forma romântica do mito fundador da civilização brasileira (branco, índio, negro) e a da vida cotidiana. O “Preto X Branco” revela que o termo “macaco” é uma das formas de classificação da vida cotidiana. Nesse âmbito, o lugar, a posição de quem fala e, sobretudo, o grau de relação entre as pessoas determinarão se a utilização de um termo ou de outro será ofensiva ou não. A compreensão desses códigos é um imperativo necessário para interpretar as relações interétnicas dadas naquele contexto. Se for alguém do pedaço e esse alguém tiver intimidade ou uma relação de proximidade que o habilite a brincar com o outro, se tolera a utilização do termo “macaco” como forma de referência ao negro. Entre pessoas próximas, a utilização do termo deixa de ser vista como uma ofensa e passa a ser tolerada como uma brincadeira, ainda que não proporcione nenhum tipo de capital positivo a favor dos negros. Não acredito que algum

desconhecido naquele pedaço se atreveria a ter algum tipo de comportamento que pudesse ser considerado ofensivamente racista.

Apesar de essas manifestações de racismo terem sido lembradas por parte dos próprios atores, observa-se que no documentário e na revista *Trip* há um interesse do grupo em negá-las naquele pedaço. Afinal, como esse jogo “sem conotação racista”, conforme foi apresentado pelo *Jornal da Tarde*, e que colocaria em xeque o preconceito racial no Brasil, se relembrarmos as palavras da revista *Trip*, poderia se gabar desse diferencial se ali houvesse manifestações de racismo? Daí o interesse em negá-las, silenciá-las e considerar a emissão do termo “macaco” como parte de uma brincadeira.

Há um coro de vozes que negou haver alguma manifestação de racismo naquele pedaço. Por exemplo, quando o entrevistado 4 foi questionado sobre o que uma torcida canta para outra, ele disse: “Ah, tem essas brincadeiras aí, né? Tira sarro quando sai gol, mas sem desavença, sem nada”. Por mais que eu o estimulasse a contar como eram essas brincadeiras, o entrevistado relutava em explicitá-las. Mais à frente pude ver que o que esse entrevistado chamava de “essas brincadeiras” na verdade se resumia ao fato de os brancos chamarem os pretos de “macacos”. Por mais que houvesse a intenção de negá-las, o contraste entre as diversas fontes (entrevistas e matérias sobre os jogos) sugere que há manifestações dos estereótipos raciais naquele pedaço. O silêncio do entrevistado com relação a essa questão revela a presença dessas manifestações e a vergonha por elas existirem. Daí a censura em revelá-las.

No decorrer da entrevista ele afirmou que nunca presenciou nenhuma manifestação de racismo no evento. Perguntei se ele achava que havia racismo ali e ele respondeu:

Eu acho que sim, mas como eu te falei desde o início, não aqui na área. Na área aqui eu nunca presenciei, na área do futebol aí, na base, no profissional eu nunca presenciei, pelo menos na área que eu frequento em São Bernardo

eu nunca vi. Você vê aí o pessoal saindo aí, cada pessoa de cor, e é realmente aí nossa área, nós temos esse conceito. [...] Que eu tenha visto, nenhuma. Que eu tenha visto, assim... porque a festa é muito grande. [...] A festa é muito grande, mas que tenha sido, assim, que a gente percebeu, que teve um bafafá com negócio de racismo, não teve não, acho que não. Tem as brincadeiras dentro de campo, o pessoal quando faz gol que imita umas coisas.

Perguntei o que seriam “essas coisas” e ele finalmente revelou: “Macaco, outro que zoa os brancos. E negócio mesmo dentro de campo, mas não passa dali, não, dentro das quatro linhas. Depois o respeito é mútuo”.

No dia 13 de dezembro de 2009, na ocasião da visita para realização da minha pesquisa de campo, recebi de Chuchu uma reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, de autoria de José de Souza Martins, sobre a suspensão do presidente do Palmeiras, Luiz Gonzaga Belluzzo⁷⁹. A princípio não haveria motivos para recebê-la, uma vez que a reportagem tratava da punição do dirigente do Palmeiras por causa de insultos proferidos contra um árbitro. No entanto, o jornalista fez menção ao “Preto X Branco”.

Belluzzo e o insulto⁸⁰

A condenação do presidente do Palmeiras, o professor da Unicamp, Luiz Gonzaga Belluzzo, a nove meses de suspensão do exercício da função, é desses fatos que já entraram para o folclore do futebol brasileiro, incluído no repertório das rodas de cerveja dos botecos, dos bate-boca de esquina e até da macarronada dominical dos palmeirenses dos velhos bairros operários. Sobretudo porque Belluzzo é conhecido por sua cordialidade, sua sensatez e boa educação. Nem faltará nos lugares dos guias emblemáticos das disputas verbais sobre o futebol o Bar do Vô, da Rua do Hipódromo, onde se vê de longe a melhor coleção de cabeças grisalhas da Mooca, torcedores do Palmeiras e do Juventus, cujo estádio fica a poucos passos. É um dos poucos lugares em que a população torce lealmente para os times, memória que se perde na história da imigração italiana.

A decisão punitiva da Comissão Punitiva do Tribunal de Justiça Desportiva seria mais compreensível se se tratasse de julgamento relativo a fato ocorrido num colégio de freiras, dos antigos. Mais difícil de compreender na lógica popular do futebol, de que o insulto é constitutivo. Futebol sem xingamento e insulto não é futebol, é jogo de amarelinha. O futebol nasceu justamente na Inglaterra tensa da sociedade de classes decorrente da Revolução Industrial.

⁷⁹ O mandatário palmeirense foi julgado pelas reclamações e acusações feitas ao árbitro Carlos Eugênio Simon após a derrota para o Fluminense por 1 a 0, no Campeonato Brasileiro de 2009. Na ocasião, o árbitro teve uma atuação bastante contestada. Ao final da partida, Belluzzo declarou que Simon é um “vendido” e ainda o xingou de “safado”. Disponível em: <http://www.futebolinterior.com.br/news.php?id_news=105844>, último acesso em: 11/01/2010.

⁸⁰ *O Estado de S. Paulo*, segunda-feira, 23/11/2009, Cidades/Metrópole, C8.

Nasceu como instrumento politicamente terapêutico e válvula de escape das tensões sociais, para que o jogo da economia pudesse continuar. Veio para cá nesse mesmo espírito, não por acaso introduzido por Charles Miller, nativo do proletário Brás, empregado da São Paulo Railway.

Um muito bem feito filme etnográfico, de Wagner Morales – preto contra branco – documenta, justamente, os conflitos sociais e étnicos da favela de Heliópolis. Uma famosa disputa de futebol de várzea, sempre às vésperas do Natal, laboriosamente preparada ao longo de um inteiro de discussões e de racismo dissimulado num boteco do lugar, tem por objetivo promover o confronto entre os que se julgam pretos e os que se julgam brancos, apesar do enorme número de mestiços. O racismo cotidiano vai nessa peleja ao seu extremo. Os palavrões e xingamentos que ali são ditos, todos de ofensivo conteúdo racial, em que especialmente as mães não são poupadas, deixam os cabelos de todos os membros do TJD de pé e ainda faltaria cabelo para eriçar.

A grande descoberta sociológica dos moradores de Heliópolis foi a de que a tensão das disputas futebolísticas põe entre parênteses a vida cotidiana e até a civilidade. A indignação de Belluzzo e dos palmeirenses situa-se no intervalo do parêntesis, e das tensões da disputa em campo cujo tempo não se restringe aos 90 minutos do jogo, mas por tradição se estende pela semana inteira.

Apesar de se referir à punição de um presidente de um clube profissional o jornalista buscou no “Preto X Branco” o pólo comparativo para demonstrar que os insultos e as ofensas fazem parte do cotidiano do futebol, seja ele profissional ou não, inclusive ali, nos jogos promovidos pelo Flor de São João Clímaco. Entretanto, as manifestações de racismo que foram denunciadas pelo jornalista a respeito do “Preto X Branco” não foram admitidas por Chuchu como ofensivas. Ele, que é um dos principais protagonistas daquele jogo, elogiou minha atitude de vivenciar diretamente o evento justamente para observar como ali não há racismo e não incorrer no erro do jornalista, que não vivenciou a experiência do “Preto X Branco” e interpretou as verbalizações a respeito dos pretos como ofensas raciais.

Schwarcz (2003) analisou a lei 7.716 de 5 de janeiro de 1989 e observou que há no primeiro artigo uma evidência de como é confusa a definição da questão racial no país. O texto diz que serão “punidos, na forma desta Lei, os crimes de preconceito de raça ou de cor”. O fato de os termos “raça” e “cor” aparecerem como sinônimos revela que, no Brasil, “os termos são homólogos e cambiáveis” (SCHWARCZ, 2003, p. 53).

Após apresentar 20 artigos dessa lei a autora chegou à conclusão de que ela “se mostra pródiga em três verbos: “impedir”, “recusar” e “negar”. Racismo é, portanto, proibir alguém de fazer alguma coisa por conta da sua cor de pele (*idem*, 2003, p. 55).

Partindo dessa perspectiva podemos interpretar que, de fato, não há mesmo racismo naquele pedaço. Ao contrário, caso os pretos tivessem sido impedidos, recusados ou negados de realizar alguma coisa ao longo da história do “Preto X Branco”, esse evento tão valorizado pela tradição e pela cultura local não seria idealizado e tampouco perpetuado.

Um dos personagens entrevistados durante a pesquisa foi Wagner Morales, diretor do documentário “Preto X Branco”. Questionado se achava que havia racismo naquele espaço, ele disse:

Sim, em relação ao jogo “Preto contra branco” que ocorre no bairro de São João Clímaco, acho sim que ocorre racismo. Da mesma forma como ocorre em qualquer situação cotidiana no Brasil. Um racismo disfarçado pelo humor, pela falsa camaradagem, pelo mito da mistura racial. Durante o jogo e nas conversas com as pessoas, é possível ouvir sempre aquela ideia de tolerância, “aqui é tudo amigo”, esse tipo de imagem idílica de paraíso racial.

A leitura que podemos fazer é que, de fato, ali não há racismo, uma vez que não se impede, não se recusa ou não se nega nada aos pretos. Ao contrário, esse grupo étnico compartilha, ao lado de brancos, pardos e amarelos, dos mesmos direitos e deveres. Isso não quer dizer que ali não haja nenhuma forma de manifestação das representações estereotipadas que povoam o imaginário da sociedade brasileira sobre os pretos, e tampouco garante que não vá ocorrer naquele espaço nenhuma manifestação de inferiorização com relação aos pretos.

No entanto, a definição de racismo do ponto de vista legal é diferente das percepções dos atores sociais sobre as estereotípias que emergem naquele contexto. Por isso, talvez seja mais viável interpretarmos o ritual do “Preto X Branco” como uma

espécie de ritual de inversão, no qual os constrangimentos são exagerados ou carnavalizados naquele tempo ritual em que as hierarquias das raças podem ser lembradas ou acionadas, sem que haja a preocupação com o espaço legal. Pretos e brancos, ao construírem artificialmente um conflito por meio de um jogo, acabam por dar visibilidade as hierarquias que hoje, de certa forma, são constrangidas pela legislação.

Talvez o motivo dos jogos seja dar visibilidade àquilo que a sociedade reprime ou esconde. No caso das hierarquias raciais, elas sempre foram escondidas no Brasil liberto da escravidão. Ser racista “pega mal”, mas aqui nesse conflito artificial e carnavalizado podemos revelar o que está escondido ou reprimido, seja pela cultura seja pelas leis atuais. Nesse sentido, podemos dizer que o “Preto X Branco” é um palco de injúrias⁸¹ que podem ser lidas através de dramatizações dos estereótipos a respeito dos pretos na cultura brasileira.

Esse ponto será desenvolvido num item à frente, onde analisaremos o sentido da utilização do termo “macaco”. Por hora fiquemos com o interesse do grupo em negar a presença do racismo naquele pedaço e celebrar o discurso da convivência pacífica e harmônica entre os diferentes matizes da sociedade brasileira.

O mito identitário da democracia racial no “Preto X Branco.

Gerado no início do século XX, o mito identitário da “democracia racial” foi sendo propagado no Brasil chegando ao final da primeira década do século XXI como uma das principais marcas distintivas da brasilidade. Sansone (1996) entende que o mito

⁸¹ No Código Penal Brasileiro, no Capítulo V – Dos crimes contra a honra, lê-se:

“Art. 140. Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro:

§3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência.

Pena – reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos e multa” (p. 106)

da democracia racial é aceito por uma grande parte do povo, que o reproduz no próprio cotidiano, articulando-o numa série de discursos populares. De fato, o brasileiro orgulha-se de dizer que é um povo mulato, misturado, ou, no extremo, que tem “sangue crioulo”.

Munanga (1994) chama atenção para esse ponto quando salienta que o mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira na medida em que exalta a ideia de convivência harmoniosa de todas as camadas sociais e grupos étnicos. Enquanto na opinião do autor a perpetuação desse mito permite às elites dominantes dissimularem as desigualdades, impedindo uma tomada de consciência por parte dos membros das comunidades não brancas sobre os sutis mecanismos de exclusão do qual são vítimas na sociedade, em São João Clímaco esse mito identitário é valorizado e celebrado pelo ritual do “Preto X Branco”.

Em alguns âmbitos, como a família e o lazer, esse mito popular coexiste com a relativização da cor nas práticas sociais e com a produção de estratégias individuais de gerir o ser (fisicamente) negro na vida cotidiana. Definida como o mito fundador das relações raciais brasileiras, a democracia racial é um mito aceito pela grande maioria dos brasileiros e é reproduzido na vida cotidiana. Nas classes mais baixas, como as que vivem na região do Ipiranga, esse mito popular coexiste com a minimização da diferença de cor nas práticas sociais e em momentos de intimidade.

Isso fica particularmente evidente em certas áreas, como na vida familiar e no lazer, momentos de vivência do “Preto X Branco”. Uma partida de futebol realizada em plena harmonia não só por pretos e brancos, mas por todos os matizes étnicos que compõem a população brasileira. Esse é um dos valores celebrados pelo “Preto X Branco”. Nesse sentido esse jogo-ritual reforça a construção identitária da democracia

racial através do futebol. Esse mito identitário é reforçado por um membro do grupo que destaca o fato de o “Preto X Branco” não ter confusão. O mulato personifica as supostas relações harmônicas que existiriam na cultura brasileira. O valor que a miscigenação assumiu na cultura brasileira é reforçado pelo entrevistado 1:

Você tem que partir do seguinte princípio: se nós formos analisar o Brasil, o Brasil é mulato, o Brasil nosso é mulato e a tendência é cada vez mais devido à miscigenação. É a miscigenação que sustenta o Brasil, isso é de Paulo Freire, não é minha, não. O que sustenta e que não faz o Brasil explodir é a miscigenação. Aí quando você vai enfrentar, você fala: “Pô, mas a minha avó era negra, a minha mãe é negra, e meu pai é branco (entrevistado 1).

A noção de etnia se encontra mesclada a outras noções conexas, como as de povo, de raça ou de nação, com as quais se mantém relações ambíguas cujo rastro encontramos nos debates contemporâneos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). Nesse caso, a ideologia nacional do “Brasil mulato” está cristalizada na elaboração desse ator social. O entrevistado chega inclusive a se confundir e citar o pedagogo Paulo Freire como sendo o autor dessa tese, quando, na realidade, foi o sociólogo Gilberto Freyre, que a elaborou e a eternizou no livro *Casa Grande & Senzala*, publicado em 1933.

Esse argumento parece ter se cristalizado na memória coletiva como uma convicção nativa que é tanto reconhecida pelos atores entrevistados, quanto reproduzida no interior da sociedade brasileira, através de textos acadêmicos e jornalísticos, como o que segue abaixo, do ex-jogador Tostão:

Diferente da técnica, a **habilidade é corporal, natural e instintiva. [...] A mistura de raças é um dos motivos da freqüente habilidade dos jogadores brasileiros.** Além disso, como o Brasil é um país pobre, os meninos, em vez de passar todo o dia nas escolas, divertem-se com as bolas nas ruas” (Tostão – grifo nosso)⁸²

⁸²*Estado de Minas*, domingo, 12/02/2006, p. 34.

A análise da produção discursiva sobre o “ser brasileiro” perpassa por uma compreensão do conteúdo simbólico e político da mestiçagem, que toma o futebol para a construção da identidade brasileira. Tomada como a “forma nova de diferenciação nacional”, sendo o mestiço o agente transformador por excelência da cultura nacional, a mestiçagem transformou-se em símbolo da brasilidade, a partir do sincretismo de elementos culturais. O futebol, o samba, a capoeira e o candomblé se transformaram, assim, em representantes do Brasil, e passaram, a partir dos anos 1920-1930, a atender à demanda da construção da nacionalidade brasileira. Esses produtos identitários ilustrariam a “democracia racial brasileira”, um dos mitos nacionais que privilegia o discurso assimilacionista de uma nação que soubera romper com o passado escravo e vislumbrar um futuro a partir do legado das suas matizes étnicas.

Miscigenados, esses símbolos brasileiros dramatizam uma das marcas distintivas da identidade brasileira: a ilustração ideológica da propalada convivência pacífica entre os antagonismos da sociedade brasileira, que se tornaria um modelo de paz interétnica a ser copiado. Essa ideologia não é apenas verbalizada por parte dos atores, como também aparece de forma alegórica na camisa confeccionada para celebrar o festival de 2008: uma camisa preta e branca que mostra objetivamente o confronto ritual entre os dois grupos.



Foto da camisa comemorativa do evento de 2008 – Arquivo pessoal – Agosto/2009.

A tônica da fala dos participantes é indicar a mestiçagem como traço distintivo da identidade brasileira, frisar que ali não há racismo, louvar a convivência pacífica não só entre pretos e brancos, mas entre todos os matizes étnicos que compõem a sociedade brasileira, bem ao gosto do discurso identitário da democracia racial. Ainda que não dito explicitamente, esse discurso nacionalista está presente subliminarmente na elaboração dos nossos entrevistados. Está presente também na camisa, ainda que ela tenha a intenção de indicar o confronto entre dois grupos a partir desse jogo ritual que dramatiza a contradição de distinguir as raças no interior de uma sociedade que se pensa miscigenada.

As tensões e diferenças geradas pela cor da pele ou outras marcas fenotípicas, oriundas de nosso passado escravocrata, são escondidas pela democracia racial e destacadas no jogo de inversão ritual. A leitura que podemos fazer dos relatos dos atores sobre os jogos seria a da conciliação e da igualdade permitidas pelas interpretações ideológicas sobre os “produtos mestiços”. Decorrente da positividade como foram

encaradas as relações raciais na sociedade brasileira, a “democracia racial” expressava o *ethos* civilizado de uma nação que soubera superar, sem conflito, o preconceito racial.

Alegorias do discurso ideológico da “democracia racial”, os “produtos culturais mestiços” – como o futebol – dramatizam um dos traços distintivos da concretização da brasilidade, que se reflete naquela partida da periferia de São Paulo. Todavia, esse pedaço ainda se ressentia ou guardava resíduos das representações estereotipadas sobre os negros na cultura brasileira, como veremos no próximo item.

Os estereótipos raciais através do “Preto X Branco”

O futebol é um palco de dramatizações sobre as representações das raças e uma arena de disputa em torno das formas de representá-las na sociedade brasileira. Nessa direção, se as representações devem ser descritas para permitir formulações cognitivas de grupos ou tipificações sobre o “outro”, de 2004 a 2010 o cenário esportivo conviveu frequentemente com manifestações que traduziam a representação sobre a “raça negra”.

Os estereótipos, geralmente apresentados de forma negativa, tanto dos discursos escritos quanto nos falados, exprimem ideias limitadas, construídas sobre uma base de comparações entre a imagem do “eu” e do “outro”. Essa linguagem racista é recorrentemente acionada no cenário esportivo e reflete os estereótipos que povoam o imaginário acerca dos negros. Nos estádios de futebol do Brasil e do exterior os jogadores que eram considerados negros ou mestiços vinham sendo apupados através de sons, símbolos ou onomatopeias relacionadas ao mundo animal/natural, através da figura dos “macacos”. Os exemplos se acumulam. Citemos alguns:

- Em uma partida pelo Campeonato Paulista de 2005, o argentino Frontini, jogador da equipe do Marília, teria ofendido o jogador Fabão, da equipe do São Paulo, chamando-o de “macaco”. O caso foi resolvido internamente⁸³, sem maiores repercussões;
- No dia 14 de abril de 2005, o jogador argentino Leandro Desábato teria ofendido o brasileiro Grafite, com insultos racistas: “*Negrito de mierda, enfia la banana en el culo*”⁸⁴. O argentino foi preso, indiciado por “injúria qualificada de racismo”;
- No dia 27 de abril de 2005, em uma partida amistosa entre as seleções do Brasil e da Guatemala, um torcedor jogou no gramado do estádio do Pacaembú, em São Paulo, uma banana com os dizeres “Grafite macacô”⁸⁵;
- Em uma partida do Campeonato Mineiro de 2005, o jogador Wellington Paulo, da equipe do América, ofendeu o jogador do Atlético Mineiro, André Luiz, também com a palavra “macaco”. A justificativa do jogador é que ele teria ofendido o adversário no “calor no jogo”, mas depois se arrependeu⁸⁶;
- Em uma partida disputada pelo Campeonato Brasileiro de Futebol de 2005, o jogador Tinga, do Internacional de Porto Alegre, foi hostilizado pela torcida do Juventude de Caxias do Sul, que o chamou de “macaco”⁸⁷⁸⁸;
- Renato, jogador do Flamengo, reclamou que torcedores do Palmeiras teriam feito imitações de macaco quando ele deixava o gramado do estádio Palestra

⁸³ *O Lance*, 15/04/2005, p. 23.

⁸⁴ *O Lance*, 15/04/2005, p. 23.

⁸⁵ *O Dia*, sexta-feira, 29/04/2005.

⁸⁶ *Globo Esporte*, 22/03/2005.

⁸⁷ É o artigo 187 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva que trata do assunto. Se forem indiciados, julgados e punidos, os clubes cujas torcidas se envolverem em situações de racismo poderão arcar com uma multa de R\$ 10 mil a R\$ 20 mil, além de perda do mando de campo de um a dez jogos.

⁸⁸ Partida realizada no dia 22 de outubro de 2005. Por esta atitude da torcida, o Juventude foi punido pelo STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) em R\$200.000,00, além da perda do mando de campo por duas partidas. Disponível em: <www.globoonline.com.br>, último acesso em: 05/11/2005.

Itália, em São Paulo, em uma partida realizada entre estes clubes, em 2005;

O árbitro sergipano Antônio Hora Filho não registrou o fato na súmula da partida, porque não teria visto o incidente. Por isso, o caso não foi julgado⁸⁹;

- O ex-jogador Antonio Carlos, atuando pelo Juventude, em Caxias, Rio Grande do Sul, foi acusado por Jeovânio, do Grêmio, de ter lhe dirigido insultos racistas durante uma partida do Campeonato Gaúcho de 2006;
- No dia 12 de novembro de 2008, o goleiro Felipe afirmou ter sido alvo de insultos racistas de torcedores do Juventude, em Caxias do Sul, pela Série B do Brasileiro. Segundo o goleiro, da arquibancada os torcedores o chamavam de “preto safado”⁹⁰;
- Após o término da partida do dia 24 de maio de 2008, contra o ABC, de Natal, Rio Grande do Norte, os jogadores do Corinthians que saíam para o vestiário vivenciaram uma situação lamentável. Na ocasião, torcedores da equipe potiguar cuspiram em atletas corintianos e gritaram palavras racistas contra o goleiro Felipe⁹¹;
- Em 2009, o jogador argentino Maxi Lopes, na ocasião atuando pelo Grêmio, chamou o jogador cruzeirense Eli Carlo de “macaco”;
- Em 15 de abril de 2010, o jogador Danilo, atleta do Palmeiras, chamou o jogador Manoel, do Atlético Paranaense, de “macaco” quando ambos disputavam uma partida pela Copa do Brasil.

Se o ato de lembrar se insere dentre as múltiplas possibilidades de registros do passado, a elaboração das representações identitárias na memória coletiva contribui para

⁸⁹ Disponível em: <www.globoonline.com.br>, último acesso em: 05/11/2005.

⁹⁰ Disponível em: <www.estadao.com.br>, último acesso em: 14/11/2008.

⁹¹ Disponível em: <<https://seguro.lancenet.com.br>>, último acesso em: 26/5/2008.

disseminar as lembranças entre as gerações, determinando o pertencimento dos sujeitos históricos a etnias. Ocorridos paralelamente, a abundância de apupos rememorava os estereótipos do binômio “negro-macaco”. O fato de essas identidades emergirem a partir do contexto esportivo talvez não seja meramente fortuito. Afinal, o que é o ritual do esporte senão uma situação de disputa entre iguais? Se o conflito esportivo celebra o princípio da “igualdade”, as ideias sobre as “raças” são relembradas nos momentos em que há necessidade de marcar a distinção e estabelecer a “diferença”. Depreende-se daí a importância que a “raça” tem recebido na atualidade. Ela é uma moeda de distinção acionada em momentos de conflito e de marcação das diferenças em um espaço igualitário.

Essas representações estereotipadas sobre a “raça negra” foram acionadas nos momentos de conflito durante partidas que eram disputadas no âmbito do futebol profissional. Todavia, essas formas de representação não ficaram circunscritas somente ao futebol profissional, manifestando-se também no futebol praticado no âmbito do lazer, como no “Preto X Branco”, conforme anunciamos no item anterior.

Embora haja relatos de participantes do “Preto X Branco” com boas condições econômicas, podemos arriscar, pelos dados colhidos sobre os entrevistados, com relação ao grau de educação formal e profissão, que não há uma variação significativa de classe social entre os participantes. Brancos, pretos, mulatos e amarelos vivem na periferia de São Paulo, especificamente no bairro de São João Clímaco ou nas suas proximidades, sem que exista alguma variação de renda que possa ser interpretada como significativa entre os participantes.

Não obstante o fato de estarem equiparados em termos de classe social, o ritual esportivo do “Preto x Branco” revela a forma de diferenciação interna sobre os primeiros. Consubstanciada na cor, além de outros marcadores sociais como etiqueta,

educação, entre outros, os jogadores dos times dos pretos são chamados de macacos ou são relacionados a símbolos que identificam aquela espécie do mundo animal/natural. Antes de serem brincadeiras, as manifestações podem revelar marcas ou índices dos preconceitos enraizados em nossa cultura.

Por exemplo, Zé Lauro Pereira, diretor do Flor de São João Clímaco, disse na revista *Trip*:

“Os caras tiram sarro mesmo. Até caixa de banana a gente já trouxe para jogar para os preto”. Durante a entrevista que nos concedeu, o Sr. Zé Lauro reforça os argumentos sobre as ofensas quando nos diz que elas fazem parte do “preto x branco”: “Ofendido é, xinga mesmo. (...) Xinga de tudo, você não pode nem escrever do que xinga. Xinga mesmo, filha da puta não sei que lá, se é preto chama de macaco é assim” (Revista *Trip*, 17/04/2003, p. 66).

A equipe do documentário visitou André, um jogador do time dos pretos, e “Camarão”, do time dos brancos. O primeiro disse: “Por eles estarem ganhando sempre, né, eles tiram muito sarro da gente. Ah, eles levam banana, eu não gosto, macaco eu não gosto”. Camarão, jogador que atua no time principal dos brancos, disse a André: “Vou comprar uma máscara de macaco, né, banana, e guardar. E quando eu fizesse um gol eu iria brincar. Mas tudo na brincadeira. Sem tirar sarro de ninguém, da cor, de nada”(MORALES, 2004).

No bar onde o grupo estava reunido para a filmagem, Eduardo fez um comentário: “Quem é bom para contar piada de pretos é o Zé Lauro”. Pneu retruca: “Não tem essa de piada de preto, não. Que negócio de piada de preto?”. Mesmo contrariando um dos organizadores dos jogos surgiram algumas piadas e brincadeiras, como as que seguem: “Domingo machucou um jogador dos negros e eu pedi para chamar o veterinário”, “leva um cacho de banana lá domingo, é ouro pros cara”, “os preto quando estão tudo de brinquinho ninguém deve mexer porque está sendo

controlado pelo Ibama” (MORALES, 2004). Nitidamente constrangido com as brincadeiras na frente das câmeras, Pneu deixou o recinto.

Numa outra cena o diretor procurou Pneu para que ele justificasse sua retirada daquele recinto no momento em que estavam sendo gravadas piadas racistas, ainda que a filmagem não estivesse ocorrendo com aquele propósito:

Nós não queremos que seja transmitido dessa forma. Porque senão nós vamos sofrer, a entidade vai sofrer sanções. Não, eu não tenho medo de nada. Eu não quero que converse coisas pejorativas. Eu não quero. Eu sou um senhor. O intuito da nossa brincadeira é confraternização. Não pode piorar nem preto nem branco, nem nada. Não tem piada racista porque o contexto não é racista. (MORALES, 2004).

O próprio Pneu disse em um outro momento do documentário: “A ciência da coisa é que nós somos amigos. O fundamental da coisa”. É importante relatar uma situação vivida com o Sr. Wilson, apelidado de Pneu. Enquanto entrevistava o Sr. Pedro, apelidado de Litão, o Sr. Wilson interveio e perguntou qual era a finalidade daquela entrevista, e se não se tratava de uma entrevista de cunho comercial. Respondi que não, que ela tinha uma finalidade acadêmica de compreender o racismo no futebol. Ele respondeu que havia passado os direitos de imagem para a *TV Cultura* na ocasião do documentário e complementou enfaticamente que “de antemão, o futebol nosso aqui não tem cunho racista, não. Não vai você depois deturpar o conhecimento como jornalista, hein? Porque os pessoal associou a gente ao Heliópolis, associou de cunho racista e nós não temos esse intuito, hein?”.

Ao ser questionado sobre como era ofendido pela torcida, Pacote, o árbitro do jogo que se autodeclara preto, disse que em caso de discordância em relação a alguma de suas marcações os torcedores chamavam-no de “macaco, juiz ladrão”. Em São João Clímaco essas formas de representação se manifestam contra os pretos

independentemente de eles serem árbitros ou não. Os jogadores são alvos dessas mesmas manifestações. O entrevistado 10, que no item anterior nos revelou que não havia racismo por ali, disse que os brancos xingam os pretos de “negrão, macaco, não sei o quê, e coloca caixa de banana atrás do gol”.

Essa forma de representação vivenciada pelos jogadores considerados pretos ou mestiços, tanto no futebol profissional quanto no futebol-lazer em São João Clímaco, acometeu também um professor de uma escola de futebol do Clube dos Oficiais da PM, na mesma São Paulo onde ocorre o “Preto X Branco”, quando exercia o papel de árbitro. José de Andrade Neto apitava uma partida final num campeonato interno quando, ao mostrar um cartão amarelo para um jogador que havia cometido falta, foi agredido verbalmente por um coronel que jogava no mesmo time do jogador penalizado. O relato dele diz mais que qualquer narração:

O coronel Chiari se interpôs com força. Lembro que fiquei transtornado... Achei estranho ele me dar um beliscão e gritar... A partir daí foi tudo muito chocante: o coronel me deu um empurrão, eu levantei o cartão, ele me confronta. “Ah é? Você vai querer me dar cartão? Vou ter de sair de campo?” “Por favor, coronel, retire-se”, respondi. Ao que ele responde: “Tinha de ser essa cor de merda. Preto. Macaco. Tinha de ter essa pele cor de merda” (LIMA, 2006, p. 55).

A reportagem da jornalista Dorrit Harazim publicada no jornal *O Globo* em 5 de fevereiro de 2006 narra a história desse árbitro que era socialmente reconhecido como negro e pobre. Relata que depois da expulsão e do xingamento ainda apitou mais uma partida, e que ouviu durante o jogo uma voz que vinha da torcida e o chamava de “macaco filho da puta”. Relutou para virar-se, e quando o fez percebeu que era o filho do coronel. Sua tristeza foi maior, pois o garoto havia sido seu aluno. Ele foi procurado por pessoas que o incentivaram a fazer um boletim de ocorrência, mas também por outras que lhe diziam para deixar como estava, pois ele perderia o emprego. Dividido e

indeciso, somente depois de 45 dias resolveu ir a uma delegacia de polícia e abrir um B.O.⁹².

O “Preto X Branco” pode ser interpretado como arena de manifestações dessas representações circulantes na cultura e um palco de disputa em torno das formas de representação sobre brancos e pretos na cultura brasileira. Jodelet (1989) explica o processo de construção das representações. Para a autora, as representações podem ser explicadas pelos processos de “objetivação” e “ancoragem”. O primeiro é decomposto em fases⁹³ que manifestam o efeito da comunicação e das pressões ligadas à pertença social dos sujeitos, sobre a escolha e a organização dos elementos constitutivos da representação; o segundo enraíza a representação em seu objeto numa rede de significações que lhe permite situá-los em relação aos atores sociais e dar-lhes coerência. A formulação dessas questões (JODELET, 1989, p. 28) nos ajuda a compreender esse movimento: “quem sabe e de onde sabe?”; “o que sabe e como sabe?”; “sobre o que sabe e com que efeitos?”. São questionamentos que desembocam em três ordens de problemáticas sobre as condições de produção e circulação das representações, os processos e estados pelos quais tais representações circulam e o estatuto epistemológico das representações.

Simbolizados através das imagens dos “macacos” ou inscritas no “mundo natural/animal”, quais sentidos assumem os estereótipos construídos sobre a “raça negra” que são acionados através do futebol? Se a memória é objetivada nas representações, quais sentidos assumem a rememoração da “raça negra” ancorando-a no mundo “animal” ou “natural”, sobretudo nos momentos de conflito? Se para se

⁹²O relato dessa atitude pode ser um apreendido nas próprias palavras do ofendido: “Só decidi ir em frente quando me dei conta de que eu iria abaixar a cabeça para ele toda vez que o encontrasse [...] desde o dia 19 de janeiro me sinto mais inteiro. [...] reuni todos os meus filhos e expliquei que o pai deles estava nascendo ali. Choramos [...] não sei no que vai dar, mas o ato que o coronel teve comigo não vai ter com mais ninguém” (LIMA, 2006, p. 46).

⁹³ Quais sejam: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização.

lembrarem os indivíduos necessitam da memória coletiva, quais interesses justificam a lembrança das representações internalizadas na cultura brasileira que associam o “negro”, enquanto categoria antropológica de análise, às imagens dos “macacos” ou das “bananas”?

Se as identidades raciais são construídas simbolicamente ao sabor das relações de poder que um grupo social estabelece em oposição a outros, as reminiscências das idiossincrasias que homogeneízam e inferiorizam a “raça negra” se valem da utilização das categorias “animal/natural”. Nesse sentido, como atesta Jodelet,

a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito. [...] mas a particularidade do estudo das representações sociais é o fato de integrar na análise desses processos a pertença e a participação, sociais ou culturais, do sujeito (JODELET, 1989, p. 27).

Acionar os símbolos “macaco” ou “banana” quebra um constrangimento moral de silêncio em relação à mácula da escravidão que inferiorizava a “identidade negra”. Os sentimentos provocados pelos apupos que inferiorizam a “raça negra” em relação à “branca” comprometem os princípios da igualdade entre aqueles que coabitam um mesmo espaço social. A verbalização dessas representações sobre a “raça negra” no plano da cultura brasileira mostra como a questão das identidades adquire uma dimensão especial:

Para um racista não deve ser difícil racializar o DNA, pois as antigas metáforas de sangue, consagradas na vulgarização científica, podem ser substituídas por outros símbolos interpretativos das desigualdades sociais. As teses deterministas nunca estiveram confinadas aos meios acadêmicos que as produziram: chegaram aos leigos, têm versos do senso comum, populares, que interferem nas relações sociais. A desigualdade concedida pelo beneplácito é a própria essência do racismo (SEYFERTH, 2002, p. 41).

Nos séculos XVII e XVIII havia muitos discursos sobre a natureza animal dos

negros, sobre sua sexualidade animalesca e sua natureza brutal (THOMAZ, 1988, p. 50). Thomaz (1988) mostra como foi estabelecida uma distinção entre a categoria “homem” e a categoria “mundo natural”: a humanidade teria domínio sobre a natureza e os outros seres. Essa dominação era justificada pela crença de que os direitos dos homens deveriam prevalecer sobre as “criaturas inferiores”. A natureza – o meio ambiente e os seres – seriam passivos perante a ação desmedida e ativa do homem.

Os adjetivos relativos à “identidade humana” foram construídos em comparação à “identidade animal”. O “homem” contrasta com o “animal”, e o traço que vai distinguir a identidade de ambos é a intelectualidade: “o homem seria o único animal dotado de inteligência”, salienta Thomaz (1988, p. 50) citando o bispo Cumberland. Instalara-se, dessa forma, um corte absoluto entre o homem e o restante da natureza, limpando o terreno para o exercício ilimitado da dominação humana.

A associação da “raça negra” à categoria “mundo animal” metonimizada nos “macacos” remete a uma suposta ancestralidade símia: a espécie humana teria evoluído da condição de macacos para a de *homo sapiens*, isto é, aqueles seres dotados de inteligência. Essa representação denota que a “raça negra” ainda não teria atingido essa condição superior. Comparados à “raça branca”, os negros seriam atrasados do ponto de vista intelectual.

A identidade é uma estrutura subjetiva marcada por uma representação do “eu” oriunda da interação entre o indivíduo, os outros e o meio. A identidade coletiva não pode ser resumida a um simples sentimento de pertencimento, uma vez que é produto de um processo de identificação relacional e situacional. A identificação social é um conjunto de processos pelos quais um indivíduo se define socialmente, isto é, se reconhece como membro de um grupo frente a outros grupos. Pertencimento e sentimento de pertencimento são, portanto, ligados à identificação. É a cultura que

inscreve no indivíduo o conjunto de elementos de todas as ordens (normas, conceitos, símbolos e valores), podendo ser vivida em harmonia ou conflito. Com efeito, na medida em que dada cultura é formada por diversos conjuntos que englobam diversas formas culturais, podem aparecer tensões capazes de gerar processos de degradação (D'ADESKY, 2005).

O corpo é pensado como um objeto culturalmente definido, sobretudo quando introjeta e instrumentaliza os padrões culturais através da memória coletiva. Assim, identidades, representações e memória encontram-se inter-relacionadas por discursos que perpetuam o poder. Por meio da memória, os grupos sociais podem, por exemplo, resgatar identidades ameaçadas ou construir representações sobre sua inserção na cultura, podendo, assim, constituir-se enquanto um espaço de expressão de etnicidades, racismo e outros processos culturais (DELGADO, 2006).

Todo campo cultural tem seus controles e expectativas simbolicamente atribuídos às construções de identidade. São os sistemas simbólicos que informam a produção dos significados e a forma como a diferença é marcada em relação à identidade. Se um grupo tem o “poder de nomear” e isso permite diferenciá-lo dos “outros” através do termo “macacos”, ele está, por contraste, afirmando que o seu grupo é humano. Se compreendermos que os indivíduos se recordam de acordo com as estruturas e os quadros sociais que os antecedem, a atualização das representações sobre a “raça negra”, a partir de metonímias relacionadas aos “macacos” como sons, cânticos e bananas, sugere uma proximidade desta raça ao mundo animal/natural.

Em última instância, essa polarização indica uma das formas de identificação da “raça negra”. Diferentemente dos *homo sapiens*, categoria pensada para a “raça branca”, as representações hegemônicas sobre a “raça negra” sugerem que os negros seriam desprovidos de “racionalidade”, enquanto os primeiros seriam dotados de inteligência.

O lugar social que as representações destinam aos negros é distinto daqueles considerados “superiores” ou “intelectuais”, como a ciência, a política ou os negócios, enfim, os cargos diretivos ou de prestígio.

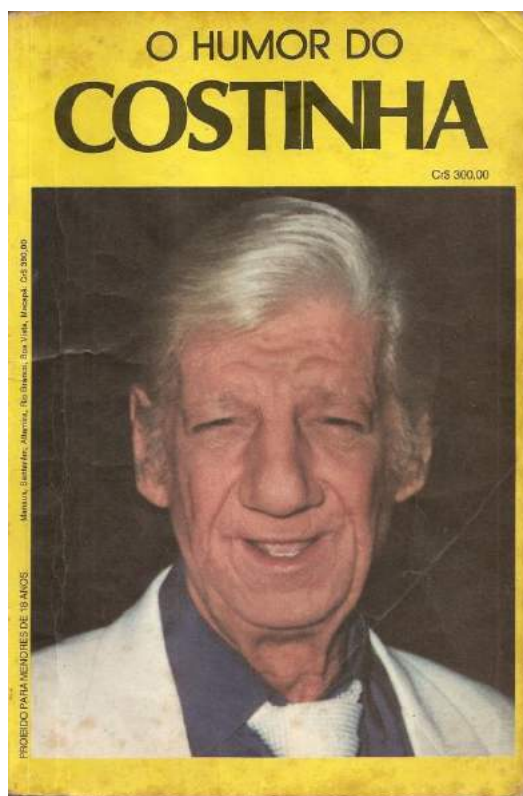
Apesar da tendência à assimilação, o prestígio e o poder permanecem próximos dos valores dominantes herdados do passado e encarcerados pela ordem branca através da utilização dos estereótipos (ARRUDA, 1998). As representações construídas sobre o corpo negro refletem os dramas da hierarquização social após o dia 13 de maio de 1888, data que inaugura um momento da vida brasileira em que seus cidadãos são equiparados juridicamente. Depreende-se daí uma das estratégias utilizadas para a reprodução “informal” dos preconceitos, uma das características principais do “racismo à brasileira”.

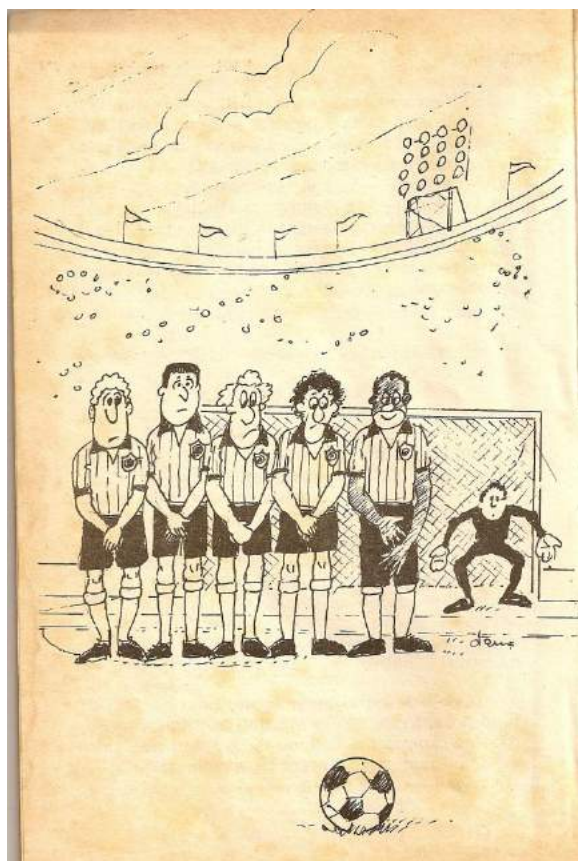
O fato de tais representações terem emergido durante o conflito proporcionado pelo ritual esportivo mostra como a “raça” é uma moeda acionada para incluir ou excluir, isto é, desigualar aqueles que são iguais no plano das leis, sejam elas civis ou esportivas. A despeito do mito identitário da “democracia racial”, no Brasil persistem manifestações racistas que estão inscritas na memória coletiva brasileira e que emergem em situações de disputa sob a forma de idiossincrasias sobre as “raças”, que relembram as “diferenças” daqueles que fazem parte de um país democrático e liberal. Heranças de um passado escravocrata, as formas de representação da “raça negra” através do futebol dramatizam as tensões entre os membros de uma sociedade competitiva, constrangida pelos princípios de uma ordem liberal e igualitária.

No entanto, não podemos pensar que o “Preto X Branco” se apresenta apenas como palco de reprodução de representações sobre a raça negra, e que esse grupo iria aceitá-las passivamente ou não criaria formulações sobre o outro. O documentário revela parte dessas formulações que dramatizam as construções identitárias na cultura

brasileira. Durante o jogo pôde-se observar uma tensão em torno dos espaços à margem do campo em que podem ficar brancos e pretos que não estão jogando. Por exemplo, foi solicitado que Gilmar, negro, ficasse atrás do alambrado, fora do campo. Eduardo, branco, ficou dentro do campo, mas fora das quatro linhas. O fato de ambos estarem interpostos por um alambrado fez com que Eduardo dissesse a Gilmar: “Fica na jaula”. Gilmar respondeu: “Jaula é a buceta da sua tia, porque eu vou respeitar sua mãe porque meu pai já deu uma namorada na sua mãe, certo? É lógico, meu pai, malandro...”. Eduardo retruca dizendo que dali a uma hora ele jogaria bananas. Ainda atrás do alambrado Gilmar faz uma declaração para a câmera bastante reveladora: “Eles têm revólver, eles têm tudo, só que a gente tem metralhadora e tem canhão, cê tá entendendo? E tem a pica grande, entendeu? Eles não vão arrumar nada com nós. Branco não vai arrumar nada com nós” (MORALES, 2004).

Essa representação foi reforçada pelo humorista Costinha, como poderá se ver abaixo:





O fato de serem identificados aos macacos não garante que os pretos assumam uma postura passiva em relação a esses estereótipos. Com efeito, eles os contestam e elaboram formas de identificação em relação aos “outros”. Zé Lauro revela quais seriam elas:

Xinga de macaco, xinga de tudo. Os caras chamam branco de viado, é tudo assim mesmo. O outro falou que chama de bambi. É, chama de viado mesmo. Os brancos jogam banana pros pretos, é tudo brincadeira, come a mulher dos brancos.

O entrevistado 1 considera o “Preto X Branco” uma “brincadeira” na qual não há racismo:

Não houve, se houve é pequena demais, tá entendendo. Mas é sempre em tom de brincadeira. Não pejorativo, porque pejorativo a gente já corta. Eu sou uma pessoa radical, cê tá entendendo? Eu, tanto o Ataliba, nós somos radicais, tá entendendo? A nossa brincadeira aí chama-se brincadeira. Uma brincadeira de adulto. [...] O tom de brincadeira, traz um cacho de banana, o outro chama de bambi os brancos, essas brincadeiras. Muita gente não gosta, eu também não gosto, mas não vou reprimir a ponto de radicalizar a coisa, tá entendendo? Eles não extrapolam, tá entendendo? São pessoas mais centradas, mas existem as gozações: “oh, macacada! Oh, negrada! Vai perder e num sei o quê...”

Os pretos respondem aos estereótipos dos brancos colocando sob suspeita a masculinidade deste grupo étnico. Daí o motivo de chamá-los de Bambi, que na gíria paulista se refere à homossexualidade masculina. O entrevistado 10 complementa dizendo que os pretos chamam os brancos de “os branquinhos, os bonitinhos”.

Após a vitória no quarto jogo, que consolidou a supremacia dos pretos naquele dia, um torcedor disse no documentário: “Agora é o ano inteiro os negão comendo banana e jogando as cascas para eles. O ano todinho” (MORALES, 2004). O documentário termina com a roda de samba tocando a música “Sorriso negro”, num clima de total confraternização. Os créditos sobem tendo como trilha sonora o rap “Preto contra Branco” cantado por Rappin Hood, cuja letra também é de sua própria autoria. A letra é a seguinte: “Preto contra branco, branco contra preto, racismo continua é, daquele jeito/ preto contra branco, branco contra preto, no Brasil do carnaval abaixo o preconceito/ preto contra branco, branco contra preto, racismo continua é, daquele jeito/ preto contra branco, branco contra preto, no Brasil do futebol abaixo o preconceito.

Genética, “raça” e identidades, com suas diversas interseções, caminham no fio da navalha (SANTOS et al., 2005-2006). No caso brasileiro, as “raças”, ao longo do tempo, se configuraram categorias cognitivas herdadas pela apropriação da memória pela história. Em uma inter-relação dinâmica, as identidades individuais e coletivas se formam através de um processo diacrônico e sincrônico da vida em sociedade. A marcação da diferença ocorre por meio de sistemas simbólicos de representações sobre

os grupos opostos. Essas abordagens da memória permitem compreendê-la como responsável por processos de inclusão e exclusão no corpo social.

O “Preto X Branco” convive com esse drama da rememoração com vistas à construção identitária dos diferentes matizes étnicos que compõem a população brasileira. Sendo um espaço frequentado não só por pretos e brancos, mas também por pardos e amarelos, não devemos pensar que o “Preto X Branco” é um palco apenas de manifestações sobre a “raça negra”. Pelo contrário, é uma arena de disputas na qual os atores brincam com as estereotípias sobre as “raças” na cultura brasileira.

Finalizo este item relatando minha experiência no dia 20 de dezembro. Confesso que pensei que escutaria muitos apupos contra os pretos, chamando-os de macacos, uma vez que essa forma de identificação já havia sido denunciada pelas fontes que se ocuparam do evento anteriormente, como, por exemplo, o documentário e a reportagem da revista *Trip*, além das entrevistas realizadas em agosto de 2009. Todavia, contrariando minhas expectativas iniciais, não escutei essa verbalização, tampouco vi bananas jogadas no campo ou jogadores comemorando gols imitando macacos. Enquanto jogava não escutei nada a esse respeito.

Quando sentei na arquibancada para assistir aos três jogos que se seguiram ao jogo do Sucatão, escutei um único comentário proferido por um torcedor no segundo jogo, num momento de ataque do time dos pretos. “Puxa o rabo dele”, dizia esse torcedor, em tom de brincadeira, se referindo ao jogador do time dos pretos que, de posse de bola, atacava o time dos brancos. Esse único comentário não foi acompanhado de nenhuma reação de aprovação ou reprovação por aqueles que estavam próximos. O silêncio foi a melhor resposta para aquela brincadeira sem graça.

As essencializações sobre as raças através do “Preto X Branco”

Raça é uma ideia desprovida de qualquer conteúdo ou valor científico. A área da pesquisa genética não fornece subsídios para que sejam fixados quaisquer sistemas de classificação de raça. Todavia, o homem comum tem formas de percepção que não têm a ver com os complexos modelos teóricos dos geneticistas contemporâneos. Ele não percebe seus vizinhos com os olhos do espírito científico, pois ele entende o discurso cientificamente autorizado dos geneticistas antirracistas como muito distante, abstrato, sustentado pelas elites do saber e desprovido do conhecimento corriqueiro das raças socialmente percebidas. Ao contrário, o homem comum continuará, durante algum tempo, a tipificar e a classificar os indivíduos segundo suas características perceptíveis e, particularmente, visíveis, isto é, operando com o conceito pseudocientífico de “raça” (D’ADESKY, 2005).

A desconstrução científica da raça biológica, continua D’Adesky, não faz desaparecer a evidência da raça simbólica. Acima de tudo, o imaginário racista alimenta-se das semelhanças e das diferenças fenotípicas da cor da pele e de diversas características morfológicas. Portanto, se para a biologia a noção de raça coloca problemas insolúveis de definição que a torna ultrapassada, sua importância, indubitavelmente, não pode ser negada. Porque “raça”, queira ou não, permanece sendo um elemento maior da realidade social, na medida em que emprega, a partir de características visíveis, formas coletivas de diferenciação classificatória e hierárquica, que podem às vezes engendrar comportamentos discriminatórios individuais e coletivos (D’ADESKY, 2005).

No último quarto do século XX, a genética produziu uma importante revolução acerca de nossos (des)entendimentos sobre raça e diversidade biológica (SANTOS et al.,

2005-2006, p. 27). Atualmente, as linhas de pesquisa molecular fornecem evidências científicas sobre a inexistência de raças humanas⁹⁴. Os avanços da genética molecular⁹⁵ mostraram que os rótulos previamente usados para distinguir “raças” não têm significado biológico. Apesar dessa conclusão, “raça” é uma definição ampla e generalizante disseminada no senso comum, cuja percepção das diferenças físicas privilegia culturas, línguas, e diferencia grupos com interesses econômicos diferentes.

Os estudos de Pena e Birchall (2005-2006) demonstraram que, no Brasil, a cor avaliada fenotipicamente tem pouca ou nenhuma relevância biológica. A ciência, assim, afasta o equívoco da noção biológica de raça e, conseqüentemente, qualquer fundamento sobre o racismo. No entanto, a falta de embasamento biológico e a desconstrução de seu significado histórico não eliminam as implicações sociais da ideia de raça, isto é, “o racismo persiste enquanto fenômeno social, mesmo não mais justificado por fundamentos biológicos” (SCHWARCZ, 2003, p. 35-36).

Por essa perspectiva, “raça” deixou de ser uma realidade biológica para se tornar um artefato social, político e histórico. Isto é, se por um lado a “raça” perdeu grande parte de sua credibilidade e deixou de ser oficial quando perdeu o estatuto científico, por outro lado, no plano das relações culturais, econômicas e políticas, ela é facilmente identificada como um importante eixo norteador de diversos planos da vida cotidiana dos brasileiros. Internalizada na ditadura do senso comum, seus reflexos persistem no

⁹⁴ A primeira observação é de que a espécie humana é muito jovem e seus padrões migratórios demasiadamente amplos para permitir uma diferenciação e, conseqüentemente, separar os diferentes grupos biológicos entendidos como “raças”. A segunda é o fato de que as chamadas “raças” compartilham a vasta maioria das suas variantes genéticas. A terceira é a constatação de que apenas 5 a 10% da variação genômica humana ocorrem entre as “raças” putativas. Essas evidências levam à conclusão de que raças humanas não existem do ponto de vista genético ou biológico (PENA; BIRCHALL, 2005-2006).

⁹⁵ Em 1972, Richard Lewontin decidiu fazer a partição da variabilidade humana para testar, cientificamente, a noção, até então amplamente aceita, da existência de raças humanas. “O resultado foi surpreendente: 85,4% da diversidade alélica observada nos polimorfismos estudados ocorria entre indivíduos de uma mesma população; 8,3%, entre diferentes populações de uma mesma “raça”; e apenas 6,3% entre as chamadas “raças”. Para colocar tais dados em perspectiva, usemos um exemplo fantasioso: um cataclismo nuclear destruiu toda a população de uma cidade de Minas Gerais. Nesse caso, 85% da diversidade humana total seria preservada! (...) 85% da variabilidade genética estaria concentrada dentro das populações” (PENA; BIRCHALL, 2005-2006, p.14).

dia a dia de grupos e indivíduos e nas falácias do cotidiano e até nas políticas públicas (SCHWARCZ, 2001).

Evidentemente, para os seres humanos, a “raça” que existe é apenas uma: a humana. O que há são etnias⁹⁶, e isso revela como, no Brasil, “raça” e “cor” são termos intercambiáveis. A raça humana é única e a espécie *homo sapiens* é representada por grupos de características diversas, os fenótipos. A cor da pele, o formato da face, a grossura dos lábios e a textura do cabelo são traços ressignificados no plano cultural para vincular o pertencimento simbólico do indivíduo à “raça”. Uma vez selecionadas pelo fenótipo e inscritas no plano simbólico da cultura brasileira, as representações sobre a “raça negra” rememoram a colonização e a escravidão presentes na história do Brasil. Aqui é importante lembrar a posição de Costa Pinto quando diz que o problema racial do Brasil não se encerrou com o fim da escravidão; ao contrário, adquiriu novos contornos com o igualitarismo e a equiparação dos direitos civis após a abolição, o que levou à construção de argumentos de diversas ordens para sublinhar as desigualdades entre brancos e pretos numa ordem competitiva.

Existe um coro de vozes que afirma que, no atual estado da ciência, não há como estabelecer a superioridade ou inferioridade de uma raça em relação à outra. Como declara Schwarcz (2003), a despeito dos critérios biológicos que balizavam as teorias raciais da *sciencia* do século XIX, a raça é uma “construção histórica e social”: “antes de ser um conceito biológico, é uma realidade social, uma das formas de identificar as pessoas em nossa própria mente” (p. 184). Ainda assim, as idiossincrasias raciais continuam firmemente enraizadas no pensamento social. Sua ideia é amplamente compreendida, e as consequências desse conceito “imaginado” são reais.

⁹⁶ O negro, por exemplo, pertence a uma das etnias da raça humana.

Desse modo, a despeito do conceito de raça ser desprovido de qualquer validade científica do ponto de vista biológico, as formas como os atores imaginam o que é “ser preto” ou “ser branco” se manifestaram através do “Preto X Branco”. Questionado sobre a principal característica do time dos pretos, o entrevistado 1 nos deu a seguinte opinião:

Rala e tem mais técnica, né, mas brinca muito. É mais, tem mais técnica. Sempre teve mais técnica. Eles jogam mais sério, o time dos brancos joga mais sério. O time dos negros, meu time, ele já fantasia muito, né. Nós, os negros, temos essa característica de fantasia, se tiver negra na beira do campo, mulhezada, fantasia mais ainda, né. Não liga muito para o resultado, né, não liga muito. Agora, os brancos, eles são mais de origem europeia, eles brigam mais, né, quer ganhar a todo e qualquer custo, né. Mas eles são mais centrado, o time deles são mais centrado, porque normalmente a equipe do Grêmio Recreativo Flor de São João Climaco, ela é formada mais por jogadores branco, e eles já tem mais conjunto, né. O nosso, nós fazemos o seguinte, nós formamos na hora, porque futebol, na realidade, ele é conjunto certo. [...] O futebol do brasileiro sempre foi arte. O futebol do Brasil, ele passou a ser reconhecido mundialmente como maior potência futebolística com a entrada dos negros no futebol. Porque o futebol dos primórdios no Brasil era um esporte elitista, né, somente praticado por pessoas da elite e pessoas brancas, né. Então nós fomos entrando aos poucos, né, e a contribuição dos mulatos, se você pega as grandes seleções, tem três mulatos, cinco brancos, cinco preto e três branco, certo? E os brancos são guerreiros porque se deixar é firula. Toca pra lá, joga pra lá, é debaixo da perna, mas eu gosto desse futebol. [...] Eu sou um senhor, né, eu sou veterano, eu gosto de espetáculo. Eu não gosto do futebol de cinco, médio volante, meio campista, brucutu e tudo, gosto de futebol jogado, maleável, chapéu, de baixo das pernas. Hoje não pode mais fazer que o pessoal recrimina, tá entendendo? Quem faz e sempre fez isso aí foram os negros, a malemolência do futebol.

O informante destaca algumas essencializações em relação a pretos e brancos no campo de futebol. Enquanto os negros seriam um grupo dotado de técnica para o futebol, o que reproduziria a positividade do grupo para aquela modalidade, em contrapartida, seriam mais indisciplinados em relação às obrigações do jogo. Já os brancos compensariam o déficit de técnica, comparativamente aos primeiros, com disciplina e aplicação no jogo.

Identities, representações e memória encontram-se inter-relacionadas. Memória e história estão presentes na produção de fontes orais por meio das quais as

identidades de sujeitos históricos são reconhecidas e analisadas como integrantes da tessitura constitutiva da história. Com efeito, a memória, além de outros processos culturais, é também uma das fontes para expressão das identidades raciais. As lembranças são disseminadas através das gerações, que, por sua vez, influenciam ou determinam as representações hodiernas (DELGADO, 2006).

o ato de relembrar insere-se entre as possibilidades múltiplas de registros do passado, elaboração das representações e afirmação de identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento de processos identitários, referindo-se a culturas, comportamentos e hábitos coletivos. Dessa forma, história e memórias, enredadas na trama da reconstituição temporal e espacial, contribuem para a consolidação da consciência de pertencimento ou de não-pertencimento dos sujeitos históricos a organizações, grupos, instituições, etnias, países (DELGADO, 2006, p.46).

Tomando a perspectiva de que os registros orais são suportes de memória coletiva (DELGADO, 2006) e a compreensão de que memórias coletivas são constituídas e constitutivas, podemos afirmar que as interpretações sobre a herança étnica desempenham um papel importante na imaginação do nacionalismo brasileiro⁹⁷. No caso, as supostas aptidões corporais da “raça negra” para o futebol parecem ter servido para a construção positiva da identidade nacional. A partir das marcas distintivas da ginga, da malemolência, da habilidade e da sensualidade corporal, o negro teria transmitido ao futebol do Brasil a representação do seu estilo de uso do corpo, num bom exemplo de como a comunidade imaginária “Brasil” se constrói com a incorporação das representações sobre a “raça negra”.

O primado da “raça negra” para o futebol foi reiterado pelo entrevistado 5, autodeclarado branco:

⁹⁷ “as memórias são associadas a um etno-simbolismo histórico. O poder inerente às diversas formas de identidade nacionais é explicado a partir de diversas formas pelas quais os mitos, memória, tradições e símbolos de herança étnica são vivenciados, redescobertos e reinterpretados” (SANTOS, 2003, p.188).

O time dos pretos tem um toque de bola mais refinado, como é de característica deles. Nosso time é mais conjunto, que nós é o mesmo time que joga o ano todo no Grêmio Recreativo Flor de São João Clímaco. [...] Sei lá, né [quando questionado por que ele achava que o toque refinado era uma característica dos negros], isso já vem do Rei [se referindo a Pelé, considerado o “Rei do Futebol”], lá da terra de vocês [Minas Gerais, estado onde Pelé nasceu]. Quer dizer que eles têm o toque mais refinado, gosta mais de brincar. Não digo habilidade, a habilidade pode até ser a mesma, mas sei lá, é uma diferença que só eles dentro de campo pode mostrar, pra falar é meio complicado.

No plano coletivo, a revitalização desse conceito imaginado parece ter servido para a construção positiva da identidade nacional quando personifica – como dadas pela “raça” – as representações da arte, natureza, dom, agilidade ou habilidade da índole dionisíaca dos negros. Tais representações formam o discurso distintivo sobre a qualidade do futebol brasileiro em relação aos “outros”. O negro teria, assim, emprestado a representação dionisíaca do uso do corpo para a construção da identidade brasileira, tendo sua participação positivada naquele campo:

Todo mundo gostaria de ter um Pelé no time. Um Leônidas, um Romário, um Didi, um Ronaldinho Gaúcho. O negro é bem reconhecido no futebol. Sua força muscular pode ser bem aproveitada na lateral, como foi com Djalma Santos, Carlos Alberto, Josimar, Cafu ou Roberto Carlos. Seu biotipo avantajado, como o de Domingos da Guia, Zózimo, Luis Pereira, Aldair ou Roque Jr., dá a segurança entre os zagueiros. A resistência pulmonar do atleta negro, como a de Mauro Silva, César Sampaio ou Gilberto Silva, pode fazer a diferença na cabeça da área. A ginga e a malícia, qualidades exaltadas dos negros no Brasil, combinam perfeitamente para o sucesso do futebol-arte. Ninguém dispensa a velocidade de Jairzinho, os dribles de Canhoteiro, a explosão muscular de Ronaldo. Sim, o negro é reconhecido no futebol (OLIVEIRA, 2006, p. 257-258).

As essencializações sobre a raça negra não se restringem ao primado desse grupo étnico para o futebol. A positivação sobre a dimensão física, que de alguma maneira contribui para a formação do capital do negro para o futebol, é um outro traço que é recorrentemente acionado pelos atores do “Preto X Branco”. Por exemplo, o entrevistado 6, autodeclarado branco, disse que “os caras [os negros] são mais fortes”,

assim como o entrevistado 8, também branco, que afirmou que uma característica dos pretos seria:

Principalmente a parte de física, né. Antigamente vinham os times, ficava negro de um lado e branco do outro. E vinha animador de torcida, e tinha umas música que eles cantavam... a parte física que as branquetas gostam, existe esse tipo de situação. Mas acabou tem que se esquecer.

Com efeito, no espaço do futebol, “ser negro” pode constituir-se uma vantagem, como observado na epígrafe do texto de Witter (1982): “Ó treineiro! É preciso colorir esse time. Só tem branqueta! Põe crioulo, meu chapa” (p. 101).

O corpo é o depositário do estabelecimento das fronteiras que definem, subjetivamente, “quem somos” (WOODWARD, 2000). História e memória são suportes de identidades individuais e coletivas que são processadas diacrônica e sincronicamente. Com efeito, as representações socialmente construídas sobre a “raça negra” se materializam no universo simbólico da cultura brasileira, tal como observamos a partir da literatura e dos relatos dos atores entrevistados. Ciência e atores sociais funcionam como guardiões da memória coletiva que se torna guia de ação para o entendimento das velhas representações sobre as identidades “raciais” internalizadas no plano simbólico da cultura brasileira.

Objetivada nas formas primárias de julgamento sobre “brancos” e “negros” que persistem na sociedade brasileira, ocorre, nesse caso, uma relação simbiótica em que as consciências coletivas e as consciências individuais se realimentam mútua e continuamente. Identidade nacional e idiosincrasias “raciais” parecem terem sido internalizadas pelos atores entrevistados, num bom exemplo de como a consciência coletiva – no sentido de Durkheim – é incorporada⁹⁸ no plano das consciências

⁹⁸“Consiste em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele” (DURKHEIM, 1999, p. 3).

individuais.

O significado do “Preto X Branco” para seus protagonistas

De acordo com Witter (1982), é comum ouvir, em diferentes locais e de diferentes pessoas – intelectuais, esportistas, estudantes, cronistas esportivos e homens do povo –, o lamento de que a “várzea”⁹⁹, expressão usada para caracterizar o futebol amador, teria sucumbido, em consequência da especulação imobiliária e do crescimento desordenado que assola as grandes cidades. De fato, não existem mais tantos campos de futebol. O crescimento urbano, o aumento populacional e a especulação imobiliária impedem que grandes terrenos permaneçam improdutivos, segundo a ótica de uma ordem capitalista. Muitos desses espaços têm sido destinados à construção de grandes centros comerciais, condomínios residenciais ou grandes edifícios de escritórios, impedindo que certos segmentos da população possam utilizá-los como área de lazer.

Apesar de todo esse quadro que favorece a erradicação da várzea, ela não morreu¹⁰⁰: “a várzea tem conseguido sobreviver porque ela é, acima de tudo, um estado de espírito. Por isso afirmo e reafirmo: a várzea não morreu e certamente sobreviverá a todos os obstáculos que a ela se impuserem” (WITTER, 1982, p. 102). O autor descreve as atividades de um clube de várzea – a A. A. Serra Morena – e aponta que nos finais de semana é que efetivamente as pessoas se concentram nas dependências da agremiação, que ofereceria “o mais precioso elemento para a vida do ser humano: uma área geográfica, um território livre onde o lema maior é a união de homens e o exercício da comunicação através da AMIZADE” (*idem*).

⁹⁹ A várzea recebe esse nome porque as primeiras partidas de futebol disputadas na cidade eram realizadas nas margens dos rios, que eram terrenos planos e semipreparados para a organização de campos apropriados à prática do futebol – que seria, no Brasil, o esporte mais popular.

¹⁰⁰ “A VÁRZEA NÃO MORREU porque ele é, efetivamente e acima de tudo, um ESTADO DE ESPÍRITO” (Witter, 1982, p. 104 - o maiúsculo é do autor).

Esse valor do *ethos* varzeano se reproduziu no “Preto X Branco” desde a sua idealização até os dias atuais:

O importante de tudo isso, isso foi criado com o intuito de uma pessoa se manter a amizade, o relacionamento, o contato, porque quando foi criado isso aí tinha muita gente que mudava, morava longe. Agora tem amigos que moram longe que ligam, que vêm. É uma forma de você rever amigos. Tem uma homenagem antes de começar os jogos, isso é muito importante pra nós. [...] O que nós estamos querendo é isso aí, com tudo isso acabar com o racismo, não é acabar, é evitar... Nós temos amizades muito boa aqui, a gente quer mostrar pros outros aí que a gente pode viver em uma sociedade muito bem, independente de cor de pele. Aqui a gente se reúne e não tem esse negócio de grau de instrução, nós temos engenheiro, nós temos advogados, temos faxineiro, empregada doméstica, então a gente se reúne todo mundo, independente do grau social da pessoa, aqui todo mundo é uma coisa só. [...] Olha, eu não vejo a hora que chega esse dia. Pra mim é uma alegria. Eu já até conversei com a minha esposa: “Ó, tá chegando a hora do negócio lá, e aí você já sabe, então não arruma compromisso pra esse dia, se tiver adia”. Teve um ano que nós fomos chamados pra ser padrinho de casamento num sítio, aí ia ser num domingo uma hora da tarde, no dia do jogo aqui. “Fala pra eles arrumar outro porque não vai dá, não!” A minha esposa falou comigo: “Poxa, que fanatismo é esse?”. “Não tem jeito, eu faço parte lá, muda a data do casamento”. Aí mudaram a data do casamento (entrevistado 13).

Diretamente ligado à experiência do futebol de São Paulo, esse “espírito da várzea” identificado por Witter no início dos anos 1980 vem resistindo na capital paulista em alguns espaços. O Parque Fongaro, lócus desse estudo, é um deles. A despeito de os campos de várzea de São João Clímaco terem perdido lugar para favela de Heliópolis, fato que ilustra o crescimento desordenado nas grandes metrópoles, podemos dizer que esse jogo oriundo da várzea resistiu à especulação imobiliária graças aos significados que essa prática da sociabilidade assume para os atores que ajudam a promovê-la. Isso faz dele um evento muito aguardado pela comunidade, como salientou Luizinho no documentário “Preto X Branco”: “Essa semana em São João Clímaco, aqui no bairro, só se fala nisso, né, meu. E vocês que estão aí, para nós é um orgulho. A gente nem acredita que tá acontecendo isso na verdade” (MORALES, 2004).

Um dos significados que os praticantes atribuíram aos jogos é a história que se constituiu em torno deles:

Representa uma história, são 36 anos, né. 36 anos é você ver uma criança nascer. Eu nem viajo por causa disso aí, a maioria não viaja. [...] Existem outras entidades que aparecem aqui e fazem seus festejos esperando a coqueluche que é o Preto x Branco, né. É esse que é o negócio, aqui é uma entidade maravilhosa e a gente costuma manter isso aí. É difícil, porque 36 anos... E ao longo desses 36 anos nós perdemos muita gente, uns tão fora, outros já partiram, né, que sempre colaboraram para conosco... Aí vira um chororô (entrevistado 1).

Esse evento representa uma oportunidade de manter o convívio entre amigos que se conhecem há quase 40 anos:

Você chega aqui e vai ver pessoas que não vê há 30 anos, porque tem vez que o camarada não pode vir num ano, aí ele vem no outro. Aí você vai rever, igual saiu o assunto aí do Zé Pretinho, né. Comenta o caso dele também, porque é um camarada que trabalha aí com a gente, de certa forma vinha jogar, e a gente rever uma vez por ano, tanto ele como outros e os torcedores também a mesma coisa, então você vai rever os amigos. Eu acho que essa data é que te faz você acelerar isso tudo, porque fora dessa data você não vai juntar todos seus amigos que vêm do interior, com certeza (entrevistado 4).

Além disso, o “Preto X Branco” é uma oportunidade de congregar pessoas próximas, mas que, em função das histórias pessoais de cada um, foram morar distante daquele lugar de onde são oriundas. Participar do “Preto X Branco” é uma oportunidade de reencontro, como salienta o entrevistado 6:

A maioria dos amigos meus foram embora, uns moram no interior, outro em Santos, Araraquara, enfim, Vila dos Américas, em tudo quanto é lado. Nesse dia aparece todo mundo. Brancos e Pretos têm muitos amigos que tá fora, eles vêm nesse dia porque sabem que vai encontrar todos os amigos aqui. Então é uma... é aquela festa, o que não aparecer é porque morreu ou ficou doente naquele dia, ou está viajando, nesse dia a maioria vem. [...] Eles gostam, é lógico, veem a união do Preto x Branco. Não tem aquele negócio de você não poder entrar aqui, não tem nada disso, não, entra onde eu entro e “vamo que vamo”. Vem assistir porque gosta de futebol também, porque é um futebol limpo e bonito. É uma coisa bonita de se ver, muitas pessoas queriam ter isso aí e jogar aqui também.

As elaborações do entrevistado 8 dão um tom mais intimista e acolhedor àquele pedaço e sinalizam que o seu diferencial é o fato dele resistir à indiferença e ao anonimato reinantes numa metrópole cosmopolita como São Paulo:

Olha, eu acho difícil uma cidade como São Paulo. Tem um ambiente diferente, você vê que tá cheio de árvores, um ambiente gostoso, você vê, não se encontra mais ambiente assim. Quando eu vim aqui eu achei bem aconchegante, por isso que eu participo. Tento, na medida do possível, correr atrás do que precisa. Domingo passado teve uma festa do comércio aqui. Um show com mais de 200 pessoas. Você devia ter vindo para ver como é o ambiente, e não teve ninguém ganhando dinheiro. Todo mundo é parceiro, um ficou na churrasqueira, um atrás disso, eu não vejo mais isso hoje em dia. Aqui o pessoal vem porque gosta.

A socialização também dá o tom das elaborações dos entrevistados 4 e 11, respectivamente:

Você pode ver aí, você vai no banheiro, você vai ver o camarada tomando banho normal, de certa forma ali na cantina, lá, tomando uma cerveja, um refrigerante, um churrasco [...]. De certa forma, começa de manhã e vai até anoitecer. O samba, né, você vê o pagode, vê essas coisas aí que fazem parte. Ali todo mundo cantando, comendo e bebendo juntos. Isso daí, com certeza. O que aconteceu lá dentro do campo é uma coisa, agora aqui fora vai ter aquelas brincadeiras “ganhamos”, “perdemos”, mas é uma coisa que o futebol mesmo faz parte.

A intenção dessa brincadeira que, graças a Deus, deu certo é a integração das pessoas. Então se reúnem pessoas de diversos pontos, lugares... Porque na várzea existe aquela rivalidade, porque existe, né, um time contra o outro, e a intenção era fazer uma festa onde todo mundo pudesse se integralizar. Então esse era o intuito da festa.

Outro valor que traduz o significado do “Preto X Branco” é o fato do G. R. Flor de São João Clímaco procurar homenagear um de seus protagonistas a cada evento. O homenageado de 2009 foi Lelo, identificado, segundo a faixa do evento fixada em frente ao Bar do Chuchu, como “a enciclopédia do futebol varzeano”.



Foto de Lelo, homenageado de 2009 – Arquivo pessoal – 20 de dezembro de 2009

Além dessa lembrança, ele foi homenageado pelo G. R. Flor de São João Clímaco, na caneca de chope comemorativa do 37º Encontro entre Amigos “Preto X Branco”, e pelo Sr. Wilson, que antes de começar o primeiro jogo do dia 20 de dezembro, o do Sucatão, se referiu ao Sr. Lelo da seguinte maneira: “O maior jogador aqui do morro, que sempre colaborou com a gente aqui, tá aqui ó, Lelo. Uma salva de palmas para ele!”. Durante esse jogo Lelo disse que aquela foi uma das mais bonitas homenagens que ele já recebeu. Relembrar os mais velhos é um dos valores do “Preto X Branco”:

Pra mim é uma festa, assim, pra relembrar a velha guarda que é esquecida, que ninguém nunca lembra. Que a velha guarda, ela vem de sempre, então pra eles aquele momento é pra relembrar a velha guarda, não nós jovens, nós estamos chegando agora, mas é cara de 70 anos que não vem mais no campo. Então aquele dia é pra eles se encontrarem, entendeu? É uma festa imensa, a dizer que não existe racismo, a amizade de preto contra branco é uma amizade, mistura preto com branco. São tudo junto, numa cor só (entrevistado 2).

Além de resistir ao esquecimento e ter o nome gravado na memória do “Preto X Branco”, outro valor que o evento promove, desde sua idealização até os dias de hoje, é contestar o racismo presente na sociedade brasileira. Vejamos o que disseram os entrevistados 2 e 7, respectivamente:

Aqui, ó, não é por nada, não, mas nós não temos essa de cores, não. Aqui, o relacionamento entre as pessoas aqui, olha, é... não tem, não tem. Você e o camarada abraçado aí, de certa forma uma relação, não tem cor. Aqui eu posso te garantir.

É só amizade, rola brincadeira sadia muito bacana, e que eu acredito que tenha toda uma sequência de vários anos fazendo porque realmente é uma coisa boa, né. Não pra mostrar que não existe preconceito, nem nada. A partir de 92, 93, que eu comecei a participar, então eles sabem que todo ano tem. Nenhum intuito de mostrar pra ninguém e nada, porque isso é uma coisa muito cultural, né?

A preocupação em torno da questão racial também aparece no relato do entrevistado 12:

Eu acho muito legal. A data que todo mundo que vem aqui gosta. Às vezes a gente interpreta do lado errado, mas a gente não tem nada de mais, nada de errado. Pelo contrário, encontra amigos brancos, amigos pretos, todo mundo é igual. A festa é muito grande, junta 3000 pessoas aí, então pra nós representa isso aí.

Esse jogo de futebol idealizado e mantido para a confraternização de pretos e brancos, cujos valores já foram incorporados aos costumes e à tradição daquela comunidade, possui um sentido de festa, como salienta o entrevistado 9:

Pra mim representa o que a propaganda já diz: encontro entre amigos, é confraternização. E, principalmente, como já faz muito tempo, esse jogo tem muita gente que não mora mais aqui, eles mudaram pra longe. Nesse dia a gente vê gente que não vê o ano inteiro, só vê nesse dia que vem de fora, que mora longe, nesse dia vem todo mundo que tá afastado. [...] O significado já é famoso, né? Todo mundo lembra do “Preto x Branco”, sabe o dia aí. A gente já faz propaganda, campanha, nos bares por aí, e o boca a boca vai longe. E a maioria já fica sabendo que é nessa época, entendeu, antes do Natal, então já se comunica.

Quem pensa que o valor do “Preto X Branco” se restringe aos seus protagonistas está enganado. Além das fontes que mencionamos, outras instituições foram procurá-lo para conhecê-lo e apresentá-lo à sociedade brasileira, através dos diferentes tipos de mídia. Afinal, o discurso emitido por aquele grupo que o torna singular é fato de que,

naquele pedaço, não há racismo, fato que o coloca na vanguarda da contestação do racismo na cultura brasileira.

É uma festividade tão importante pra gente que transcende aqui o pessoal que vem aqui, que frequenta durante o ano. Porque vêm amigos de fora, de longe, que já frequentaram aqui e a gente pode rever, vem gente de tudo quanto é canto de São Paulo pra essa festa. A imprensa está sempre aqui acompanhando, fazendo matéria, já foi o caso da Cultura, da Rede Globo, nós fomos entrevistados no Esporte Espetacular, uma matéria muito bonita na Cultura também apareceu. Pô, eu tenho amigo em outros estados, em Minas, tenho amigos em Uberaba que fala: “Pô, meu, vi você lá, vi a matéria lá de vocês, que legal. Tem uma tia minha lá do Espírito Santo que viu também”. O Flor é muito conhecido por essa festa Preto x Branco, é muito conhecido em todo canto do estado de São Paulo, principalmente. [...] Eu não sou nenhum profissional, né, pra mim é o jogo mais importante do ano. Você não quer perder de jeito nenhum, então a gente se sente importante pela importância, pelo volume de pessoas que tá assistindo, torcendo, o histórico que tem. Pô, Preto x Branco todo mundo quer jogar e não dá espaço pra todo mundo jogar. Então você tá naquele meio, você tá junto, participando daquela festividade, eu faço parte dessa festa. Nossa, é muito bonito, é muito bacana (entrevistado 10).

Apropriei-me de uma matéria publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, comemorativa do aniversário de 456 anos da capital paulista. O caderno especial intitulado “A alma da metrópole” traz uma introdução interessante para se repensar a cidade:

Uma cidade e sua gente: quer entender uma cidade? Tente começar por sua gente. Tende desvendar os mistérios, os quereres e as angústias de quem dá vida à metrópole. Tente captar a essência dos que dão feições a São Paulo, que a maltratam de vez em quando, mas que também a afagam¹⁰¹.

O especial “garimpou”, segundo o próprio jornal, 25 histórias de pessoas cujas trajetórias se ligam por pequenas coincidências, tendo como cenário a cidade de São Paulo. Uma dessas trajetórias foi a do Sr. Luiz Antônio, apelidado de Índio, cuja maior satisfação é ser dirigente vitalício do Elite, um clube de várzea de Itaquera. O que mais

¹⁰¹ KULCZYNSKI, V. “Uma cidade e sua gente”, segunda-feira, 25/01/2010, Especial, H2.

nos chamou a atenção foi uma pequena matéria de “canto de página” sobre o orçamento destinado ao futebol de várzea de São Paulo:

Melhorar o bom e velho poeirão também rende voto:

A periferia paulistana preserva outra grande tradição além dos clubes como o Elite: o futebol de várzea. Segundo a Secretaria Municipal de Esportes, existem 622 campos na cidade e cerca de 1200 equipes disputam anualmente os grandes torneios do futebol amador de São Paulo. É tanta gente que, desde 2007, vereadores garantiram mais de R\$80 milhões em emendas no Orçamento municipal para reformar 300 desses campos. O grande número de eleitores beneficiados – 30 mil jogadores adultos, além dos pais das 100 mil crianças que disputam as categorias de base – faz crer que o investimento deverá valer a pena em 2010¹⁰².

Minha experiência no jogo me indicou que um desses campos beneficiados pelo orçamento da cidade de São Paulo seria o estádio Benedito Sapateiro, radicado no Clube da Comunidade do Parque Fongaro. Curiosamente, cerca de um mês e poucos dias antes da publicação dessa matéria, redigida com a finalidade de celebrar o aniversário da maior cidade do país, me deparei com uma situação que ilustra parte dos significados do futebol de várzea para a tradição local.

Disse anteriormente que o “Preto X Branco” de 2009 foi inicialmente agendado para o dia 13 de dezembro, e que os jogos não ocorreram naquele dia em virtude de uma chuva intermitente que deixou o estádio Benedito Sapateiro inviável para a prática do futebol. Fazendo jus ao título de “terra da garoa”, aquele dia amanheceu chuvoso em São Paulo, e isso deixou o campo impossibilitado para os jogos.

¹⁰²*O Estado de S. Paulo*, segunda-feira, 25/01/2010, Especial, H7.



Foto do campo do Estádio Benedito Sapateiro no dia 13 de dezembro – Arquivo pessoal

Fui até o lugar do evento na esperança de que ele ainda pudesse ser realizado. Afinal, desconhecia as condições do campo em dia de chuva. Lá chegando encontrei muitas pessoas do Clube da Comunidade, que perguntavam aos organizadores dos jogos: “E aí, vai ter jogo?”. “Vamos ver”, respondia o Sr. Wilson, na esperança de que as chuvas cessassem e o campo ainda pudesse ser restabelecido a tempo. Como isso não ocorreu, o evento foi cancelado naquele dia e ainda não sabíamos se e quando ele seria realizado.

Contrariando a tradição de 36 anos, pela primeira vez o “Preto X Branco” corria o risco de não ser realizado? Seria muito azar para um doutorando ansioso para terminar sua tese. Não havia data para a realização da festa, uma vez que no domingo seguinte, dia 20, já estava agendada a festa da diretoria do Arapuá, instituição que compartilha com o Flor de São João Clímaco o Clube da Comunidade. Após esse dia já seria Natal, e isso dificultaria congregar todo o pessoal para a festa. O que fazer? Cheguei a perguntar a Chuchu se os jogos não poderiam ser realizados nos campos de futebol society, situados ao lado do bar. Chuchu respondeu negativamente, como se eu não soubesse o que estava falando. Percebi que meu comentário foi uma afronta à memória

do jogo. Como poderia um jogo de futebol investido de toda a tradição como o “Preto X Branco” ser jogado num campo de futebol society?

Mesmo sem os jogos naquele dia, a festa ocorreu normalmente. Roda de samba, bate-papo, cerveja e um sanduíche de churrasco eram os ingredientes principais. Durante a festa chegou a resposta para o impasse em torno da data de realização dos jogos: eles ocorreriam no outro domingo, dia 20 de dezembro, após as festividades do Clube Atlético Arapuá.

Ainda no dia 13, a comunidade recebeu durante a festa a visita do vereador de São Paulo Dalton Silvano, que entregou aos presentes um envelope contendo uma emenda orçamentária que garantiria a instalação de grama sintética no campo do estádio Benedito Sapateiro, do Clube da Comunidade do Parque Fongaro. Nela se lê:

Finalmente, a obra do campo com instalação de grama sintética vai ser realizada em 2010.

Por problemas de caráter financeiro, essa benfeitoria de caráter financeiro não foi possível de ser realizada em 2009.

Agora, mais uma vez, o vereador Dalton Silvano fez incluir no orçamento de 2010 a Emenda Orçamentária nº 248, no valor de R\$700.000,00, custo aproximado da colocação dessa grama.

O engenheiro da Secretaria de Esportes já esteve no local e fez a medição do campo, e o processo já está concluído e ficará aguardando apenas a liberação da verba para 2010.

Depois da grama de futebol society, iluminação, mini pista de Cooper, agora a grama sintética no campo. Esse é o trabalho e o carinho do vereador Dalton Silvano com a comunidade do Arapuá e do Flor, em torno do Parque Fongaro e moradores do bairro.

Vamos acompanhar o processo e trabalhar para a liberação da verba o mais rápido possível em 2010.

DALTON SILVANO
Vereador

O fato de as práticas do futebol de várzea e festividades do “Preto X Branco” terem se tornado objeto de ações políticas revela os significados dessas vivências de

lazer para a tradição da cultura local. Esses jogos reforçam símbolos de identidade étnica e nacional, e o fato de ocorrerem anualmente permite enquadrá-los não apenas como uma festa, mas sobretudo como parte do patrimônio histórico e cultural da cidade. Mas ainda fica a pergunta: o que uma festa precisa conter para que ela seja considerada um patrimônio histórico? Chuva (2002) nos oferece a resposta:

As festas, rituais ou celebrações, as formas de expressão diferenciadas, os modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, os lugares onde se concentram e reproduzem práticas coletivas são práticas culturais que se tornaram passíveis de se tornar patrimônio, i. é, de se atribuir valor e significado que amalgamam grupos (CHUVA, 2002, p. 156).

Ao analisar os significados que os atores atribuem aos jogos que eles fazem questão de promover compreendemos que as festas não podem apenas ser vistas como um lugar da memória ou como um “monumento” a ser estudado pelo historiador na linha da história cultural. As representações que os atores do “Preto X Branco” fazem do evento podem ser relacionadas ora com um ato político ora com a preservação das tradições e possibilidade de identidade étnica.

Os jogos são realizados mediante uma iniciativa privada de seus organizadores auxiliados por patrocinadores locais. Todavia, as condições para que esse patrimônio histórico se perpetue são advindas do poder público, que disponibilizou não só o campo de futebol, mas também a manutenção de sua infraestrutura. Restaurados com grama sintética – um dos símbolos da modernidade –, os tradicionais jogos de futebol de várzea e o “Preto X Branco” estariam assegurados, não correndo mais o risco de não serem vivenciados em virtude de adversidades climáticas.

Considerações finais

A história social do futebol de várzea, ou seu presente e, por extensão, sua visibilidade, dependem do interesse acadêmico. Há, sim, personagens, instituições e estilos de sociabilidade varzeanos com os quais se pode aprender através da pesquisa; há, sim, “outros” no futebol (DAMO, 2003, p. 148).

Em *Festa no Pedaco*, Magnani (1996) trata sucintamente do futebol de várzea, da sua importância enquanto gerador de eventos no “pedaco”. Esse estudo mostra como a etnografia pioneira realizada por Magnani, tematizando o lazer e o entretenimento dos grupos populares, continua atualizada, uma vez que São João Clímaco empenha-se em preservar certas práticas de sociabilidade enraizadas na cultura nacional.

Minha tese de doutorado me colocou diante de uma dessas práticas de sociabilidade. A academia me colocou diante de outro futebol. Não aquele dos holofotes e das cifras astronômicas – o futebol profissional –, mas um outro, que constitui-se em um ritual tradicional no plano do lazer da cultura brasileira, reforçado por pessoas simples, receptivas e hospitaleiras são suas principais protagonistas.

O conceito de “tradição inventada” proposto por Hobsbawn e Ranger (1990) é útil para compreender os significados do ritual do “Preto X Branco”, uma vez que o conceito se refere ao conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição¹⁰³.

A leitura que podemos fazer da realização anual do “Preto X Branco” é que os jogos querem afirmar os valores que são promovidos e preservados pelos guardiões da memória daquele grupo. Sendo a cultura um processo dinâmico de produção e de

¹⁰³ Hobsbawn e Ranger delimitaram três categorias de “tradições inventadas” sobrepostas: a primeira tenta demonstrar a coesão social de um determinado agrupamento social ou comunidade; a segunda tem por finalidade legitimar instituições e/ou figuras públicas dando-lhes status social e/ou econômico; a terceira categoria diz respeito à socialização e à imposição de ideias, valores ou determinados comportamentos.

afirmação de valores modernos que objetivam suplantar os tradicionais já enraizados nos costumes locais, o ritual do “Preto X Branco”, radicado na periferia de São João Clímaco, vem cumprindo essa demanda que toma o lazer como momento de contestação e atualização de comportamentos.

DaMatta (1990) salienta que é no ritual, sobretudo no ritual coletivo, que a sociedade pode ter (e efetivamente tem) uma visão alternativa de si mesma. É nele que a sociedade sai de si própria e ganha o terreno do ambíguo, onde não fica nem como é normalmente, nem como poderia ser, já que o cerimonial é, por definição, um estado passageiro. Mas esse estado passageiro talvez possa permanecer. Essa característica do ritual permite aproximar o “Preto X Branco” dos movimentos de mudança social.

Nas suas considerações sobre o lazer, Marcelino (2007) salienta que ele deve ser pensado como uma cultura vivenciada o tempo disponível entre as obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando tempo e atitude. Abordando diversos conteúdos culturais, o lazer estabelece uma relação dialética com a sociedade, ou seja, a mesma sociedade que o gerou e exerce influência sobre seu desenvolvimento, também pode ser por ele questionada, na vivência de seus valores. Assim, o lazer se configura, pois, como “um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para a ordem moral e cultural” (MARCELINO, 2007, p. 11), onde “são vivenciadas situações geradoras de valores que poderiam ser chamados de revolucionários” (*idem*, p. 19).

O evento analisado surgiu dentro de um horizonte que combina, desde sua idealização até os dias atuais, futebol, samba e cerveja, temas caros à constituição da identidade nacional. Jogar futebol na várzea sem qualquer tipo de distinção e depois tomar cerveja em uma roda de samba seria a “quintessência” do “ser brasileiro”. Intimamente ligados à constituição da identidade brasileira, a integração desses três

elementos (futebol, samba e cerveja) é uma das formas de sociabilidade coletiva prediletas dos habitantes dos bairros da periferia dos grandes centros urbanos. Estar “entre amigos”, jogar uma pelada na várzea e depois tomar uma cerveja num bar com os amigos conversando sobre futebol é uma das atividades que os moradores da região do Ipiranga mais gostam de praticar nos seus momentos de lazer.

O “Preto X Branco” ajuda a reforçar os valores antirracistas, caros à constituição, à vivência e ao *ethos* do povo brasileiro. A celebração da amizade entre amigos “brancos” e “pretos” e a ausência de qualquer tipo de discriminação são os códigos que o grupo busca afirmar, transmitindo alguns valores herdados e repassados pela cultura local, que vêm sendo vivenciados no plano do lazer e perpetuados entre as gerações unindo-as unidas. Isso faz dele não apenas um “pedaço” progressista, no que diz respeito ao trato com o tema racial na cultura brasileira, mas também faz com que aquele grupo se coloque na vanguarda da discussão sobre o racismo na sociedade brasileira, apresentando-se como um modelo a ser seguido pelo Brasil.

CONCLUSÃO

É importante ressaltar que o redimensionamento do racismo na modernidade é um tema que está na pauta dos dias atuais e lança luz sobre como essa mudança cultural tem se manifestado no futebol.

O jornal *Folha de São Paulo* dedicou um caderno especial ao tema do racismo. Na sua capa lê-se: “Diminui preconceito entre brasileiros – Datafolha revela que caiu o racismo no país, que também deixa de se ver majoritariamente branco”¹⁰⁴. O caderno apresentou dados do Datafolha, que realizou duas pesquisas sobre o tema, uma em 1995¹⁰⁵ e outra em 2008, baseadas em 13 perguntas. Comparando os dados da primeira e da segunda pesquisa, chegou-se à conclusão de que, após 13 anos, o racismo perdeu força no país. Um número menor de pessoas declarou ter preconceito contra negros, e a adesão a lugares comuns abertamente racistas também caiu. Embora o preconceito “aberto” seja assumido por apenas 3% dos entrevistados, os brasileiros continuam a se ver como uma sociedade racista – para 91% os brancos têm preconceito de cor em relação aos negros.

Por outro lado, mais brasileiros se assumem pretos e pardos e a parcela da população que se identifica como branca caiu de 50% para 37% nesses 13 anos. Também caiu o percentual de pessoas que dizem já terem sido discriminadas por causa da cor – de 22% em 1995, para 16% em 2008. Na página 3 lê-se na manchete: “Diminuem as manifestações de preconceito”¹⁰⁶. No corpo da matéria o jornalista Antônio Góis aponta que, seja por pudor ou por uma questão de consciência, os brasileiros de hoje se mostram menos preconceituosos do que há 13 anos.

¹⁰⁴ Edição de domingo, 23/11/2008, p. 1.

¹⁰⁵ Em 1995, o Datafolha entrevistou 5.081 pessoas em 121 cidades do país. A atual pesquisa ouviu 2.982 pessoas em 213 municípios. A margem de erro é de dois pontos, para mais ou para menos.

¹⁰⁶ Edição de domingo, 23/11/2008, p. 3.

Ao repetir em 2008 as mesmas perguntas feitas em 1995, o Datafolha identificou que caiu significativamente o grau de concordância da população com frases como “negro bom é negro de alma branca” ou “se Deus fez raças diferentes, é para que elas não se misturem”. O jornalista aponta que a mudança pode ser atribuída à constatação, aparentemente contraditória, de que o brasileiro reconhece o preconceito do outro, mas não de si mesmo. Lembremos que 91% dos entrevistados afirmaram que os brancos têm preconceito de cor em relação aos negros. No entanto, quando a pergunta era pessoal, só 3% – excluindo os autodeclarados pretos – admitiram preconceito. Vimos também que caiu de 22% para 16% a proporção de brasileiros que se sentiram discriminados pela sua cor. Esse percentual, no entanto, chega a 41% entre os autodeclarados pretos.

A professora Lilia Schwarcz, reconhecida pesquisadora sobre o tema, concedeu entrevista para a matéria de divulgação dessa pesquisa na *Folha de São Paulo*. Ela aponta que a mudança nesse hiato de 13 anos se deve à popularização de um discurso politicamente correto, e diz ter algum ceticismo com relação ao menor percentual de concordância com afirmações preconceituosas. “As coisas mudaram, mas nem tanto. As pessoas reagem mais às frases preconceituosas como se já estivessem vacinadas. É positivo ver que há maior consciência, mas é preocupante constatar que a ambivalência se mantém. Parece que os brasileiros jogam cada vez mais o preconceito para o outro. ‘Eles são, mas eu não’” (p. 3), disse Schwarcz ao jornalista Antônio Góis.

No final de julho de 2010, quando me preparava para escrever a conclusão desta tese, fiz uma visita ao Museu Afro-Brasil, situado no Parque do Ibirapuera, São Paulo, capital. Naquele período estava em cartaz no museu uma exposição intitulada “de Arthur Friedenreich a Edson Arantes do Nascimento: o negro futebol brasileiro”. Ao final da exposição havia uma mensagem assinada por Emanuel Araújo, diretor do museu e curador da exposição. Eis a mensagem:

O negro futebol brasileiro

O futebol teve suas origens na China, atravessou o Atlântico ainda no século XIX e chegou até nós através dos ingleses na figura de Charles Miller e foi primeiramente introduzido nas chamadas classes alta e média da sociedade emergente do século passado a nos clubes esportivos e sociais da elite paulista, e creio que assim foi no Rio de Janeiro e em todos os outros estados brasileiros que descobriram o sucesso dessa modalidade esportiva e o quanto ela tocava na alma latina dos sul americanos.

Muitos trabalhos e teses foram escritos sobre o futebol no Brasil. Analisados sobre diferentes aspectos, desde os antropológicos, sociológicos, etnológicos, cronistas, jornalistas, poetas, escritores, curiosos, apaixonados e seduzidos pelo futebol o único esporte que une dança, uma espécie de domínio do corpo e de muitos gingados, equilibristas do espaço onde a magia está em dominar uma bola que às vezes tem caprichos próprios de um ser vivo, capaz de transformar sua magia em momentos de sucesso ou do mais puro e terrível fracasso.

O fato é que o futebol, que há muito virou paixão nacional, será sempre motivo de transformações sociais de quem na prática esportiva ascende e transcende pelo talento e pelas qualidades ímpares de um grande atleta.

O futebol assim como o **carneval** e outras manifestações populares no Brasil, ocupa grandes espaços na mídia por se tratar de **capacidade** de envolvimento com as mais diferentes camadas da sociedade brasileira, pelo **grande élan lúdico** contido nessa forma de extravasar as frustrações das conquistas sociais de um povo que **necessita** desses escapes enquanto espera uma grande inclusão social que lhe adote como cidadão de fato.

A Academia por vezes tem se ocupado desse grande palco de inclusão social e desse frenesi de intermináveis paixões. Contudo são pálidas as contribuições para se estudar o ingresso dos negros e mestiços nos chamados esportes de elite, muito embora essas mudanças tenham suas próprias regras.

Gilberto Freyre, o autor de *Casa Grande e Senzala*, comenta no prefácio do livro *Negro no Futebol* de Mário Filho:

Mário Filho nos põe diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade – no comportamento ou na vida dos homens. No caso, homens do Brasil. Homens de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas européias. Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o foot-ball, no Brasil ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço.

Claro que o futebol como manifestação nacional, expõe a verdadeira face do país, com seus preconceitos agora vistos até nas manifestações das torcidas e internamente entre os próprios jogadores de diferentes clubes.

O futebol seria mesmo cultura brasileira?

Seria uma porta de entrada à cultura brasileira?

Poderia ser uma porta para ascensão social do esportista negro?

Emanoel Araújo
Diretor Curador

Fonte: Museu Afro-Brasil – Arquivo pessoal – julho/2010

No texto nos chamou a atenção a lacuna acadêmica que havia sido identificada pelo diretor-curador do museu, no que diz respeito à inserção de negros e mestiços no futebol brasileiro. Esta tese se ocupou de cobrir parte dessa lacuna, investigando como o tipo de preconceito que se desenvolveu no Brasil operou no futebol paulista ao longo do século XX.

Escolhi alguns marcos para entender essa trajetória, como a tensão do futebol paulista deflagrada pela popularização do futebol, a atitude da imprensa negra nesse processo e dois rituais de futebol que, embora muito parecidos, não possuem uma

relação de continuidade entre si. Quais seriam as interseções entre os jogos “Preto X Branco” nos anos de 1920-1930 e os jogos de Pretos contra Brancos, reinventados, a partir da década de 1970 até nossos dias, por um grupo de amigos na cidade de São Paulo?

Sendo o esporte uma das mais populares e influentes manifestações culturais da modernidade, ele incorpora e traduz parte das dimensões que marcaram o contexto histórico no qual as modalidades esportivas se inserem. Nesse sentido, não é surpreendente a relação do futebol com as tensões culturais de determinada época na trajetória do esporte no século XX.

Acompanhando a trajetória da modalidade na capital paulista ao longo do século XX e da primeira década do século XXI, podemos aceitar a hipótese de que os preconceitos raciais enraizados na cultura brasileira, aos poucos, estão sendo desmontados (MELO, 2008)¹⁰⁷, apesar de não terem desaparecido totalmente no futebol brasileiro. Se as culturas são construídas por meio de um processo dinâmico de luta, afirmação, superação e incorporação de novos valores, a hipótese que orientou este empreendimento foi discutir que os valores da modernidade, que sinalizam um enfraquecimento em relação às antigas formas de discriminação, ainda não teriam banido a velha gramática racial do futebol brasileiro.

Penso que um caminho profícuo para compreender a tensão sobre a popularização do futebol em São Paulo seja o “racismo à brasileira”. Num país em que a raça tem aparência na classe, o racismo está relacionado aos valores que identificam pretos e brancos às clivagens sociais e econômicas. A presença desse racismo silencioso e travestido por marcadores sociais revela os debates sobre a integração e a afirmação de uma nação liberal e republicana.

¹⁰⁷MELO, V. A. “Vitória ajuda a superar preconceitos”. *Folha de São Paulo*, segunda-feira, 03/11/2008, Esportes, p. 3.

Para compreender esse racismo e as reminiscências dos valores oriundos de uma ordem escravocrata que ainda persistiam nas primeiras décadas do século XX, fui até os escritos da imprensa negra para analisar como esse veículo se posicionava sobre a participação dos seus pares no emergente campo do futebol. Através das elaborações sobre as vitórias dos clubes de negros, depreendemos que aquela mídia posicionava-se frontalmente contra o “preconceito à brasileira”, denunciando que os pretos eram preteridos em alguns esportes. A estratégia dessa imprensa para favorecer a inserção do negro naquele campo elitista foi construir uma representação identitária do negro que privilegiasse o capital futebolístico, sem se esquecer das marcas de uma cultura dominante como a disciplina, a higiene e a ordem. Uma nação higienizada, disciplinada e ordeira na esteira de um projeto nacional que via no futebol um meio de expressão positiva da brasilidade.

Parte dessa demanda era ritualizada através de um jogo festivo de futebol que ocorria naquele mesmo contexto histórico: o “Preto X Branco”. Para DaMatta (1990), é possível observar que, numa sociedade historicamente determinada, podem ser encontrados valores, relações, grupos sociais e ideologias que pretendem estar acima do tempo. A ideologia da festa “é a sua vivência e concepção como algo duradouro, perene e constante como a própria sociedade brasileira” (p. 28).

Pensemos sobre a continuidade e a relação entre as duas festividades do “Preto X Branco”, que, em cada temporalidade, objetivavam contestar o preconceito no Brasil. Entre os primeiros jogos e o festival promovido há 37 anos pelo Flor de São Clímaco há um hiato de 33 anos, se assumirmos que o primeiro terminou em 1939 e que o segundo começou em 1972. Os atores que participam do segundo evento em nenhum momento rememoraram os jogos do começo do século XX, e, quando questionados, diziam

desconhecer outras partidas com a mesma temática promovida por eles, talvez até para manter a suposta originalidade do evento do qual são organizadores.

Enquanto o primeiro evento se originou de uma iniciativa de uma liga que se constituiu a partir da insatisfação de alguns clubes diante da política do futebol paulista, o segundo surgiu espontaneamente a partir da ação de moradores da periferia daquela mesma capital. No primeiro caso, dividiam-se os diversos matizes étnicos formadores da cultura brasileira em um time de “brancos” e outro de “pretos” para celebrar o fim da escravidão e a emancipação política dos negros; no segundo, o motivo de comemoração é a amizade entre moradores da periferia de São Paulo.

A força desse jogo em ambas as épocas se dá pelo apelo simbólico construído em torno dele, reacendendo o debate a respeito da relação entre brancos e negros na cultura brasileira. Esse é um dos pontos de convergência entre as duas versões do “Preto X Branco”. Por isso, podemos nos arriscar a dizer que, apesar de seus diferentes contextos históricos, as festividades convergiam em torno de um valor: destacar a integração entre brancos e não brancos e lembrar que o racismo no país da miscigenação fere um dos valores da brasilidade.

As datas nas quais os eventos ocorrem expressam os diferentes significados do “Preto X Branco”. Realizar os primeiros jogos naquela data tinha tudo a ver naquela época porque o Brasil era recém liberto da escravidão e os negros precisavam se afirmar na sociedade como homens livres e dotados de qualidades e capacidades iguais (ou até superiores) às dos brancos. Já os segundos valorizam a amizade e a confraternização. O Brasil é considerado o maior país católico do mundo de modo que o Natal torna-se uma data bastante celebrada e o ritual do “Preto X Branco” aparece como parte dessas celebrações.

Relembro que um dos objetivos materiais dos primeiros jogos era a taça “Princesa Izabel”, que seria concedida ao quadro que acumulasse três vitórias consecutivas ou quatro alternadas. Sua nova versão, que por ser tão antiga já está cristalizada na tradição local, é prevista para um dos domingos que antecedem o Natal. Em qual? Isso depende das agendas, das condições climáticas... O importante é que o jogo, como reza a tradição, aconteça anualmente às vésperas do Natal, mesmo que tenha que ser remarcado em virtude das adversidades climáticas. O dia 20 de dezembro de 2009 teve um belo dia de sol, perfeito para as festividades da 37ª edição do “Preto X Branco”. O destino reservou esse presente para o Sr. Zé Lauro: seria sua despedida daquele evento do qual ele, autodeclarado branco, foi um dos idealizadores.

O futebol é um locus privilegiado de compreensão do “racismo à brasileira”, de reprodução do seu caráter ambivalente e de manifestação dos estereótipos construídos sobre os negros ao longo dos anos. Se no passado os estereótipos sobre os negros já existiam na sociedade, não surgiram devido a essas as tensões da apropriação dos populares por uma atividade da elite, a persistência deles na atualidade, acionados nos momentos de conflito, expressa os significados sobre a raça na cultura brasileira.

Lília Schwarcz publicou o texto abaixo na revista *Trip*, após a matéria que apresentou o jogo.

Juiz não tem cor: na pelada de Heliópolis, na pesquisa do IBGE ou nas cotas para a universidade, brasileiro gosta de jogar com raça – em todos sentidos.

Raça sempre deu o que falar. Desde que o “Brazil é Brasil” o tema fez parte da agenda política e social. Para o Bem ou para o Mal a questão da raça serviu para tudo, e nunca foi assunto neutro. Basta ver a quantidade de expressões, piadas, provérbios e nomes que fazem parte da nossa sociabilidade.

Mas o tema é ainda mais complicado. Longe de ser uma definição biológica – mais própria ao contexto norte-americano, onde quem descende de uma família negra (a menos de três gerações), e a despeito da aparência, é sempre negro –, aqui padecemos do mal (ou do bem?) da cor. Se não há racismo melhor do que o outro (todos são igualmente ruins), o fato é que existem diferentes formas de preconceito. No nosso caso, praticamos um preconceito

de “marca” e não de “origem”. Ou seja, na nossa definição valem muito mais critérios externos (o fenótipo) do que as ditas determinações biológicas.

Por isso mesmo, raça é substituída, no Brasil, pela noção de cor e os conceitos ficam para lá de escorregadios. Não por acaso, os jogadores da favela de Heliópolis, quando realizam o clássico Preto X Branco, refazem o velho modelo. Formalmente, são “onze de pele preta contra onze de pele branca”. No entanto, na prática a teoria é outra. Os nomes se misturam, assim como as definições.

[...] E afinal quem é preto no Brasil? O tema vai longe e implica esbarrar na marca do gol a discutir a polêmica questão das cotas que vem agitando os nossos circuitos universitários. Afinal, o que vale mais: a atribuição externa ou a auto-atribuição? O jogo está para terminar e não sou eu quem vai dar o apito final. Nada como ficar com as definições locais: o Preguinho, capitão do quadro dos pretos, passou um bom tempo jogando um ano para cada lado. Rappin Hood conta que vira e mexe alguém grita: “olha lá, tem um branco jogando pelos pretos”. Pior ainda, Preguinho filho de pai alemão e mãe negra, tem jogado pelos pretos. Ufa... quem vai contrariar. Nossos jogadores têm mesmo razão: só juiz é que não tem cor (SCHWARCZ, 2003, p. 71).

A partir do trato com as fontes pudemos observar que o “Preto X Branco” reproduz a ambiguidade do racismo da sociedade da qual ele faz parte e que o objeto teorizado por Oracy Nogueira – o preconceito de marca – se replica no futebol. Esse preconceito ambivalente, que não se reduz ao fenótipo do indivíduo, reforça o discurso identitário de uma nação que se envaidece de dizer que nela não vigoram antagonismos ou ódios raciais profundos, o que pode ser lido pela afirmação da democracia racial, uma ideologia que fez parte de um esforço para conciliar os ideais republicanos de igualdade com a realidade da exclusão social e política.

O mito da democracia racial encobre a realidade da desigualdade, que impede que os negros se integrem à sociedade brasileira devido ao analfabetismo, desnutrição, criminalidade, entre outros resíduos herdados da escravidão. Por exemplo, essa relação de exclusão e inclusão engendra um modo perverso de espacialização que inscreve as relações coletivas segundo o modo dominante, o que se traduz como falta de poder. O racismo contemporâneo e a discriminação são estabelecidos através de meios informais, e esse tratamento é intensificado à medida que o tom da pele torna-se mais escuro.

Para Hasenbalg (1996), os resultados de pesquisas recentes são de estarrecer aqueles que acreditam na neutralidade do critério racial em matéria de apropriação das oportunidades sociais. No ano de 2007 o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) divulgou uma pesquisa¹⁰⁸ que mostra que há uma enorme disparidade entre o rendimento¹⁰⁹ dos negros e o dos “não negros” nas cinco regiões metropolitanas brasileiras. Seus resultados apontam que os primeiros ganham muito menos em relação aos últimos em todas essas regiões metropolitanas¹¹⁰ e no Distrito Federal (DF), não obstante o fato de trabalharem mais.

Analizando a tendência por regiões, vê-se que em todas elas a proporção de negros com escolaridade igual ou inferior ao ensino médio incompleto se aproxima dos 50%, ou supera esse percentual. Essa situação revela que a população negra tem mais dificuldade de permanecer e progredir nos estudos, fato que coloca limites importantes em sua trajetória e reforça as dificuldades derivadas da discriminação racial.

Os dados sobre desemprego revelam importantes aspectos da realidade segundo a cor e o sexo. Destaca-se, por exemplo, que as taxas de desemprego são sistematicamente maiores entre a população negra, qualquer que seja o nível de escolaridade considerado. O acesso à educação é bastante segmentado segundo a cor das pessoas, com forte concentração de pretos entre os níveis inferiores de escolaridade. Vejamos as tabelas que se referem à escolarização média dos chefes de domicílio de acordo com a cor¹¹¹:

¹⁰⁸ DIEESE. “Escolaridade e trabalho: desafios para a população negra nos mercados de trabalhos metropolitanos”. Estudos e Pesquisas, ano 3, nº 37, nov./2007.

¹⁰⁹ O rendimento médio é um dos indicadores da qualidade da ocupação, que está diretamente relacionada à educação. Nesse sentido, o aumento da escolarização reduziria as disparidades entre negros e não negros. Todavia, a situação da população economicamente ativa (PEA) é bastante desfavorável quando são analisados os dados sobre a educação. Nas cinco regiões metropolitanas pesquisadas e no DF, é grande a concentração de negros nas faixas de menor escolaridade – do analfabetismo até o ensino médio incompleto –, realidade que se inverte nos níveis mais elevados de instrução (médio completo e superior completo).

¹¹⁰ A saber: São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Porto Alegre, além do Distrito Federal.

¹¹¹ Note-se que oito anos é o tempo necessário para concluir o ensino fundamental no Brasil, 11, o ensino

Cor da pele do chefe do domicílio	Escolaridade média
Amarela	8,74
Branca	6,36
Preta	5,33
Parda	4,71

Fonte: IBGE, 2005.

Esses dados são suficientes para reacender a discussão sobre a adoção de cotas em universidades. Lembremos que foi essa discussão iniciada no princípio do século XXI que motivou a mídia a buscar o “Preto X Branco”. Acompanhando a conclusão de Kamel (2004) de que há uma íntima relação entre escolaridade e renda e que, em 2000, 11,8% dos brancos tinham diploma universitário, contra 3,1% dos pretos, compreendemos, assim, porque, no Brasil, são os negros que recebem menos.

Apesar disso, a pesquisa do Datafolha, publicada pela Folha de São Paulo e mencionada no início dessa conclusão, apontou – além do enfraquecimento do racismo no país -, além de uma melhoria da condição de vida de pretos e pardos em termos de renda e acesso à educação formal. O maior acesso à educação de pretos e pardos é destaque na comparação de uma pesquisa realizada em 1995 e reeditada em 2007.

A diferença média de estudo dos pretos e pardos com relação aos brancos de fato caiu, de 2,1 anos em 1995 para 1,8 em 2007. No entanto, a média de 6,3 anos de estudos de pretos e pardos em 2007 é menor que os 6,4 anos de brancos em 1995, como destacado no título da matéria da *Folha* “Salário e escolaridade dos negros melhoram – Média de anos de estudo de pretos e pardos é ainda menor que a de brancos em 1995” (p. 3). Ainda analisando as disparidades no Brasil, segundo o IBGE tem havido um aumento de pretos e pardos no ensino superior. Levando-se em consideração a categoria “brancos” em comparação à de “pardos/pretos”, em 1995 os percentuais eram de 80%

de brancos e 18% de pardos/pretos; em 2001, os percentuais mudaram, respectivamente, para 77% e 22%; e, em 2007, para 67% e 31%.

Hasenbalg (1996) cita estudos que apontam que 80% dos casamentos no Brasil são racialmente endogâmicos e que esse padrão de endogamia revela que o critério cor ou raça é relevante na seleção conjugal dos brasileiros. Se o casamento configura o máximo grau de intimidade afetiva e material, teríamos um bom exemplo de como pode haver igualdade, sem, contudo, haver intimidade. Sobre esse tema, Berquó (1987), ao estudar os segmentos branco, preto e pardo, verificou que as mulheres pretas se casam mais tarde do que as brancas e as pardas, o mesmo ocorrendo com os homens pretos. Além disso, o celibato entre as pretas, ou seja, a proporção daquelas que chegam solteiras aos 50 anos, é quase o dobro do que o verificado entre as brancas e pardas. O estudo mostrou também que o processo de miscigenação pelo qual vem passando a população do país está apoiado numa certa assimetria por sexo, sobretudo em razão de os homens buscarem mulheres mais claras.

Um dos traços mais marcantes do trabalho de Hasenbalg (1979) foi o de deslocar a relação marxista clássica entre “classe” e “raça”. Segundo ele, “o racismo, como uma construção ideológica realizada através de um conjunto de práticas materiais de discriminação racial, é o determinante primário da posição dos não-brancos nas relações de produção e distribuição” (p. 114). Ao focar as desigualdades sociais, enfatiza a estrutura de classes e as hierarquias sociais em detrimento do preconceito racial e dos modelos explicativos que tomam como ponto de partida os valores e as atitudes construídos pelos sujeitos na interação social:

como se verá, se o racismo torna-se parte da estrutura objetiva das relações políticas e ideológicas capitalistas, então a reprodução de uma divisão racial do trabalho pode ser explicada sem apelar para o preconceito e elementos subjetivos. [...] a desigualdade de oportunidades é manifesta e cristaliza-se em desigualdades sociais ao longo de linhas raciais, sugerindo a existência de

discriminação contra os não-brancos. Contudo, o conceito de discriminação apresenta alguns problemas. [...] esse conceito estimula a confusão entre o processo e o produto, isto é, entre o processo de discriminação e o resultado desse processo (HASENBALG, 1979, 114).

Assim, seria na complexa inter-relação “família, educação e mercado de trabalho” que se definiria o lugar que as pessoas ocuparão na hierarquia social. Com efeito, no Brasil há uma fina correlação entre renda, cor e preferências conjugais, quando observamos que quanto menos brancos houver entre seus pares, maior a probabilidade de um casal ser mais pobre. Ser branco, no Brasil, implica receber mais, e é nesse contexto que se estruturam as condições de exclusão e subordinação da maioria dos pretos e pardos no Brasil. Observe a tabela abaixo:

Homem	Mulher	Renda do domicílio (em salários mínimos)	Proporção do total
Branco	Branca	7,9	40,4
Preto	Branca	4,9	1,8
Pardo	Branca	4,6	11,0
Branco	Parda	4,3	10,0
Branco	Preta	4,1	1,4
Preto	Preta	3,9	3,0
Preto	Parda	3,7	2,2
Pardo	Preta	3,4	1,3
Pardo	Parda	3,4	28,2

Fonte: IBGE, 2005.

A próxima tabela¹¹² mostra as consequências do investimento na educação de brancos e amarelos e do déficit na escolarização dos negros. Os dados sobre a ocupação de pessoas com 10 anos e mais revelam como os primeiros grupos aparecem em proporções muito maiores nas funções diretivas em geral, além das ciências e das artes.

Tipo de ocupação	Cor da pele do chefe do domicílio
-------------------------	--

¹¹² Fundação Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), 2005. Dados tabulados por André Braz Golgher, professor do Cedeplar/FACE/UFMG.

	Branca	Preta	Amarela	Parda
Dirigentes em geral	7,4	2,3	16,5	2,6
Profissionais das ciências e artes	8,8	3,8	19,2	3,2
Técnicos de nível médio	8,4	6,5	13,6	5,7
Trabalhadores de serviços administrativos	10,0	7,3	10,1	6,1
Trabalhadores dos serviços	16,5	29,4	9,6	21,5
Vendedores e prestadores de serviços de comércio	10,1	8,3	11,6	9,7
Trabalhadores agrícolas	15,7	16,3	9,8	26,8
Trabalhadores da produção de bens e serviços e de reparação e manutenção	22,3	25,1	9,3	23,6
Membros das forças armadas e auxiliares	0,69	0,97	0,23	0,74

Fonte: IBGE, 2005.

É no campo profissional que incide o maior entrave para os pretos/pardos. No caderno dedicado ao tema do racismo, publicado pela *Folha de S. Paulo*¹¹³, podemos ler que os “pretos e pardos estão excluídos de postos de elite e ganham menos que brancos quando realizam a mesma função” (p. 6). Entre aqueles que se atribuíam a cor preta ou parda, 55% responderam ao Datafolha que o principal problema enfrentado pela população negra é a “discriminação do trabalho – dificuldades para obter emprego”. Na pesquisa realizada em 1995, 45% tinham essa opinião. Questionados ainda sobre quem sofre mais preconceito no Brasil, a maioria dos entrevistados pelo Datafolha (56%) afirmaram espontaneamente que eram os “pretos” ou os “negros”. Em segundo lugar, aparecem os “pobres”. Aqui os dados parecem contrariar as conclusões dos pesquisadores norte-americanos, que nos anos 1950 afirmaram que no Brasil não havia um “preconceito de raça” e sim um “preconceito de classe”.

A *Folha* ainda apresenta um outro dado, de uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos, em 2005, onde 2,9% e 0,5% dos executivos brasileiros são pardos e pretos, respectivamente. O IBGE elenca algumas profissões, com suas respectivas rendas

¹¹³Edição de domingo, 23/11/2008.

médias, e a concentração de pretos e pardos. Aquelas com uma proporção menor de pretos e pardos coincidem com aquelas em que as rendas médias são maiores. Vejamos:

Profissão	Renda média da ocupação	% Proporção de pretos e pardos
Cirurgião dentista	R\$2.728	8,6
Médico	R\$4.971	9,7
Engenheiro civil e afim	R\$4.035	10,9
Psicólogos e psicanalistas	R\$1.999	12,8
Analistas de sistemas	R\$3.060	17
Advogados	R\$2.823	17,3

Fonte: IBGE, 2005.

Ao contrário, naquelas profissões que possuem uma renda média menor, justamente porque são mais desvalorizadas, há uma maior concentração de pretos e pardos, como se segue:

Profissão	Renda média mensal da ocupação	% Proporção de pretos e pardos
Extrativista florestal	R\$310	67,5
Artesanais de material de construção	R\$440	67,6
Ajudantes de obras civis	R\$380	68,1
Agropecuária em geral	R\$68,3	13,6
Pescadores em geral	R\$231	73
Moleiros	R\$167	83,5

Fonte: IBGE, 2005.

Quando se analisa por tipo de ocupação, o tamanho de cada população é decisivo. No Brasil, os brancos e amarelos ocupam quase $\frac{3}{4}$ das ocupações mais nobres. Em suma, no Brasil os negros recebem menos porque estão longe dos locais onde se recebe mais. As diferenças salariais são gritantes. Quanto à renda média, em 2000 os pretos ganhavam R\$162,75 por mês. Menos da metade do que recebiam os brancos há 20 anos (R\$341,71, em valores corrigidos). Em 2003, um homem branco recebia 113% a mais do que um negro, enquanto as mulheres brancas recebiam 84% a mais que as

negras. Se olharmos para os extremos, observaremos que entre os 10% dos brasileiros mais ricos, 16% são pretos, e, em contrapartida, dos 10% dos brasileiros mais pobres, 70% são pretos (KAMEL, 2004).

Tipo de ocupação	Cor da pele do chefe do domicílio			
	Branca	Preta	Amarela	Parda
Dirigentes em geral	73,5	3,0	1,77	21,6
Profissionais das ciências e artes	72,3	4,2	1,70	21,7
Técnicos de nível médio	59,7	6,1	1,04	33,0
Trabalhadores de serviços administrativos	61,9	6,0	0,68	31,3
Trabalhadores dos serviços	43,2	10,1	0,27	46,1
Vendedores e prestadores de serviços de comércio	52,4	5,7	0,65	41,1
Trabalhadores agrícolas	39,2	5,4	0,27	54,9
Trabalhadores da produção de bens e serviços e de reparação e manutenção	49,5	7,3	0,22	42,8
Membros das forças armadas e auxiliares	48,5	8,9	0,17	42,3
Todos	50,8	6,7	0,55	41,7

Fundação Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), 2005. Dados tabulados por André Braz Golgher, professor do Cedeplar/FACE/UFGM

Outros indicadores sociais são importantes para compreender a relação de brancos, pardos e pretos na sociedade brasileira. De uma maneira geral tem havido uma melhora significativa nas condições de vida de todos os brasileiros. Todavia, divididos os brasileiros naquelas categorias preconizadas pelo IBGE, brancos e pretos/pardos ainda estão muito distantes entre si, quaisquer que sejam os indicadores sociais elegidos. Por exemplo, a taxa de mortalidade infantil diminuiu significativamente¹¹⁴ de 27,1% para 19,4% entre brancos na avaliação de 1995 e 2005, respectivamente, e de 47,3% para 24,4% entre os pretos/pardos na avaliação dos mesmos períodos; o analfabetismo na população de 15 anos ou mais diminuiu entre os brancos, de 9,5% em

¹¹⁴ Mortos para mil nascidos vivos.

1995, para 6,1% em 2007, e entre pretos e pardos, de 23,5%, na primeira avaliação, e 14,1%, na reedição da pesquisa. Por fim, vejamos o rendimento mensal real do trabalho. Em média, os brancos recebiam, em 1995, R\$1.061; em 2001, R\$1.003; e, em 2007, R\$1.050; pretos e pardos recebiam, nesses mesmos períodos, R\$496, R\$488 e R\$563, respectivamente.

Como traduzir esses dados que são sociologicamente relevantes em termos de significados sociais impostos na cultura? É D'Adesky (2005) que ensina que a valorização simbólica em relação às funções e bens de prestígio assegura a perspectiva de imaginar que aqueles que não comungam da mesma condição social não poderão ter acesso a esses bens e funções de prestígio de uma forma igualitária. Logo, o número reduzido de pretos nesses espaços pressupõe uma relação de poder desigual. Assim, a valorização simbólica de determinados bens ou funções nos apresenta uma estrutura diferenciada, desfavorável aos pretos.

Por aí se reconhece que as tensões étnicas instituem uma estrutura simbólico-ideológica cuja trama é o controle do poder. As relações de forças que enquadram a experiência dos pretos à procura de emprego, de lugar de destaque e de promoção, supõem relações conflituosas entre grupos, cuja solução passaria pelo reconhecimento de igualdade com os outros grupos. Daí se percebe bem que a etnicidade não é somente um problema de identificação simbólica, mas implica também uma relação de peremptória afirmação e de aspiração de poder.

Essas diferenças reportam aos debates sobre a integração e a afirmação de uma nação liberal e republicana que foi construída tendo como alicerce os valores estereotipados de uma ordem escravocrata. Apontam os limites da experiência da “democracia racial brasileira”, que se do ponto de vista simbólico tem seu significado elevado à condição de quintessência da imaginação sobre a brasilidade, do ponto de

vista sociológico oferece o racismo como pano de fundo para interpretar a grande discrepância que existe entre os cidadãos brasileiros em termos de acesso à educação, renda e mercado de trabalho.

Um dos dramas interpretados por Oracy Nogueira é o caráter contraditório do “racismo à brasileira”: miscigenacionista e igualitário, ao mesmo tempo em que encobre um tipo sutil e dissimulado de preconceito, sob a forma de incentivo ao branqueamento e de escalonamento dos indivíduos em função de sua aparência racial. As entrevistas com os praticantes desses jogos sugerem que a partida de futebol “Preto X Branco” simboliza a ambivalência do racismo no Brasil: um espaço onde a vivência do ideal civilizatório da democracia racial coexiste com denúncias de representações negativas socialmente construídas sobre a raça negra.

Lembremos que o “Preto X Branco” faz parte de uma festa de confraternização que reúne não só pretos e brancos, mas também outros matizes étnicos que compõem a cultura brasileira. Essa mistura, celebrada num campo de futebol de várzea na qual todos os participantes são reconhecidos indistintamente, reforça o ideal da democracia racial. É importante ressaltar que o sucesso do futebol mestiço, segundo a interpretação nacionalista, provém da várzea e da apropriação pelo preto de um espaço destinado às elites, e se revela quando se aciona o discurso nacionalista que utiliza o futebol como mediador da identidade nacional.

Diante disso, a princípio poderíamos tomar o futebol como um espaço progressista no que diz respeito à absorção dos pretos pela cultura brasileira no período posterior à abolição. No entanto, identificar os pretos como “macacos” ou de forma similar durante os jogos mostra-nos que o espaço do futebol reproduz parte dos preconceitos internalizados na cultura brasileira. Longe de ter qualquer efeito democratizante, a escravidão inscreveu na cultura um sistema autoritário que deixou

como legado não apenas o preconceito, mas também um forte senso de superioridade racial nos corações dos brasileiros brancos (ANDREWS, 1998).

Ainda que os participantes do “Preto X Branco” sejam unânimes em dizer que aquele evento é vivenciado sob uma atmosfera supostamente isenta de racismo e em clima de igualdade, as sutilezas do “preconceito à brasileira” acabam por revelar-se. As marcas que são reconhecidas no fenótipo para identificar quem são os pretos na cultura brasileira e a lembrança constante do binômio negro/mundo animal são manifestações desse tipo de preconceito enraizado na cultura, que se reproduz através daqueles jogos.

Consequência de seu caráter pouco oficializado, o preconceito de cor existe no país através da sua atribuição ao “outro” e é percebido nas formas de discriminação estabelecidas nas vivências do trabalho, da educação e do lazer (Schwarcz, 2001). Os valores dessa vivência do lazer sugerem que os valores celebrados pelo “Preto X Branco” caminham na direção de afirmar esse orgulho nacional. No que diz respeito ao trato com o tema racial o ritual do “Preto X Branco” dramatiza a tensão do “racismo à brasileira” que reside na contradição da coexistência de um racismo inclusivo e excludente (TELLES, 2003).

Desse modo, podemos dizer que os jogos, em cada um dos seus contextos, reproduzem as contradições do racismo da sociedade da qual eles fazem parte. De um lado, um racismo presente, mas não assumido, e, por outro, um antirracismo declarado, cunhado nos termos da “democracia racial”, mas não efetivado. Quando é explícito, é amplamente repudiado, como pôde ser visto a partir das interpretações dos atores comprometidos com os jogos quando dizem que os “racistas são expulsos dos jogos”. A mensagem ideológica dos jogos, mesclada à cultural, é que não admitimos o racismo no Brasil da “democracia racial”, ainda que ele exista de forma dissimulada e que seus reflexos persistam na vida privada de muitos daqueles que são identificados à “raça

negra”.

Entre o discurso identitário da “democracia racial”, iniciado por Freyre, e a denúncia do “racismo cordial”, de Florestan Fernandes, oscilamos entre duas concepções opostas e igualmente verdadeiras:

parece que nos encontramos na encruzilhada deixada por duas interpretações. Entre Gilberto Freyre, que construiu o mito da democracia racial, e Florestan Fernandes, que o desconstruiu, oscilamos bem no meio das duas interpretações, igualmente verdadeiras. No Brasil convivem *sim* duas realidades diversas: de um lado, a descoberta de um país profundamente mestiçado em suas crenças e costumes; de outro, o local de um racismo invisível e de uma hierarquia arraigada na intimidade [...]. O fato é que, no Brasil, “raça” é conjuntamente um problema e uma projeção. E ainda é preciso repensar os impasses dessa construção contínua de identidades nacionais que, se não se resumem à fácil equação da democracia racial, também não podem ser jogadas na vala comum das uniformidades (SCHWARCZ, 2003, p. 241).

Parece que estamos, realmente, lidando com uma forma particular de racismo – o “racismo à brasileira” (TELLES, 2003) – em que coexistem dois movimentos contraditórios: “Como é que a inclusão pode coexistir com exclusão?”, é o que questiona Telles (2003, p. 19). A eficácia da ideologia nacional prima pela coexistência de duas concepções antagônicas sobre um mesmo objeto: as relações raciais na sociedade brasileira.

Como atesta Schwarcz (2005-2006, p. 8), “se não há bons racismos – isso é certeza – o ‘nosso’ é definitivamente singular ou ao menos ‘diferente’, uma vez que é fruto de um contexto histórico e social específico”. Não obstante o fato de essa mesma sociedade se autopromover como assimilacionista no plano cultural, os debates sobre a construção identitária da brasilidade parecem ter trabalhado pela tensão entre o racismo não assumido e o antirracismo declarado. O Brasil é, sim, um país marcado por um processo de exclusão social e econômica, mas é também uma nação de costumes e hábitos miscigenados.

Esse é o paradoxo da sociedade brasileira. Essa relação de inclusão e exclusão engendra um modo perverso que se inscreve nas relações coletivas no Brasil. Nesse país em que o racismo e a discriminação são estabelecidos através de meios informais e intensificados à medida que o tom da pele torna-se mais escuro – podendo ser atenuado ou reforçado pela assimilação ou não das marcas de uma cultura dominante – coexiste um discurso nacionalista que elogia a mestiçagem e a relação harmônica que teria havido entre os diferentes matizes étnicos que compuseram a sociedade brasileira.

No limite, podemos afirmar que o “Preto X Branco” educa as novas gerações com valores antirracistas, ao mesmo tempo que ritualiza o drama das relações raciais na cultura brasileira. Se o Brasil opera com a lógica do “diferente, mas junto”, como ensinou DaMatta (1990), o “Preto X Branco”, em cada um dos seus contextos, reproduz essa máxima, além de marcar as diferenças pensadas sobre pretos e brancos na cultura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAHÃO, B. O. L. **Uma leitura do “racismo à brasileira” a partir do futebol**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho - Programa de Pós-Graduação em Educação Física: dissertação de mestrado, 2006.

AFRICANO, J. L. **Descripción general del África y de las cosas pееgrinas que alli hay** (trad.) Granada: Fundación El legado Andalusí, 2004.

AGOSTINO, G. Perfis dos primeiros craques Negros e Mulatos do futebol brasileiro. In.: Rodrigues Filho, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo (1888 – 1988)**. Bauru: Edusc, 1998.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

AQUINO, R. S. **Futebol: uma paixão nacional**. Jorge Zahar Editor:Rio de Janeiro, 2003.

ANTUNES, F. M. R. F. **“Com brasileiro não há quem possa!” – futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson “Rodrigues**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARRUDA, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: Arruda, A. (Org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In.: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

BASTIDE, R.; Estudos afro-brasileiros. São Paulo: perspectiva, 1973.

_____. FERNANDES, F. **Brancos e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 4ª Edição. São Paulo: Global, 2008.

BLUMMER, H. Race prejudice as a sense of group positions. **Pacific sociological review**, I (spring): 3-8, 1958.

BELLOS, A. **Futebol: o Brasil em campo**. Jorge Zahar Editor:Rio de Janeiro, 2003.

BERQUÓ, E. evolução demográfica. In: Sanchs, I.; Wilhelm J.; Pinheiro, P. S. (Orgs.) **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURDIEU. P. **O poder simbólico**.Lisboa: Difel, 1989.

BRAVIN, A. **Tessituras do presente: Mídia, Memória e identidade**. Comunicação apresentada ao XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Núcleo de Jornalismo, INTERCOM, Porto Alegre, 2004. HTTP: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17308/1/R0897-1.pdf>, acessado em 13 de junho de 2010.

BRUNI, J. C. Apresentação. In.: **Revista USP**, dossiê futebol, nº22. São Paulo, 1994.

CARVALHO, J. J. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. In.: **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p.88-103, Dezembro/Fevereiro 2005-2006.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Apresentação. In.: NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.

Cavalcanti, M. L. V. C. **ORACY NOGUEIRA E A ANTROPOLOGIA NO BRASIL: O estudo do estigma e do preconceito racial**. Caxambú: 19º Encontro da ANPOCS. Outubro de 1995. <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_31/rbcs31_01.htm>, acessado em 25 de abril de 2010.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.

CHUVA, M. Patrimônio imaterial: práticas culturais na construção de identidades de grupos. In: **Contribuições e reflexões para educação patrimonial**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

CÓDIGO PENAL BRASILEIRO. 10ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2004.

COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro, resenha do livro de Mário Filho. **Sociologia**. V. IX, n. 2, p. 181 – 184, 1947.

_____. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2ª Edição, [1953], 1998.

CUNHA, M. C. **Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª Edição. Bauru: EDUSC, 2002.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismo e anti-racismo no Brasil**. Pallas: Rio de Janeiro, 2005.

DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia estrutural**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMatta, R. (Org.) **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **O que faz do Brasil, Brasil?** 2ª Edição. Rocco: Rio de Janeiro, 1986.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5ª edição. Editora Guanabara: Rio de Janeiro, 1990.

_____. Antropologia do óbvio. In: **Revista USP**, dossiê futebol, nº22. São Paulo, 1994.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/agosto de 2003.

_____. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec, 2007.

DEGLER, C. **Neither black nor White**. Madison: University of Wisconsin Press. 1991.

DUHAM, E. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DELGADO, L. de A. N. **Historia oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUNNING, E. Ensaio sobre desporto e violência. In: Elias, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann. R. de Janeiro: Jorge Zahar, 1990/93. 2v.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERREIRA, R. F. **Afrodescendente: identidade em construção**. São Paulo: Educ; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FERNANDES, L. Prefácio. RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANCO Jr. H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

FRANZINI, F. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

FRAZIER, F. Some aspects for race relations in Brasil. **Phylon-review of race and culture**, III, 3, 1942.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1933.

GIACOMINI, S. M. **A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

GINZBURG, C. **Relações de força: histórica, retórica e prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GORDON Jr, C. “Eu já fui preto e sei o que é isso” – história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo”. In: **Pesquisa de campo**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996.

GOULD, S. J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Darwin e os grandes enigmas da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUEDES, S. L. **Futebol brasileiro – instituição zero**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em antropologia social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. In: **Revista de Antropologia**, v. 47. São Paulo: USP, 2004.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARRIS, M. **Town and country in Brazil**. New York: ColumbiaUniversity Press, 1956.
- HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: Maio, M. C.; Santos, R. V. (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HOBSBAWN, E. **Nações e Nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- IANNI, O. **Pensamento social no Brasil**. Bauru: EDUSC, 2004.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In.: Jodelet, D. **Representações sociais**, EDUERJ, 2001.
- KAMEL, A. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.
- LAPIERRE, J. W. **Le pouvoir politique et les langues**. Paris: PUF, 1988
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- LEITE LOPES, J. S. **A vitória do futebol que incorporou a pelada**. In.: **Revista USP**, dossiê futebol, nº22. São Paulo, 1994.
- LEVINE, R. M. Esporte e Sociedade: o caso do futebol brasileiro. In.: Meihy, J. C. S. (Org.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- LIMA, S. M. C. ... até canibal vira vegetariano. In.: **Revista USP**, São Paulo, n. 69, p.44-59, março/maio 2006.
- LIRA, A. A. D. **Entre memórias e identidades sociais**. Interface. Natal/ RN – v. 1, n. 2. Jul/ Dez. 2004. HTTP. <<http://www.ccsa.ufrn.br/interface/1/artigos/5%20Entre%20mem%F3ria%20e%20identidades%20sociais.pdf>>, acessado em 25/6/2010.
- MAGGIE, Y. Uma nova pedagogia racial? In.: **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p.112-129, Dezembro/Fevereiro 2005-2006.
- MAGNANI, J. C. Quando o campo é a cidade – fazendo antropologia. In: **Na metrópole**. Magnani, J. C. & Torres, L. de L. (Orgs.). São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996.

MAIO, M. C. Apresentação. In: Pinto, L. A. **O Negro no Rio de Janeiro: Relações de raça numa sociedade em mudança**. 2^a Ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

_____. **O racismo no microscópio: Oracy Nogueira e o Projeto Unesco**. Estudos interdisciplinares de América Latina Y Caribe. 2007. [Http. <http://www1.tau.ac.il/eial/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=236>](http://www1.tau.ac.il/eial/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=236):

MALIK, K. **The meaning of race**. Londres: McMillan, 1996.

MARCELINO, N. C. Lazer e cultura: algumas aproximações. In.: MARCELINO, N. C. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

MARCONDES, D. **Textos básicos de ética: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MAZZONI, T. **História do futebol brasileiro**. São Paulo: Olympicus, 1950.

MELO, V. A.; ALVES Jr.; E. D. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: ed. Anita, 1994.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

NEVES, M. F. R. **Documentos sobre a escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.

NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, n.10. São Paulo: PUC/SP, 1993.

OLIVEIRA, P. G. **Goleiros: heróis e anti-heróis da camisa 1**. São Paulo: Alameda , 2006.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PARK, R. Introdução à 1^a edição. In: PIERSON, D. **Branços e pretos na Bahia**. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

PENA, S. D. J. ; BIRCHAL, T. S. A inexistência biológica *versus* a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social. In.: **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 10-21, Dezembro/Fevereiro 2005-2006.

PEREIRA, L.A.M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, J. B. **B.O negro e a identidade racial brasileira**. In.: racismo no Brasil – São Paulo: Petrópolis; ABONG, 2002.

PIERSON, D. **Branços e pretos na Bahia**. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

PIRES, A. L. C. S. “Associações de homens de cor”: imprensa negra, movimentos negros e ideologias sociais (1915 – 1937”. In: Salgueiro, M. A. A. (Org.). **A república e a questão do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

_____. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, PP. 200- 212, 1992.

PRAXEDES, R. R. **Cor e segregação no Brasil**. Revista Espaço acadêmico. Ano III, nº 27, agosto de 2003. HTTP: <
<http://www.espacoacademico.com.br/027/27rpraxedes.htm>>

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO Jr. J. C. N. R. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Vozes: Petrópolis, 1982.

REIS. J. C. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

REIS, E. A. **Mulato: negro não-negro e/ou branco não-branco**. São Paulo: Editora Altana, 2002.

ROCHA, L. L. F. **Documentário no Maranhão: um lugar de memória**. Cambiassu – Revista Científica do Departamento de Comunicação social da Universidade Federal do Maranhão: São Luis. Jan/ Dez, 2009. Http:
http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2009/larissa.pdf, acessado em 23 de Abril de 2010.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1947.

_____, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES DA SILVA, H. “rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista brasileira de História**. São Paulo, p. 425-438. 2002

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo:Edusp, 1993.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil**. Salvador: Edufba; Pallas, 2007.

SANTOS, J. R. **O que é racismo**. São Paulo: Abril cultural/Brasiliense, 1984.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, R. P. Futebol e racismo no Brasil. In.: **Revista do Instituto e Geográfico Brasileiro**. Ano 169, n. 439, 2008.

SANTOS, R. V.; Bortolini, M. C.; Maio, M. C. No fio da navalha: raça, genética e identidades. In.: **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 22-35, Dezembro/Fevereiro 2005-2006.

SCHWARCZ, L. M. **Retrato em branco e preto – jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: Novaes, F. A.; Schwarcz, L. M. (Orgs.) **História da vida privada no Brasil**. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Na boca do furacão. In.: **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 6-9, Dezembro/Fevereiro 2005-2006.

SEYFERTH, G. **O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre o racismo**. In.: racismo no Brasil – São Paulo: Petrópolis; ABONG, 2002.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópole e desatinos. In.: **Revista USP**, dossiê futebol, nº22. São Paulo, 1994.

SKIDMORE, T. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **O Brasil visto de fora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

STORTI, V.; Fontenelle, A. **A história do Campeonato Paulista: 1902-1996**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 1997.

SILVA, C. L. B. Sobre O Negro no Futebol Brasileiro, de Mário Filho. In.: **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Silva, F. C. T.; Santos, R. V. (Orgs.). Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006

SILVA, A. P. **Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2008.

SOARES, A. J. **Futebol, raça e nacionalidade – releitura da história oficial**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho - Programa de Pós-Graduação em Educação Física (tese de doutorado), 1998.

_____. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: Helal, R., Soares, A. J., Lovisolo, H. (Orgs.) **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro. Mauad, 2001.

SOUTO, S. M. **Imprensa e memória da copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa**. Niterói: Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Dissertação de mestrado, 2002.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

STOCKING JR., G. W. French anthropology in 1800. In: **Race, culture and evolution**. Chicago: University of Chicago press, 1982.

TELLES, E. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

THOMAZ, K. **O homem e o mundo natural**. Companhia das letras: São Paulo, 1988.

TOLEDO, L. H. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982 – 2002). **BIB**, 52: 133 – 166. São Paulo, 2001.

_____. Didi: a trajetória da folha-seca no futebol de marca brasileira. In: Gonçalves da Silva, V. (Org.) **Artes do corpo - (memória afro-brasileira)**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

_____. **Lógicas no futebol**. Hucitec: São Paulo, 2002.

TURRA, C.; VENTURI, G. **Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil**. Atica: São Paulo, 1995.

Viagens de Luís de Cadamosto e de Pedro de Sintra. Lisboa: Academia portuguesa de História, 1988 [1507].

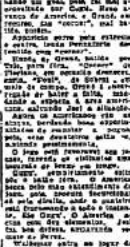
WACQUANT, L. J. D. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

WITTER, J. S. A várzea não morreu. In.: Meihy, J. C. S. (Org.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

WOODWARD, K. identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tadeu da Silva, T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DOCUMENTÁRIO

MORALES, W. **Preto X Branco** [filme-documentário]. São Paulo: TV Cultura, 2004.



A (John American, King, Jr.)
 (Columbia, Vol. 2, 2nd Edition, 2, 2nd)

Waller escreveu indicando a necessidade de se fazer uma avaliação de todo o sistema. Waller não se deu por satisfeito. Ele queria saber se a avaliação seria feita e se o sistema Waller seria avaliado.

Recomendamos também a leitura do livro "A busca por uma nova política externa", de 1999, escrito por Waller, onde ele discute a necessidade de uma política externa mais ativa e mais integrada com a política interna.

Waller não se deu por satisfeito. Ele queria saber se a avaliação seria feita e se o sistema Waller seria avaliado.

Recomendamos também a leitura do livro "A busca por uma nova política externa", de 1999, escrito por Waller, onde ele discute a necessidade de uma política externa mais ativa e mais integrada com a política interna.

[illegible]

de "despachos, mensagens" de
"uma e outra instância do Estado".
Com mensagens "exclusivas no
campo da ciência, sociologia ou
matemática" de âmbito de "inter-
nacionalização", sendo "desenvol-
vidas juntamente com Roberto
Cassuto, de Milão, e Vitalis".
O tempo terminava quando Odo-
ardo pronunciava, de sua poltrona,

«O conhecimento se adquiriu em
uma e outra instância».

Passaram-se dois longos e
calmos minutos. Quando estu-



Uma interessante apresentação das desventuras da quadrilha do Nator, que com belos relatos nos dá uma ideia da situação política e econômica do Brasil.

[illegible]

...são por 1 a 4.
PRIO
RESTADUAES
 ...ou com o America
 C.

[illegible]

... e, em 1961, o Brasil, ao assumir a presidência da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), tornou-se o primeiro país latino-americano a assumir a liderança da organização. Desde então, o Brasil tem desempenhado um papel ativo na promoção da integração econômica e social da América Latina e do Caribe.

[illegible]

[illegible]

Athletismo

O campeonato academico

1.º — **CELESTINO ANDRÉSSO**, Mar-
 quês de **Albuquerque**, Diretor,
 34/35
 2.º — **A. TALLERD**, Diretor,
 34/35
 Conselho de direção geral
 Presidente e seu adjunto secret-
 ário de Finanças
 3.º — **JOÃO DE OLIVEIRA**
 1.º — **OSCAR KRAM**, Polícias
 34/35
 2.º — **ANTONIO TAVES MONTE**,
 Polícias, Lda, 32/37
 Direção ANDRÉSSO, ANDRÉSSO,
 34/35
 3.º — **LUIS VERGARA**, Direc-
 tor, 34/35

Por inferior, o resultado da votação mere, só entre os alunos da turma, foi de 100 por cento. A maioria dos alunos votou em favor da Diretora com 99 por cento.

Relatório do júri

Conselho C. Bionetti, Diretora, J. A. Oliveira.

Os membros do júri foram: Maria Hava, Mariana, Jayme Almeida, M. A. Lúcia Queiroz e Maria Alvimar, presidente da turma, com 100 por cento.

O resultado das duas votações foi: 100 por cento em favor da Diretora e 99 por cento em favor da turma.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

1.0 — Bruno Paris, Hialeah, Fla.
 2.0 — Pauline Ambrosio, Hialeah, Fla.
 3.0 — José María Carrera, Hialeah 44 Box, 3137.
 4.0 —
 5.0 —
 6.0 —
 7.0 —
 8.0 —
 9.0 —
 10.0 —
 11.0 —
 12.0 —
 13.0 —
 14.0 —
 15.0 —
 16.0 —
 17.0 —
 18.0 —
 19.0 —
 20.0 —
 21.0 —
 22.0 —
 23.0 —
 24.0 —
 25.0 —
 26.0 —
 27.0 —
 28.0 —
 29.0 —
 30.0 —
 31.0 —
 32.0 —
 33.0 —
 34.0 —
 35.0 —
 36.0 —
 37.0 —
 38.0 —
 39.0 —
 40.0 —
 41.0 —
 42.0 —
 43.0 —
 44.0 —
 45.0 —
 46.0 —
 47.0 —
 48.0 —
 49.0 —
 50.0 —
 51.0 —
 52.0 —
 53.0 —
 54.0 —
 55.0 —
 56.0 —
 57.0 —
 58.0 —
 59.0 —
 60.0 —
 61.0 —
 62.0 —
 63.0 —
 64.0 —
 65.0 —
 66.0 —
 67.0 —
 68.0 —
 69.0 —
 70.0 —
 71.0 —
 72.0 —
 73.0 —
 74.0 —
 75.0 —
 76.0 —
 77.0 —
 78.0 —
 79.0 —
 80.0 —
 81.0 —
 82.0 —
 83.0 —
 84.0 —
 85.0 —
 86.0 —
 87.0 —
 88.0 —
 89.0 —
 90.0 —
 91.0 —
 92.0 —
 93.0 —
 94.0 —
 95.0 —
 96.0 —
 97.0 —
 98.0 —
 99.0 —
 100.0 —
 101.0 —
 102.0 —
 103.0 —
 104.0 —
 105.0 —
 106.0 —
 107.0 —
 108.0 —
 109.0 —
 110.0 —
 111.0 —
 112.0 —
 113.0 —
 114.0 —
 115.0 —
 116.0 —
 117.0 —
 118.0 —
 119.0 —
 120.0 —
 121.0 —
 122.0 —
 123.0 —
 124.0 —
 125.0 —
 126.0 —
 127.0 —
 128.0 —
 129.0 —
 130.0 —
 131.0 —
 132.0 —
 133.0 —
 134.0 —
 135.0 —
 136.0 —
 137.0 —
 138.0 —
 139.0 —
 140.0 —
 141.0 —
 142.0 —
 143.0 —
 144.0 —
 145.0 —
 146.0 —
 147.0 —
 148.0 —
 149.0 —
 150.0 —
 151.0 —
 152.0 —
 153.0 —
 154.0 —
 155.0 —
 156.0 —
 157.0 —
 158.0 —
 159.0 —
 160.0 —
 161.0 —
 162.0 —
 163.0 —
 164.0 —
 165.0 —
 166.0 —
 167.0 —
 168.0 —
 169.0 —
 170.0 —
 171.0 —
 172.0 —
 173.0 —
 174.0 —
 175.0 —
 176.0 —
 177.0 —
 178.0 —
 179.0 —
 180.0 —
 181.0 —
 182.0 —
 183.0 —
 184.0 —
 185.0 —
 186.0 —
 187.0 —
 188.0 —
 189.0 —
 190.0 —
 191.0 —
 192.0 —
 193.0 —
 194.0 —
 195.0 —
 196.0 —
 197.0 —
 198.0 —
 199.0 —
 200.0 —
 201.0 —
 202.0 —
 203.0 —
 204.0 —
 205.0 —
 206.0 —
 207.0 —
 208.0 —
 209.0 —
 210.0 —
 211.0 —
 212.0 —
 213.0 —
 214.0 —
 215.0 —
 216.0 —
 217.0 —
 218.0 —
 219.0 —
 220.0 —
 221.0 —
 222.0 —
 223.0 —
 224.0 —
 225.0 —
 226.0 —
 227.0 —
 228.0 —
 229.0 —
 230.0 —
 231.0 —
 232.0 —
 233.0 —
 234.0 —
 235.0 —
 236.0 —
 237.0 —
 238.0 —
 239.0 —
 240.0 —
 241.0 —
 242.0 —
 243.0 —
 244.0 —
 245.0 —
 246.0 —
 247.0 —
 248.0 —
 249.0 —
 250.0 —
 251.0 —
 252.0 —
 253.0 —
 254.0 —
 255.0 —
 256.0 —
 257.0 —
 258.0 —
 259.0 —
 260.0 —
 261.0 —
 262.0 —
 263.0 —
 264.0 —
 265.0 —
 266.0 —
 267.0 —
 268.0 —
 269.0 —
 270.0 —
 271.0 —
 272.0 —
 273.0 —
 274.0 —
 275.0 —
 276.0 —
 277.0 —
 278.0 —
 279.0 —
 280.0 —
 281.0 —
 282.0 —
 283.0 —
 284.0 —
 285.0 —
 286.0 —
 287.0 —
 288.0 —
 289.0 —
 290.0 —
 291.0 —
 292.0 —
 293.0 —
 294.0 —
 295.0 —
 296.0 —
 297.0 —
 298.0 —
 299.0 —
 300.0 —
 301.0 —
 302.0 —
 303.0 —
 304.0 —
 305.0 —
 306.0 —
 307.0 —
 308.0 —
 309.0 —
 310.0 —
 311.0 —
 312.0 —
 313.0 —
 314.0 —
 315.0 —
 316.0 —
 317.0 —
 318.0 —
 319.0 —
 320.0 —
 321.0 —
 322.0 —
 323.0 —
 324.0 —
 325.0 —
 326.0 —
 327.0 —
 328.0 —
 329.0 —
 330.0 —
 331.0 —
 332.0 —
 333.0 —
 334.0 —
 335.0 —
 336.0 —
 337.0 —
 338.0 —
 339.0 —
 340.0 —
 341.0 —
 342.0 —
 343.0 —
 344.0 —
 345.0 —
 346.0 —
 347.0 —

ne empelhou, hantem, com o quadro Preto

399

1.º — Antônio Costa, Pôrto-
 Alegre.
 2.º — Nery Ferreira da Rocha,
 Pôrto-
 Alegre.
 3.º — Alcides Costa, Pelotas.

[illegible][illegible]

**OS GRANDES CERTAMES DO
MONTEN-RO PRADO DA
SOCIEDADE MÉRICA PAULI-
STA**

Resumam e destaquei polí-
ticamente os pontos, no ato de censo
da Sociedade Mérica Paulista, a
seu maior representante e
presidente dos três dias de
exposição, a tipo "Cidade da
Fazenda", que constitui um difí-
cil programa, mas é abstrac-
ção, em tal "cidade" que equiva-
le a "cidade" de São Paulo, e a
"cidade" de São Paulo, e a

do "Grande Nacional", "alargando-se sobre os intervenientes presentes, dirigidos e acolhidos pelo diretor, foi levantada para o lado da Porta Pública Nacional a manifestação individual que ficou sendo chamada a "Bandeira do Nippon", por intermédio de Kawachi Fumihiko, ao porta "O Gato de São Paulo" e do "Pato Branco" da revista "Grande Nacional".

SPORTS

Não competição hontem efectuada no campo da Floresta, se empenharam as turmas Branca e Preta, esta ultima venceu a adversaria pela contagem elevada de cinco pontos a zero — Hontem, no Rio, o Vasco da Gama, em excelente competição, venceu o São Paulo Football Club, por 2 pontos a 1 — Russi-
nho, em estilo impressionante obteve os dois pontos da victoria da turma campeã carioca — Na capital da Republica deve realizar-se hoje, a tarde, o pri-
meiro treino entre paulistas e cariocas para preparação tecnica do conjunto nacional que concorrerá ao certamen de Montevideo — A taga "Affonso de
Castro" foi disputada hontem pelas turmas do Fluminense e do Paulistano, não tendo terminado as competições em virtude do mau tempo.

Football

PARTEIRAS DIVISAS

ANTARCTICA P. O. V. A. A.

De esportistas e de jogadores de futebol, a Antártica P. O. V. A. A. é uma das mais importantes equipes da cidade de São Paulo. O clube foi fundado em 1925 e desde então tem tido uma evolução constante. O seu campo de jogo é o Estádio da Antártica, situado no bairro da Penha. O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade.

O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade. O seu campo de jogo é o Estádio da Antártica, situado no bairro da Penha. O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade.

O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade. O seu campo de jogo é o Estádio da Antártica, situado no bairro da Penha. O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade.

O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade. O seu campo de jogo é o Estádio da Antártica, situado no bairro da Penha. O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade.

O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade. O seu campo de jogo é o Estádio da Antártica, situado no bairro da Penha. O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade.

O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade. O seu campo de jogo é o Estádio da Antártica, situado no bairro da Penha. O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade.

O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade. O seu campo de jogo é o Estádio da Antártica, situado no bairro da Penha. O clube tem uma grande torcida e é considerado uma das equipes mais fortes da cidade.

NO RIO

Os jogos interestaduais

VASCO DA GAMA vs. S. PAULO

2 x 1

Em jogo de futebol, o Vasco da Gama venceu o São Paulo Football Club por 2 pontos a 1. O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

NO RIO

Os jogos interestaduais

VASCO DA GAMA vs. S. PAULO

2 x 1

Em jogo de futebol, o Vasco da Gama venceu o São Paulo Football Club por 2 pontos a 1. O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

NO RIO

Os jogos interestaduais

VASCO DA GAMA vs. S. PAULO

2 x 1

Em jogo de futebol, o Vasco da Gama venceu o São Paulo Football Club por 2 pontos a 1. O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

NO RIO

Os jogos interestaduais

VASCO DA GAMA vs. S. PAULO

2 x 1

Em jogo de futebol, o Vasco da Gama venceu o São Paulo Football Club por 2 pontos a 1. O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

O jogo foi disputado no Estádio da Antártica, em São Paulo. O Vasco da Gama marcou dois gols, enquanto o São Paulo marcou apenas um. O jogo foi muito emocionante e houve muita torcida presente.

G.R. Flor de São João Climaco
37º Encontro entre Amigos
Dia 13/12/2009 das 07:00 às 16:00 horas



Local: CDC Parque Fongaro - Vila Arapuá
Rua Profº Syllas Baltazar de Araújo, 220
Fone: 2351-0341

Trazer dois quilos de alimentos não perecível
para a campanha de natal da Igreja de Nossa
Senhora Aparecida da Vila Arapuá

*"Desejamos a todos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo
e que Deus nos Abençoe"*

APOIO
PADARIA ADVANCE
ESTRADA SÃO JOÃO CLIMACO 37
IPIRANGA-SP
TEL:2940-3474

VAROL HORTIFRUTI
FRUTAS E LEGUMES DA MELHOR QUALIDADE
RUA TITO OLIANI 1010
IPIRANGA-SP
TEL:2946-8258

**OBS:SERÁ COBRADA UMA TAXA DE R\$ 20,00
de cada jogador**

G.R. Flor de São João Climaco
37º Encontro entre Amigos
Dia 13/12/2009 das 07:00 às 16:00 horas



O EVENTO MAIS ANTIGO DE SÃO PAULO
NESSA MODALIDADE

APOIO
RAP HOOD

LOCAL: CDC PARQUE FONGARO
RUA: PROF: SILAS BALTAZAR DE ARAUJO 220
INFORMAÇÕES: 2351-0341
IPIRANGA-SP



Informativo do Gabinete do Vereador Dalton Silvano - Ano IV - nº 021/2009 - Fone: 3396-4306 - email: daltonsilvano@camara.sp.gov.br

EMENDA ORÇAMENTÁRIA
DO VEREADOR DALTON SILVANO
GARANTE GRAMA SINTÉTICA
NO CDC DO PARQUE FONGARO

Finalmente, a obra do campo com instalação de grama sintética vai ser realizada em 2010.

Por problemas de caráter financeiro, essa benfeitoria não foi possível ser realizada em 2009.

Agora, mais uma vez, o vereador Dalton Silvano fez incluir no Orçamento de 2010 a Emenda Orçamentária nº 248, no valor de R\$ 700.000,00, custo aproximado para colocação dessa grama.

O engenheiro da Secretaria de Esportes já esteve no local e fez a medição do campo e o processo já está concluído e ficará aguardando apenas a liberação da verba para 2010.

Depois da grama sintética na quadra de futebol society, iluminação, mini pista de cooper, agora a grama sintética no campo. Esse é o trabalho e o carinho do vereador Dalton Silvano com a comunidade do Arapué e do Flor, em torno do Parque Fongaro e moradores do bairro.

Vamos acompanhar o processo e trabalhar para liberação da verba o mais rápido possível em 2010.

DALTON SILVANO
Vereador



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Vereador **DALTON SILVANO**

São Paulo, 28 de Agosto de 2009.

Ofício nº 0411/09 - 25º. GV.

Prezado Secretário,

Permitimo-nos indicar à essa pasta a inclusão do equipamento público desportivo, abaixo relacionado, para o próximo plano de obras a ser definido ainda este ano.

Esta indicação se baseia no fato de essas obras estarem previstas em programas passados e por problemas administrativos e operacionais não foram concretizadas.

A equipamento é o seguinte:

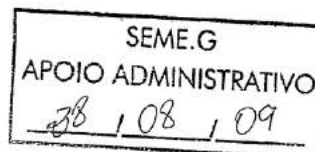
Subprefeitura	Discriminação	Valor Estimado
IPIRANGA	Campo de Grama Sintética CDC PARQUE FONGARO	750.000,00

À disposição para maiores esclarecimentos, aguardo um resultado positivo dessa demanda.

Sem mais, aproveito a oportunidade para enviar os meus protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,


DALTON SILVANO
Vereador



Ilmo. Sr.

Dr. WALTER FELDMAN

DD. Secretário Municipal de Esportes, Lazer e Recreação – SEME

NESTA

Viaduto Jacareí, 100 – 11º - ☎ 3396-4306 – E-mail: daltonsilvano@camara.sp.gov.br



- ① **Auditorium**
- ② **Temporary Exhibition Hall**
- ③ **Museum's Ticket Office**
- ④ **Great Area** A collection of photographed objects reveals the passion of each fan.
- ⑤ **King's Pelé Salutation** The "athlete of the century" invites the public to begin visiting the universe of football.
- ⑥ **Kicking the Ball** Everything starts in the children's feet. After all, in Brazil the "football tree" was planted and has produced great players.
- ⑦ **Baroque Angels** Great players, who reinvented the Brazilian art of playing football, float on air like true baroque angels.
- ⑧ **Goals** Which is the most astounding goal you have ever seen? Hear and see the narrative of 30 football lovers.
- ⑨ **Radio** A homage to the great locators who unite the hearts of fans through radio waves.
- ⑩ **Exaltation** The 30 largest organized club fans celebrate their teams in a scenario you have never dreamed of.

- ⑪ **Origins** A movie and 410 photos tell the origin of football in Brazil, soon after the abolishment of slavery to the professionalization of football and the introduction of Black players in 1927.
- ⑫ **Heroes** In this museum, as nowhere before, two great football players are placed among great heroes of Brazilian culture: Leônidas da Silva, the "Black Diamond", and Domingos da Guia. Side by side with the great inventors of art, literature and music, football players are also integral part of the singular Brazilian cultural universe.
- ⑬ **Rite of Passage** Brazil was favorite in the 1950 World Cup, which was held in the country, but the defeat imposed a silence only broke in 1958, when we were the champions.
- ⑭ **World Cups** In eight totems, 370 photos and 16 videos tell the history of the World Cups since the first one, in 1930 (Brazil was present in all of them).
- ⑮ **Pelé & Garrincha** The creativity of these two extraordinary players who never lost a game when playing together.

- ⑯ **Catwalk** The opportunity to contemplate the beautiful view of São Paulo, from the Charles Miller Plaza.
- ⑰ **Numbers and Curiosities** Dive into a labyrinth of boards with rules, tactics, nicknames of players, numbers and curiosities: a visual almanac.
- ⑱ **Visiting the Stadium** The Pacaembu Stadium and its field in a surprising view.
- ⑲ **Football Dance** Four visual chronicles reveal the magic of dribbles, goals, the role of the goalkeeper and the images of football in the cinema.
- ⑳ **Body Play** Science, technology and the ludic in football.
- ㉑ **Homage to Pacaembu** The important historical patrimony of the country now houses the Football Museum, which grants it a deserving homage through photos and films.
- ㉒ **Exit**
- ㉓ **Stores**
- ㉔ **Coffee-Shop**

FUNCTIONING HOURS

Museum

Tuesday to Sunday, 10am to 6pm

Tickets office

Tuesday to Sunday, 10am to 5pm

The Museum will remain closed in game days at the Pacaembu Stadium. Check our website.

ADDRESS

Pacaembu Stadium

Entry by Charles Miller Plaza

INFORMATION

www.museudofutebol.org.br

Telephone (11) 3663 3848

TICKETS

Adults R\$ 6,00

Students and elderly R\$ 3,00

CONCEPTION
AND REALIZATION



PARTNERSHIP



INITIATIVE



SUPPORT



SUPPORT
FOR PRINTING

